

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Mônica Emmanuelle Ferreira de Carvalho

**Língua e cultura do norte de Minas:
a toponímia do município de Montes Claros**

Belo Horizonte
2010

Mônica Emmanuelle Ferreira de Carvalho

**LÍNGUA E CULTURA DO NORTE DE MINAS:
A TOPONÍMIA DO MUNICÍPIO DE
MONTES CLAROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof^ª. Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

**Dissertação aprovada em 16 / 04 / 2010 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora**

Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick – USP

Profa. Dra. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani – UFMG

*A meus pais
Maria de Lourdes Ferreira de Carvalho (in memoriam) e Carlúcio Santos de Carvalho.*

Agradecimentos

A Deus, que sempre iluminou os meus passos, dando-me força para seguir nos momentos difíceis.

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pelo acolhimento, dedicação e estímulo constante para a realização deste trabalho.

À minha família, pela compreensão e suporte durante esses anos de difícil caminhada.

Ao Christiano, companheiro em todos os momentos, pelo incentivo e ajuda técnica.

À Grazielle Ferreira e Emanoela Lima, que me prestaram grande ajuda com a revisão.

À Gisele, amiga querida a quem eu admiro, pela amizade desde os tempos de coleta de dados no IBGE, pelos livros emprestados, incentivo e confidências nos momentos difíceis.

Ao Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, Arquivo Público Mineiro e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Aos meus familiares montesclarenses, especialmente Antônia, Maria Natividade, Geraldo, José Reinaldo, Pedro, Liliane, Wellington e Janete.

Aos informantes de Montes Claros, por nos receberem em suas casas, pela contribuição, sem a qual este trabalho teria sido inviável.

Enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho.

É indispensável distinguir as Minas, das Gerais; os mineiros dos geralistas. São duas mentalidades absolutamente diversas, duas épocas, duas formações históricas diferentes, duas áreas geográficas. Agora, sim, aparece o contraste: a montanha e o campo.

(VASCONCELLOS, 1968, p. 193)

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo o estudo dos topônimos do município de Montes Claros, situado no norte de Minas Gerais, região que mantém importância histórica por sua localização estratégica durante o período de desbravamento do sertão mineiro nos séculos XVIII e XIX. A toponímia, além de evidenciar marcas da história social (formação étnica, processos migratórios, sistema de povoamento de uma região administrativa), perpetua características do ambiente físico (vegetação, hidrografia, geomorfologia, fauna, etc.) de uma região. O estudo discute, assim, a relação entre língua, cultura e sociedade, resgatando a memória refletida nas motivações toponímicas levantadas. O referencial teórico-metodológico está embasado nos conceitos de Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b e 2004); e nos conceitos sobre ambiente, segundo Sapir (1969). Sob a luz da sociolinguística, segundo o modelo laboviano, parte-se do presente e volta-se ao passado. Primeiramente, observaram-se dados de língua falada coletados em entrevistas orais, em seguida, consultaram-se mapas e outros documentos antigos para coletar dados da língua escrita e, finalmente, foram cotejados presente e passado, objetivando observar casos de variação, mudança ou retenção linguísticas. Os resultados obtidos por meio da pesquisa mostram a predominância dos nomes de natureza física, dentre eles os nomes de plantas, destacando-se, desse modo, a influência do ambiente físico na geração dos designativos. A pesquisa também revela um índice pouco significativo de casos de variação e mudança linguísticas, mostrando que a toponímia na região é bastante conservadora. Destaca-se, ainda, a importância da coleta de topônimos em entrevistas orais, o que expandiu consideravelmente os dados da região estudada.

Palavras-chave: Toponímia, ambiente, cultura, Linguística, Minas Gerais.

Abstract

This research deals with toponyms from the City of Montes Claros, located in the Northern region of the State of Minas Gerais, Brazil. This region is historically important due to its strategic location during the period of Backland colonization in the 18th and 19th centuries. Besides pointing out marks of social history, such as ethnic formation, migratory processes, and settlement systems in administrative regions, toponymy also perpetuates physical characteristics (i.e., fauna, flora, hydrography, geomorphology) of a given region. This study discusses the relationship between language, culture, and society, by retrieving the memory reflected in the toponyms obtained. Theory and methodology of this work are in agreement with Dauzat (1926) and Dick (1990a, 1990b, 2004); the concept of environment used is from Sapir (1969). According to the Labovian model, under a sociolinguistic perspective, inquiry on toponyms extended from present time to the past. Firstly, vernacular language data was collected in oral interviews. Next, maps and other old documents were referred to for written language data. Past and present data were then compared for variations, changes, or linguistic retentions. Results show predominance of toponyms of physical nature, like plant names. Therefore, physical environment greatly influences the generation of designation in this context. Moreover, toponymy in this region is conservative, since there were scarce variations and linguistic changes. Oral interviews for collection of toponyms were of great value to this research, expanding considerably data from the studied region.

Key-words: toponym, environment, culture, Linguistic, Minas Gerais.

ABREVIATURAS E SIGLAS

A – Antroponímia
ADJ – Adjetivo
ADJpl – Adjetivo plural
ADJsing – Adjetivo singular
ADV – Advérbio
Apl – Artigo plural
Asing – Artigo singular
Cf. – Confira
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
l. – Linha
N – Nome Simples
NC – Nome Composto
NCf – Nome Composto feminino
NCm – Nome Composto masculino
n/e – não encontrado
Nf – Nome feminino
Nm – Nome masculino
p.– Página
Prep – Preposição
Pron – Pronome
Qv – Qualificativo
S – Substantivo
Spl – Substantivo plural
Ssing – Substantivo singular
T – Toponímia
∩ – Intersecção

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quadro comparativo de topônimos. 177

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Normas adotadas para a transcrição das gravações61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Identificação percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais	164
Gráfico 2 – Distribuição numérica dos topônimos – taxionomias de natureza Física	165
Gráfico 3 – Distribuição percentual dos topônimos - taxionomias de natureza Física	165
Gráfico 4 – Distribuição numérica dos topônimos - taxionomias de natureza Antropocultural.....	166
Gráfico 5 – Distribuição percentual dos topônimos - taxionomias de natureza Antropocultural....	166
Gráfico 6 – Identificação numérica dos topônimos em relação a sua taxionomia	167
Gráfico 7 – Identificação percentual dos topônimos em relação a sua taxionomia	167
Gráfico 8 – Identificação numérica dos topônimos em relação à origem	170
Gráfico 9 – Identificação percentual dos topônimos em relação à origem	170
Gráfico 10 – Identificação dos topônimos em relação ao gênero.....	172
Gráfico 11 – Identificação numérica dos topônimos em relação ao registro em documentos escritos.....	182
Gráfico 12 – Identificação percentual dos tipos de variações	184

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Onomástica.....	21
Figura 2 – Triângulo de Odgen e Richards (1923).....	27
Figura 3 – Ficha lexicográfica.....	62

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Morro Dois Irmãos.....	14
Foto 2 – Igreja Morrinhos, Montes Claros, M/G.....	18
Foto 3 – Catedral Nossa Senhora Aparecida, Montes Claros, M/G.....	37
Foto 4 – Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Matias Cardoso - Mg.....	49
Foto 5 – Primeira Casa de Montes Claros.....	51
Foto 6 – Igreja do Rosário – Festa Catopês.....	54
Foto 7 – Mercado, Século XIX – Montes Claros/ Mg.....	70
Foto 8 – Fazenda Poção.....	129
Foto 9 – São Pedro da Garça	144
Foto 10 – Fazenda Toledo.....	152
Foto 11 – Nascente do Rio Vieira, Montes Claros, M/G	158
Foto 12 – Artesanato Vendedora de Pequi.....	162
Foto 13 – Fazenda Toledo, Montes Claros/Mg.....	213

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Lista de mesorregiões de Minas Gerais.....	30
Mapa 2 – Região do Rio Doce.....	31
Mapa 3 – Bacias hidrográficas de Minas Gerais	38
Mapa 4 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras.....	41
Mapa 5 – Expedição Espinosa - Navarro.	42
Mapa 6 – Os mercados abastecedores	42
Mapa 7 – Mapa das Minas do Ouro e S. Paulo e Costa do Mar que lhe pertence.....	43
Mapa 8 – Carta Topográfica das Minas Novas do Arassuahy com a divisão das Minas Geraes com a das Minas Novas pertecendo à jurudição da Capitania da Bahia as do Rio Arassuahy.	45
Mapa 9 – Mapa da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil. Extraído do original do Pe. Cocleo.....	45
Mapa 10 – Carta Topographica das Terras entremeyas do sertão e destrito do Serro Frio com as novas minas do diamante.	46
Mapa 11 – Mapa do território da Capitania da Bahia, compreendido entre o Rio S. Francisco, Rio Verde Grande e o riacho chamado Gavião.....	46
Mapa 12 – Localização do município de Montes Claros.	55
Mapa 13 – Localização do município de Montes Claros.	71
Mapa 14 – Pitangui (1), Pompéu (2), Papagaios (3)	174
Mapa 15 – Montes Claros.....	174

Sumário

Introdução	15
Capítulo 1 – Fundamentos Teóricos	19
1.1. Léxico.....	19
1.2. Onomástica.....	20
1.3. Toponímia	23
1.4. O signo linguístico e o signo toponímico.....	25
1.5. Estudos Toponímicos no Brasil	28
1.5.1. Projeto ATEMIG	29
1.6. Abordagens teóricas	32
1.6.1. Língua e sociedade.....	32
1.6.2. A sociolinguística	32
1.6.3. Língua e ambiente.....	34
Capítulo 2 – Aspectos Geográficos e Históricos de Montes Claros.....	38
2.1. Aspectos Geográficos.....	38
2.2. Aspectos Históricos.....	40
2.2.1. Caminhos e Povoamentos	42
2.3. A presença da Igreja no Norte de Minas	48
2.4. O município de Montes Claros.....	50
Capítulo 3 – Procedimentos Metodológicos	55
3.1. Métodos e Procedimentos	56
3.1.1. A coleta de dados	56
3.1.2. A escolha dos informantes	57
3.1.3. As transcrições	58
3.2. Fichas Lexicográficas.....	62
Capítulo 4: Apresentação e análise dos dados	71
Capítulo 5 - Análise quantitativa e discussão dos resultados	163
5.1. Quanto à Taxionomia	163
5.1.1. Natureza dos topônimos.....	163
5.1.2. Taxionomias registradas na região	163
5.1.3. Origem dos nomes	169
5.1.4. Forma e Gênero dos topônimos	172
5.1.5. Quanto ao processo de formação dos topônimos.....	173
5.1.5.1. Derivação	174
5.1.5.2. Composição	175
5.1.5.3. Hibridismo.....	176
5.2. A questão da variação e da mudança linguística dos topônimos	176
5.2.1. Variação e mudança toponímica.....	176
5.2.1.1. Sobre a variação dos topônimos.....	182

5.2.1.2. Sobre a mudança toponímica	184
5.3. Esboço de cartas toponímicas	184
Capítulo 6 – Considerações Finais	214
Referências	218
Anexos*	

* Os textos que constituem os *corpora* deste trabalho encontra-se no CD-ROM em anexo.



FOTO 1: Morro Dois Irmãos.
Fonte: Acervo pessoal.

Introdução

A primeira motivação para o estudo da *Toponímia de Montes Claros* advém do fato de ter minhas origens familiares nesse município do norte de Minas. Conseqüentemente, além de ter laços afetivos na região, conheço bem o território em análise, o que possibilitou que, durante a pesquisa de campo, fossem mínimos os efeitos negativos causados pela presença “daquele que interroga” e, também, do aparelho de gravação – instrumento essencial em uma pesquisa de cunho sociolinguístico.

Admirada com o resultado das pesquisas toponímicas que vêm sendo realizadas no Brasil e em Minas, propus-me a realizar este estudo, em uma parte do território mineiro, norteando-me pelas palavras de Dick (1990a, p. 119): “a Toponímia ganha um alcance maior, na medida em que se delinea a sua função conservadora das tradições de um povo ou de registro de suas características mais evidentes”.

A nomeação dos lugares sempre foi uma atividade exercida pelo homem. Já nos versículos iniciais do livro *Genesis* despontam acidentes geográficos, como nomes de rios, os primeiros conhecidos com suas nascentes no Jardim do Eden (do hebraico, “lugar de delícias”), localizados na banda do Oriente, e designados como *Pisom*, *Giom*, *Tigre* e *Eufrates*¹.

Fundamentando-se, pois, em seu entorno vivencial estimulado pela necessidade de nomear, diferenciar e indicar, o homem, em todas as épocas e em todas as partes do mundo, faz usos de signos linguísticos referenciais toponímicos². Esses, uma vez aceitos pela comunidade, costumam permanecer por longos períodos de tempo, ou costumam sofrer alterações ou, ainda, serem substituídos por outros nomes. Isso ocorre porque o topônimo está vinculado de maneira direta às mudanças linguísticas e culturais de uma sociedade.

O *corpus* que oferece a base empírica ao presente estudo é constituído de 156 topônimos, extraídos de 14 entrevistas orais, a maioria realizada em áreas rurais no município acima citado, e integra-se ao *banco de dados* do Projeto ATEMIG, com sede na Faculdade de Letras da UFMG.

Como objetivos específicos, assumimos: realizar estudo toponímico no município mineiro de Montes Claros; analisar a toponímia coletada nas entrevistas orais, segundo as fichas toponímicas utilizadas pelo Projeto ATEMIG, adaptadas do modelo de Dick (2004); reconhecer topônimos de origem portuguesa, africana, indígena e de outras línguas presentes no território a ser estudado; levantar os topônimos pertencentes ao município de Montes

¹ Cf. DICK, 1990a.

² SEABRA, 2006, p.137.

Claros nas cartas topográficas do IBGE, assim como em cartas municipais e, ainda, registros cartoriais e outros documentos antigos; procurar investigar casos de variação, mudança e retenção linguísticas; contribuir com as pesquisas do ATEMIG para um banco de dados para futuras pesquisas linguísticas na região.

Para o alcance dos objetivos propostos, estabelecemos as seguintes hipóteses: a toponímia na região estudada reúne características históricas do processo de povoamento norte mineiro, assim como aspectos geográficos e culturais da região a que pertence. Acreditamos também que a toponímia coletada em entrevistas orais se distancia daquela registrada pelos órgãos oficiais (IBGE), contribuindo, dessa forma, para um resgate linguístico-cultural, uma vez que tais topônimos permanecem apenas na memória de alguns de seus usuários.

Buscando-se contextualizar esta dissertação, apresentamos, a seguir, a estrutura da pesquisa aqui apresentada.

O primeiro capítulo – *Fundamentos teóricos* – trata das bases teóricas nas quais se encontram sintetizadas as principais ideias em que se baseiam as discussões. Primeiramente, tratamos da caracterização do léxico e suas áreas de estudo, da definição da Onomástica e da conceitualização da Toponímia, os primeiros estudos, as áreas interdisciplinares. Chegamos, assim, ao signo linguístico e ao signo toponímico, objeto de análise deste trabalho, destacamos, também, os estudos toponímicos realizados no Brasil contemporâneo, em especial o *Atlas Toponímico de Minas Gerais*. Finalmente, discutimos as abordagens teóricas acerca de língua e sociedade, língua e ambiente.

O segundo capítulo – *Aspectos geográficos e históricos de Montes Claros* – cuida de apresentar dados geográficos e históricos relativos à região norte mineira, recuperando os principais acontecimentos da história social da região como as primeiras entradas e bandeiras no Estado, a presença da Igreja em Minas, assim como aspectos históricos referentes ao município.

No terceiro capítulo – *Procedimentos metodológicos* – são explicitados os métodos utilizados nas diferentes etapas da nossa pesquisa. Começamos explicando os critérios usados durante a coleta de dados, a escolha dos informantes e os critérios adotados para a transcrição dos dados. Por último, apoiamos-nos nas propostas de Dick (1990a; 1990b; 2004) e Seabra (2004), para a elaboração das fichas lexicográficas, e em Dick (1996), para a elaboração das cartas toponímicas.

No quarto capítulo – *Apresentação e análise dos dados* – apresentamos o *corpus* de nossa pesquisa a partir das fichas toponímicas que contêm as informações acerca do topônimo, bem como o seu histórico, a taxionomia, quando possível, e o contexto no qual ele

foi encontrado. Essas fichas constituem, pois, análises criteriosas de cada topônimo, fornecendo dados para a análise geral.

No quinto capítulo – *Análise quantitativa e discussão dos resultados* – quantificamos e discutimos os resultados da análise realizada no capítulo anterior. Ainda nesse capítulo, propusemos um esboço de cartas toponímicas, baseando-nos nos dados coletados. Esses dados encontram-se em CD-ROM anexo a este volume. Constituem-se de entrevistas gravadas, transcritas, digitalizadas e enumeradas em linhas para melhor localização e consulta. Encontram-se ainda, nesse CD-ROM, cópias de alguns mapas antigos e registros cartoriais do século XIX, utilizados na pesquisa.

No sexto capítulo – *Considerações finais* – retomamos os principais aspectos discutidos e alcançados a partir da pesquisa desenvolvida.



FOTO 2 – Igreja Morrinhos, Montes Claros, M/G.
Fonte: Acervo pessoal.

Capítulo 1 – Fundamentos Teóricos

1.1. LÉXICO

A relação entre o homem e a linguagem e sua necessidade de nomeação, como estratégia de dominação de outros seres e de organização do seu próprio espaço físico, tem sido objeto de estudo em diferentes áreas de pesquisa. Em todas elas é consensual que essa relação é fonte de interação entre povos e culturas, entre passado e presente. No seu centro, como poderoso instrumento que nos permite dar sentido ao mundo, encontra-se a palavra, ou o léxico, assumindo diferentes papéis e dimensões, mas sempre registrando o conhecimento do universo.

De acordo com Lenneberg³, “um léxico é como uma fotografia que congela o movimento”. Assim, cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo seu próprio modelo. A não-equivalência semântica entre os signos linguísticos de duas línguas ou mais é o exemplo mais expressivo de como cada língua traduz o universo de sua forma.

O estudo do léxico reclama o reconhecimento dos aspectos culturais, na acepção antropológica do termo, tendo em vista as variadas sociedades. Para Stefanos (2006, p. 28),

[...] o aspecto cultural de uma dada sociedade acaba cumprindo algumas funções importantes. Os seus membros organizam-se de acordo com um sistema de valores que os caracteriza diferenciando-os de outros e, por isso, ao mesmo tempo em que os individualiza, define fronteiras que os distinguem dos demais. Decorre daí o senso de identidade que os agrega, o que, por sua vez, gera maior comprometimento com aquilo que poderá ser útil à grande maioria. A cultura promove a estabilidade de um sistema social, pois a comunhão de valores, além de facilitar a integração para a solução de conflitos internos e/ou externos, concorre para a manutenção dos conceitos próprios daquele grupo.

É por fazer parte do universo social, encontrando-se muitas vezes no centro do relacionamento entre os homens das mais diversas civilizações, que, diferentemente da gramática da língua, o léxico é um sistema aberto e em expansão, impossível de cristalizar-se, a não ser que a língua morra.

Werner (1982, p. 91, tradução nossa) assim define o léxico: “o conjunto de monemas e simonemas do discurso individual, do discurso coletivo, do sistema lingüístico individual ou do sistema lingüístico coletivo”⁴. Com base nesse fundamento, o léxico pode ser estudado sob diferentes perspectivas.

³ LENNEBERG, 1975 *apud* BIDERMAN, 1998a, p. 91.

⁴ “el conjunto de monemas y sinmonemas del discurso individual, del discurso colectivo, del sistema lingüístico individual o del sistema lingüístico colectivo”

Contemporaneamente, os pesquisadores dividem o estudo do léxico em três áreas, a saber: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. As duas primeiras são disciplinas tradicionais, já a Terminologia caracteriza-se como uma disciplina dos tempos atuais.

À Lexicologia, corresponde a descrição e análise do léxico. Segundo Werner (1982, p.93), a lexicologia se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo. Ainda segundo esse autor, se tratarmos apenas das regularidades formais que se referem aos significantes dentro do campo da lexicologia, teremos a ‘morfologia léxica’. Se tratarmos de regularidades nas relações do léxico com outros fatores da comunicação linguística, (especialmente com o conteúdo dos significantes), dentro do campo da lexicologia, teremos ‘semântica léxica’.

Sobre esse tema, Biderman (1998b, p. 14) afirma que a Lexicologia e a Semântica fazem fronteiras, já que, por ocuparem-se do léxico e das palavras, têm que considerar sua dimensão significativa. A autora ainda se refere a outras ciências, tais como a Dialectologia e a Etnolinguística, que também fazem fronteira com a Lexicologia. Nessas áreas interdisciplinares fazem-se estudos sobre a relação entre língua e cultura.

A Lexicografia é a ciência dos dicionários e tem como objeto principal a significação das palavras. Se por um lado cabe à Lexicografia, em sua tradição monolíngue, a elaboração dos chamados dicionários de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas, à Terminologia cabe a elaboração de glossários, dicionários técnicos e bancos de dados terminológicos⁵. Para Krieger, Lexicografia e Terminologia têm identidades, propósitos e problemáticas específicas, definidos na razão direta com seu respectivo objetivo: palavra ou termo, o qual corresponde à unidade lexical especializada.

Ainda segundo essa autora, as ciências do léxico contribuem para identificar as regularidades de constituição e comportamento, quer do todo do conjunto lexical de um idioma, quer de suas unidades básicas: as palavras.

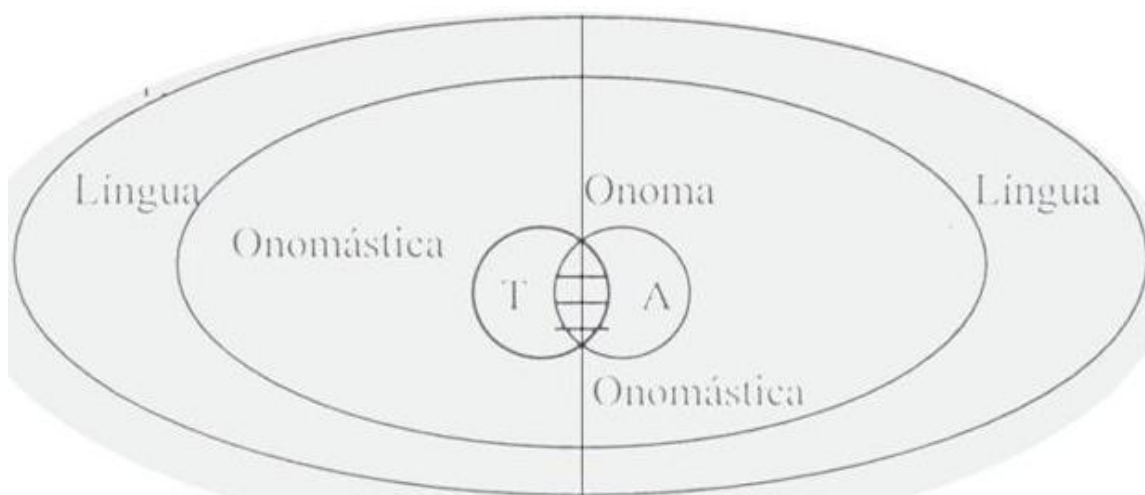
1.2. ONOMÁSTICA

Além de nomear coisas e objetos, o homem também utiliza a palavra para se referir a pessoas e lugares. A esse enfoque dá-se o nome de Onomástica. A Onomástica se integra à Lexicologia, caracterizando-se pelo estudo dos nomes próprios em geral e possui duas áreas de estudo: a *Antroponímia* – a ela correspondem os estudos dos nomes próprios das pessoas, sejam prenomes ou apelidos de família, tendo grande relevância para a história

⁵ KRIEGER, 2006, p. 161.

política, cultural, das instituições e das mentalidades – e a *Toponímia*, área a que se dará ênfase este trabalho, diz respeito aos nomes próprios de lugar. Ambas são reconhecidas como meios importantes de investigação linguística e cultural. Nas palavras de Dick (2006, p. 96), “Toponímia e Antroponímia, no Brasil, seriam, portanto, duas faces de um mesmo rosto maior ou corpo maior, a Onomástica”.

A mesma autora (1999, p. 145) destaca que, apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da Onomástica – *pessoa e lugar* –, a toponímia e a antroponímia têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: o vocábulo, ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas e complementares, conforme está representado na figura a seguir:



$T \cap A$

T= Toponímia

A= Antroponímia

$T \cap A$ = Intersecção

FIGURA 1 – Onomástica.

Fonte: DICK, *apud* SEABRA, 2004, p. 38.

Dick aponta que à Onomástica interessa o *nome* – distinto da palavra –, pois se pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: “o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial e sobre o qual recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo)”⁶. Essa toponimista (1999, p. 145) conclui aclarando que, nessa transmigração, a

⁶ DICK, 1998, p. 103 *apud* SEABRA 2008, p. 1954.

palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o *nome* e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Dick (1990a, p. 6), argumentando sobre a diferença dos nomes próprios e os nomes comuns, ou da onomástica e do léxico em geral, cita Stuart Mill, que, em seu livro *Sistema de Lógica*, nos mostra características próprias para cada um:

Enquanto o nome próprio se define pelo que chamou de função de identificação ou designativa, os nomes comuns corporificam uma função significativa ou conotativa; quer isto dizer que o nome próprio (igual a topônimo e/ou antropônimo) não participa de um universo de significação porque é ‘opaco’, vazio de sentido, empregado sempre como referencial, sem relação com a primitiva etimologia, o que não acontece com o substantivo comum, cuja significância é transparente.

De acordo com Ullmann (1970, p. 83), os nomes próprios desempenham um papel fundamental nas relações humanas. Um dos critérios que os distinguem de um nome comum é a identificação. Em contraposição aos nomes comuns, cuja função é subsumir espécies particulares por meio de um conceito genérico, um nome próprio serve meramente para identificar uma pessoa ou um objeto, singularizando-o dentre outras entidades semelhantes.

Para Ullmann, embora seja fácil distinguir os nomes comuns dos próprios⁷, existe uma fronteira não decisiva entre as duas categorias. Muitos nomes próprios derivados de nomes comuns guardam ainda marcas claras da sua origem: nomes próprios tais como New Castle (Castelo Novo), sobrenomes como Smith (Ferreiro) e nomes de batismo como Pearl (Pérola). Outros ainda mantêm algum elemento analisável, como os diversos nomes de lugares que terminam em *-caster*, *-center*, *-chester*, derivados do latim *castra* ‘acampamento’. Há ainda aqueles que a etimologia resgata o seu significado.

Contudo, há uma restrição quando o substantivo comum se transforma em um nome de lugar. Por exemplo, há muitos bosques negros e mercados novos, mas “Bosque Negro” e “Mercado Novo” denotarão apenas um lugar ou, talvez, um pequeno número de lugares homônimos⁸.

Sendo o nome próprio nosso objeto de estudo, mais especificamente o nome próprio de lugar, trataremos na seção seguinte desse tema, ou seja, da Toponímia.

⁷ “los primeros son unidades significativas; los segundos son meras marcas de identificación” (ULLMANN, 1970, p. 87).

⁸ ULLMANN, 1970, p. 89.

1.3. TOPONÍMIA

Como vimos, em virtude de sua necessidade de nomeação, o homem traduz em “formas significativas” ou em “palavras” os mais variados aspectos de sua cultura, integralizando-os em um todo orgânico⁹. Isso, também, ocorre quando se trata dos nomes de lugares. A Toponímia, do grego *topos* (lugar) e *onoma* (nome), é a ciência que se ocupa do estudo da origem e da significação dos nomes próprios dos lugares ou dos designativos geográficos, abrangendo os de natureza física (características do próprio acidente) e os de natureza antropológica (a cosmovisão do grupo humano).

Partindo do pressuposto de que a nomeação de um lugar não se dá de forma aleatória, investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e, também, estudar suas transformações possibilita, muitas vezes, a revelação de costumes e de valores de uma determinada cultura, resgate de importantes informações acerca de sua língua, assim como influência de culturas anteriores, refletidas no próprio nome.

Sobre esse tema, Dick (1990a, p.35) ressalta que importa à Toponímia estudar a significação dos nomes dos lugares, considerando aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que motivaram o surgimento desses nomes e sua subsistência.

Assim, o topônimo, objeto de estudo da Toponímia, acaba refletindo a realidade na qual o nome está registrado: fatos históricos, aspectos do ambiente, dos acidentes físicos e humanos, ideologias e crenças do grupo denominador. Aqui cabe citar novamente Dick, que, referindo-se à importância do topônimo, diz:

Verdadeiros “testemunhos históricos” de fato e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. **Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido**, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990a, p.22, grifo nosso).

Nesse contexto, merecem destaque as palavras de Figueiredo (2007), quando assinala que “o topônimo tem o *poder mágico* de sedimentar o olhar do denominador no momento em que exerce a prerrogativa que o diferencia de qualquer outro ser: a capacidade de pensar, escolher e difundir aquilo que julga importante naquele instante”.

⁹ DICK, 1990a.

Como ciência, a toponímia surge por volta de 1878, quando Auguste Longnon introduziu os seus estudos, em um curso ministrado na École Pratique des Hautes-Études e no Colégio de França. A obra *Les noms de lieu de la France*, publicada por seus alunos em 1912, é considerada clássica para o conhecimento de nomenclatura dos nomes de lugares habitados¹⁰.

Em 1924, logo após a morte de Longnon, Albert Dauzat retoma os estudos onomásticos e passa a investigar a relação entre a formação dos *topos* franceses e as causas históricas que justificaram a sua própria existência. De grande relevância tem sido a contribuição de Dauzat para os estudos da toponímia. A organização do *I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia*, em 1938, sistematizou, dentre outras resoluções, as normas a serem seguidas pelos pesquisadores.

Atualmente, a toponímia é estudada sob diferentes perspectivas. Segundo Dick¹¹, esta “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador”.

Lillo (2002, p. 13) aponta os pontos negativos e positivos dessa interdisciplinaridade da toponímia. Segundo ele, por um lado, isso é algo positivo porque a toponímia, ao se relacionar com outras disciplinas, as complementa, ao mesmo tempo em que as tem como complemento. Além disso, quando conhecemos previamente o lugar que pensamos estudar, podemos chegar a conclusões mais confiáveis. Nesse sentido, a toponímia atua como suporte linguístico, sendo testemunha do passado em ditas disciplinas.

Por outro lado, Lillo aponta o perigo em transformar a toponímia na “ciência da adivinhação” quando o pesquisador, ao estudar os topônimos, volta-se somente para os significados dos nomes, suas hipóteses e, às vezes, até em “fantásticos inventos”.

Se antes havia apenas uma preocupação com a origem dos topônimos, hoje, o pesquisador procura entender, não somente a origem – que, em muitos casos, faz-se fundamental para entender o verdadeiro significado perdido – mas também, as suas motivações, resgatando o sentido do nome. No topônimo, analisam-se as diferentes variações – fonética, semântica, morfológica e sintática – em diferentes recortes temporais. Ainda, segundo Lillo, essas peculiaridades linguísticas – superposição de camadas linguísticas, deformação fonética – refletem os resultados das invasões de sucessivos povos que habitaram o lugar, das colonizações.

¹⁰ DICK, 1990a, p. 1.

¹¹ *Ibidem*.

A etimologia nos ajuda a compreender incógnitas com relação ao significado dos nomes, mas certos equívocos atuais se devem ao fato de se fazer um estudo toponímico baseando-se apenas nisso. Este não é o único caminho para utilizá-la com caráter de metodologia e de forma sistemática. Não podemos esquecer que dados revelam que às vezes a motivação não é de caráter linguístico, e sim extralinguístico, é baseada em uma razão histórica, geográfica, de tradição popular ou de outra natureza¹².

Em Minas, temos vários casos que ilustram esse argumento. Dentre eles, cito o nome do município de *Catas Altas da Noruega*. Para um turista desavisado que chega a essa pequena cidade, localizada a 142 quilômetros de Belo Horizonte, o nome do município pode remeter ao nórdico país europeu, mas, conversando com qualquer morador, logo se muda de ideia. *Catas Altas* se refere ao processo primitivo de busca de ouro no século XVIII. Já *Noruega* significa “lugar onde bate pouco sol, terra de clima frio.”¹³

1.4. O SIGNO LINGUÍSTICO E O SIGNO TOPONÍMICO

Como dito anteriormente, uma das propostas neste trabalho é o estudo do topônimo não só do ponto de vista linguístico, seus significados e designações, mas também com o objetivo de entendê-lo do ponto de vista dos moradores da região. Faz-se necessário, portanto, definir a estrutura do signo toponímico, suas correspondências no mundo extralinguístico.

Desde os tempos da Grécia antiga, o signo linguístico vem sendo objeto de investigação em diversas áreas do conhecimento humano. Há mais de vinte séculos, Platão já iniciara uma discussão sobre a natureza do signo e do significado, no diálogo *Crátilo*, que trata da natureza dos nomes.

Nesse sentido é também a proposta de Aristóteles, na sua *Lógica*, na qual o autor nos apresenta o caráter simbólico e convencional da linguagem:

As palavras faladas são símbolos ou signos das sensações ou impressões da alma: as palavras escritas são signos das palavras faladas. [...] O nome é um som que possui significado convencional, mas sem nenhuma referência ao tempo...
Dissemos há pouco que um nome significa tal ou qual coisa por convenção. Nenhum som é por natureza um nome: um som vem a ser um nome, convertendo-se em um símbolo [...] ¹⁴.

O certo é que, tanto para Aristóteles quanto para Platão, a linguagem tinha o poder de nomear e categorizar a realidade.

¹² LILLO, 2002, p. 13.

¹³ SOUZA, 2004, p. 230.

¹⁴ ARISTÓTELES, 1967 *apud* BIDERMAN, 1978, p. 44-45.

No início do século XX, essa discussão fazia-se ainda contemporânea por Saussure quando se discutia a mutabilidade do signo linguístico. Para esse linguista, o signo é mutável e imutável ao mesmo tempo. A língua é fruto de uma convenção social, é uma instituição herdada de gerações anteriores e não um contrato firmado entre os falantes no presente. Por outro lado, a mutabilidade do signo – e, portanto, da língua – está ligada à própria inconsciência que os falantes têm das leis que regem o sistema linguístico, assim como à própria tensão existente entre a língua enquanto bem social e os atos de fala individuais, com seu caráter particular e transitório.

Também Koerner (1982) realiza, exaustivamente, estudos dedicados à discussão do signo linguístico e à relação entre esses e a teoria semiológica de Saussure. Entre os autores citados, Koerner distancia a concepção saussureana sobre a arbitrariedade do signo da de Whitney e aponta a obra do filósofo dinamarquês Johan Nikolai Madvig (1804-1886) como, provavelmente, a mais próxima as ideias de Saussure. Koerner (1982, p. 418) conclui que não é possível analisar e seguir todas as fontes potenciais de inspiração linguística de Saussure. Para este fim, seria necessário um estudo da extensão de um livro. Segundo ele, certo é que Saussure não reivindicou como sua idéia original sobre a arbitrariedade da língua e sim fez numerosas e importantes sugestões sobre como deveria criar uma teoria geral da língua, baseada nos princípios semiológicos. Essa tem como objetivo central a língua como instituição social, que utiliza um sistema de signos convencionais, ou seja, estabelecidos previamente por uma comunidade, daí a sua arbitrariedade.

Ainda argumentando nessa direção, cito o trabalho de Biderman (1978, p. 45), que diz:

O caráter simbólico e convencional do código lingüístico explica o porquê da diversificação dos códigos existentes no mundo. A convenção lingüística é necessariamente vaga, porque ela não se estabelece com base em normas formulada explicitamente como ocorre com outros códigos de sinais – o de trânsito, por exemplo. Tais normas se vão formulando espontaneamente dentro de uma comunidade e acaba por estender-se a toda cultura dos falantes daquela língua. Assim, o código lingüístico tem essa particularidade com relação aos demais códigos: é um código formulando vagamente e é cambiante, passível de permanentes mutações.

Nas análises semióticas que têm como influência a teoria peirceana, são empregados três termos como correlatos da função sígnica, cuja representação gráfica forma o triângulo semiótico.¹⁵

¹⁵ EPSTEIN, 1986, p. 22.

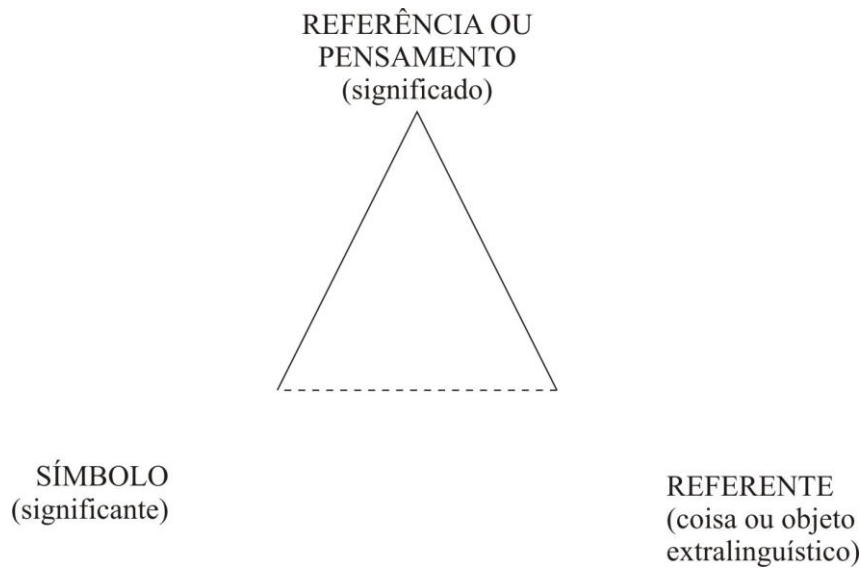


FIGURA 2 – Triângulo de Odgen e Richards (1923)
 Fonte: OGDEN e RICHARDS *apud* EPSTEIN, 1986.

No triângulo de Odgen e Richard¹⁶ a palavra é o símbolo, a referência é o significado e o referente é o objeto denotado, podendo variar segundo a apreensão.

Levando em consideração as diferentes análises acima propostas a respeito do signo linguístico, podemos dizer que este é um elo que liga o que é dito e o que será referido (significante e significado), refletindo um recorte cultural e ideológico em relação a um referente linguístico ou extralinguístico.

Sobre esse tema, Dick afirma que

[...] quais sejam, a ‘arbitrariedade do signo lingüístico’, a ‘motivação iconográfica’ e o ‘relacionamento ideológico do símbolo com o objeto’, a aproximação do signo toponímico a um desses postulados apresentará, sem dúvida, algumas feições características e, mesmo, uma visão diferente do problema, em alguns casos.

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, [...] a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado [...] (DICK, 1990a, p. 18, grifo do autor)

A autora ainda explica que o duplo aspecto da motivação toponímia transparece em dois momentos:

– na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva;

¹⁶ OGDEN e RICHARDS *apud* EPSTEIN, *Ibidem*.

– na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas¹⁷.

Sobre a forma do topônimo, Dick afirma que poderá ser simples ou composta. A primeira é aquela que se faz definir por um só elemento (substantivo ou adjetivo, de preferência), podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações (diminutivas, aumentativas ou de outras procedências linguísticas). A segunda corresponde àquela que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si. Com relação às formas de hiero ou hagiotopônimos (aquelas que envolvem nomes sagrados em geral), a autora esclarece que acusam uma frequência bastante alta na nomenclatura, muito embora os elementos que integram a composição nem sempre apresentem a mesma natureza religiosa. Em Minas Gerais encontramos exemplos dessa formação, como, por exemplo, São Jerônimo dos Poções, São José das Tronqueiras, Aparecida do Mundo Novo, este último no município de Montes Claros.

1.5. ESTUDOS TOPONÍMICOS NO BRASIL

No Brasil, os primeiros estudos estavam voltados principalmente à análise de nomes indígenas. No início do século, alguns autores já criticavam a urgência de trabalhos toponímicos, já que era notável a ausência de estudos nessa área. Dentre esses, Theodoro Sampaio, em *O tupi na Geografia Nacional*, escreveu:

Estudos [...] systematicamente guiados, para o fim de explicar o vocabulário geográfico de procedencia tupi, poucos cultores têm ido, bem que não raros o tenham tentados.¹⁸

Também Levy Cardoso ressaltou, no seu *Toponímia Brasileira*: “No Brasil, entretanto, relativamente muito pouco se tem feito nos domínios da toponímia”¹⁹.

Foi só quando Carlos Drumond, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), pesquisou a relação existente entre as migrações indígenas e suas línguas e as designações dos acidentes geográficos a que os povos se depararam, que os estudos toponímicos brasileiros começaram a ganhar sistematicidade. Sua obra *Contribuições do Bororo à toponímia Brasileira* foi publicada em 1965.

Dentre os toponimistas brasileiros de nossa contemporaneidade, destaca-se o nome de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Professora e pesquisadora da FFLCH-

¹⁷ DICK, 1990a, p. 18.

¹⁸ SAMPAIO, 1902, *apud* LILLO, 2002, p. 19.

¹⁹ CARDOSO, 1961, *apud* LILLO, 2002, p.19.

USP, Dick, seguindo as orientações de Drumond e a teoria de Dauzat, escreveu os *Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomicos*, aplicados aos nomes de lugares. Com essa obra, a autora enriqueceu enormemente os estudos toponímicos brasileiros. Para Drumond, “nenhum outro estudo de Toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como este, seja do ponto de vista estrutural como científico”.²⁰

Outros pesquisadores, seguindo a metodologia sugerida por Dick, assim como o modelo de seus Atlas (ATB-Atlas Toponímico do Brasil e ATESP-Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), têm-se dedicado, em nossas Universidades, aos estudos toponímicos; dentre eles citamos: Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG). Ambas vêm coordenando variantes regionais do ATB em seus respectivos estados – Mato Grosso do Sul (ATEMS – Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul) e Minas Gerais (ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais).

1.5.1. Projeto ATEMIG

O Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – em desenvolvimento na Faculdade de Letras da UFMG desde fevereiro de 2005, projeto ao qual nossa pesquisa se insere, caracteriza-se, inicialmente, como um estudo dos nomes de lugares que abrange todo o território mineiro, ou seja, seus 853 municípios. Está vinculado a outro projeto maior, o Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil, coordenado pela Prof.^a Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP).

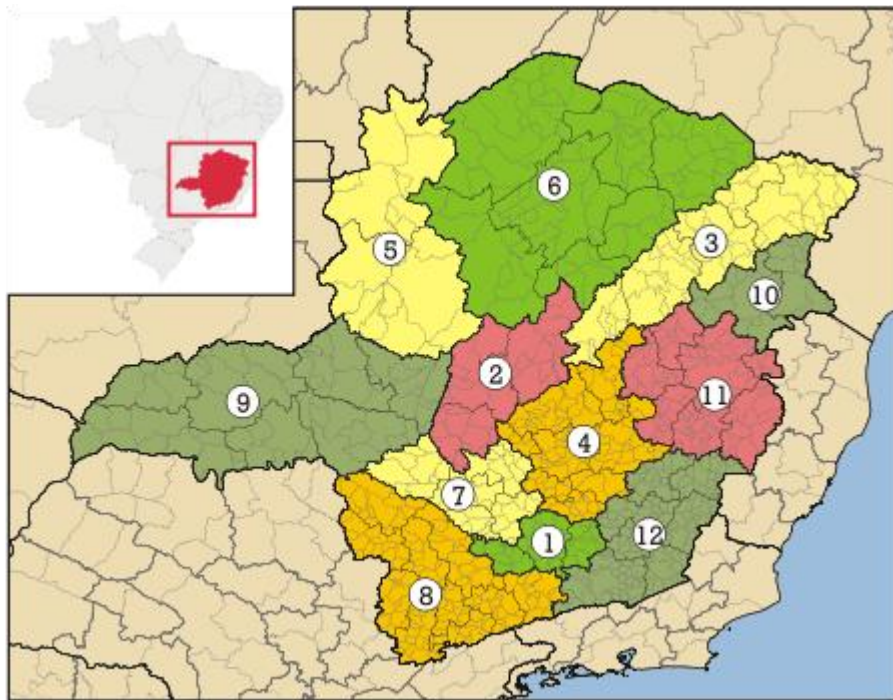
O projeto ATEMIG tem como objetivos básicos:

1. Constituir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do IBGE, correspondentes aos 853 municípios mineiros;
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. Cartografar os nomes dos acidentes físicos e humanos do Estado de Minas Gerais.

²⁰ DICK, 1990a, Prefácio.

6. Construir glossários toponímicos;
7. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado.

Para atingir os objetivos acima arrolados, a equipe do Projeto ATEMIG vem coletando dados, seguindo a divisão proposta pelo IBGE, que recorta o estado em 12 mesorregiões, conforme se visualiza no mapa abaixo: 1. Campo das Vertentes; 2. Central Mineira; 3. Jequitinhonha; 4. Metropolitana de Belo Horizonte; 5. Noroeste de Minas; 6. Norte de Minas; 7. Oeste de Minas; 8. Sul e Sudoeste de Minas; 9. Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; 10. Vale do Mucuri; 11. Vale do Rio Doce; 12. Zona da Mata.



MAPA 1 – Lista de mesorregiões de Minas Gerais.

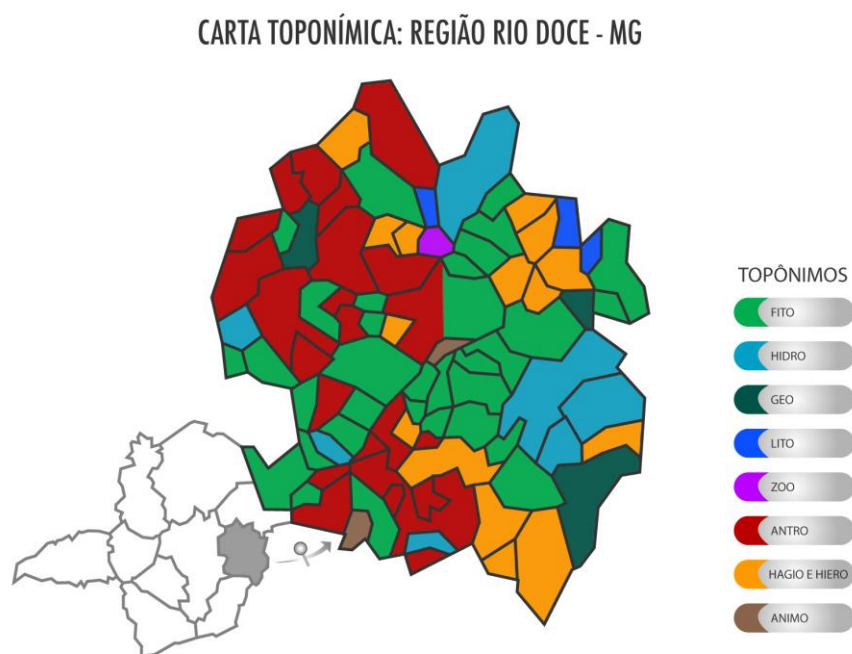
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_de_Minhas_Gerais. Acesso em: 30 jan. 2010.

Partilhando de metodologia comum, adotada pelas demais equipes de pesquisadores que integram o ATB em outros estados, o projeto segue: i) o “método das áreas” utilizado por Dauzat (1926), que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão; ii) a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por Dick (1990a).

Em cada região, realiza-se o levantamento de todos os nomes dos acidentes geográficos dos municípios, documentados em mapas municipais – fontes do IBGE, com

escalas que variam de 1:50.000 a 1:250.000. Após a coleta, os topônimos são registrados em fichas, conforme modelo sugerido por DICK (2004), para serem analisados e classificados. Essas fichas constituem uma análise detalhada do topônimo, dando informações como município no qual ele está inserido, sua origem, histórico do nome, e, dentre outras, o contexto em que ele se encontra.

Em algumas regiões, cujo trabalho de catalogação e análise taxionímica encontra-se avançado, já podemos inferir a estreita relação entre a história de povoamento da área e a motivação toponímica predominante. É o caso, por exemplo, da região do Rio Doce, cuja área está visivelmente dividida entre a predominância de antropotopônimos²¹ e fitotopônimos.²² Tal fato, pode ser visto no mapa a seguir:



A antropotoponímia predomina na parte central da região, em locais disputados pelo homem do século XVIII, início do XIX; já a fitotoponímia prevalece em locais de ocupação territorial posterior à segunda metade do XIX, início do XX.

Assim como as dissertações de Menezes (2009), intitulada *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu* e Mendes (2009), *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*, nossa pesquisa procura contribuir com o Projeto ATEMIG, fundamentada em teorias léxico-toponímicas e socioculturais.

²¹ Topônimos motivados por nomes de pessoas.

²² Topônimos motivados por nomes de plantas.

1.6. ABORDAGENS TEÓRICAS

1.6.1. Língua e sociedade

A ideia de incorporar os aspectos sociais nas discussões linguísticas demorou bastante tempo para surgir. Alguns desses aspectos eram destacados geralmente por antropólogos ou sociólogos com conceitos de linguagens bastante simples.²³ Monteiro (2002, p. 15) explica que o primeiro esforço no sentido de especificar o conteúdo da sociolinguística deve-se a Bright (1966). Esse autor tenta estabelecer em seu estudo várias dimensões, das quais a de maior importância é a diversidade, que é percebida sob três ângulos: a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa.

Segundo Baylon²⁴, dentre os muitos temas que se seguiram a essa disciplina, podemos citar as funções e os usos da linguagem, as atitudes e os julgamentos das comunidades de fala acerca de sua(s) língua(s), entre outros. O autor ainda comenta que, se antes, em sua fase inicial, a sociolinguística tinha uma preocupação maior pela diversidade existente em uma comunidade de fala, hoje ela engloba praticamente tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem e seu contexto sociocultural.

Nos estudos toponímicos, deve-se dar grande importância ao estudo do contexto no qual os dados foram encontrados, o que nos remete à perspectiva da Antropologia Linguística, disciplina que enfoca, de acordo com Duranti (2000, p. 21, tradução nossa) “o estudo da linguagem como um recurso da cultura, e da fala como uma prática cultural”²⁵. Esse autor ainda ressalta a estreita relação entre as disciplinas Antropologia Linguística e Sociolinguística dentre as disciplinas das ciências sociais e da humanidade que estudam a comunicação.

Desenvolveremos a seguir, estudos teóricos que abordam as relações existentes entre língua e sociedade, língua e ambiente.

1.6.2. A Sociolinguística

Mollica (2003, p. 9) assim define a Sociolinguística

²³ Cf. MONTEIRO, 2002.

²⁴ BAYLON, 1991 *apud* MONTEIRO, 2002.

²⁵ “el estudio del lenguaje como un recurso de la cultura, y del habla como una práctica cultural”.

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos lingüísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

O que nos permite inferir que a sociolinguística tem como objeto de estudo a linguagem em seu contexto sociocultural, em situações reais de uso.

Sabemos que a incontestável relação entre linguagem e sociedade nem sempre foi determinante nos estudos lingüísticos, embora tenha sido reconhecida. Saussure, por exemplo, já afirmava que a língua é um fato social e reconhecia a importância dos estudos dos fenômenos lingüísticos externos, apesar de ter privilegiado apenas o caráter formal e estrutural dos fenômenos da língua.

Os estudos sobre a influência dos fatores sociais na língua apenas passaram a ter êxito com os trabalhos de Labov. O objeto de estudo da Sociolinguística Laboviana, Variacionista ou Quantitativa é a gramática de uma *comunidade de fala*, que tem como característica, a heterogeneidade. A Sociolinguística considera em especial a variação como algo inerente ao sistema lingüístico e busca sistematizá-la, correlacionando formas variantes a fatores internos ou externos à língua. Tais fatores também são referidos como variáveis independentes e podem exercer influência sobre os usos.

Os usos se diferem das variáveis dependentes no sentido de que o emprego das variantes (formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto) não é aleatório, e sim influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural.²⁶ São as formas lingüísticas variantes as unidades de análise da Sociolinguística.

Entre as causas dessa grande variedade, destacamos os fatores históricos (entre os quais podemos citar as correntes migratórias), os fatores geográficos, a influência de outras línguas, e a própria variação interna, presente em todas as línguas humanas vivas. Quando se trata de diferentes origens geográficas, temos a variação geográfica. A variação diatrástica está relacionada a classes sociais diferentes. No que concerne ao universo do discurso, temos a variação diafásica. A variação diacrônica corresponde à variação no tempo, e, ainda, a variação estilística ou de registro se refere ao uso de estilos ou registros diferentes pelo falante.

Segundo Tarallo (1999, p. 11), as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão *vs.* não-padrão; conservadoras *vs.* inovadoras; de prestígio *vs.* estigmatizadas. Ainda segundo esse autor, a variante considerada padrão, em geral, é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio

²⁶ Cf. MOLLICA, 2004.

sociolinguístico na comunidade. E, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade, as variantes inovadoras.

A mudança linguística é, certamente, um traço constante nas línguas, mas estas mantêm uma unidade com a sua própria história. Sobre esse tema, Coseriu (1982, p. 138) afirma que

os falantes, em geral, não pretendem modificar a língua, mas apenas utilizá-la, fazê-la funcionar. A língua muda no funcionamento, o que quer dizer que a sua utilização implica a sua renovação, a sua superação. A língua deve, pois, conter os princípios da sua própria superação, da chamada “mudança linguística.

Vale lembrar que a variação não implica necessariamente a mudança linguística. A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes.²⁷

1.6.3. Língua e ambiente

Sapir (1969, p. 43) discute a influência do ambiente em traços da cultura humana e ainda a atuação de outras forças sobre esses elementos. O autor afirma que “nas sociedades de fatos existentes uma influência ambiental, mesmo do caráter mais simples, é sempre consolidada ou mudada pelas forças sociais”.

Vale ressaltar que o termo “ambiente” é usado não apenas para se fazer referência a influências de natureza física, que escapam à vontade do homem. Convém compreender nesse termo tanto os fatores físicos como os sociais, por se tratar da língua, que reflete um conjunto físico e social no qual ela está inserida.

No que concerne à nomeação e ambiente, Sapir afirma que determinado grau de interesse que desperta os elementos ambientais de uma determinada cultura poderá influenciar a ausência ou presença de termos genéricos. Se, para uma cultura, faz-se necessário fazer distinção dentro de uma série de fenômenos, certamente teremos a utilização de termos específicos (contrapondo a um só termo genérico em outra cultura) para toda uma série. Sapir (1969, p. 47) apresenta-nos um exemplo de como o interesse social determina a natureza do léxico:

Enquanto nós outros achamos indispensável distinguir sol e lua, não poucas tribos se contentam com uma palavra única, cabendo ao contexto a determinação exata. Se nos queixamos de que uma tal vaguidade não faz justiça a uma diferença essencial da natureza, o índio bem poderá retrucar com o caráter *omnium gatherum* do nosso termo “erva” em contraste com o seu vocabulário muito mais precioso para as palavras.

²⁷ COSERIU, 1982, p. 138.

Se o ambiente físico se reflete em grande parte na língua, o mesmo acontece, às vezes, até com maior amplitude, em relação ao ambiente social. Na toponímia temos vários exemplos da influência do fator social predominando no ato da nomeação. Em algumas regiões, por exemplo na região do Rio Doce, mostrada no mapa 02, constatamos um elevado número de antropotopônimos, em contraste à predominância dos fitotopônimos em outras. Sobre esse tema, Dick (1990a, p. 48) afirma que

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Ao contrário, reflete, de perto, a própria substância ontológica do social, onerado que está de uma profunda carga significativa. Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosas predominantes na localidade, tendem a configurar, com precisão, o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais.

Se por um lado, léxico e ambiente estão intimamente ligados, falta relação entre o ambiente físico e o sistema fonético e morfológico. Tal problema se explica, segundo Sapir (1969, p. 47), pela velocidade de mudança ou desenvolvimento entre uma e outra. Os elementos linguísticos, embora sofram rápidas mudanças, não se prestam facilmente a reformulações devido ao seu caráter subconsciente, enquanto que os elementos culturais “servem de maneira mais definida às necessidades imediatas da sociedade e entram mais claramente no campo da consciência”. Sapir (*Ibidem*, p. 59) conclui que, com exceção do reflexo do ambiente sobre o léxico, nada há na língua em si mesma que se prove estar em associação direta com o ambiente.

Considerando a concepção da realidade que temos do mundo e as formas linguísticas, ainda defende esse mesmo linguista (1969, p. 20) que “não há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social”. Essa ideia de se pensar a língua em estreita relação de dependência com a visão de mundo é conhecida como hipótese do *relativismo linguístico* ou hipótese Sapir-Whorf. Para essa teoria, o modo como concebemos a realidade está claramente refletido tanto no léxico como na gramática de uma língua. Em outras palavras, segundo essa teoria, a linguagem determina a forma de ver o mundo, a forma como nos relacionamos com esse mundo.

Em seu estudo *A posição da lingüística como ciência*, Sapir explicita:

A linguagem é um guia para a “realidade social”. [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja

apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que “o mundo real” é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos lingüísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes.²⁸

Dez anos depois, Whorf, retomando essa ideia, procurou demonstrar factualmente essa teoria, sendo que sua formulação seria mais radical e menos abstrata que a de Sapir. A tese de Whorf tem sua origem no estudo que este faz sobre as línguas indígenas da América, especialmente, a hopi, comparando-a a outras línguas ocidentais.

Embora a teoria do *relativismo lingüístico* tenha sido refutada por alguns estudiosos, dela se beneficiam muitos estudos no âmbito da Etnolinguística, da Psicolinguística, da Antropologia e da Lexicologia. Em se tratando de uma pesquisa sobre nomes de lugares, Dick (1990b, p. 63) acredita ser, também, primordial observar a relação língua e ambiente, já que o homem, ao nomear um lugar, percebe esse espaço tanto em virtude de seus pensamentos quanto de suas necessidades. Para essa toponimista, “cada ambiente é percebido de maneira peculiar pelo povo que o habita”.

No capítulo seguinte, apresentamos aspectos geográficos e históricos do município de Montes Claros, necessários para se realizar um estudo sobre nomes de lugares.

²⁸ SAPIR, 1947, p.11, *apud* BIDERMAN, 1998a.

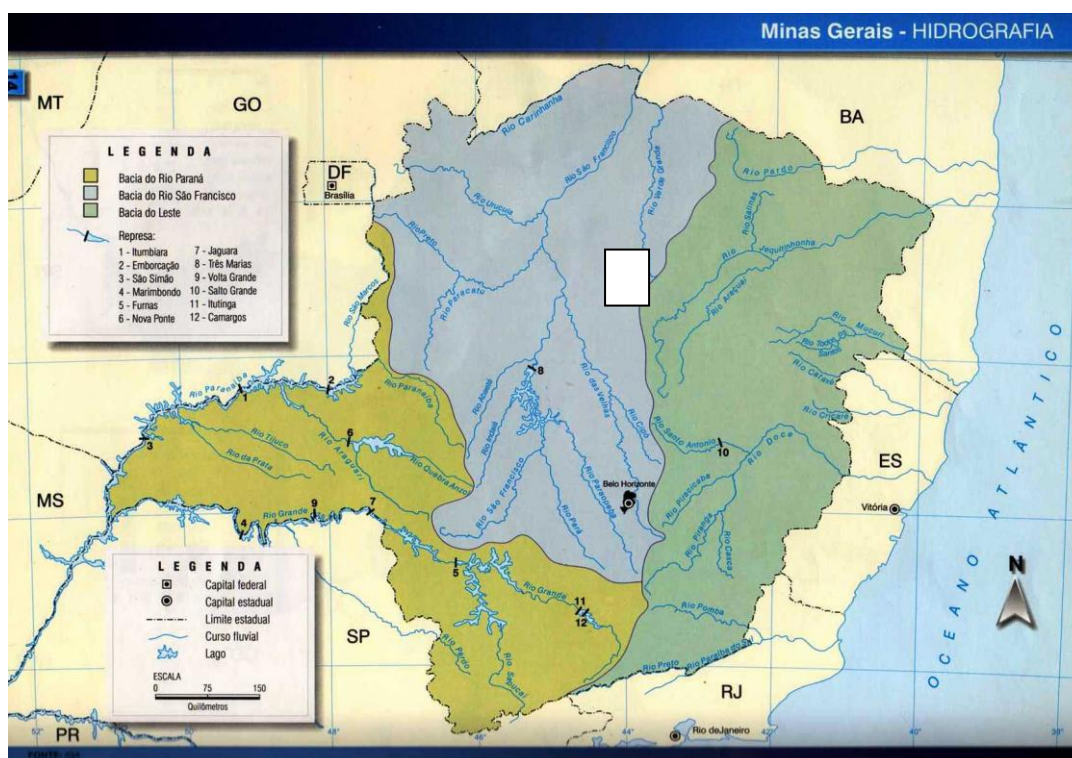


FOTO 3 – Catedral Nossa Senhora Aparecida, Montes Claros, M/G.
Fonte: www.montesclaros.mg.gov.br. Acesso em: 02 fev. 2010.

Capítulo 2 – Aspectos geográficos e históricos de Montes Claros

2.1. ASPECTOS GEOGRÁFICOS

O município de Montes Claros fica ao norte do estado de Minas Gerais, a 418 km da capital Belo Horizonte, considerado um dos mais importantes do estado, sendo o principal centro urbano da região norte de Minas. Inserido em uma das rotas dos bandeirantes paulistas e também no caminho que ligava Minas à Bahia, possui localização estratégica na bacia do São Francisco, abrangendo os vales dos rios Verde Grande, Pacuí e São Lambert, como pode ser visto no mapa a seguir:



MAPA 3 – Bacias hidrográficas de Minas Gerais (destaque nosso).

Fonte: RIBEIRO, 1999, p.14.

Segundo dados do IBGE, o município de Montes Claros conta com uma população de 263.227²⁹ habitantes e área territorial de 3.582 Km². Além da sede, compreende ainda nove distritos, a saber: Panorâmica, Ermidinha, Miralta, Santa Rosa de Lima, São João da Vereda, São Pedro da Garça, Vila Nova de Minas, Aparecida do Mundo Novo e Nova Esperança.

²⁹ Estimativa da população de 2009, IBGE.

O município de Montes Claros é, em geral, constituído de topografia plana. Os campos gerais, alternando com os cerrados, taboleiros e chapadas, cobrem mais ou menos metade do seu território. Segundo Hermes de Paula (2007, p. 54), “aí é o habitat das codornas, perdizes, campeiros e siriemas; flora exuberante em plantas medicinais de largo uso pelo sertanejo; e capins nativos – excelentes largas para criação de potranças e mesmo gado *vacum* para descanso das pastagens”. O autor ainda descreve uma relação extensa da flora da região, da qual destacamos algumas espécies de flores (camélia, *La France*, amor-de-moça-pobre, maxixe, saudades); frutas cultivadas (cajá, tâmara, pitomba, jaca, sapucaia, jacopari) e silvestres (pinha, marmelada de cachorro, jatobá, gravatá, pequi, pana, mutamba, joá, ingá, chichá, baru, canapu); madeiras (aroeiras, pau-preto, cedro, carne de vaca, tamboril, angico, cabiúna, vaqueta, muçambé, mangabeira); capins nativos (capim-de-raiz, capim-de-bezerro, barba-de-bode, amor-de-padre, tiririca) e cultivados (bengo, colônia, provisório, jaraguá, cana-roxa, andrequicé); além de cactos, cipós e plantas medicinais.³⁰

A fauna, por sua vez, ainda segundo Hermes de Paula, embora não muito rica, apresenta-se bastante variada. Citamos aqui algumas espécies: tatus, tamanduás, gambás, caxinguelê, guará, raposa, suçuarana, jaguatirica, anta, varas de caetetus e queixadas, entre outras espécies de aves, reptéis, etc.

Com relação às características hídricas da região, destacamos a enorme quantidade de rios, córregos e ribeirões e a sua importância, antes, na penetração dos bandeirantes, e, nos tempos atuais, como fonte de energia elétrica, além de propiciar o turismo, o abastecimento e a pesca. Como dito anteriormente, todos eles pertencem à bacia do São Francisco, e dos três rios principais, nascem vários afluentes:

- do rio Verde Grande, nascem o rio do Sítio, o rio do Peixe, o Borá, o riacho do Fogo, o Mingote, o Sanharó, o ribeirão Tabua, o Cana-brava de Manoel Vicente, o Bengo, o Barreiras, o Jacu, o dos Maias, o córrego dos Caetanos, o ribeirão do Ouro e o Vieira, que, por sua vez, merece destaque porque banha a cidade, coletando os seus esgotos, e recebe o rio dos Porcos, o rio dos Bois e o rio do Cedro;
- do rio Pacuí, nascem o Curral Velho, o Olhos d’Água, o Retiro Velho, o Murzelo, o Tamboril e o Riachão;
- do São Lamberto; nascem o Capoeirão, o Abóbora, o córrego da Ponte, o Capão Santo, o Curral do Meio, o Curtume, o riacho Fundo, o Extrema, o Três Irmãos,

³⁰ Cf. PAULA, 2007.

o Tigre, o Pinheiro, o Macacos, o Pau-à-Pique, o Porteirinha, o Siriema e o Traíras.

Como se pode perceber, as características do ambiente, principalmente da fauna e da flora são determinantes na motivação toponímica da região, predominando principalmente, à primeira vista, a fitotoponímia e a zootoponímia.

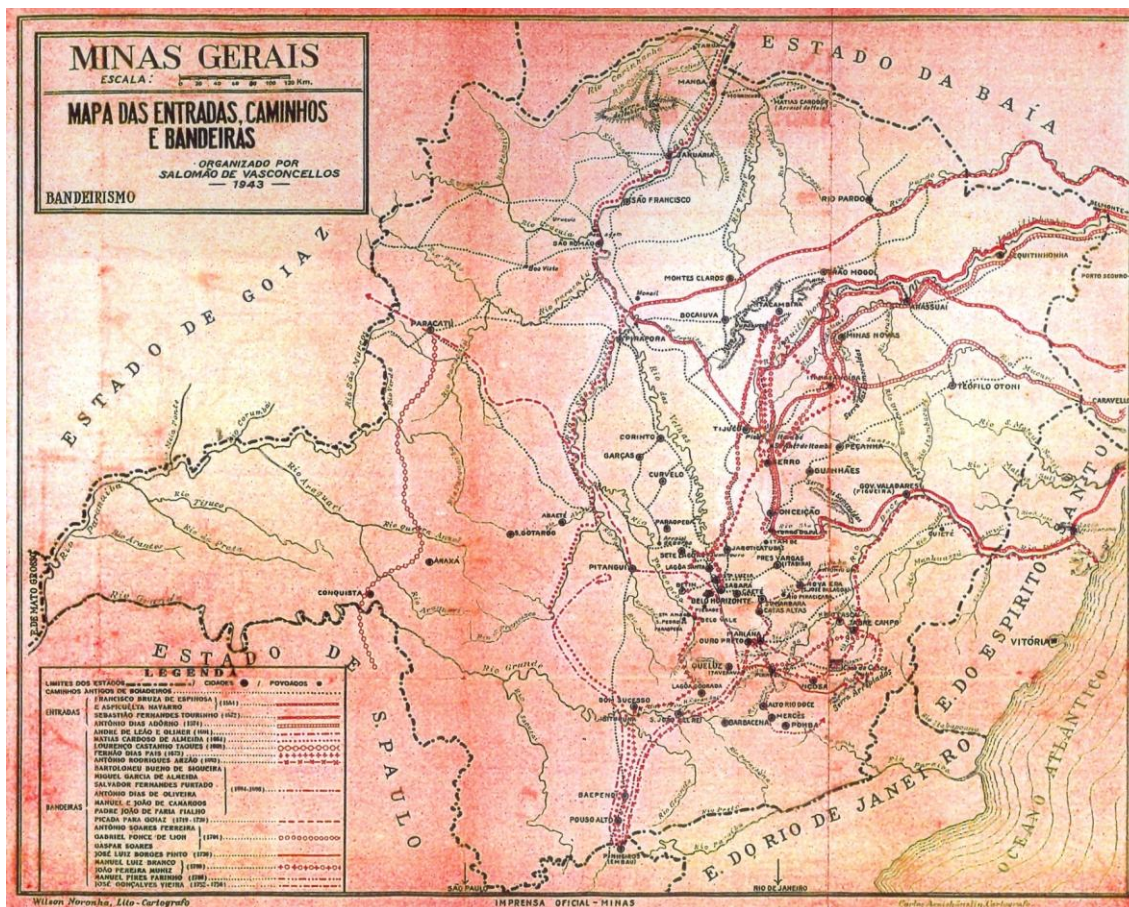
A abundância nos recursos hídricos, os terrenos salitrosos e as magníficas pastagens naturais foram fatores determinantes na fixação dos primeiros habitantes na região. No item seguinte, trataremos dos aspectos históricos da região norte de Minas.

2.2. ASPECTOS HISTÓRICOS

A busca por pedras e metais preciosos, o desejo de explorar o território brasileiro, a preocupação do colonizador português em consolidar seu domínio e a vontade de conseguir mão-de-obra indígena para trabalhar nas lavouras resultaram em incursões pelo interior do país feitas por dezenas de homens e, muitas vezes, por milhares. Essas viagens certamente duravam meses ou até anos.

Numerosas foram as expedições que buscavam esses recursos partindo de vários pontos da costa brasileira. Com relação ao território mineiro, vários documentos apontam que os primeiros homens civilizados a pisarem aqui foram os doze componentes da expedição de Francisco Bruza de Espinosa, em 1554. O itinerário de Spinosa tem sido reconstituído por vários historiadores, todos baseados principalmente pela carta do Padre Navarro, havendo ainda algumas divergências em alguns pontos.

Segundo Salomão de Vasconcellos (1944, p. 26) o itinerário dessa bandeira teria sido o seguinte: partindo a caravana de Porto Seguro, navegou em barcos até o rio Caravelas; depois de muito andar por terra, chegou ao Jequitinhonha, por onde subiu e chegou à serra do Espinhaço, na zona de Diamantina e Serro. Dos arredores de Diamantina, transpôs a divisora do São Francisco, tendo atingido porventura o Jequitaí e alcançado, em seguida, uma aldeia indígena situada nas proximidades de Monail. Deste ponto, tentaram seguir à Bahia por canoas. Desistindo, porém, da ideia, seguiram por terra desde o Monail até o rio Verde e depois passaram para a bacia do rio Pardo ou das Ourinas, pelo qual desceram até o mar. Em um mapa, Vasconcellos aponta as várias rotas das entradas e bandeiras no território mineiro, acrescentando, ainda, alguns dados, como quando indica que, após chegar ao rio São Francisco, Navarro e Spinosa partiram em direção de onde hoje se situa Montes Claros.



MAPA 4 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras.
 Fonte: VASCONCELLOS, 1944.

Vianna (2007) formula duas hipóteses para o trajeto feito por Espinosa-Navarro. Para ele, ou a expedição, depois de atravessar o Jequitinhonha e Pardo, acompanhou a cordilheira e veio para o sul, chegando às cabeceiras do Jequitaí ou margem do Rio das Velhas, e, assim, seguindo na direção de oeste-noroeste, foi ter ao São Francisco; ou, transpostos os rios mencionados na carta, acompanhou o vale do Verde Grande, chegando, da mesma maneira, ao “rio mui caudal, por nome Pará”.

Ainda segundo ele, qualquer que seja a hipótese aceita, temos a expedição Espinosa-Navarro a primeira a desvendar o nosso território, “arrostando o desconhecido; primeira a devassar a situação em que, no início da colônia, se vieram estabelecer os povoadores das terras conhecidas por ‘cabeceiras do rio Verde’, lugar onde tem a sua delimitação o município de Montes Claros”³¹.

³¹ VIANNA, 2007, p. 34.



MAPA 5 – Expedição Espinosa - Navarro.
 Fonte: VIANNA, 2007.

Na história das bandeiras, grande importância teve a bandeira comandada por Fernão Dias Pais, em 1674, à procura de esmeraldas no território mineiro. Auxiliado pelo mestre de campo Matias Cardoso de Almeida, lugar-tenente de Fernão Dias, pelo genro Manuel de Borba Gato, pelo filho Garcia Rodrigues Pais, e dentre outros, pelo cunhado Antonio Gonçalves Figueira, Fernão Dias explorou uma grande área da região centro-sul do país, das cabeceiras do rio das Velhas, no sertão de Sabarabuçu, até Serro Frio, ao norte.

Sem perspectivas de êxito, Matias Cardoso e Figueira despediram-se de Fernão Dias, voltando a São Paulo. Aos 73 anos, sem ter encontrado nada de valor e acometido pela febre que já havia matado muitos de seus homens, Fernão morreu a caminho do arraial do Sumidouro.

2.2.1. Caminhos e povoamentos

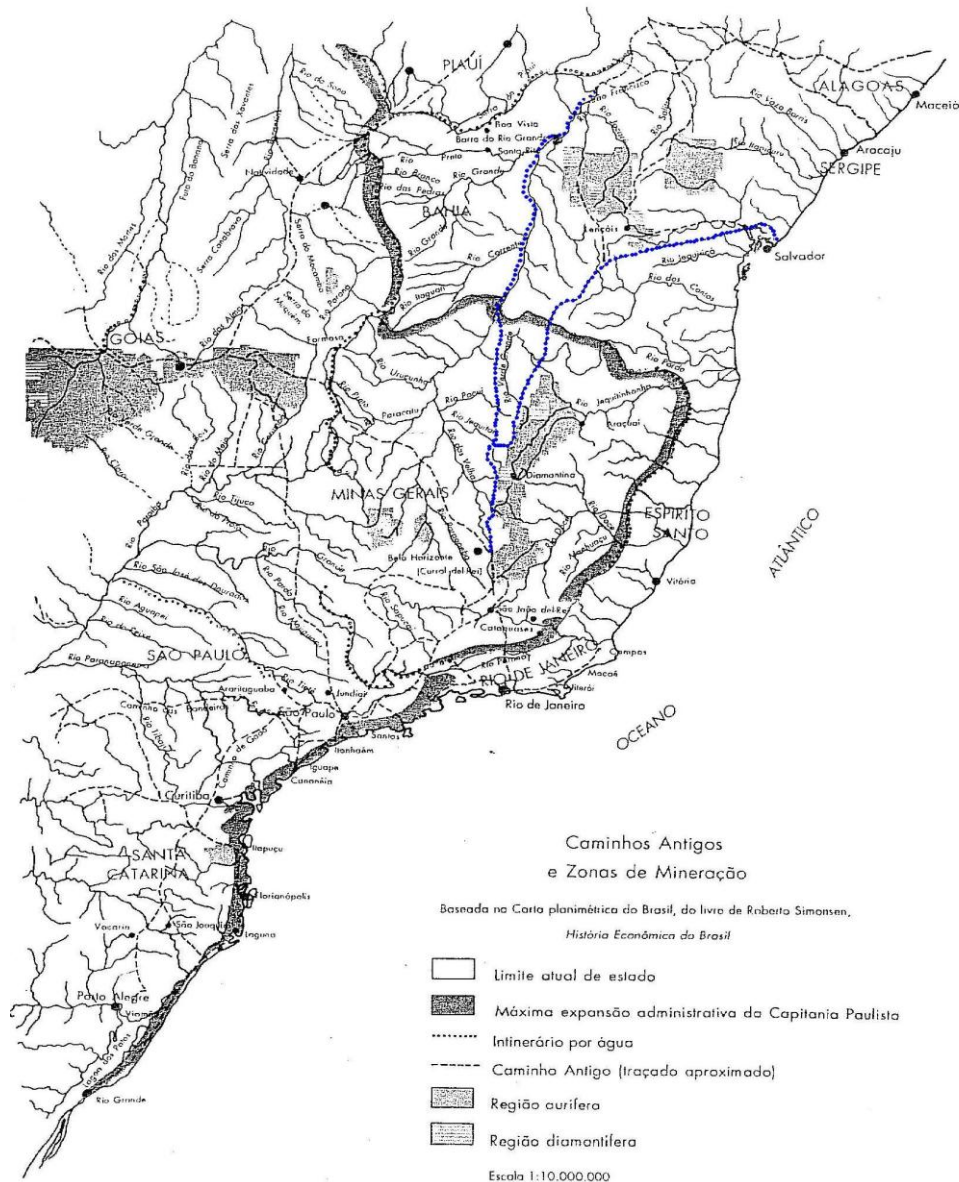
No processo de territorialização das Minas Gerais, paralelamente à busca de metais preciosos foi surgindo o comércio de gado, de escravos e de outros mantimentos para consumo próprio.

Por onde os colonizadores passavam, iam construindo estalagens, capelas, fazendas e pequenas vendas, que funcionavam como lugares de suporte infra-estrutural, e que, com o tempo, chegaram a se tornar pequenas vilas e núcleos urbanos.

Diversas correntes migratórias, vindas de diferentes partes, pelos caminhos paulistas e também pelos caminhos baianos, dirigiram-se para os sertões das Gerais. Mafalda Zemella (1951), em seu livro *O abastecimento da capitania de Minas Gerais no séc. XVIII*, descreve detalhadamente o comércio que ocorria nas Gerais.

O mapa a seguir ilustra os caminhos utilizados na penetração ao interior do estado, dentre os quais destacamos o itinerário por água e o caminho antigo.

OS MERCADOS ABASTECEDORES 103

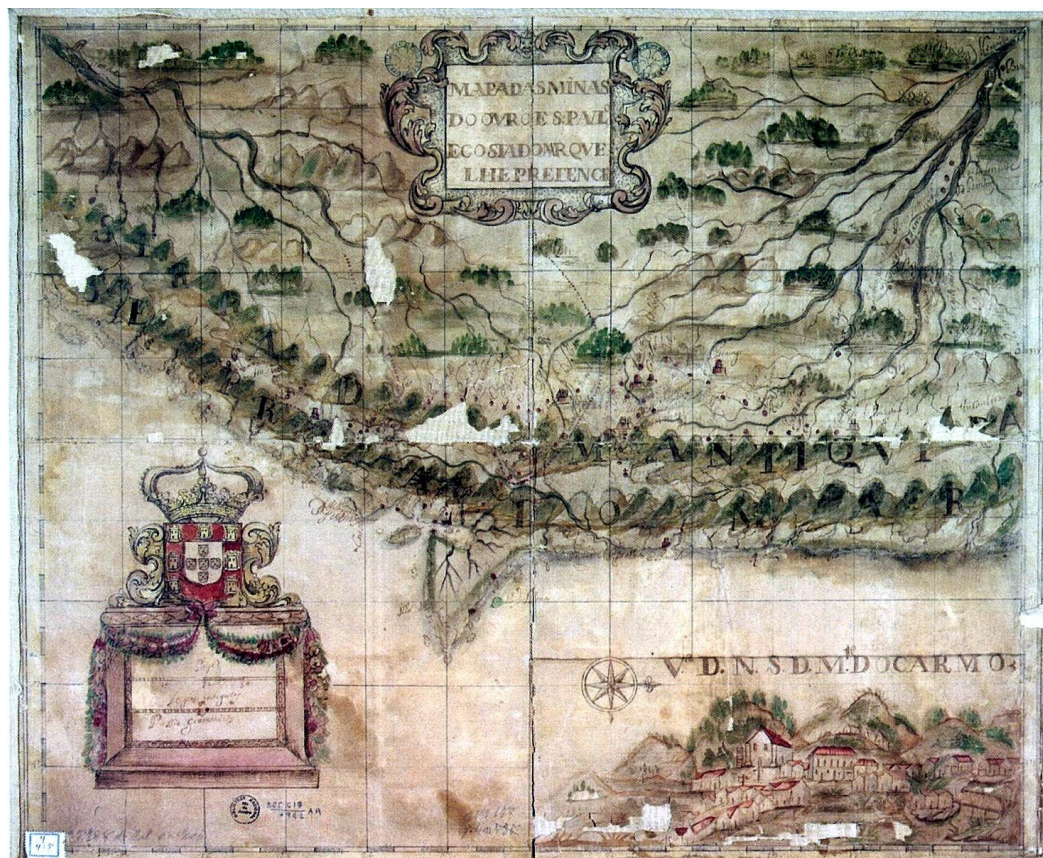


MAPA 6 – Os mercados abastecedores (destaque nosso).
Fonte: ZEMELLA, 1951.

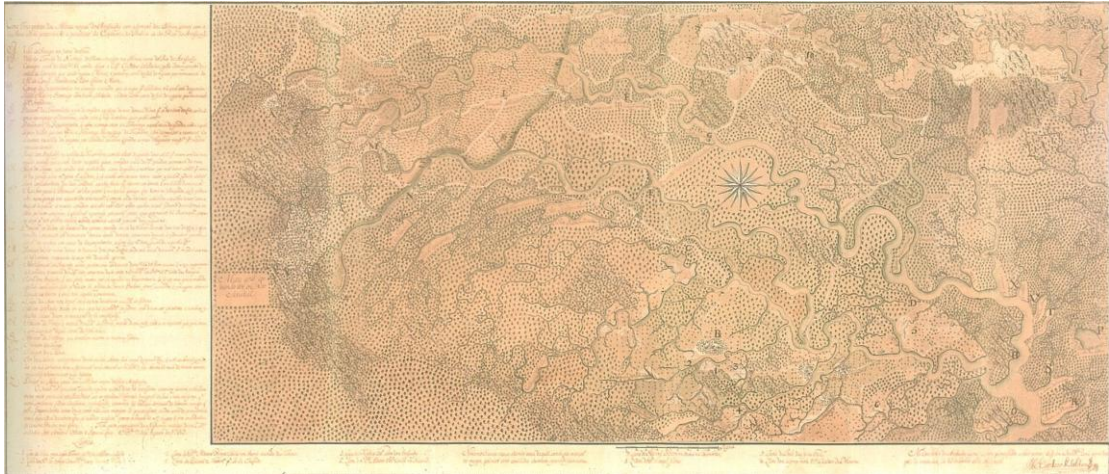
Zemella nos conta, ainda, que os caminhos baianos eram mais largos e mais suaves do que os que ligavam São Paulo e o Rio de Janeiro à região aurífera. Este caminho oferecia aos viajantes algumas facilidades, como água em abundância, farinha em quantidade, carnes de toda espécie, frutas, laticínios, cavalos para transportarem, pastos para as cavalgadas e casas para se recolherem, sem risco de ataques de índios e outros inimigos.

Além dos caminhos terrestres, os viajantes contavam com outro caminho, pela água, através do rio São Francisco e de seus afluentes. Essa via era utilizada principalmente no caminho de volta das minas, para o Recôncavo.

Costa (2004, p. 49-56), em seu livro, *Cartografia da conquista do território das Minas*, descreve detalhadamente a cartografia dos caminhos para as minas, destacando a importância de tais mapas durante as incursões para o sertão mineiro. Destes, destaca-se o chamado MAPA DAS MINAS DO OURO E S. PAULO E COSTA DO MAR QUE LHE PERTENCE (ca.1717), “com representações das serras do Mar e Mantiqueira, e de importantes curso d’água do norte de São Paulo e de Minas Gerais.” O autor ainda destaca os mapas de Minas e dentre estes, “o mapa Região das Minas Gerais com uma parte do caminho..., considerado produto de sertanistas”.

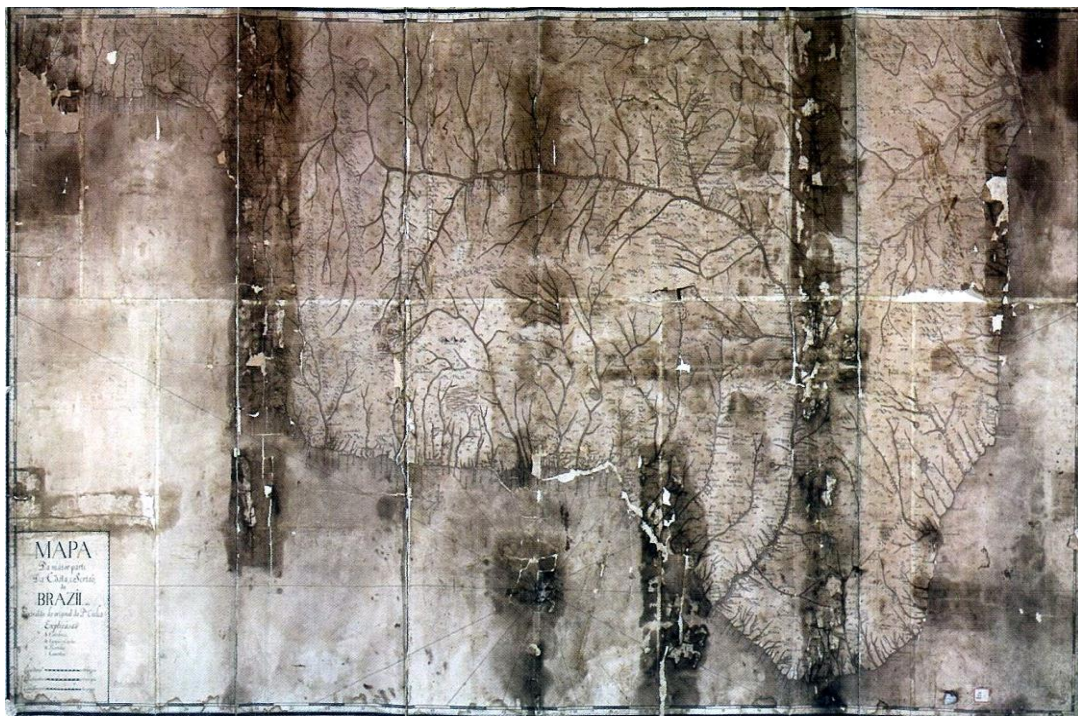


MAPA 7 – Mapa das Minas do Ouro e S. Paulo e Costa do Mar que lhe pertence.
Fonte: COSTA, 2004.



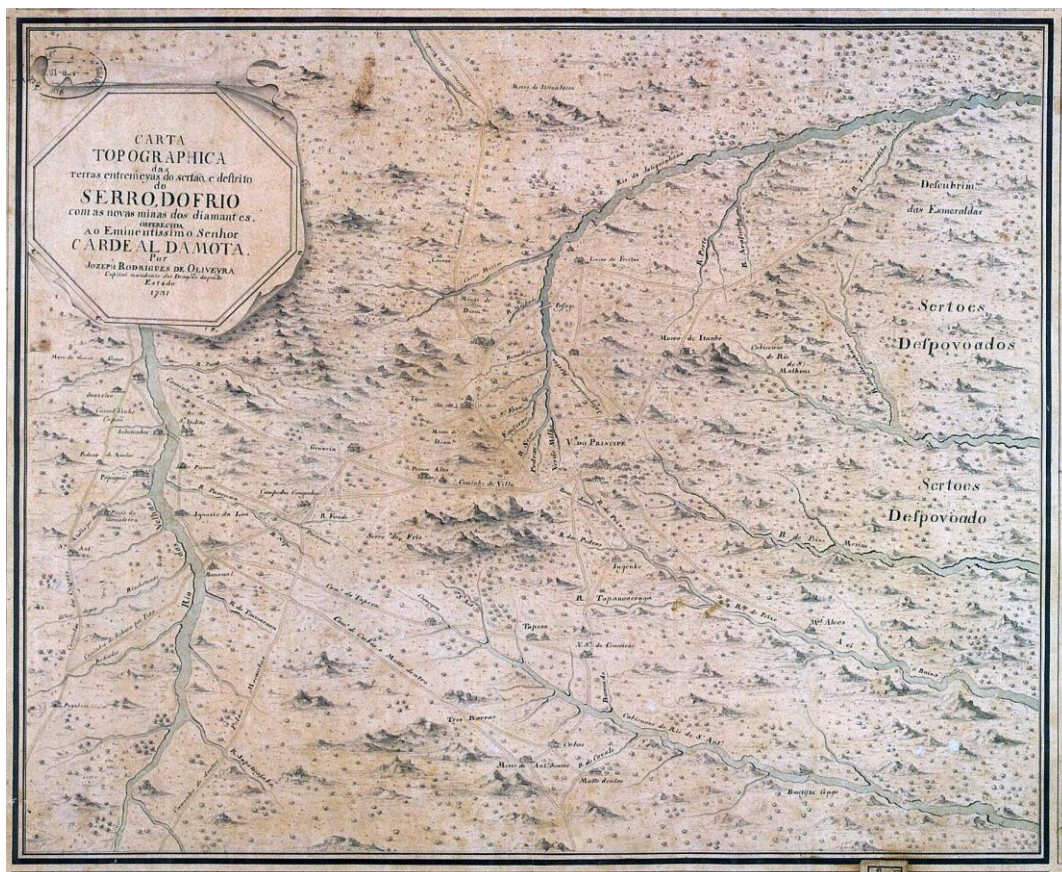
MAPA 8 – Carta Topográfica das Minas Novas do Arassuahy com a divisão das Minas Geraes com a das Minas Novas pertecendo à jurisdição da Capitania da Bahia as do Rio Arassuahy.
Fonte: COSTA, 2004.

Ainda, com relação aos caminhos baianos, o autor também considera outros documentos do início da segunda metade do sec. XVII. Dentre estes, o *MAPA da maior parte da costa, e Sertão, do Brazil*³² representa importante fonte de informações sobre os caminhos para as minas. Nesse mapa, encontra-se destacado o *Caminho novo do gado* entre outros caminhos.



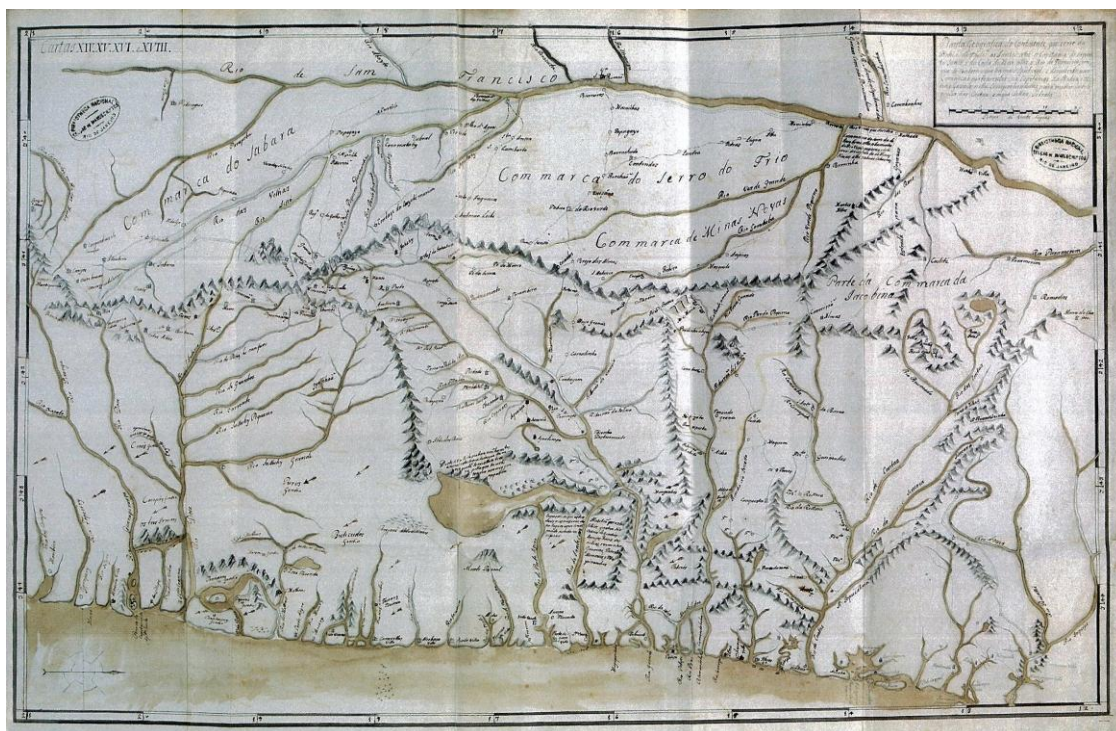
MAPA 9 – Mapa da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil. Extraído do original do Pe. Cocleo.
Fonte: COSTA, 2004.

³² MAPA da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil. Extraído do original do Pe. Cocleo. *apud* COSTA, 2004.



MAPA 10 – Carta Topographica das Terras entremeyas do sertão e destrito do Serro Frio com as novas minas do diamante.

Fonte: COSTA, 2004.



MAPA 11 – Mapa do território da Capitania da Bahia, compreendido entre o Rio S. Francisco, Rio Verde Grande e o riacho chamado Gavião.

Fonte: COSTA, 2004.

Os mapas acima³³ representam com riqueza de detalhes a rede de caminhos e estradas para a região compreendida pelas comarcas do Sabará, Serro Frio, Minas Novas até a Bahia.

Eram comuns nesse período as expedições de “pacificação” e as de guerra contra os índios. No Norte de Minas, as disputas ocorriam especificamente contra os Xakriabá, os Akroá e os chamados genericamente *mansuetos* e *caiapós*³⁴.

Por volta do ano 1612, segundo o historiador paulista Affonso de Taunay (1948), bandeiras paulistas começam a percorrer o rio São Francisco, criando o que veio a se chamar, posteriormente, de “Caminho Geral do Sertão”. Seguiam por ele, Matias Cardoso, Domingos Jorge Velho, Manuel Alvares de Moraes Navarro e Francisco Dias Siqueira em suas heróicas jornadas ao nordeste.

Citando um manuscrito anônimo “Informações sobre as Minas do Brasil”, Mafalda Zemella confirma a antiguidade de bandeiras paulistas na região:

Das Vilas de São Paulo para o Rio de São Francisco descobrirão os paulistas antigamente **hum caminho a que chamavão Caminho Geral do Certão**, pelo qual entravão cortando os vastos desertos que medeão entre as ditas Vilas e o dito Rio nele fizerão varias conquistas de Tapuyas e passarão a outras para os sertões de diversas Jurisdições, como foram Marahãm, Pernambuco e Bahía sendo para todas geral o dito caminho athe aquele termo fixo que fazião nesta ou aquella parte do Rio de São Francisco em o qual mudavão de rumo conforme a Jurisdição ou Capitania a que se encaminhavão ou a conveniência que se lhe offerecia: e com tão continuada freqüência facilitarão o transito daquele caminho que muitos delles transportando por elle suas mulheres e famílias mudarão totalmente os seus domicílios de São Paulo para as beyras do dito ryo de São Francisco nas quais hoje se achão mais de cem cazais todos paulistas e algus delles com cabedaeas muito grossos. (ZEMELLA, 1990, grifo nosso)

Ainda segundo Taunay (1948), na década de 1650, grupos indígenas aliados a negros aquilombados invadiram a sociedade do Recôncavo baiano. Como diversas expedições baianas não foram capazes de debelar essa ameaça que pairava sobre as populações dedicadas à produção de açúcar, o governo da Capitania Bahia entendeu de pedir auxílio a paulistas. Dentre eles, Matias Cardoso de Almeida, que comandava a bandeira herdada de seu pai, conduziu um grupo de mais de cem “bandeirantes”, além de escravos negros e indígenas para a região média do rio São Francisco, objetivando aprisionar índios e exterminar com os quilombos, cuja existência ameaçava constantemente as povoações dedicadas ao cultivo da cana-de-açúcar e à criação de gado.

³³ Cf. Anexo 2.

³⁴ VASCONCELOS, 1974a.

Com o posto de mestre de campo que lhe foi concedido, Matias Cardoso investiu, desde 1690 até 1697, contra os índios da confederação dos cairiris, no Ceará e no Rio Grande do Norte. Antonio Gonçalves Figueira, companheiro de Matias Cardoso, regressou após o término da guerra (1697) com seus 700 escravos feitos na partilha, estabelecendo, então, na bacia do rio Pardo, no Brejo Grande, erguendo-se ali o primeiro engenho de cana do sertão, conforme relata Franco (1940, p. 116) e Vasconcelos (1974a, p. 85).

Nas mattas do rio Pardo, com uma pequena companhia, bateu duas hordas de selvagens, suprindo as poucas forças com astúcias e estratagemas. Impellido pela miragem das pedras verdes, ganhou ainda o sertão do rio Verde, onde fundou as fazendas de criar, Itahy³⁵, Olhos d'Agua e Montes Claros.

Por ultimo, impellido na miragem das pedras preciosas, cujo districto parecia perto para aqueles homens intemeratos, passou-se para o sertão do Rio Verde, onde fundou as Fazendas de criar denominadas – Jahyba, Olhos d'Agua e Montes Claros, hoje cidade. Afim de se comunicar com o exterior d'esse districto, abriu estrada para o Rio S. Francisco, extensa quarenta leguas; e quando de descobriram as Minas Geraes, abriu a que veio sahir no Pitanguy, com o interesse de vender os seus gados.

Figueira arrastou consigo vários irmãos e cunhados, os quais se instalaram no norte de Minas, adquiriram sesmarias e fizeram grandes fortunas. Aos Figueiras, se deve, em grande parte, o povoamento da região.

2.3. A PRESENÇA DA IGREJA NO NORTE DE MINAS

Com relação ao povoamento no sertão, sabemos que para lá se dirigiram um conjunto heterogêneo de pessoas. Segundo Megale (2000), constitui-se de um grupo composto por mamelucos, em grande maioria, índios e descendentes brancos de portugueses, além de padres das diversas ordens ou mesmo seculares, havendo registro ainda de pessoas que se faziam passar por padres ou religiosos. Ainda segundo o autor, a toponímia nas trilhas das bandeiras registra a presença desses religiosos.

[...] se o comando religioso era de carmelitas, os núcleos habitacionais que surgiam perpetuavam a lembrança no orago de Nossa Senhora do Carmo; se o comando religioso era de franciscanos, no de São Francisco, e assim com outras ordens, da mesma maneira, os oragos marcam sua passagem. Lá onde o povoado é novo, o nome religioso o inaugura; se havia uma designação indígena, o novo nome religioso a substitui. (MEGALE, 2000, p. 22)

³⁵ Alguns historiadores citam essa fazenda por Jayba (VIANNA, 2007, p. 38; VASCONCELOS, 1974a, p. 85).

Para muitos estudiosos, o período histórico da Igreja em Minas inicia-se em 16 de julho de 1696, quando se ergue uma cabana no local onde hoje se localiza a cidade de Mariana. Já nas duas primeiras décadas de 1700, as capelas eram em número de quarenta, vinte das quais elevadas à natureza de “colativas” por carta régia de 16-II-1724. Em 1745, quando foi criado o bispado de Mariana, eram em número de 51. No final do século, seu número era ainda maior, 68 paróquias, também referidas sob o nome de freguesias³⁶. Vasconcellos se refere à igreja Matriz no antigo arraial de Morrinhos, hoje, cidade Matias Cardoso, como sendo um dos mais antigos edifícios religiosos dos tempos coloniais. Segundo ele, nos anos de 1673, provavelmente, teria sido começada a edificação desta igreja. Para fundamentar essa hipótese, encontram-se dois Missais datados de 1701 e 1703, que foram transportados desse arraial para o bispado de Montes Claros. Recuando-se pelo menos 30 anos, levando em consideração o tempo em que outras igrejas do mesmo porte levaram para serem construídas, Vasconcellos chega a esta data de 1673.



FOTO 4 – Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Matias Cardoso - MG
Fonte: <http://www.asminasgerais.com.br>. Acesso em: 02 fev. 2010.

Para Vianna (2007), a fé católica na região de Montes Claros não foi motivo de povoamento, não assim, precípua no movimento civilizador, pois, como veremos a seguir, a

³⁶ COSTA, 1970.

igreja católica exerceu influência na ereção de um simples cruzeiro, símbolo da redenção, e depois na construção de um modesto templo, a capela de Nossa Senhora e São José. Ainda, com relação à religião católica, Urbino Vianna (2007, p. 58) destaca a importância desta no contato entre a antiga Vila de Formigas e as demais regiões. Esta comunicação se deu por meio dos padres e de seus representantes na Câmara Municipal, assim como da força dos demais vereadores, e, também, devido à participação dos profissionais liberais, que contribuíram para que as informações entrassem em cena. Foi aprovada a criação de um correio, com marchas de Ouro Preto para esta Vila de Formigas, e permitiu-se que o giro deste fosse dirigido pela Vila Diamantina do Tejuco, Arraial do Rio Manso, Rio Preto, Bonfim, até a Vila de Montes Claros de Formigas, tornando-se, assim, mola propulsora na difusão de informações regionais.

O historiador Hermes de Paula (2007, p. 264) descreve vários sacerdotes que tiveram influência e se dedicaram de maneira intensa à política local. Dentre eles podemos destacar: Padre Antônio Gonçalves Chaves, Padre Felipe Pereira de Carvalho, Padre Antônio Teixeira de Carvalho e Padre Siqueira, sendo que o Padre Antônio Gonçalves Chaves, quando vereador, ocupou o cargo de presidente da Câmara Municipal e de Deputado Provincial. Vianna (2007, p. 266-7) também menciona a importância de religiosos na vida socioeconômica da região.

Desde períodos posteriores a sua fundação (1831), que Montes Claros, ainda Arraial, contava com a presença de religiosos católicos, precisamente a partir de 21 de outubro de 1834, com a chegada do vigário Pe. Ambrozio Cladeira Brant e logo em seguida de outros que aqui tiveram presença efetiva na vida econômica, social e política.

Como se pode perceber, foi elevado o número de padres que se dirigiram para essa região, deixando expressivas marcas na toponímia local, de sua passagem, da fé que eles mantinham.

2.4. O MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS

O desenvolvimento da cidade de Montes Claros foi lento, porém de forma contínua. Gonçalves Figueira, considerado fundador de Montes Claros, construiu a primeira estrada, ligando sua fazenda dos Montes Claros a Tranqueira na Bahia, para obter melhores preços para o seu gado. A região foi concedida à Figueira como sesmaria, medindo uma légua

e meia de largura por três de comprimento, sob as condições do Foral, em 12 de abril de 1707³⁷.

A fazenda dos Montes Claros estava situada às margens do rio Verde Grande, próxima a montes despidos de vegetação. Antonio Gonçalves Figueira dedicou toda a sua vida à pecuária, transformando sua fazenda no maior centro comercial de gado do norte de Minas e sul da Bahia. Para o historiador Urbino Vianna (2007, p. 46) a estrada geral que ligava Minas à Bahia teve a função histórica de unir essas duas capitanias que se formavam e, ainda, de manter poderosa corrente imigratória que trouxe rápida prosperidade às Minas Gerais.

Em idade já avançada, Figueira resolve voltar à sua terra natal, na vila de Santos, entregando a sua fazenda aos agregados e, posteriormente, ao sargento-mor Manoel Ângelo, primogênito de Figueira.

Manoel Ângelo tentou a administração dos bens da família durante vários anos, mas resolveu também voltar para São Paulo e, em 1768, vendeu a fazenda dos Montes Claros para o Alferes José Lopes de Carvalho.



FOTO 5 – Primeira casa de Montes Claros.
Construída pelo Alferes José Lopes de Carvalho em 1768 e demolida em 1975.
Fonte: www.montesclaros.mg.gov.br. Acesso em: 02 fev. 2010.

³⁷ PAULA, 2007, p. 6.

Como, ainda segundo Vianna, a primitiva capela de Figueira estava inteiramente desmoronada, em junho de 1769, José Lopes de Carvalho requereu licença para a construção de uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição e de São José.

Esse arraial passou a se denominar Formigas, nome pelo qual a região era conhecida devido a numerosos formigueiros nas cercanias e que batizara também duas passagens no rio Vieira – passagem das formigas de cima e passagem das formigas de baixo. Sabe-se que próximo a esse lugar existiu, às margens do córrego Tabua, um arraial de nome Cruzeiro – nome esse devido à existência de um cruzeiro erguido pelo Padre Theotônio Gomes de Azevedo – e que este se sobreveleceu aos demais. Segundo Vianna (2007, p. 48), rebentou neste lugar uma assoladora epidemia de varíola

que, grassando com intensidade, em pouco reduziu em menos da metade, a população [...] O próprio Padre Theotônio, que era a alma da povoação, no cumprimento de seus deveres sacerdotais, foi vítima do contágio e faleceu [...] A população desanimada, sem recursos para debellar a peste, se deixou invadir pelo terror: abandonou CRUZEIRO e foi procurar FORMIGAS como refúgio. Era o arraial mais próximo e muito se adeantava, parecendo estar reservado ao seu futuro maior sem a soma de prosperidades que aos outros, que pouco ou nada se desenvolviam, maximé pela existência de uma Capela ali erigida, sob a dupla invocação de Nossa Senhora e São José.

Em 13 de outubro de 1831, o arraial de Formigas, depois Arraial de Nossa Senhora da Conceição e, posteriormente, São José de Formigas, foi elevado à categoria de vila, passando a denominar-se Vila de Montes Claros das Formigas, pertencendo à Jurisdição do Serro Frio³⁸. Nessa época, Montes Claros já reunia condições administrativas favoráveis para se desenvolver, consolidando-se em um pólo regional.

Em 3 de julho de 1857, a vila foi elevada à categoria de cidade, mudando de nome, de Montes Claros das Formigas para Montes Claros, pois havia outro município denominado Formigas na província.

A respeito da origem do nome Montes Claros, que, como vimos, era o nome da primitiva fazenda na região de Antonio Gonçalves Figueira, Hermes de Paula acredita que

a ausência constante de nuvens baixas ou cerrações permite que observador alongue a vista indefinidamente em horizonte límpido, onde os **montes** de pouca vegetação e se apresentam sempre **claros**. E em favor de nossa opinião vem a maneira pela qual se enunciava o nome da primitiva fazenda - **Fazenda dos Montes Claros**. (PAULA, 2007, p. 6, grifo do autor)

³⁸ VIANNA, 2007, p. 58.

Montes Claros, assim como as demais cidades do interior mineiro, especificamente no norte de Minas, encontrava-se em situação de isolamento. O comércio foi a razão principal, desde a época do pequeno arraial de Formigas, de seu desenvolvimento em relação às povoações vizinhas.

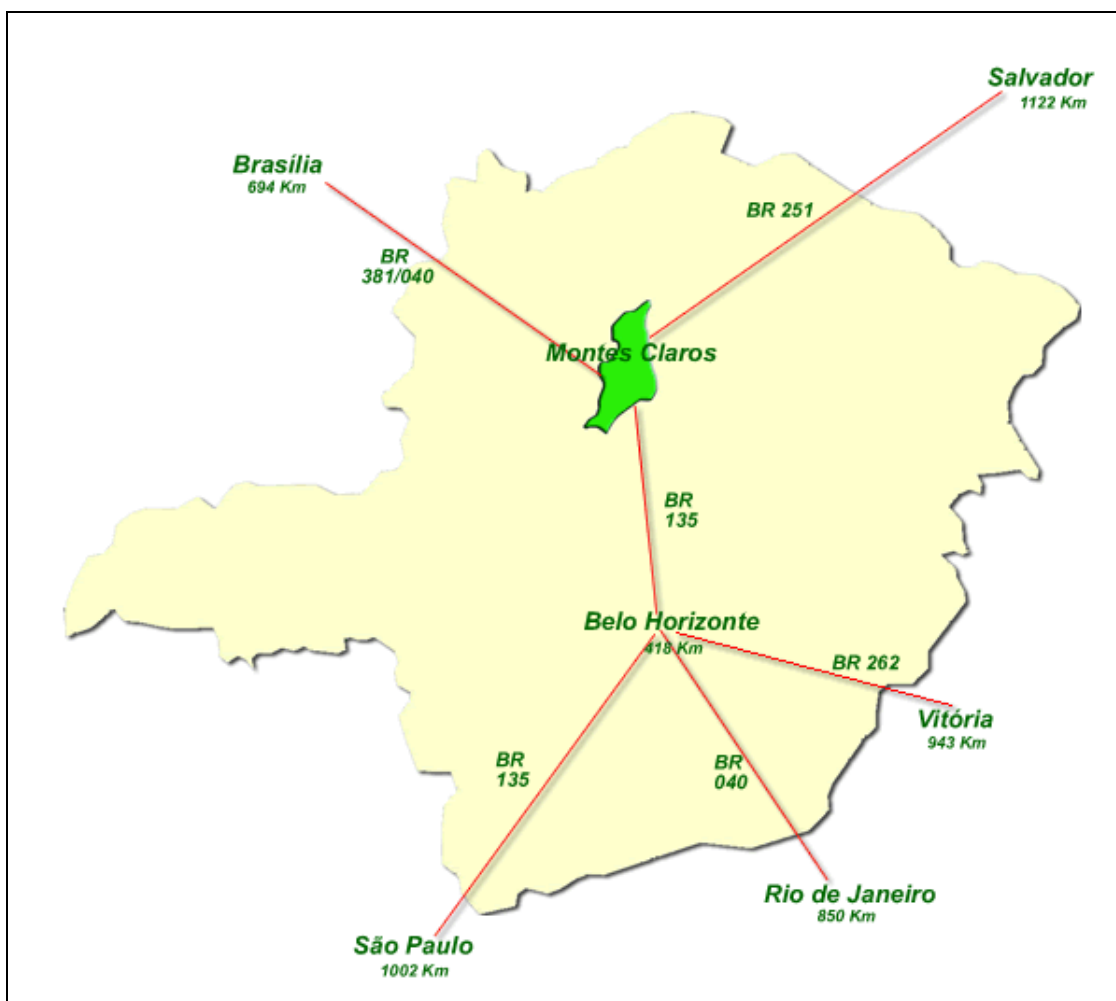
A abertura de caminhos no passado, ligando-a aos demais municípios da região foi um dos fatores que mais contribuíram para assegurar-lhe, hoje, o principal centro urbano do norte de Minas.



FOTO 6 – Igreja do Rosário – Festa Catopês.
Fonte: Acervo pessoal.

Capítulo 3 – Procedimentos Metodológicos

Conforme apontamos na *Introdução* deste trabalho, nossa pesquisa caracteriza-se por realizar um estudo toponímico no município de Montes Claros. Realizamos a análise da toponímia coletada a partir de entrevistas orais, utilizando as fichas toponímicas que são usadas pelo Projeto ATEMIG, adaptadas do modelo de Dick (2004). O mapa a seguir situa a área pesquisada no estado de Minas Gerais e a distância entre as principais capitais do país.



MAPA 12 – Localização do município de Montes Claros.
Fonte: <http://gastronomiaeviagens.blogspot.com>. Acesso em: 17 fev. 2010.

Acreditamos que para a realização de um estudo toponímico de uma determinada região é necessário voltarmos nossa atenção, antes de tudo, à área estudada, resgatando de forma geral a história do município desde o início da ocupação de seu espaço, ou do seu povoamento, até os dias atuais.

Após tecer a história da região e caracterizar seu espaço físico e morfológico, um dos principais motivos para a sua ocupação, propõe-se neste capítulo, descrever os caminhos que percorremos para a constituição do nosso *corpus*, apontando também os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

3.1. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Diferentemente da grande parte dos estudos toponímicos vinculados ao ATB, que utilizam dados da língua escrita, e que, a partir destes, identificam raízes e etimologias dos nomes dos lugares, neste trabalho, assim como na maioria dos trabalhos que estão relacionados ao projeto ATEMIG, adotamos a seguinte metodologia: seguimos o modelo laboviano, isto é, optamos por partir do presente, observando dados de língua falada coletados a partir das entrevistas, em seguida, vamos ao passado, consultando mapas e outros documentos antigos para coletar dados da língua escrita e, finalmente, contrapomos esses dados antigos da língua escrita aos da língua falada contemporânea, e também aos da língua escrita contemporânea (dicionários, enciclopédias, etc.).

Nesta pesquisa, foram seguidas as seguintes etapas para a constituição e análise do *corpus*: 1) pesquisa de campo objetivando a coleta dos topônimos a partir de entrevistas orais; 2) transcrição de relatos dos entrevistados, extraíndo destes os topônimos; 3) consulta à história e à geografia do estado de Minas Gerais, assim como a obras dos memorialistas e historiadores do município, e, ainda, a obras dicionarísticas e livros enciclopédicos; 4) preenchimento das fichas toponímicas, com classificações e análises, seguindo a metodologia de Dick (1990a, 1990b, 2004) e a ficha adaptada e utilizada por Seabra (2004).

3.1.1. A COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica da entrevista gravada. Inicialmente, coletamos os dados da língua falada em oito entrevistas realizadas em alguns distritos do município de Montes Claros em janeiro de 2008. Outras seis entrevistas foram gravadas em fevereiro de 2009, tanto na região rural como na região urbana do município.

Para fazer a gravação, lançamos mão primeiramente um gravador não-digital da marca *Panasonic RN 305*, que utiliza de fita cassete comum, todas com duração de 60 minutos. Na segunda vez que partimos para a região, estávamos munidos de um gravador digital, da marca *Olympus DS 40* capaz de gravar até 34 horas. O tempo para a gravação variou entre 20 minutos e 1h e meia, dependendo da disponibilidade e interesse do

informante. Esses dados estarão disponibilizados futuramente ao projeto ATEMIG em um banco de dados referente à toponímia mineira.

Para Tarallo (1999), a entrevista consiste na interação do pesquisador com o informante. Devemos tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e pela nossa presença como elemento estranho à comunidade. Tarallo (1999, p. 27) aconselha: “procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade.” Com esse objetivo, contactamos os informantes por meio de intermediários, motivo pelo qual às vezes tivemos uma conversação com três ou mais pessoas.

A maioria das entrevistas foi gravada na casa dos informantes, para que eles se sentissem à vontade. Fizemos o possível para manter um ambiente favorável. Não partimos de um questionário previamente estabelecido, pelo contrário, tratamos de fazer uma entrevista mais informal, partindo primeiramente da história daquele local, de suas características físicas e culturais, e, em seguida, perguntávamos sobre os nomes dos lugares e sobre o porquê desses nomes.

3.1.2. A ESCOLHA DOS INFORMANTES

Nos trabalhos de abordagem variacionista, tem-se levado em consideração algumas variáveis sociais, como a idade, o sexo, a classe social e a escolaridade do informante. De acordo com o fenômeno analisado, essas variáveis podem ter maior ou menor relevância no condicionamento de uma determinada variável linguística.

A seleção dos informantes foi feita com o auxílio de duas pessoas nascidas e criadas em Montes Claros que foram intermediadoras entre pesquisadora e informante. Para a seleção do grupo de pessoas que seriam entrevistadas, consideramos os seguintes critérios:

- Ter idade igual ou superior a setenta anos;
- Ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município;
- Ter baixa ou nenhuma escolaridade, preferencialmente.

Acreditamos que com esses requisitos os informantes pudessem manter um perfil que revelaria um léxico mais próximo do vernacular. Como se pode perceber, não utilizamos várias faixas etárias, como sugerem os trabalhos de natureza variacionista, já que não era nosso objetivo observar se há ou não mudança em progresso, mas sim observar possíveis variações, contrastando de um lado as entrevistas contemporâneas, e de outro documentos antigos e contemporâneos.

Dos 14 informantes, dez não concluíram o Ensino Fundamental, um informante iniciou o Ensino Médio, mas não o concluiu, e uma informante concluiu o 2º grau. Os outros

dois não chegaram a frequentar uma escola, apenas receberam aulas de alguma professora contratada pela família para ensiná-los a escrever o nome e a fazer contas.

Quanto à idade, dois dos nossos entrevistados tinham 69 anos e todos os outros estavam acima dessa idade, sendo que dois tinham mais de 90 anos, quatro tinham entre 80 e 85 anos, e seis deles tinham entre 70 e 79 anos.

Na apuração dos dados sobre os informantes, computamos:

➤ Quanto à idade: 14% tinham menos de 70 anos, 43% estavam na faixa etária de 70 a 79 anos, 29% tinham entre 81 e 90 anos; e 14% estavam na faixa etária acima dos 90 anos.

➤ Com relação ao sexo, dos 14 informantes, 04 eram do sexo feminino (29%) e 10 do sexo masculino (71%).

➤ Quanto ao local de realização das 21 entrevistas, 04 (29%) ocorreram na cidade de Montes Claros e 10 (71%) na zona rural da cidade, sendo que, entre os 14 entrevistados, 02 (14%) nasceram na região rural e se mudaram para a cidade já adultos, 09 (65%) nasceram e nunca se mudaram da região rural, 01 (7%) nasceu na cidade e nunca se mudou; 02 (14%) nasceram em outro estado e se mudaram para a região quando ainda eram crianças.

➤ Quanto ao grau de escolaridade, 14% eram analfabetos; 72% não completaram o ensino fundamental; 7% não completaram o ensino médio e 7% terminaram o ensino médio.

➤ Em relação à ocupação profissional, 14% eram agricultores aposentados; 7% donas de casa; 7%, professores rurais aposentados; 72% eram sitiantes ou fazendeiros.

3.1.3. AS TRANSCRIÇÕES

Depois de gravados, os dados obtidos foram transcritos seguindo as regras já estabelecidas pelos projetos *Filologia Bandeirante* e *Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais*, seguidas também por outros pesquisadores do projeto ATEMIG (SEABRA, 2004; SOUZA, 2008; MENEZES, 2009; MENDES, 2009). É importante salientar que não se trata de uma transcrição fonética e sim de uma transcrição ortográfica, já que os objetivos neste trabalho não se restringem somente à observação fonética, mas também à observação do léxico, da sintaxe, etc.

Geralmente, em uma transcrição, ressaltamos informações adicionais presentes no ato da conversação. Para que o texto escrito se pareça com a linguagem oral, ele deverá

contemplar, por meio de símbolos gráficos, sons que os falantes produzem como, por exemplo, ênfases, alongamento de uma vogal, supressão de vogais e sílabas. Entretanto, o texto não deve ser muito sobrecarregado, como sugere Marcuschi (1997, p. 9): “[...] a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados”. Assim, a transcrição deverá tentar facilitar ao leitor a criação de uma “imagem” do texto elaborado no plano da oralidade, mas respeitando sempre o vocábulo mórfico como unidade gráfica e permitindo a compreensão do significado do texto.

Observando essas considerações, no Quadro 1 foram registrados os parâmetros de transcrição seguidos por nossa equipe e ainda os seguintes fenômenos³⁹:

1. A elevação das vogais médias em posição final de palavra. Não foi registrada, por se tratar de um fenômeno recorrente na língua oral. Utilizamos, portanto, para esses casos, a grafia da língua padrão, como em:

nome < nomi

2. Serão registrados:

a) Elevação / abaixamento das pretônicas. Foram grafados como pronunciados:

cimitério < cemitério

futibol < futebol

rulinha < rolinha

b) Vocalização da palatal:

véio < velho

mio < milho

c) Monotongação - /ey/, /ay/ e /ow/. Foram grafados ortograficamente como pronunciados:

otro < outro

cabicera < cabeceira

fazendero < fazendeiro

Obs: A monotongação do ditongo /ow/ no final das formas verbais foi registrada utilizando-se o acento gráfico para indicar a tonicidade da sílaba:

³⁹ Os exemplos citados foram extraídos das entrevistas desse *corpus* (anexo 1).

virô < virou

chegô < chegou

d) Supressão de vogais, consoantes ou de sílabas. Decidiu-se utilizar o apóstrofo para indicar o que foi suprimido:

São Pe' < São Pedro

e) Redução de -inho:

sitiozim < sitiozinho

f) Aférese e prótese. Foram marcadas como pronunciadas:

guenta < aguenta

g) Paragoge:

mile < mil

h) Aglutinação. Foi marcada com apóstrofe:

pr' aqui < pra aqui

i) Desnasalização. Foi marcada com ausência do -m final:

mataro < mataram

j) Variação fonética do /s/

– em posição final de palavra, respeitou-se a pronúncia do informante (casos de concordância):

duzenta < duzentas

perdemo < perdemos

– em posição medial de palavra foi gravada como efetivamente realizada

esmagrece < emagrece

l) Variação fonética do /r/

– em posição final de palavra, utilizou-se o acento gráfico para indicar casos de apócope:

vê < ver

– em posição medial de palavra:

cumpade < cumpadre

m) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* foram grafados como realizados:

e = ele

es = eles

Todas as transcrições das gravações selecionadas para este trabalho encontram-se no anexo 01.

Quadro 1 – Normas adotadas para a transcrição das gravações

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	<i>e a cama ficava na ()</i>
Hipótese do que foi ouvido	(hipótese)	<i>passava na (lata) primero</i>
Truncamento	/	<i>ou ban/é... benzezeiras...</i>
Interrogação	?	<i>e o seu pai lá?</i>
Qualquer pausa	...	<i>é uma lenda...</i>
Comentários descritivos do transcritor	((comentários))	((risos))
Superposição, simultaneidade de vozes	{	<i>{ele votô contra {era vereadô {foi contra? {o pai da ignorância</i>
Discurso direto	“ ”	<i>“é impossível expulsá-lo com orações”</i>
Supressão de diferentes segmentos sonoros	[]	<i>ma[i]ó sessen[ta]</i>
Corte na transcrição	(...)	<i>abastecê os ... (...)</i>
Entonação enfática	Maiúscula	<i>“O DIA EM QUE UM DEFUNTO RESSUSSITOU”</i>
Prolongamento de vogal e consoante	: podendo aumentar para ::: ou mais	<i>é:::</i>

Com as transcrições em mãos, partimos para o preenchimento das fichas lexicográficas.

3.2. FICHAS LEXICOGRÁFICAS

O modelo utilizado nesta pesquisa, assim como nos outros trabalhos do ATB, foi o proposto por Dick (1990a) e submetido a pequenas adaptações por Seabra (2004). Este modelo tenta agrupar dados importantes que abrangem, desde a forma como cada topônimo foi encontrado nos documentos, sua classificação taxionímica e o município onde ele foi encontrado, até o contexto no qual ele aparece e as informações enciclopédicas sobre os dados.

Abaixo apresentamos cada campo que constitui a ficha lexicográfica com suas respectivas explicações:

TOPÔNIMO:	TAXIONOMIA:
MUNICÍPIO:	
ACIDENTE:	
ORIGEM:	
HISTÓRICO:	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
CONTEXTO:	

FIGURA 3 – Ficha lexicográfica.

TOPÔNIMO: Corresponde ao registro do nome de lugar coletado em entrevistas orais, comprovado ou não, posteriormente, em cartas geográficas ou documentos escritos. Com relação à forma apresentada, optamos por apresentar todas as formas encontradas com suas respectivas frequências, privilegiando a modalidade falada contemporânea.

TAXIONOMIA: Com o objetivo de facilitar o estudo das causas motivadoras dos nomes de lugares, Dick (1990a) propõe um modelo taxionômico. Seguindo esse modelo, temos dois grandes grupos: os topônimos de natureza física e os de natureza antropocultural. As taxes utilizadas nesse campo são:

1. Taxionomias de natureza física

Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes, com ou sem luz própria.

Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral.

Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Exemplo: *Rio Verde Grande*.

Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, dimensão, profundidade e altura.

Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal, espontânea em sua individualidade, em conjunto da mesma espécie, ou de espécies diferentes, além de formações não espontâneas individuais, e em conjunto, como, por exemplo, *Fazenda Camarinhas*, *Fazenda Cana-brava*.

Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas, seja no sentido de elevações ou de depressões, o que permite que se observem etapas sucessivas do povoamento brasileiro. Exemplos: *Baixão*, *Barreira*.

Hidrotopônimos: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Exemplos: *Córrego Água Limpa*, *Serra Iguicho*.

Litotopônimos: topônimos de índole mineral relativo também à constituição do solo. Exemplo: *Pedra Preta*.

Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos produzidos na atmosfera terrestre.

Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de forma geométrica.

Zootopônimos: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos e não domésticos. Exemplos: *Vaca Morta*, *Formigas*, *Carrapato*.

2. Taxionomias de natureza antropocultural

Animotopônimo ou Nootopônimo: topônimos relativos à vida psíquica e cultura espiritual. Exemplo: *Solidão*.

Antropotopônimos: nomes de lugares constituídos a partir de prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, ou pelo conjunto onomástico completo. Exemplos: *Rio de Altino*, *Fazenda Antonio da Rocha*.

Axiotopônimos: antropotopônimos acrescidos de um título.

Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidade, estado, país, regiões e continentes. Exemplo: *Califórnia*.

Cronotopônimos: indicadores cronológicos representados em Toponímia pelos adjetivos *novo, nova, velho, velha*.

Dirrematotopônimo: topônimos constituídos por sintagmas toponímicos ou expressões cristalizadas, ou seja, sintagmas semantizados. Exemplo: *Mundo Novo*.

Ecotopônimos: nomes relativos à habitação em geral. Exemplos: *casa, sobrado*, etc.

Ergotopônimos: elementos da cultura material do homem. Exemplo: *Rio Canoas, Córrego da Cerquinha*.

Etnotopônimos: topônimos relativos a grupos étnicos, tribos isoladas ou não.

Hierotopônimos: toponímia de origem religiosa, isto é, os nomes sagrados de diferentes crenças, locais de culto, membros religiosos, associações religiosas e datas relativas a esses fatos. Exemplo: *Morro Bom Jesus*.

Apresenta duas divisões:

– Hagiotopônimos: nomes de santos e santas da religião católica romana. Exemplos: *Santa Clara, Santa Marta, São Lamberto*.

– Mitotopônimos: topônimos referentes ou que recordam entidades mitológicas.

Historiotopônimos: topônimos ditos históricos, que relembram a história do país, personagens e datas.

Hodotopônimos: relativos aos caminhos, às vias de comunicação rural e urbana. Exemplo: *Rio da Ponte*.

Numerotopônimos: topônimos relativos a adjetivos e numerais.

Poliotopônimos: referem-se aos aglomerados populacionais, tais como vilas, cidades, aldeias, povoados, etc. Exemplo: *Distrito de Vila Nova de Minas*.

Sociotopônimos: referem-se às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de reunião de um grupo como *praça, largo*, etc. DICK (1990a) inclui entre eles também as ocorrências relativas a *catas, lavras, garimpo, lavagem, engenho, monjolo*. Exemplo: *Mucambo do Tolme, Mucambo Firme*.

Somatotopônimos: topônimos dotados de caráter metafórico e que têm seus nomes interpretados como designativos em relação analógica às partes do corpo humano ou do animal.

MUNICÍPIO: Indica o município no qual a localidade a que o topônimo se refere está localizada.

ACIDENTE: Neste campo é indicada qual a relação existente entre o nome e o lugar, dividindo-se em acidentes físicos ou humanos. Aos primeiros está relacionada a geografia da região, ou seja, córregos, rios, morros, serras. Nos acidentes humanos, incluímos aqueles lugares habitados pelo homem, ou mesmo as construções por ele realizadas: cidades, povoados, sítios, fazendas, pontes.

ORIGEM: Indica a procedência do topônimo. A partir dos dados extraídos no campo ‘Informações enciclopédicas’, classificamos cada topônimo com relação à sua origem linguística, podendo ser:

Português: Inserem-se aqui nomes procedentes de Portugal, que pertencem hoje à língua portuguesa mantendo a mesma significação.

Africana: Aqueles cuja origem remete ao continente africano, como, por exemplo, o topônimo *Bengo*.

Indígena: São classificados como indígenas aqueles vocábulos cuja origem leva a uma interpretação que remete, por exemplo, a povos indígenas como os pré-colombianos ou o indígena tupi. Exemplos: *Buriti*, *Jequitaiá*.

Hibridismo: Formados por duas ou mais línguas, como, por exemplo, indígena e portuguesa (*Furado de Goiabeira*), ou portuguesa e africana (*Mucambo Firme*).

N/e (não encontrado): Quando não se teve certeza sobre a origem do topônimo ou não foram encontradas informações suficientes para classificá-lo. Exemplo: *Canaci*.

Marcamos ainda o sinal * quando houve hipótese sobre uma provável origem: Antonio da Rocha: latim (*Antonius*) > português + francês* (*Rocha*) > toponímico português.

HISTÓRICO: Insere-se nesse campo a evolução histórica do topônimo, quando esta ocorre, baseando-se nas informações encontradas nos documentos antigos, podendo ser:

a) Substituição total de um topônimo por outro, quando esta tiver ocorrido: *Veados* > *Nova Esperança*.

b) A substituição parcial do topônimo:

➤ por redução: *Montes Claros de Formigas* > *Montes Claros*.

➤ por expansão: *Santa Rosa* > *Santa Rosa de Lima*.

c) A alternância grafemática e a evolução fônica do topônimo analisado, quando esta tiver ocorrido: *Pacuhy* > *Pacuhi* > *Pacuí*.

d) Variação grafemática / ortográfica: *Jequitaiá* ~ *Jequitahy* ~ *Gequitahy*.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos. Optou-se por descrever apenas a pronúncia que difere da língua padrão como uma tentativa de ser fiel à fala local. Os topônimos foram agrupados em esquemas ou estruturas morfossintáticas, relacionados abaixo:

1) Para nomes simples:

a) N_m [S_{sing}] = Nome masculino [Substantivo singular]: *Bananal*.

b) N_m [S_{pl}] = Nome masculino [Substantivo plural]: *Barreros*.

c) N_f [S_{sing}] = Nome feminino [Substantivo singular]: *Barreira*.

d) N_f [S_{pl}] = Nome feminino [Substantivo plural]: *Camarinhas*.

2) Para nomes compostos:

2.1. Masculinos:

a) NC_m [S_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Antônio Maia*.

b) NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Monte Alto*

c) NC_m [S_{pl} + ADJ_{pl}] = Nome Composto masculino [Substantivo plural + Adjetivo plural]: *Montes Claros*.

d) NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Bom Jesus*.

e) NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Furado de Goiabeira*.

f) NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Barrero do Jirau*.

g) NC_m [S_{pl} + {Prep + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo plural + {Preposição + Substantivo singular}]: *Olhos d'Água*.

h) NC_m [S_{pl} + {Prep + ADJ_{sing} + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo plural + {Preposição + Adjetivo singular + Substantivo singular}]: *Morrinhos de Santa Cruz*.

i) NC_m [S_{sing} + {Prep + ADV}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Advérbio}]: *Rio de Fora*.

j) NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *São João da Vereda*.

k) NC_m [ADJ_{sing} + ADJ_{sing}] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Adjetivo singular]: *Verde Grande*.

2.2. Femininos:

a) NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Água Limpa*.

b) NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Nova Esperança*.

c) NC_f [Qv + S_{sing}] = Nome Composto feminino [Qualificativo⁴⁰ + prenome]: *Dona Bela*

d) NC_f [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Lagoa do Peixe*.

e) NC_f [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing} + ADJ_{sing}}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular + Adjetivo singular}]: *Aparecida do Mundo Novo*.

f) NC_f [S_{sing} + {Prep + S_{sing} + S_{sing}}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular + Substantivo singular}]: *Cana-brava de Manoel Vicente*.

g) NC_f [S_{sing} + {Prep + A_{pl} + S_{pl}}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural + Substantivo plural}]: *Cana-brava dos Maias*.

⁴⁰ Utilizo-me da nomenclatura proposta por Prado Mendes (2000, p. 86), que optou pela designação *Qualificativo* (Qv) para se referir, em seu trabalho, a títulos honoríficos.

h) NCf [Ssing + {Prep + Spl}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo plural}]: *Vila Nova de Minas*.

i) NCf [ADJ_{sing} + Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Santa Rosa de Lima*.

No caso de o vocábulo analisado ser um antropotopônimo – classificação dada ao “nome de lugar” constituído a partir de designativos pessoais –, acrescentou-se a classificação:

- *Prenome* para nome da pessoa: *Altino*.
- *Apelido de família* para sobrenome: *Antônio Maia*.
- *Alcunha* para apelido, podendo ser depreciativo ou não: *Dona Bela*.
- *Hipocorístico* para tratamento familiar carinhoso: *Juquinha*.

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Neste campo, foram registradas informações sobre o topônimo em questão, baseando-se nas seguintes obras:

Vocabulário Portuguez e Latino, de Raphael Bluteau;

Diccionario da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva;

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, de Antônio Houaiss.

Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado;

Aurélio Eletrônico, dicionário baseado na edição impressa do *Novo Dicionário Aurélio*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira;

Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi, de Antônio Geraldo da Cunha;

Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha;

Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro, de Yeda Pessoa de Castro;

Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes, de Rosario Farani Mansur Guérios;

Vocabulário tupi-guarani português, de Francisco da Silveira Bueno;

Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais, de Waldemar de Almeida Barbosa;

Dicionário da Terra e da Gente do Brasil, de Bernardino José de Souza.

Essas informações embasam a classificação sobre a origem, sobre a estrutura morfológica e a Taxionomia.

CONTEXTO: Neste campo citamos os vários contextos, tanto oral como escrito, onde foram encontrados os topônimos, podendo ser:

- trechos de entrevistas;
- documentos antigos, como cartas geográficas, mapas antigos, documentos cartoriais e escrituras.

Quando não foi possível encontrar registros em documentos antigos, citamos cartas contemporâneas, com datação a partir de 1973, ou ainda a abreviação *n/e* (não encontrado).

Após preenchimento das fichas e realização de análises quantitativas e qualitativas, apresentamos os dados linguísticos por meio de esboço de cartas toponímicas.

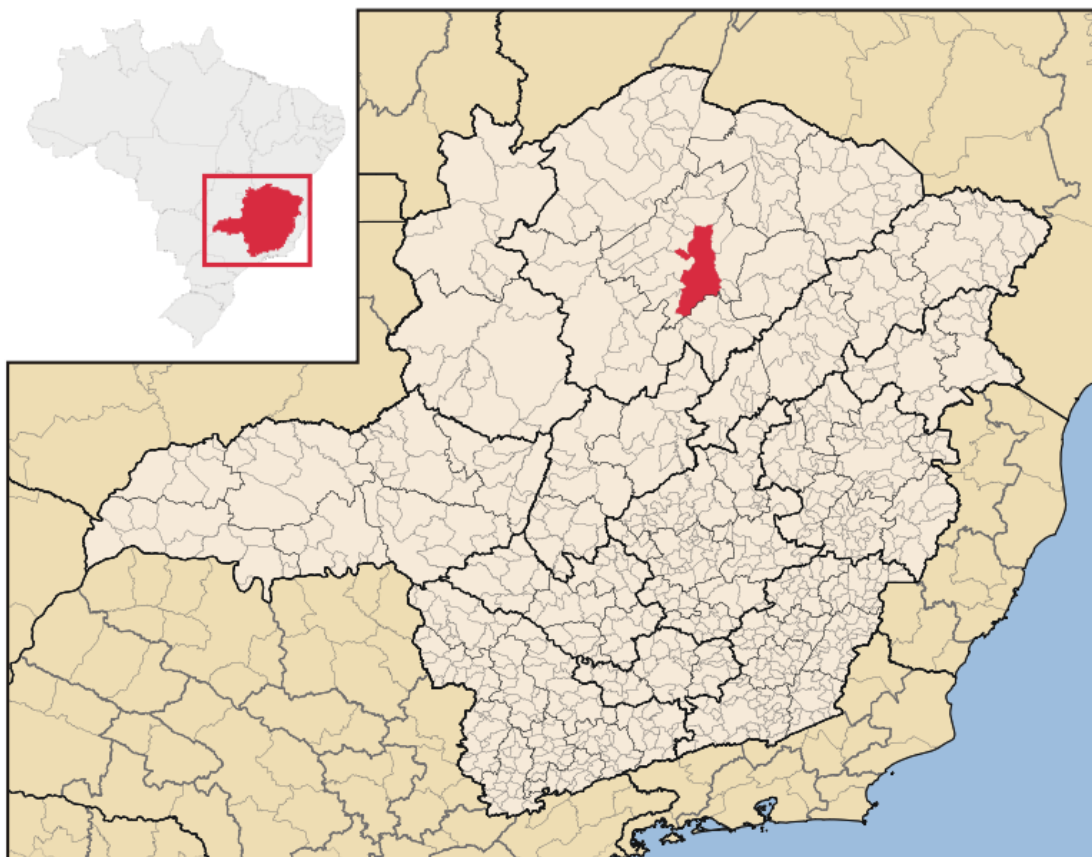
No capítulo 4, a seguir, apresentamos o *corpus* desta pesquisa.



FOTO 7 – Mercado, século XIX – Montes Claros/ MG.
Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros.

Capítulo 4 – Apresentação e análise dos dados

Conforme já apresentado no capítulo 3, nossa pesquisa se desenvolve no município de Montes Claros, região norte de Minas. O mapa, apresentado a seguir, situa e destaca o município onde realizamos a pesquisa de campo para a coleta de dados.



MAPA 13 – Localização do município de Montes Claros.

Fonte: Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Montes_Claros.>. Acesso em: 17 jan. 2010.

Os topônimos coletados em entrevistas orais, realizadas na área acima descrita, são, neste capítulo, apresentados para fins de sistematização e análise, apresentados em fichas, conforme Seabra (2004) que, por sua vez, embasou-se em Dick (1990a). São 156 topônimos, apresentados em ordem alfabética, transcritos conforme mostram as regras, já citadas, em 3.1.3.

São, também, especificados no capítulo 3, em 3.2, os campos dos quais as fichas se compõem. No campo “contexto”, utilizamos parte das entrevistas, que se encontram, na íntegra, para consulta, no CD-ROM, anexo a este volume.

Passemos à apresentação e análise dos topônimos:

(01) Topônimo: ÁGUA LIMPA

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ córrego

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 1, p. 171) registra o termo “agoa”: “fluido”, “frio”, “claro”, e “transparente”. Em Moraes (1823, v. 1, p. 68), *água* é o “corpo líquido, transparente, sem gosto, cheiro, ou sabor, de que usamos para beber, lavar. Talvez impregnado de sais e outras matérias heterogêneas como água do mar [...]”. Segundo Machado (1984, p. 62) o topônimo *água* é muito frequente, sobretudo em compostos, “Água Alta, Água Boa, Água Branca, Olho de Água [...]”.

“Com a palavra ‘agua’ muitos locais mineiros se compuseram, dentro da nossa língua, segundo o falar brasileiro. Assim ‘Água Doce’ (ribeirão e sítio, em Paracatu); ‘Água Clara’ (município de Bonfim); ‘Água Limpa’ (no município de Juiz de Fora); ‘Água Rosa’ (vereda no município da Vila de João Pinheiro) etc.” (SENNA, 1926, p. 197)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *passando em Aparecida do Mundo Novo... aí ele... ele tem um nome até Aparecida... Água Limpa... né?... esse... esse rio* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 02, l. 35-36)

➤ **Documento escrito:**

Água Limpa – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Água Limpa – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(02) Topônimo: ALTINO

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim (*Altinus*) > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [prenome]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Machado (1984, p. 112) o topônimo *Altino*, deriva do latim, *Altinum*, cidade da Venécia. Também Mansur Guérios (1994, p. 61), se apoia nessa definição, “da cidade de Altino (lat. *Altinus*) em Venécia”.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: e esse aqui a gente fala rio da Ponte PESQUISADORA: rio da Ponte?

INFORMANTE 2: é... e o outro lá é de Altino e de Joaquim Ribeiro (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 44, l. 144-146)

➤ Documento escrito: n/e**(03) Topônimo: ALTINO****Taxionomia: Antropotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** físico/ cachoeira**ORIGEM:** latim (*Altinus*) > português (Cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N_m [prenome]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** “Cidade de Italia no estado de Veneza entre Padua, e Concordia. Foi destruída por Attila Rey dos Hunnos.” (BLUTEAU, 1712, p. 289).**CONTEXTO:****➤ Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: como que é o nome da cachoeira? INFORMANTE 3: {ela era uma pessoa bem mais de idade INFORMANTE 2: {Cachoeira de Altino PESQUISADORA: {Cachoeira de Altino (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 44, l. 152-155)

➤ Documento escrito: n/e**(04) Topônimo: ANTÔNIO DA ROCHA****Taxionomia: Antropotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ fazenda**ORIGEM:** latim (*Antonius*) > português + francês* (*Rocha*) > toponímico português**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC_m [prenome + {Prep. + A_{sing} + apelido de família}]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Machado (1984, p. 144) afirma não conhecer exemplos na toponímia, “a não ser Santo António, rua e quinta em Oeiras”.

Ainda para Machado (*Ibid*, p. 1268), o topônimo *Rocha*, do substantivo feminino *rocha*, é frequente em Portugal e na Galiza.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: es quase num tinha, num usava botá nome nas fazenda não... fazenda de Antônio da Rocha, de Ataíde, de, de Rocha... aí num botava nome nas fazenda não... nome mesmo era do popietário (Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – p. 55, l. 42-43)

➤ **Documento escrito:** n/e

(05) Topônimo: *ANTÔNIO MAIA*

Taxionomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim (*Antonius*) > português + latim (*Maia*) > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Machado (1984, p. 144) afirma não conhecer exemplos na toponímia, “a não ser Santo António, rua e quinta em Oeiras”.

Ainda segundo o autor (1984, p. 923), o topônimo *Maia*, concebido no distrito do Porto, tem origem obscura, certamente pré-romana, “talvez de uma forma *Ammaia*, donde *Amaee* em 915 (*Dipl.*, p. 12), *Amaia*, em 1009 (*id.*, p. 128), *Amaya* em 1075 (*id.*, p.509). [...] O uso da preposição *de* trouxe *dAmaia*, depois entendido como *da Maia*, com a conseqüente independência desta última forma, já atestável em 1097 (*Dipl.*, p. 512).” Também Mansur Guérios (1994, p. 223), “sobr. port. top., primit. *Amaia*, e, com a prepos. *de*, *de Amaia* se fez *da Maia*.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: além dessa fazenda aqui é a fazenda de Juatuba de Luis Maia que já morreu, tem muito tempo *PESQUISADORA:* Luis Maia? *INFORMANTE:* tinha de *Antônio Maia* pur aqui também... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 89, l. 65-68)

➤ **Documento escrito:** n/e

(06) Topônimo: *APARECIDA DO MUNDO NOVO*
~ *APARECIDA*

Taxionomia: *Hierotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: português (origem religiosa) + latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Mundo Novo > (Nossa Senhora) Aparecida do Mundo Novo > Aparecida do Mundo Novo > Aparecida

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_f [prenome + {Prep + A_{sing} + S_{sing} + ADJ_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo uma lenda brasileira, “no século XVIII, vários pescadores, entre os quais um de nome João Alves, foram incumbidos de pescar para um banquete de um figurão e lançavam improficuamente as redes ao rio Paraíba. Desanimavam já, quando um deles suspendeu em sua rede a cabeça de uma imagem. Desde esse momento a pescaria ficou abundante. Deu-se à imagem o nome de N. S. Aparecida>>., segundo Nascentes, II. (MACHADO, 1984, p. 145)

Bluteau (1712, p. 632) define *mundo* como: “o universo, ou tudo que consta no Ceu, e terra, com creaturas espirituas, e corporaes, racionaes, e irracionaes, astros, elementos, mixtos.” Do latim *mūndus*. (CUNHA, 1986, p. 539)

Para Bluteau (1712, v. 5, p.769) *novo* é “coisa feita de pouco tempo”. Moraes (1813, v. 2, p. 350) acrescenta: “oposto a antigo, velho”.

Do latim *nōvus*. (CUNHA, 1986, p. 553)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: passando em Aparecida do Mundo Novo... aí ele... ele tem um nome até Aparecida... Água Limpa... né?... esse... esse rio PESQUISADORA: e chama Água Limpa lá?... INFORMANTE: é... e logo depois de Aparecida ele recebe outro... esse ... Aparecida do Mundo Novo é um... é um distrito também de Montes Claros (Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – p. 01, l. 35-39)

➤ **Documento escrito:**

Aparecida do Mundo Novo – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(07) Topônimo: ATAÍDE ~ JOÃO ATAÍDE

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: germânico (**Athanagild*) > toponímico português ~ hebraico (*Iehohanan*) > latim > português + germânico (**Athanagild*) > toponímico português

HISTÓRICO: João Ataíde > Ataíde

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [prenome] ~ NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Mansur Guérios (1994, p. 76), “sobr. port. top. Em docs.: *Ataide* e *Ateide*. prov. o mesmo que *Taíde*, *Tagilde*, deriv. do germ. **Athanagild*, v. *Atanagildo*. Para J. Piel, do gót. *Atta*, “pai” *ehildis*, “luta”. Também Machado (1984, p.181), ainda não está bem esclarecida a origem do vocábulo *Ataíde*; “*Piel* supõe-na no gótico *Atta*, <<pai>>, e **hildis*, <<luta>>.”

O nome *João* é proveniente do hebraico *Iehohanan*, *Iohanan*, “Javé (*Ioho*) é (cheio) de graças (*hanan*)”. Ou “Javé é misericordioso. (*Ibid*, p. 199)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: as maiores fazenda era de João Ataíde PESQUISADORA: João Ataíde INFORMANTE: João Ataíde e o pai e a dona Ataíde (Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – p. 95, l. 331-333)

INFORMANTE: es quase num tinha, num usava botá nome nas fazenda não... fazenda de Antônio da Rocha, de Ataíde, de, de Rocha... aí num botava nome nas fazenda não... nome mesmo era do popietário (Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – p. 89, l. 42-43)

➤ **Documento escrito:** n/e

(08) Topônimo: **BAIXÃO**

Taxionomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Souza (2004, p. 23), o mesmo que baixadão. O termo é muito usado no oeste da Bahia e no Piauí. Também Houaiss (1999, p. 381), o mesmo que baixadão, prov. infl. do aum. hom. *baixão*, de *baixo* + *ão*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*PESQUISADOR 2: aí beleza... levaro ele, num tinha caixão... “no exato momento em que os homens é... pegaro a rede para dar início ao cortejo fúnebre, até o **Baixão**” **Baixão** é aonde?*
*INFORMANTE: **Baixão** é ali aonde tá o... cimitério (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 24, l. 512-514)*

➤ **Documento escrito:** n/e

(09) Topônimo: **BANANAL**

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ cachoeira

ORIGEM: hibridismo (*africana** + *-al*)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Jacques Raimundo (1933, p. 105) mostra que *banana* é um vocábulo que gera bastantes controvérsias quanto a sua origem, entretanto, reconhece o mesmo como de origem africana. Já Senna (1926, p. 234-235) aponta o vocábulo como de origem índico-asiática, transplantado para a África: “Em Minas, todos os toponymos derivados desta palavra e planta índico-asiática transplantadas do Oriente para o continente negro e dahi vindas para o Brasil por intermédio do trafego com a costa africana de Oéste (Atlantico), são bastantes communs, havendo povoações, fazendas, rios, sitios e logares conhecidos com o nome de *Bananal* e de Bananeiras. [...] *Banâna* já é reputado nome africano affeição pela língua congaleza, si bem que na America já era conhecida a planta. [...] O nome indígena de ‘banâna’ é *pavoca* ou *pacoba* (do tupi *pac-òba*, a ‘folha que se enrola’) [...] *Banana*, bananeira, bananinha, bananaço, bananica, bananice, bananona, banazóia, bananudo, abananado... são termos derivados do mesmo nome – *banâna* – na linguagem do nosso povo brasileiro”.

Ferreira (2004) assim define *bananal*: “quantidade mais ou menos considerável de bananeiras dispostas proximamente entre si”.

Machado (1984, p. 211), o topônimo *bananal* do substantivo coletivo, “no Brasil, ilha do rio Araguaia e cidade de São Paulo”.

CONTEXTO:**➤Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: lá é cachoeira mesmo, cachoeira **Bananal** PESQUISADORA: **Bananal?**
 INFORMANTE: é... cachoeira **Bananal** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 98-100)*

➤Documento escrito: n/e**(10) Topônimo: BARREIRA****Taxionomia: Geomorfotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ localidade**ORIGEM:** português**HISTÓRICO:** Barreiras > Barreira**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Machado (1984, p. 221), o topônimo *Barreira*, do substantivo feminino *barreira*, “é muito freqüente, em Portugal como na Galiza (no Brasil, cidade do estado da Baía), assim como o pl., *Barreiras*. O top. tornou-se apel., o mesmo tendo acontecido com o segundo.” Acrescenta, “será difícil averiguar quais topônimos em que inicialmente o s.f. significava <<estacada, obstáculo>>, <<lugar donde se tira barro>> ou <<fonte perene de águas minerais; bebeduro>>.”

Em Souza (2004), “fonte perene de águas minerais”.

CONTEXTO:**➤Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: olha a empresa é uma só mas es têm acho que quatro ônibus trabalha, deve tê hoje cinco ônibus mas que atende essa região, que atende até aqui Samambaia, tem outro que atende até **Barreira**, e outro pra cá pra Tabuas... então trabaia aí praticamente três ônibus, mas ele tem uns cinco* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 77, l. 185-187)

➤Documento escrito:

Barreiras – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Barreiras – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(11) Topônimo: BARRERO**Taxionomia: Geomorfotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ distrito**ORIGEM:** português**HISTÓRICO:** Barreiro > Barrero**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 2, p. 52), com relação a *barreiro*, informa que “assim foi chamado um lugar de Roma, em que havia muito barro” e também a “barreira de tirar barro”, mesmo significado apresentado por Moraes (1813, v. 1, p. 266). Segundo Machado (1984, p. 221), do substantivo masculino *barreiro*, <<lugar onde se tira barro>>, <<terra alagada>>.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: [...] *é como aqui... aqui chamava Barrero... aí depois é que eles pusero nome Barrero e Morro... depois que Filozão chegô aqui, dono dessas terra aqui, eles pusero nome aqui Bengo... mas num aceitaro... ele comprô uma santa desse tamanho com o nome de Santa Rosa e pôs na igreja e pôs nome de Santa Rosa de Lima* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 42, l. 36-38)

➤ **Documento escrito:** n/e

(12) Topônimo: BARRERO DO JIRAU

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: hibridismo (português + tupi)

HISTÓRICO: Barreiro do Jirau > Barrero do Jirau

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Ferreira (2004), *barreiro* pode ser a “eflorescência salino-salitrosa dos terrenos baixos do vale do rio São Francisco, ou de mata, muito procurada pelo gado e outros animais, que vão lambar a terra por causa do sal”.

A respeito de *jirau*, segundo Teodoro Sampaio, “corrutela de *yi-ráu* – suspenso d’água. (SOUZA, 2004, p. 180). Também era grafado – girao, jurá, jurau. Significa armação de varas sobre estacas ou forquilhas que serve para leito dos matutos ou para depósito de mantimentos e objetos nas casas sertanejas.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *onde meu vô morava, era do otro lado que era Santa Rosa... PESQUISADOR 2: é o nome da fazenda? INFORMANTE: é... INFORMANTE 3: é porque o, o, é, Santa Rosa era lá... de lá aqui eles já chamava Barrero do Jirau* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 43, l. 76-79)

➤ **Documento escrito:** n/e

(13) Topônimo: BARREROS ~ BARRERO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: português

HISTÓRICO: Barreiros > Barreros > Barrero

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Machado (1984, p. 221) afirma que o topônimo *Barreiros* assim como *Barreiro* é muito freqüente em Portugal e na Galiza.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: [...] tem mais povoado aí pur aí... tem **Barreros**, tem Vila Nova de Minas, tem PESQUISADORA: **Barreros** fica pra onde? INFORMANTE: fica perto pra lá, prus povoado pra lá né, agora aqui eu acho que é o último PESQUISADORA: ((risos)) então tá antes então INFORMANTE: han? PESQUISADORA: **Barreros** tá antes INFORMANTE: **Barrero** é pra lá, eu num conheço **Barrero** não, é pra lá... pro lado de Santa Rosa (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 87, l. 135-142)*

➤ **Documento escrito:** n/e

(14) Topônimo: **BARRIGUDA**

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ campo

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Houaiss (1999, p. 408), designação comum a algumas árvores da fam. das bombacáceas, de tronco grosso e ventruado pela grande quantidade de água que armazena. Fem. substv. de *barrigudo*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: ali é Carrapato pur causa que tem, que tem a ponte né, mas ele é rio do Viera... ele vem daqui de cima do, do, do, do Palmito, aqui da **Barriguda**, aqui no finado (barba), ele passa ali... ele passa ali, vai formando, passa de baixo da, da, passa de baixo duma serra (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 59, l. 24-25)*

➤ **Documento escrito:** n/e

(15) Topônimo: **BASTIÃO PONTE**

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: grego > latim > português + português toponímico

HISTÓRICO: Sebastião Ponte > Bastião Ponte

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Sebastião*, nome proveniente do latim *Sebastianus*, do grego *Sebastianós*, segundo Mansur Guérios (1994, p. 297), forma ampliada de *Sebastós*: “augusto, magnífico, venerável”.

Já *Ponte*, é sobrenome português toponímico, segundo o mesmo autor.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *aqui tem... Joãzinho (Fagundes) ali... aqui, é... antigamente era de Bastião Ponte... Bastião Ponte já foi pro Japão, e tudo... agora tá aí... agora é Fernando né? qué dizê, Fernando tá aí mandando (mas não vem)... os trem tudo aí, ó... tem Zé barbosa ali do outro lado do rio... do outro lado, do lado sinhô aí... do lado direito tem (Joãozinho) Fagundes... tem os Fonseca... Zé, Tonho, (), Fonseca... tudo pra'qui abaixo...* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 05 – p. 35, l. 25-28)

➤ **Documento escrito:** n/e

(16) Topônimo: BASTIÃO PONTE

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ serra

ORIGEM: grego > latim > português + português toponímico

HISTÓRICO: Sebastião Ponte > Bastião Ponte

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Sebastião*, nome proveniente do latim *Sebastianus*, do grego *Sebastianós*, segundo Mansur Guérios (1994, p. 297), forma ampliada de *Sebastós*: “augusto, magnífico, venerável”.

Já *Ponte*, é sobrenome português toponímico, segundo o mesmo autor.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: *essa serrinha aqui pai, em cima do campo aí... TERCEIRO: tem nome? INFORMANTE: Bastião Ponte... INFORMANTE 2: é Sebastião Ponte... INFORMANTE: chama Bastião Ponte... era o... o home daqui antigamente, né? eu num conheci Bastião Ponte não... () cê chega lá inriba e tem vontade de ficá é lá inriba... ((risos))* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 05 – p. 37, l. 145-150)

➤ **Documento escrito:** n/e

(17) Topônimo: BERA

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: incerta

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_f [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 2, p. 87), apresenta *Beira* como uma “província portuguesa entre o Mondego e o Douro”. Em Moraes (1813, v. 1, p. 274) *beira* é descrita como “borda, ribanceira, do mar, do rio: margem [...]”. Segundo Machado (1984, p.232) *Beira* é um topônimo em “três províncias de Portugal; cidade de Moçambique; localidade do Maranhão (Brasil). A noção da unidade regional que se entende genericamente por *Beira* talvez tenha aparecido em fins do século XII, após a fundação dos castelos e concelhos da Guarda, Covilhã e limítrofes.” Ferreira (2004) define *beira* como: “borda, margem, orla”. Segundo Cunha (1986, p. 104), de origem incerta, talvez redução de *ribeira* que, por etimologia popular, teria sido interpretada como *rio + beira* (beira do rio) ou, talvez, como *re + beira*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: seu tio, foi um grande político também () eu já votei naquele home
INFORMANTE 2: a Bera também pertencia a essa região pai? INFORMANTE: a Bera é ali... é... uma parte... a Bera era do Jaime Rabelo né? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 76, l. 149-151)

➤ **Documento escrito:** n/e

(18) Topônimo: BENGÓ

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: africana (banto)

HISTÓRICO: Barreiro > Morro > Bengo > Santa Rosa de Lima

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Pessoa de Castro (2001, p. 173) aponta três acepções para esse vocábulo: “1. Espécie de capim [...] quicongo *mbengu*. 2. preá, espécie comestível [...] quicongo *mbengi/ quimbundo dibengu* 3. viela; designação depreciativa de ruas estreitas e tortuosas, caminhos escuros, quase intransitáveis; vendola, lugar ou estabelecimento mal freqüentado [...] quicongo/ quimbundo *mbengo, mbungu*”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: [...] é como aqui... aqui chamava Barrero... aí depois é que eles pusero nome Barrero e Morro... depois que Filozão chegô aqui, dono dessas terra aqui, eles pusero nome aqui Bengo... mas num aceitaro... ele comprô uma santa desse tamanho com o nome de Santa Rosa e pôs na igreja e pôs nome de Santa Rosa de Lima (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 42, l. 36-38)

➤ **Documento escrito:** n/e

(19) Topônimo: BENGÓ

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: africana

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Pessoa de Castro (2001, p. 173) aponta três acepções para esse vocábulo: “1. Espécie de capim [...] quicongo *mbengu*. 2. preá, espécie comestível [...] quicongo *mbengi*/ quimbundo *dibengu* 3. viela; designação depreciativa de ruas estreitas e tortuosas, caminhos escuros, quase intransitáveis; vendola, lugar ou estabelecimento mal freqüentado [...] quicongo/ quimbundo *mbengo, mbungu*”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: lá chama Brejão, pra cá poquinho chama Bengo, pra lá do Brejão é Canabrava... depois de Canabrava vai pra lá ni Samambaia, aquele otro lá é Poço Novo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 88, l. 162-163)

➤ **Documento escrito:** n/e

(20) Topônimo: BICO DA PEDRA

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ barragem

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Moraes (1813, v. 1, p. 281) apresenta vários significados para o vocábulo *bico*, dentre os quais, “dizemos o bico do pé, do peito da mulher, do dedo; por a extremidades destes membros”.

Pedra é, segundo Bluteau (1712, v. 6, p. 349), “um corpo solido e duro que se cria na terra”. Moraes (1813, v. 2, p. 418) registra *pedra* como um “corpo solido e duro que resulta de partículas terreas agregadas.” E para Ferreira (2004) *pedra* é “matéria mineral dura e sólida, da natureza das rochas.” Segundo Machado (1984, p. 1147), “*Pedras* é topônimo freqüente em Portugal e na Galiza”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: tem uma barrage muito grande... é... Bico da Pedra... né?... barrage imensa que fornece água pra irrigação PESQUISADOR 2: chama Bico da Pedra?... INFORMANTE: é... Bico da Pedra... tem uma barrage (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 11, l. 564-566)

➤ **Documento escrito:** n/e

(21) Topônimo: BOM JESUS

Taxionomia: Hierotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ morro

ORIGEM: latim > português + hebraico > grego > latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 2, p. 147) registra vários significados para *bom*, dentre eles “aquilo que tem bondade natural, que é formoso, ou bom moralmente”. Segundo Ferreira (2004), o adjetivo *bom*, “do latim *bonu*, significa aquilo que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função, ou, aquele que é benévolo, bondoso, benigno”.

Jesus, do latim *Iesus*, baseado no grego *Ieosûs*, do hebraico *Ieshu*, forma contraída de *Ieshua*: “Javé (*Ieh*) salva (*shua*)”, ou “Javé é salvação”. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 199)

Segundo Machado (1984, p. 266), *Bom Jesus* é um topônimo bastante representado em Portugal e no Brasil; em Damão, Luanda. *Bom*, um dos epítetos de Jesus Cristo. Galicismo. Nos locais assim denominados há ou havia templos consagrados ao Bom Jesus.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: morro, tem o **Morro de Bom Jesus**, que tem a cru/o cruzeiro de Bom Jesus lá em cima... que a gente quando não tava chovendo a gente ia fazê penitência... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 29, l. 79-80)

➤ **Documento escrito:** n/e

(22) **Topônimo: BOM JESUS**

Taxionomia: Hierotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + hebraico > grego > latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 2, p. 147) registra vários significados para *bom*, dentre eles “aquilo que tem bondade natural, que é formoso, ou bom moralmente”. Segundo Ferreira (2004), o adjetivo *bom*, “do latim *bonu*, significa aquilo que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função, ou, aquele que é benévolo, bondoso, benigno”.

Jesus, do latim *Iesus*, baseado no grego *Ieosûs*, do hebraico *Ieshu*, forma contraída de *Ieshua*: “Javé (*Ieh*) salva (*shua*)”, ou “Javé é salvação”. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 199)

Segundo Machado (1984, p. 266), *Bom Jesus* é um topônimo bastante representado em Portugal e no Brasil; em Damão, Luanda. *Bom*, um dos epítetos de Jesus Cristo. Galicismo. Nos locais assim denominados há ou havia templos consagrados ao Bom Jesus.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: fazenda minha é **Bom Jesus** **PESQUISADORA:** **Bom Jesus?**...
INFORMANTE: é... **PESQUISADORA:** e porque que chama... tem muito tempo que chama

Bom Jesus?... INFORMANTE: desde 1980... quando eu comprei essa fazenda... uma fazendinha...(...) (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 03, l. 149-153)

➤ **Documento escrito:** n/e

(23) Topônimo: BOM SUCESSO

Taxionomia: Hierotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: português

HISTÓRICO: Bom Sucesso > Vila Nova de Minas

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: “Outras expressões registradas toponimicamente podem sugerir uma inclusão no quadro devocional de Nossa Senhora, e das quais se fixaram apenas os elementos determinantes. Trata-se de *Bom Sucesso* (Nossa Senhora do Bom Sucesso), *Bom Conselho* (Nossa Senhora do Bom Conselho), e *Boa Morte* (Nossa Senhora da Boa Morte), apresentando a primeira delas, um índice significativo em vários Estados brasileiros, em contraste com as duas outras...” (DICK, 1990b, p. 325).

“*Bom Sucesso* – topônimo freqüente em Portugal e no Brasil, tirado de uma das invocações da Virgem.” (MACHADO, 1984, p. 266).

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: “Enquanto aqui também em Vila Nova chamava **Bom Sucesso** PESQUISADORA: ah, aqui em Vila Nova INFORMANTE: é PESQUISADORA: chamava **Bom Sucesso**? INFORMANTE: **Bom Sucesso**”* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 76, l. 128-132)

➤ **Documento escrito:**

***Bom Sucesso** – CARTA CHOROGRAPHICA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES, coordenada e deenhada em vista dos Mappas chorographicos antigos e das Observações mais recentes de varios Engenheiros, por ordem do III^{mo} e Ex^{mo} Sr. DOUTOR FRANCISCO DIOGO PEREIRA DE VASCONCELLOS, Presidente desta provincia, por FREDERICO WAGNER. Ouro Preto, 1855; 67,6 x 76,5 cm, litografia. (COSTA, 2002)*

***Bom Sucesso** – CARTA TOPOGRAPHICA E ADMINISTRATIVA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES Eregida sobre os documentos mais modernos pelo Vcde. DE VILLIERS DE L’ILE ADAM. 1849; 44,5 x 57,4 cm, litografia. (COSTA, 2002)*

(24) Topônimo: BOQUEIRÃO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Machado (1984, p. 268), o topônimo *boqueirão*, “no Brasil, estreito junto de São Luis do Maranhão; ilha na Guanabara. De *boqueira*, aumentativo de *boqueira*, com vários sentidos, quase todos adaptáveis à toponímia, sobretudo o de ‘rua, viela que dá para praia ou rio’”.

Souza (2004, p. 45) cita vários significados para o vocábulo *boqueira*, dentre eles: “no Nordeste do Brasil, nomeia a abertura ou garganta na serra por onde passam os rios. É o resultado da erosão das águas. [...] Na zona de Ilhéus (Bahia), significa embocadura de um rio. No vale do Jequitinhonha (Bahia), [...] *boqueirão* é empregado para designar terreno úmido, fértil, apropriado à cultura do cacauzeiro.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADOR 2: é quebradeiro... “contam que certa ocasião quando fazia parte de um terno de folia, do Boqueirão” onde é Boqueirão? INFORMANTE: Boqueirão é pro lado de {Santa Rosa. (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 24, l. 540-543)

➤ **Documento escrito:**

Boqueirão – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Boqueirão – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Pirapora, MG.* Rio de Janeiro, 1980. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(25) **Topônimo: BREJÃO**

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: de origem controvertida

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v. 2, p. 188), *brejo* aparece como “planta silvestre que tem a cor e as folhas como de alecrim. Dá flores na primavera e no outono”. Não há a forma *brejão*. Moraes (1813, v. 1, p. 300) define *brejo* como: “terra úmida, lodosa, alagadiça, que serve para arzoas [...], mas, também, não cita *brejão*. Machado (1984, p. 282) registra *Brejão* como um topônimo de Monquique. “Aument. de brejo [...]. Também se diz *Brijão*”. Ferreira (2004) não apresenta *brejão* e sim brejal, que segundo a definição é um “brejo grande”. Cunha (1986, p. 123) afirma que a origem de brejo é controvertida, sendo brejal o mesmo que brejo grande.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... eles chama Brejão, pra cá fica fica o Brejão e o Bengo PESQUISADORA: Brejão? () Brejão é um povoado também? INFORMANTE: hum? PESQUISADORA: Brejão é um povoado? INFORMANTE: Brejão, tem uma fazenda lá que chama Brejão né? PESQUISADORA: ah, fazenda Brejão? INFORMANTE: é (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 87, l. 154-160)

➤ **Documento escrito:**

Brejão – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Brejão – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados*. [S.l.: s.n], 1973.

Brejão – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(26) **Topônimo: BREJÃO**

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: de origem controvertida

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v. 2, p. 188), *brejo* aparece como “planta silvestre que tem a cor e as folhas como de alecrim. Dá flores na primavera e no outono”. Não há a forma *brejão*. Moraes (1813, v. 1, p. 300) define *brejo* como: “terra úmida, lodosa, alagadiça, que serve para arrozaes [...], mas, também, não cita *brejão*. Machado (1984, p. 282) registra *Brejão* como um topônimo de Monquique. “Aument. de brejo [...]. Também se diz *Brijão*”. Ferreira (2004) não apresenta *brejão* e sim brejal, que segundo a definição é um “brejo grande”. Cunha (1986, p. 123) afirma que a origem de brejo é controvertida, sendo brejal o mesmo que brejo grande.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é, foi, verdade... aquele Brejão também tá dentro da, da, da fazenda Cana-brava... tem até um rio lá, o rio subiu, pur essa serras aí... o Brejão tá dentro da fazenda Cana-brava... então é uma coisa muito interessante esse movimento né? depois veio Manoel José, um grande fazendero aí, né, o João Lopes Martins (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 76, l. 145-147)

➤ **Documento escrito:** n/e

(27) **Topônimo: BURITI**

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ povoado

ORIGEM: indígena (tupi)

HISTÓRICO: Buritis > Buriti

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Silveira Bueno (1998, p. 79) *buriti* é palavra de origem tupi: “de *mbyriti*, palmeira que emite líquido (*Mauritia Vinifera*). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”.

CONTEXTO:**➤Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: fica pro lado de... fica lá na divisa lá de Pedra Preta, né pai? INFORMANTE: o quê? INFORMANTE 2: Buriti INFORMANTE: Buriti Campo Santos? PESQUISADORA: é Buriti ou Buritizeiro? INFORMANTE 2: tem Buriti e Buritizeiro... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 52, l. 596-601)

➤Documento escrito:

Buritis – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados.* [S.l.: s.n], 1973.

Buritis – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Boriti – *Eu abaixo asignado João de Meireles Leite possuo uma parte de terras na Fazenda dos Viados, cita nesta Freguesia e Districto [...] aqual fazenda se acha [...] e divide pelo Nascente com a Fazenda das Cabiceiras, das Canôas, pelo Poente com a Fazenda da [...] pelo Sul com a Fazenda Boriti pelo Norte com a Fazenda dos Murrinhos; ignoro sua extensão, Fazenda dos Viados vinte dois de março de mil oito centos e cincoenta seis [...]* (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 3)

(28) Topônimo: BURITI CAMPOS SANTOS**Taxionomia: Fitotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ distrito**ORIGEM:** hibridismo (tupi + espanhol toponímico > português + português)**HISTÓRICO:** Buriti do Campo Santo > Buriti Campos Santos**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC_m [S_{sing} + apelido de família + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Ferreira (2004) define *buriti* como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.

Em Machado (1984, p. 329) *Campos* é um topônimo frequente em Portugal e no Brasil. O autor relaciona o nome apenas aos terrenos planos e cultiváveis. Mansur Guérios (1973, p. 75) apresenta *Campos* como um sobrenome português e espanhol toponímico : “os primeiros Campos espanhóis vieram da Terra de Campos [...]” e *Santos*, “sobrenome português de origem cristã, abrev. de *Todos os Santos*”.

CONTEXTO:**➤Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: fica pro lado de... fica lá na divisa lá de Pedra Preta, né pai? INFORMANTE: o quê? INFORMANTE 2: Buriti INFORMANTE: Buriti Campo Santos? PESQUISADORA: é Buriti ou Buritizeiro? INFORMANTE 2: tem Buriti e Buritizeiro... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 52, l. 596-601)

PESQUISADORA: vai pra onde? INFORMANTE 2: Vila Nova, no Barrero, Vista Alegre... PESQUISADORA: tudo aqui perto... INFORMANTE: Buriti Campo Santos, Rio Manso PESQUISADOR 2: quem que passô? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 29, l. 79-80)

➤ **Documento escrito:**

Buritis do Campo Santo – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(29) Topônimo: BURITIZEIRO

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ localidade

ORIGEM: hibridismo (tupi + sufixo português *-eiro*)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Buritizeiro*, para Houaiss (1999, p. 531), o mesmo que buriti.

Em Silveira Bueno (1998, p. 79) *buriti* é palavra de origem tupi: “de *mbyriti*, palmeira que emite líquido (*Mauritia Vinifera*). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: fica pro lado de... fica lá na divisa lá de Pedra Preta, né pai? INFORMANTE: o quê? INFORMANTE 2: Buriti INFORMANTE: Buriti Campo Santos? PESQUISADORA: é Buriti ou Buritizeiro? INFORMANTE 2: tem Buriti e Buritizeiro... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 52, l. 596-601)

➤ **Documento escrito:** n/e

(30) Topônimo: CABICERA

Taxionomia: *Hidrotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: Cabiceiras > Cabeceiras > Cabicera

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_f [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Souza (2004, p. 59) registra *cabeceira* como “nascentes de rio ou riacho. O mesmo que fonte, mina, vertente, lacrimal, minadouro, nascente, manadeiro, manancial, etc.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... Cabicera... TERCEIRO: Cabicera? chama Cabicera hoje/ chama Cabicera hoje? [...] INFORMANTE 2: então, vocês passaro primero em Cabicera, é quando

entra...num tem a placa Miralta, Vila Nova? PESQUISADOR 2: é... INFORMANTE 2: ali é **Cabecera**... ali você vem direto, em seguida, mais pra frente que tem um povoadozim, que é só fazenda também... ali é Mucambo Firme... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 05 – p. 38, l. 187-208)

➤ **Documento escrito:**

Cabiceiras – Eu abaixo asignado João de Meireles Leite possuo uma parte de terras na Fazenda dos Viados, cita nesta Freguesia e Districto [...] aqual fazenda se acha [...] e divide pelo Nascente com a Fazenda das **Cabiceiras**, das Canôas, pelo Poente com a Fazenda da [...] pelo Sul com a Fazenda Boriti pelo Norte com a Fazenda dos Murrinhos; ignoro sua extensão, Fazenda dos Viados vinte dois de março de mil oito centos e cincoenta seis [...] (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 3)

Cabeceiras – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. Mapa municipal de Montes Claros. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(31) **Topônimo: CABRAL**

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ serra

ORIGEM: português toponímico

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Cabral*, segundo Mansur Guérios (2004, p. 100), é “sobr. port. top.: “lugar onde há ou pastam cabras”. *Cabral*, *Ossal*, *Cerveira*, revelam a existência de cabras bravas, ursos, e veados em épocas antigas em locais onde haja estas espécies já não habitam.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: e essa serra **Cabral** que meu pai falô que tá aqui... né?... muito grande que ele falô **INFORMANTE:** é... muito grande **PESQUISADORA:** serra **Azul Cabral?**... **INFORMANTE:** **Cabral** **PESQUISADORA:** pur quê será?... **INFORMANTE:** teve uma...(legião) que gente né... instalô lá... passou pur lá... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 29, l. 570-575)

➤ **Documento escrito:** n/e

(32) **Topônimo: CALIFÓRNIA**

Taxionomia: Corotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: incerta (Cf. SABATER, 2004)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_f [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Houaiss (1999, p. 575), *califórnia*, algo que traz ou propicia riqueza, do topônimo Califórnia, por alusão à corrida do ouro de 1848, na Califórnia. Segundo Sabater (2004, p. 131), Hernán Cortés, em 1535, pensando que se tratava de uma ilha, decidiu batizá-la como *Califórnia*, nome de uma insula fabulosa mencionada no romance espanhol de cavalaria *Las sergas de Esplandián*, obra de Garci Rodríguez de Montalvo. Entretanto o nome Califórnia não foi criação desse autor, já que este topônimo imaginário se encontra em *Chansón de Roland* (séc. XI) na forma de *Califerne*, e se desconhece a origem desta última.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

TERCEIRO: tem a fazenda atrás de Juquinha não é, como é que ela chama? INFORMANTE: é... Califórnia PESQUISADORA: fazenda Califórnia TERCEIRO: divisa com o Cana-brava (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 71, l. 87-90)

➤ **Documento escrito:** n/e

(33) Topônimo: CAMARINHAS

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_f [S_{pl}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, p. 71), registra *camarinhas* como “huns baguinhos redondos, branquinhos, e como perolas grandes. Daõse em camarões em certos urzes, que não passam de hum côvado de altura, e tem huma folhinha diversa dos outros. Comese essa fruta, he muito fresca, e boa de cortar as febres pelo azedinho, que tem, e he excellente para matar lombrigas.” Também Moraes (1813, v. 1, p. 1329), “frutices, que nascem nos camarões, de certas urzes.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: fazenda mais antiga aqui é Camarinhas ali, aquela do final é Chico Fonseca (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 17, l. 119)

➤ **Documento escrito:**

Camarinhas – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(34) Topônimo: CAMILO MAIA

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + toponímico português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Mansur Guérios (1994, p. 103) define *Camilo* como um nome etrusco-latino, *Camillus*, “liberto que servia os sacerdotes nos sacrifícios; menino nobre desse mister.”

Quanto à *Maia*, sobrenome português toponímico primitivo *Amaia*, e, com a prepos. *de, de Amaia* se fez *da Maia*, conforme o mesmo autor.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *quando eu nasci já iexistia São Pedro ((risos)) mas aqui tinha fazenda demais... essa dos Maias né, **Camilo Maia**, que eu nem conheci, ainda conheci foi uma filha dele, dona Ana Maia, dona dessa parte da fazenda* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 86, l. 65-66)

➤ **Documento escrito:** n/e

(35) Topônimo: CANA-BRAVA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ localidade

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_f [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: A respeito do topônimo Cana-Brava, Machado (1984, p. 330) afirma: “segundo creio, *cana*, neste caso, estará por *canavial*, *canaviais* e, se assim for, o nome resultará da existência nos locais por ele conhecidos da abundância de canaviais silvestres. Na toponímia brasílica brasileira, há *Cana-Bravão* (Baía) e *Cana-Bravinha* (Baía, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Goiás)”.

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *o povo aqui, conhece isso aqui é/ região aqui de **Cana-brava**... eu nasci e fui criado aqui mesmo...* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 54, l. 01)

➤ **Documento escrito:**

Canabrava – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(36) Topônimo: CANA-BRAVA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: A respeito do topônimo Cana-Brava, Machado (1984, p. 330) afirma: “segundo creio, *cana*, neste caso, estará por *canavial*, *canaviais* e, se assim for, o nome resultará da existência nos locais por ele conhecidos da abundância de canaviais silvestres. Na toponímia brasílica brasileira, há *Cana-Bravão* (Baía) e *Cana-Bravinha* (Baía, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Goiás)”.

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: de Montes Claros... então depois de Aparecida... vindo... descendo... rio abaixo... né... já recebe um outro nome... de cana ... Cana-brava PESQUISADORA: Cana-brava?... INFORMANTE: Cana-brava... passa em Aparecida e... em seguida em São Pedro da Garça PESQUISADORA: São Pedro da Garça chama... INFORMANTE: é... esse rio já chama Cana-brava... aí ...segue até o rio Verde... ele..... as águas dele...é... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 01, l. 41-46)

➤ **Documento escrito:**

Cana-Brava – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(37) Topônimo: CANA-BRAVA

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português

HISTÓRICO: Cana braba > Cana-brava

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: A respeito do topônimo Cana-Brava, Machado (1984, p. 330) afirma: “segundo creio, *cana*, neste caso, estará por *canavial*, *canaviais* e, se assim for, o nome resultará da existência nos locais por ele conhecidos da abundância de canaviais silvestres. Na toponímia brasílica brasileira, há *Cana-Bravão* (Baía) e *Cana-Bravinha* (Baía, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Goiás)”.

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: Celestino?... como é que chama a fazenda dele?... INFORMANTE: a fazenda... Cana-brava PESQUISADORA: Cana-brava... pur causa do rio?... INFORMANTE: é... pur causa do rio (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 9, l. 461-464)

➤ **Documento escrito:**

Cana braba – ROCHA, Joaquim José da. *Mapa de Minas Gerais com a deviza de suas comarcas*. Minas Gerais: [s.n.], 1778. 1 mapa. Escala em Légoas. Acervo do Arquivo Histórico do Exército- RJ. (Cf. Anexo 2, p. 1)

Cana braba – PLANTA GERAL DA CAPITANIA DE MINAS GERAES. ca. 1800; 47,0 x 39,4 cm, litografia (Schlicht, Mannheim). (COSTA, 2002)

Cana Braba – Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes. 1804; 75,0 x 68,2 cm, aquarela. (COSTA, 2002)

Cana braba – CARTA TOPOGRAPHICA E ADMINISTRATIVA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES Eregida sobre os documentos mais modernos pelo Vcde. DE VILLIERS DE L'ILE ADAM. 1849; 44,5 x 57,4 cm, litografia. (COSTA, 2002)

Cana brava – CARTA CHOROGRAPHICA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES, coordenada e deenhada em vista dos Mappas chorographicos antigos e das Observações mais recentes de varios Engenheiros, por ordem do III^{mo} e Ex^{mo} Sr. DOUTOR FRANCISCO DIOGO PEREIRA DE VASCONCELLOS, Presidente desta provincia, por FREDERICO WAGNER. Ouro Preto, 1855; 67,6 x 76,5 cm, litografia. (COSTA, 2002)

Cana brava – *O abaixo asignado dá á registro na Freguesia da Vila de Montes Claros de Formigas uma parte de terras [...] pelo Nascente e Sul com a Fazenda do Brejo das Almas, pelo Poente com riacho dos [...], pelo norte com a de Cana brava. Vinte sete de marzo de mil oitocentos, cincoenta seis [...]* (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 2)

Cana braba – HALFELD, Henrique Guilherme. *A Província Brasileira de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1862. 1 mapa.

Canabrava – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

**(38) Topônimo: CANA-BRAVA DE
MANOEL VICENTE**

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português + hebraico > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + {Prep + prenome + apelido de família}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Houaiss (1999, p. 591), “erva de até 3m (*Erianthus saccharoides*), da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas lineares, serreadas, ásperas e cortantes [...]”

O nome *Manoel* ou *Manuel* é a forma aferesada de *Emanuel* segundo Mansur Guérios (1994, p. 225). *Emanuel*, por sua vez, é um nome proveniente do hebraico “Deus (*El*) conosco (*emmanu* ou *imanu*)”, segundo o autor. Já *Vicente*, do latim, *Vincentisi*: “vencedor (do mal), de origem cristã. (MANSUR GUÉRIOS, *ibid*)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: (...) *é que quando foi adquirida a fazenda Cana-brava, era duma pessoa só... isso aqui chama fazenda Cana-brava de Manoel Vicente* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 74, l. 07-08)

➤ **Documento escrito:** n/e

(39) Topônimo: CANA-BRAVA DOS MAIAS

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português + toponímico português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [S_{sing} + {Prep + Apl + apelido de família}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Houaiss (1999, p. 591), *cana-brava* “erva de até 3m (*Erianthus saccharoides*), da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas lineares, serreadas, ásperas e cortantes [...]”

Quanto à *Maia*, é “sobrenome português toponímico primitivo *Amaia*, e, com a prepos. *de, de Amaia* se fez *da Maia*”, segundo Mansur Guérios (1994, p. 223).

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *e aqui a Cana-brava dos Maias... pra cá é Cana-brava dos Maias... todo mundo aí é família Maia né? já os mais velhos já morreram mas ficou a procedência né, muitos tem fazenda aí* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 29, l. 79-80)

➤ **Documento escrito:** n/e

**(40) Topônimo: CANA-BRAVA DE
ZÉ PEREIRA**

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português + hebraico > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [S_{sing} + {Prep + hipocorístico + prenome}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Houaiss (1999, p. 591), *cana-brava* “erva de até 3m (*Erianthus saccharoides*), da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas lineares, serreadas, ásperas e cortantes, [...]”

Segundo Mansur Guérios (1994, p. 338), *Zé*, é a abreviação hipocorística de *José*. Este é um nome proveniente do hebraico *Iosseph, Iehussef*: “Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho). (*Ibid*, p. 200)

Já *Pereira*, sobrenome português toponímico, “lugar onde há peiras ou pereiras”, segundo o mesmo autor.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *também eu num sei o purquê de Cana-brava não... eles cultivavam muita cana lá na época né mas num é pur isso não, porque quando eles já cultivava o nome já iexistia... é nome antigo, eu não sei te explicá... meus avós compraro já com o nome Cana-*

brava de Manoel Vicente... eu sei que esse Manoel Vicente ficô isquicido, ficando só Cana-brava... Cana-brava de Manoel José, Cana-brava de Zé Pereira (Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – p. 84, l. 321-324)

➤ **Documento escrito:** n/e

(41) Topônimo: CANA-BRAVINHA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: A respeito do topônimo Cana-Brava, Machado (1984, p. 330) afirma: “segundo creio, *cana*, neste caso, estará por *canavial*, *canaviais* e, se assim for, o nome resultará da existência nos locais por ele conhecidos da abundância de canaviais silvestres. Na toponímia brasílica brasileira, há *Cana-Bravão* (Baía) e *Cana-Bravinha* (Baía, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Goiás)”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: tem não, nunca ouvi falá nome dessa fazenda não... tem aqui também, tinha aqui do meu sogro é... tem aqui pra baixo né, e lá tem a fazenda dele, era do povo dos Teixeira, ainda tem gente morando lá... Cana-bravinha PESQUISADORA: *Cana-bravinha?* *INFORMANTE: é* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 86, l. 72-75)

➤ **Documento escrito:** n/e

(42) Topônimo: CANACI

Taxionomia: n/e

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: n/e

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: n/e

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: n/e

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: o Canoas ele deságua no rio Viera e o Viera deságua no Canaci (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 66, l. 70)

➤ **Documento escrito:** n/e

(43) Topônimo: CANOAS

Taxionomia: Ergotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: castelhano > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: “*Canoa*, do castelhano *cano*, derivado do aruaque, ‘embarcação sem quilha, formada de um casco’”. (CUNHA, 1986) Bluteau (1712, v. 2, p. 106) também registra o vocábulo *cano* “embarcação, de que usão os Gentios da America para a guerra, de que mais se aproveitaõ os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade, com que navegaõ”. Em Moraes (1813, v. 1, p. 338), “Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada; inteiriça, ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formão o costado e bordas”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: agora pra lá tem **Canoas**... é rio **Canoas**, que deságua no Viera... os dois encontra lá embaixo... *PESQUISADOR 2:* e sempre chamô **Canoas**? *INFORMANTE:* toda vida o nome de **Canoas**, rio das **Canoas** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 66, l. 64-66)

➤ **Documento escrito:**

Canoas – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(44) Topônimo: CANOAS

Taxionomia: Ergotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: castelhano > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: “*Canoa*, do castelhano *cano*, derivado do aruaque, ‘embarcação sem quilha, formada de um casco’”. (CUNHA, 1986). Bluteau (1712, v. 2, p. 106) também registra o vocábulo *cano* “embarcação, de que usão os Gentios da America para a guerra, de que mais se aproveitaõ os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade, com que navegaõ”. Em Moraes (1813, v. 1, p. 338), “Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada; inteiriça, ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formão o costado e bordas”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: essa fazenda, essa fazenda, é fazenda **Canoas**, **Canoas** *PESQUISADORA:* fazenda **Canoas** *INFORMANTE:* então, o nome da parada é Toledo, e o nome da fazenda falava Toledo, ó, aliás, **Canoas** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 65, l. 03-05)

➤ **Documento escrito:**

Canoas – O abaixo assignado possui uma parte de terras na Fazenda do Mucambo Firme, cita nesta Freguesia, e Districto por herança que contem sua mulher Hemerenciana Maria de [...] a qual fazenda divide pelo Nascente com a Fazenda das **Canoas**, pelo Poente com a do Murrinhos, pelo Sul com a de Cabeceiras de Canôas, pelo norte com a do estreito, Vila de Formigas vinte sete de março de mil oito centos, e cincoenta e seis [...] (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 4)

(45) Topônimo: CANTO DO ENGENHO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ vila

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Cantos do Engenho > Canto do Engenho

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Canto*, “ângulo de casa, ou de outro edifício, interna, ou externamente, e assim os que fazem as ruas.” (MORAES, 1813, v. 1, p. 339)

Moraes (1813, v. 1, p. 698) registra várias acepções para o vocábulo *engenho*, dentre as quais, “máquina de fazer papel; de moer canas e fazer assucar.” Conforme Machado (1984, p. 565), “*Engenho* é um topônimo freqüente, tanto em Portugal como no Brasil. Do substantivo masculino, *engenho*”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *é... Rio Verde/ aí, então, aí parece que é o meio do mundo assim, cê compreendeu? é assim ó, aqui ó, compreendeu? nasce o aqui ó, ó, o Pacuí né? o Pacuí desce, ele desce, faz uma volta, uma volta aqui no **Canto do Engenho**, e despeja no Jequitaiá, que o Jequitaiá desce e despeja no São Francisco... o Jequitaiá já vem do Jequitinhonha pra cá, cê entendeu? vem trazendo de cá, né?* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 62, l. 185-184)

➤ **Documento escrito:**

Cantos do Engenho – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados.* [S.l.: s.n], 1973.

Cantos do Engenho – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(46) Topônimo: CARLOS MOTA

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: alemão > latim > português + português toponímico

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Mansur Guérios (1994, p. 107), *Carlos*, do nome latino *Cárolus*, por sua vez do alto-alemão antigo *Kharal*: ‘homem’. *Mota*, segundo o autor, é sobrenome português toponímico, “o conjunto de muros, torres, fossas ou cavas que defendiam ou aformoseavam uma casa de campo”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é, Mirabela... a nascente dele é aqui em cima em Mirabela, aí... pra cima de Mirabela... PESQUISADOR 2: aí tem uma grande fazenda de Carlos Mota INFORMANTE: é... é isso mesmo... fazenda de Carlos Mota é aqui em cima (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 56, l. 119-121)

➤ **Documento escrito:** n/e

(47) Topônimo: CARRAPATO

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: vasconço ou moçárabe > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Carrapato*, “animal artrópode, aracnídeo, acarino, da fam. dos ixodídeos”, para Cunha (1986), resulta provavelmente de uma metátese de **caparrato*, deriv. (com o suf. -*ato*, que designa animais pequenos) de *caparra*, nome desse animal em vasconço, moçárabe, aragonês e catalão ocidental, talvez de origem pré-romana.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: tem... ali, aqui é o rio Carrapato... agora o rio Carrapato ele, ele desce, ele desce lá assim, agora mesmo tem o rio da Gamelera, o córrego da Gamelera que despeja no Carrapato, no Carrapato... e esse rio do Carrapato, que chama Carrapato, tem vários cursos... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 59, l. 03-05)

➤ **Documento escrito:**

Carapato – CARTA TOPOGRAPHICA E ADMINISTRATIVA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES Eregida sobre os documentos mais modernos pelo Vcde. DE VILLIERS DE L’ILE ADAM. 1849; 44,5 x 57,4 cm, litografia. (COSTA, 2002)

Carapato – CARTA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES coordenada POR ORDEM DO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ BENTO DA CUNHA FIGUEIREDO PRESIDENTE DA PROVINCIA segundo os dados officiaes existentes e muitas próprias observações por Henrique Gerber ENGENHEIRO DA MESMA PROVINCIA. 1862; litografia. (COSTA, 2002)

(48) Topônimo: CEDRO

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: grego > latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: De acordo com Moraes (1813, v. 1, p. 369) *cedro* “arvore alta, piramidal, tem a casca lisa, folhas pequenas distribuidas em ramalhetes ao longo dos ramos, flores lanuginosas; dá fruto como maçã de pinheiro: a madeira é rija, incorruptivel, aromática.” Segundo Cunha (1986) e Ferreira (2004) é um vocábulo do latim *cedrus*, derivado do grego *kédros*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: então essas duas famílias, Marculino e Juvêncio, eles viero do Rebentão do Cedro de cá, pra baixo do Cedro, né? então essa família que formô é, Carvalho, que é meu pai, veio, eles era amigo lá do Rebentão do Cedro, que é perto de, do, do, do, do, Cedro, ondé que tem, que tinha a fábrica de tecido e minha avó trabalhava nessa fábrica, de tecido, lá do Cedro... de Simião né? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 61, l. 110-113

➤ **Documento escrito:**

Cedro – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados.* [S.l.: s.n], 1973.

Cedro – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Cedro – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG.* Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(49) Topônimo: CERQUINHA

Taxionomia: Ergotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ córrego, rio

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 2, p. 346) registra *cerca* como “jardim, ou vinha cercada de hum muro, de huma feve, ou de qualquer outra coisa, que impida a entrada.” Em Moraes (1813, v. 1, p. 374), “obra de madeira, ou de pedra, ou tijolo, com que se cerca, cinge, tapa, fecha algum espaço.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: ele num tá entendendo nada que eu tô falando... assim, um desce pra lá e vai formando assim né, naquelas montanha, né? vai formando os (miradouros), né? aqui desce o Gamelera, e é junto do, do Cerquinha... o Cerquinha despeja no Gamelera ali embaixo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 63, l. 233-235)

INFORMANTE: *esse aqui, esse aqui que desce é o Carrapato... aquele lá/ tem um outro ali que junta ali chama o rio da Cerquinha* **PESQUISADORA:** rio *da Cerquinha?* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 59, l. 09-11)

➤ **Documento escrito:** n/e

(50) Topônimo: CHAPÉU

Taxionomia: Ergotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ córrego

ORIGEM: francês > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1713, v. 2, p. 274) registra *chapeo* como “cobertura da cabeça, com abas, do qual usaõ os homens em toda a Europa Occidental. Derivase da palavra Franceza *chapeau*, que significa o mesmo.” Também Cunha (1986, p. 176), do antigo francês *chapel* (hoje *chapeau*), derivado do latim popular **cappellus*, diminutivo de *cappa*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *córrego do Chapéu é aqui em cima ó... esse córrego do Chapéu cai nesse rio aqui, nesse riozinho aqui* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 56, l. 147)

➤ **Documento escrito:**

Chapéu – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(51) Topônimo: CRISPIM

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [prenome]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Mansur Guérios (1994, p. 124), “o mesmo que *Crispino*, do latim *Crispinus*: “o que tem crespos os cabelos”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: *Crispim?* **INFORMANTE:** *é... o Crispim é ali inriba... adiante do Poço d'Água* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 44, l. 140-141)

➤ **Documento escrito:** n/e

(52) Topônimo: DONA BELA	Taxionomia: Antropotopônimo
<hr/>	
MUNICÍPIO: Montes Claros	
ACIDENTE: humano/ localidade	
ORIGEM: latim (<i>dōmīna</i>) > português + latim > português	
HISTÓRICO: n/e	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Qv + alcunha]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Moares (1812, v. 1, p. 638), <i>dona</i> , “título de mulher nobre que tanto vale como senhora.” Ferreira (2004) apresenta várias acepções para o vocábulo <i>dona</i> , dentre as quais, “título que precede o nome próprio das senhoras”.	
Já <i>Bela</i> , segundo Mansur Guérios (1994, p. 86), é sobrenome português primitivo alcunha. Deriv. do lat. <i>Bellus</i> , “belo, bonito”.	
CONTEXTO:	
➤ Oral contemporâneo:	
<i>INFORMANTE: mas vem de cá... o Jequitai/ o Jequitai passa aqui ni, ni, ni, onde que cês passô no, no, no Dona Bela PESQUISADOR 2: Dona Bela? INFORMANTE: sim... cê tá endendo? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 62, l. 190-192)</i>	
➤ Documento escrito: n/e	

(53) Topônimo: ERASTIDE	Taxionomia: Antropotopônimo
<hr/>	
MUNICÍPIO: Montes Claros	
ACIDENTE: humano/ fazenda	
ORIGEM: n/e	
HISTÓRICO: n/e	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [prenome]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: n/e	
CONTEXTO:	
➤ Oral contemporâneo:	
<i>INFORMANTE: aqui, certo não... agora lá pra baixo tem a fazenda de Erastide, Erastide tá lá... Erastide comprô (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 66, l. 51)</i>	
➤ Documento escrito: n/e	

(54) Topônimo: FORMIGAS	Taxionomia: Zootopônimo
<hr/>	
MUNICÍPIO: Montes Claros	
ACIDENTE: humano/ vila	
ORIGEM: latim > português	

HISTÓRICO: Montes Claros < Montes Claros de Formigas < Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas < Formigas

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Machado (1984, p. 659), o topônimo *formiga* é devido à abundância local deste inseto, não sendo impossível que em alguns casos se trate de *Formiga* – apelativo, antigo alcunha.

“Designação geral dos insetos himenópteros da fam. dos formicarídeos”. Do latim *fōrmicā*. (CUNHA, 1986, p. 365)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: a família Veloso foi dos portugueses que veio pra Montes Claros, é... quando começou Montes Claros era Arraial das **Formigas**, né?* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 19, l. 249-250)

➤ **Documento escrito:**

Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas – Eu abaixo assignado morador nesta Freguesia de Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas declaro [...] (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 7)

(55) Topônimo: **FURADINHO**

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para *Furadinho*, no sentido de *buraco*, encontramos em Moraes (1813, v. 2, p. 69) *furado*, part. pass. de *furar*, “fazer buraco com furador, ou instrumento pontudo.”

Furado, “furo, buraco”, do latim *fōratum* (CUNHA, 1986, p. 372)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: e lá... mais tem um, um otro lugá que chama Lavajinha... e lá embaixo tem um que chama **Furadinho**, onde que mora meus irmão* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 16, l. 88-89)

➤ **Documento escrito:** n/e

(56) Topônimo: **FURADO DE GOIABERA**

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ sítio

ORIGEM: latim > português + híbrido (indígena + sufixo português –eira)

HISTÓRICO: Furado de Goiabeira > Furado de Goiabera

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Ferreira (2004), *furado*, como substantivo, pode significar algo “que tem algum furo ou buraco”; ou “assunto já divulgado ou sabido”, ou ainda, “negócio que falhou, que foi por água abaixo”; “na Bahia é conhecido como período seco durante a estação chuvosa”; “em São Paulo pode ser canal natural que reúne dois rios ou corta uma grande curva ou, então, vale de curso de água que, após estar represado, logra vencer o obstáculo que o separava da costa”; ou “no Mato Grosso um trecho retilíneo de um rio” e, “em Goiás, clareira aberta na mata virgem pela ação do fogo ou dos dendroclastas”.

Também em Ferreira (2004), *goiabeira*, “arvoreta da família das mirtáceas (*Psidium guayava*), nativa da América tropical e amplamente cultivada pelos excelentes frutos edules.” Silveira Bueno (1998, p. 133) menciona o vocábulo *goiaba*, de *acoyaba*, o agregado de caroços, alusão ao grande número de sementes que se encontra no interior desta fruta. Na língua do povo diz-se *guaiava*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: de Cana-brava? eu não sei porque que tem... mas isso foi assim quando o Estado vendeu as terra () o Estado vendeu e nesse caso quando ia fazê a divisão, quando ia entregá essas terra, tinha que pô[r] um nome, né? então hoje pelo menos aqui/ igual no início, todos esses proprietariozim, no negocio de fazê a declaração a gente tudo tem que pô um nome... o nome, né, o sítio/ hoje eu tenho um sítio aqui, o meu sítio chama **Furado de Goiabera** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 74, l. 28-31)

➤ **Documento escrito:** n/e

(57) Topônimo: GAMELERA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico / rio

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: Gameleira > Gamelera

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_f [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), *gameleira* ou *quaxinduba*, “árvore leitosa, da família das moráceas (*Ficus anthelmíntica*), comum nas matas úmidas, de folhas coriáceas e luzidias, e cujo látex tem propriedades vermicidas, por conter enzimas proteolíticas que atacam o revestimento mucoso protetor dos vermes; quaxinguba, gameleira, figueira-brava.”

Para Machado (1984, p. 693), o topônimo *gameleira* é frequente no Brasil. Do subst. *gameleira*, árvore brasileira da família dos *Moráceas*.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: é, esse rio aí... ele passa debaixo da serra e incima é a estrada antiga de Coração de Jesus... a estrada antiga de chão, né? então ele passa, e vem, e vem indo, vem indo e encontra ele já é uma água permanente que tem, que vem, que nunca secô... mais ele encontra com esse daqui que é rio da **Gamelera** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 59, l. 29-31)*

➤ Documento escrito:

***Gameleira** – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000*

(58) Topônimo: GAMELERA**Taxionomia: Fitotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** físico/ povoado**ORIGEM:** latim > português**HISTÓRICO:** Gameleira > Gamelera**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), *gameleira* ou *quaxinduba*, “árvore leitosa, da família das moráceas (*Ficus anthelmíntica*), comum nas matas úmidas, de folhas coriáceas e luzidias, e cujo látex tem propriedades vermícidas, por conter enzimas proteolíticas que atacam o revestimento mucoso protetor dos vermes; quaxinguba, gameleira, figueira-brava.”

Para Machado (1984, p. 693), o topônimo *gameleira* é frequente no Brasil. Do subst. *gameleira*, árvore brasileira da família dos *Moráceas*.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: **Gamelera**... aqui é só **Gamelera**, né? PESQUISADORA: é a região toda que chama **Gamelera**? INFORMANTE: é, **Gamelera**... agora já pro lado de lá, do tal da serra pra lá, já é outro nome, até esqueci o nome, pra lá, é... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 60, l. 90-92)*

➤ Documento escrito:

***Gameleira** – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000*

(59) Topônimo: GAMELERA**Taxionomia: Fitotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ fazenda**ORIGEM:** latim > português

HISTÓRICO: Gameleira > Gamelera

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004) *gameleira* ou *quaxinduba*, “árvore leitosa, da família das moráceas (*Ficus anthelmíntica*), comum nas matas úmidas, de folhas coriáceas e luzidias, e cujo látex tem propriedades vermicidas, por conter enzimas proteolíticas que atacam o revestimento mucoso protetor dos vermes; quaxinguba, gameleira, figueira-brava”.

Para Machado (1984, p. 693), o topônimo *gameleira* é frequente no Brasil. Do subst. *gameleira*, árvore brasileira da família dos *Moráceas*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: aqui é Gamelera... PESQUISADORA: fazenda Gamelera? INFORMANTE: é... aqui é antiga... aqui é fazenda Gamelera... agora fazenda Gamelera vem de... e é dividido, vem, vem, aquela parte de lá do finado Antônio Alamo... já é falecido né? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 60, l. 98-103)

➤ **Documento escrito:**

Gameleira – [...] que possui neste Districto de Brejo das Almas Freguesia da Vila de Formigas um citio denominado **Gameleira** [...] (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 7)

(60) Topônimo: ISGUICHO

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ serra

ORIGEM: onomatopaica

HISTÓRICO: Esguicho > Isguicho

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v.3, p. 246), *esguicho* é “he canudo pequeno, com hum buraquinho no fundo, e hum pao no meyo com estopas, que attrahe para dentro a agoa, com que os rapazes se molhaõ; esguicho de agoa em hum jardim; que lança a agoa em alto.” Em Moraes (1813, v. 1 p. 750) *esguicho* é descrito como “canudo estreito, donde a agua, represada ou impellida por elle salta com força.” Ferreira (2004) e Cunha (1986, p. 319) registra *esguicho*, “jacto ou repuxo de um líquido”, como provavelmente de origem onomatopaica.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: como é que chama essas serras? INFORMANTE: Isguicho
PESQUISADORA: Isguicho, serra do Isguicho? INFORMANTE: serra do Isguicho... é um lugar muito bonito... na minha época de juventude era, hoje eu num sei porque a natureza tá, tá muito dexada né, a humanidade dexó de cuidá, então (Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – p. 80, l. 60-64)

➤ **Documento escrito:** n/e

(61) **Topônimo:** *ISGUICHO*

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: onomatopaica

HISTÓRICO: Esguicho > Isguicho

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v.3, p. 246), *esguicho* é “he canudo pequeno, com hum buraquinho no fundo, e hum pao no meyo com estopas, que attrahe para dentro a agoa, com que os rapazes se molhaõ; esguicho de agoa em hum jardim; que lança a agoa em alto.” Em Moraes (1813, v. 1 p. 750) *esguicho* é descrito como “canudo estreito, donde a agua, represada ou impellida por elle salta com força.” Ferreira (2004) e Cunha (1986, p. 319) registra *esguicho*, “jacto ou repuxo de um líquido”, como provavelmente de origem onomatopaica.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *é o Isguicho tá lá do otro lado, em cima daquele troço, daquela serra pelada lá ó, ta vendo?* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 102)

➤ **Documento escrito:** n/e

(62) **Topônimo:** *JEQUITAIÁ*

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Machado (1984, p. 825), *Jequitaiá* é topônimo no Brasil: Minas Gerais. Do tupi, mas de forma obscura (ver *Nasc. –II*, s.v.)”

Em Gregório (1980, p. 849), “(juqui + t’*aia* + y) espécie de formiga mijadeira, muito ardida: Rio das Jequitaias; nome de rio afluente do São Francisco, e cidade à margem direitado Jequitá, Zona de Montes Claros”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *é... Rio Verde/ aí, então, aí parece que é o meio do mundo assim, cê compreendeu? é assim ó, aqui ó, compreendeu? nasce o aqui ó, ó, o Pacuí né? o Pacuí desce, ele desce, faz uma volta, uma volta aqui no Canto do Engenho, e despeja no Jequitaiá, que o Jequitaiá desce e despeja no São Francisco... o Jequitaiá já vem do Jequitinhonha pra cá, cê entendeu? vem trazendo de cá, né? PESQUISADOR 2: não... Jequitaiá é aqui sô...*

INFORMANTE: mas vem de cá... o Jequitáí/ o Jequitáí passa aqui ni, ni, ni, ondé que cês passô no, no, no Dona Bela (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 62, l. 185-190)

➤ **Documento escrito:** n/e

(63) Topônimo: JOAQUIM RIBEIRO

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: hebraico > português + português toponímico

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Joaquim*, de origem hebraica, “1º) *Ioakhin*: ‘Javé levanta, restabelece’ ou ‘Javé efetuará, levará a cabo’; outros: ‘elevação, ou preparação’; 2º) *Ioaquim*: ‘o que fez parar o sol.’” (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 200-201)

Ribeiro, em Mansur Guérios (*Ibid*, p. 283), é um sobrenome português toponímico, “riozinho”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: que rio que era aquele? INFORMANTE: hum? é o rio aqui de Santa Rosa... lá chama, chama INFORMANTE 2: rio de Joaquim Ribeiro INFORMANTE: é... rio de Joaquim Ribeiro... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 45, l. 204-206)

➤ **Documento escrito:** n/e

(64) Topônimo: JUATUBA DE LUIS MAIA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: indígena + germânico > francês > português + português toponímico

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + prenome + apelido de família}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Juatuba*, abundância de juás, segundo Gregório (1980, p. 841).

Luis, “do francês *Louis* ou do antigo espanhol *Lois*, derivado do germânico: ‘guerreiro (*wig*) célebre, famoso (*lud*)’”, segundo Mansur Guérios (1994, p. 219). Quanto à *Maia*, é sobrenome português toponímico primitivo *Amaia*, e, com a prepôs. *de*, *de Amaia* se fez *da Maia*, diz o autor.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: além dessa fazenda aqui é a fazenda de Juatuba de Luis Maia que já morreu, tem muito tempo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 55, l. 66)

➤ **Documento escrito:** n/e

(65) **Topônimo:** *JUQUINHA*

Taxionomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português*

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [hipocorístico]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Mansur Guérios (1994, p. 201) define *Juca* como um hipocorístico brasileiro de *José*, talvez cruzamento de *Jeca* e *Zuca*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: ah, num tinha... energia elétrica pra nós aqui ni Samambaia foi de 83 pra cá... pra Vila Nova de Minas já tinha né, chegô aqui na fazenda de **Juquinha**, mas nesse meio aqui de Samambaia num tinha... foi em 83 (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 77, l. 171-172)

➤ **Documento escrito:** n/e

(66) **Topônimo:** *LAGOA DO PEIXE*

Taxionomia: *Hidrotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v.5, p. 21) registra *lagoa* “ajuntamento de aguas que não tem sahida, ou Lagoa he huma especie de Lago, formado das aguas vertentes, com esta diferença, que no Lago nunca falta agua, porque nasce nelle.” Para Moraes (1813, v. 2, p. 200), *lagoa* é “grande lago d’aguas vertentes.”

Já *peixe*, é registrado por Bluteau (1712, v.6, p. 373) como um animal que “nasce e vive na água, cuberto de pele ou escamas, com guelras, barbatanas [...]”. Moraes (1813, v. 2, p. 421) apresenta definição semelhante à de Bluteau. Ferreira (2004) define *peixe* como “animal cordado, gnatostomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias”. De acordo com Machado (1984, p. 1150), *Peixe* é topônimo comum tanto em Portugal quanto no Brasil.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: não, aí a fazenda... fazenda dele era a **Lagoa do Peixe**, fazenda **Lagoa do Peixe** *PESQUISADORA:* **Lagoa do Peixe?** *INFORMANTE:* é, **Lagoa do Peixe**... cê deve tê visto lá uma placa () lá (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 65, l. 43-45)

➤ **Documento escrito:**

Lagoa do Peixe – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(67) **Topônimo:** *LAVAJINHA*

Taxionomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v.5, p. 52), o vocábulo *lavagem* possui várias acepções: “agua que se lavarão pratos, ou outra coisa; a accção de lavar; ouro de lavagem. He aquelle que se colhe lavando a terra, ou area, misturada com pòs, ou grãos de ouro”. Em Moraes (1813, v. 2, p. 209), “*lavagem: lavadura; oiro de lavagem; o que se apanha, lavando a terra dos corregos, ou lavras*”. Para Souza (2004, p. 186), “na zona das Lavras Diamantinas da Bahia assim chamam os garimpeiros a um amontoado de pedras soltas, denunciadoras de que, no local e recentemente, trabalharam na exploração diamantina”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *e lá... mais tem um, um otro lugá que chama Lavajinha... e lá embaixo tem um que chama Furadinho, onde que mora meus irmão PESQUISADOR 2: nó! chama Lavajinha? INFORMANTE: é... Lavajinha e lá dum lado chama Furadinho, e o candidato candidatô lá e falô assim, o Jorginho lá, é desses que gosta de microfone, é bestinha da roça, candidatô pra vereadô na política de Tadeu, “ó, gente, o cês vota nimim que eu vô é... vô levantá a Vaca Morta e botá o Furadinho pra cima!” ((risos)) aí o povo palmas pra ele... ((bate palmas para ilustrar)) (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 16, l. 88-93)*

➤ **Documento escrito:** n/e

(68) **Topônimo:** *MAITÁ*

Taxionomia: *Zootopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: indígena (tupi)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Houaiss (1999, p. 1815), o mesmo que “maitaca, designação comum a diversas spp. de aves psitacíformes, [...] cujo corpo atarracado e cauda curta são semelhantes aos do papagaio. Do tupi, *mbai'ta* ‘espécie de papagaio’, comp. de *mba'e* ‘coisa’ e *ta* red. de *taka* ‘ruído, barulho’”.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... essa fazenda do outro lado aí chama Maitá PESQUISADORA: Maitá?
INFORMANTE: é... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 71, l. 60-62)

➤ Documento escrito: n/e**(69) Topônimo: MARIA DA CRUZ****Taxionomia: Antropotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ vila**ORIGEM:** hebraico > português + latim > português**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC_f [prenome + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Mansur Guérios (1994, p. 227), são muitos os étimos propostos para o nome *Maria*, “Correspondentes: hebr. *Miryám*; ár. e etíope *Maryam*. Do mesmo radical do siríaco *Marta*? Seg. o Pe. E. Vogt, *Maria* é adaptação grega de *Maryám*, antiga f. hebr., que significa ‘excelsa, sublime’, do ugarítico. Para F. Zorell, do egípcio ‘predileta de Javé’. Dim., hip. *Mariinha*, *Mariazinha*, etc.”

Bluteau (1712, v.3, p. 620) relaciona o termo *cruz* ao seu significado religioso, ao “antigo patíbulo dos malfeitores” e à crucificação de Jesus Cristo. Em Moraes (1813, v. 1, p. 498), a *cruz* é descrita como o instrumento de castigar criminosos que tem o seguinte formato: uma haste atravessada quase no alto por outra no meio. Ferreira (2004) registra *cruz* como “antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que se amarravam ou pregavam os condenados à morte”. Machado (1984, p. 476) registra *Cruz* como um topônimo muito “vulgar” em Portugal, no Brasil e na Galiza. “Entre nós também o é em compostos como Santa Cruz, Almeida da Cruz, Cruz Alta [...]”.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é, São João da Ponte, São João da Ponte... depois apareceu mais um outro lá, que é, tem escola, tem tudo, virô cidade... quem vai pra Maria da Cruz... trabalhei nessa estrada de rodagem aqui (Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – p. 93, l. 231-232)

➤ Documento escrito: n/e**(70) Topônimo: MERILO PINHEIRO****Taxionomia: Antropotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ fazenda**ORIGEM:** n/e + português toponímico**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Merilo*, variante de *Murilo*, sobr. esp. top.: *Murillo*: ‘pequeno muro’.

De acordo com Mansur Guérios (1994, p. 270), *Pinheiro* é um sobrenome português toponímico, “lugar onde há pinhos; ou da árvore assim chamada.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: lá é fazenda... não sei se é só fazenda Merilo Pinheiros, né, num sei... tem uma placa logo na entrada lá (Cf. Anexo 1 – Entrevista 04 – p. 33, l. 67)

➤ **Documento escrito:** n/e

(71) Topônimo: MIRALTA

Taxionomia: n/e

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: n/e

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: n/e

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: n/e

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: aqui chama Miralta PESQUISADORA: o rio, Miralta também?
INFORMANTE: é... Miralta* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 05 – p. 35, l. 30-32)

➤ **Documento escrito:** n/e

(72) Topônimo: MIRALTA

Taxionomia: n/e

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: n/e

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: n/e

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: n/e

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é Santa Terezinha... é, então depois vem essas política essas coisa, vai mudando, hoje lá é... Vila Nova de Minas, Miralta que já foi Morrinhos, hoje é Miralta... vai mudando os nome (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 76, l. 136-137)

➤ **Documento escrito:**

Miralta – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(73) Topônimo: **MOINHA**

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1713, v.5, p. 539) define *moinha* como “he quase o pô da palha, depois de moida no calcadouro, ou o que cahe da palha, quando se ciranda, como Pragana, casulos, [...]” Em Moraes (1813, v. 2, p. 310), a palha mui miuda que fica na eira depois de debulhado o trigo.” O mesmo significado se pode conferir em Ferreira (2004): fragmentos de palha muito moída; pó a que se reduz uma substância seca ou triturada. Segundo Machado (1984, p. 1007), *Moinha*, do substantivo feminino *mnoinha*, é topônimo em Castro Daire; na Galiza: Lugo.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: ali, ó/ lá que era Santa Rosa... pelo que o véio fala lá que era Santa Rosa... lá onde é Moinha, pra lá, pra trás tem Patrona... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 44, l. 113-14)

➤ **Documento escrito:** n/e

(74) Topônimo: **MONTE ALTO**

Taxionomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano / localidade

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v.5, p. 566), temos o registro de *monte*: “terra, ou penedia muito mais alta, que o nivel ordinario da terra.” Também em Moraes (1813, v. 2 p. 315), “porção, ou parte da Terra, notavelmente levantada do olivel da outra que a rodeya.” Em Ferreira (2004), “elevação notável de terreno acima do solo que a cerca; serra.”

Bluteau (1712, v. 1, p. 300) registra várias acepções para o vocábulo *alto*: “rochedo muito alto”, “levantado”, “homem de alto nascimento”, “homem de alta altura”. Moraes (1813, v. 1, p. 333) define *alto* como: “erguido, levantado. De estatura grande, de elevação grande. Ilustre [...]” Conforme Ferreira (2004) *alto* é algo de “grande extensão vertical; elevado.” Machado (1984, p. 112) afirma que o adjetivo *alto* é “freqüente na composição de topônimos, tanto no Brasil quanto em Portugal.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: Monte Alto... Monte Alto tá dentro do, do, vai até o rio de Tabuas, que vai pra Miralta, lá é a divisão do distrito de Miralta com Vila Nova de Minas... então o Monte Alto tá dentro do distrito de Vila Nova (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 87-88)

➤ **Documento escrito:** n/e

(75) Topônimo: MONTE ALTO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ serra

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v.5, p. 566) temos o registro de *monte*: “terra, ou penedia muito mais alta, que o nível ordinario da terra.” Também em Moraes (1813, v. 2 p. 315), “porção, ou parte da Terra, notavelmente levantada do olivel da outra que a rodeya.” Em Ferreira (2004), “elevação notável de terreno acima do solo que a cerca; serra.”

Bluteau (1712, v. 1, p. 300) registra várias acepções para o vocábulo *alto*: “rochedo muito alto”, “levantado”, “homem de alto nascimento”, “homem de alta altura”. Moraes (1813, v. 1, p. 333) define *alto* como: “erguido, levantado. De estatura grande, de elevação grande. Ilustre [...]” Conforme Ferreira (2004) *alto* é algo de “grande extensão vertical; elevado.” Machado (1984, p.112) afirma que o adjetivo *alto* é “frequente na composição de topônimos, tanto no Brasil quanto em Portugal”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: essa serra é Samambaia ou serra de Monte Alto, tem um, aqui tem uma população de um pessoal que mora aqui em cima, chama Monte Alto PESQUISADORA: Monte Alto? INFORMANTE: é... então essa serra é a serra da Samambaia e Monte Alto (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 74-77)

➤ **Documento escrito:** n/e

(76) Topônimo: MONTES CLAROS

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ cidade

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Formigas > Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas > Montes Claros de Formigas > Montes Claros

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{pl} + ADJ_{pl}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Montes Claros*, segundo Machado (1984, p. 1019), “topônimo em Borba, Coimbra, Évora, Estremoz, Lisboa, Odemira; no Brasil: Goiás, Minas Gerais; na Galiza: Corunha. ‘Origem e significação evidentes’”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: fui criada aqui... só saí uns tempo mesmo quando de criança né, pa istudá né que num tinha escola, aí eu fui pra Montes Claros né, morá com a tia minha, meus tio, fiquei com eles lá até quando eu terminei os istudo, aí viemo imhora pra qui (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 85, l. 06-07)

INFORMANTE: Santa Rosa é município de Montes Claros, Nova Esperança né, Vila Nova de Minas, tem muitos povoados pra lá (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 87, l. 144-145)

➤ **Documento escrito**

Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas – Eu abaixo assignado morador nesta Freguesia de Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas declaro [...] (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 7)

Montes Claros de Formigas – CARTA CHOROGRAPHICA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES, coordenada e deenhada em vista dos Mappas chorographicos antiguos e das Observações mais recentes de varios Engenheiros, por ordem do Ill^{mo} e Ex^{mo} Sr. DOUTOR FRANCISCO DIOGO PEREIRA DE VASCONCELLOS, Presidente desta provincia, por FREDERICO WAGNER. Ouro Preto, 1855; 67,6 x 76,5 cm, litografia. (COSTA, 2002)

Montes Claros – CARTA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES coordenada POR ORDEM DO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ BENTO DA CUNHA FIGUEIREDO PRESIDENTE DA PROVINCIA segundo os dados officiaes existentes e muitas próprias observações por Henrique Gerber ENGENHEIRO DA MESMA PROVINCIA. 1862; litografia. (COSTA, 2002)

Montes Claros – PROVINCIA DE MINAS GERAES segundo o projecto de nova divisão do Império pelo deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo Ill^{mo} Ex^{mo} Sñr. Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPÉRIO e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silvares. 1873; 56 x 55 cm, litografia. (COSTA, 2002)

Montes Claros – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. Mapa municipal de Montes Claros. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(77) Topônimo: MORRINHOS

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: incerta

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Bluteau (1712, v.5, p. 587), “os que fazem vallados chamam *Morro* à Terra, que topão dura, a modo de piçarra, ou rocha.” O mesmo significado encontramos em Moraes (1813, v. 2, p. 320) e ainda “monte não mui

alto”. Para Cunha (1986, p. 534), de origem incerta, “monte pouco elevado”, “colina, outeiro”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: que nasce dentro d’água, pertinho d’água... esse nomes assim foi criado na época da divisão das terra, que as terra era do Estado, então o Estado vendeu, vendeu pra, pra essas pessoas, e depois o Estado teve que fazê a entrega, né? () então no fazê essas entrega, tinha que pô[r] os nome naquelas áreas, né, aí, então Tabuas, fazenda Tabuas, aqui fazenda Cana-brava, pra cá fazenda **Morrinhos** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 76, l. 119-122)*

➤ **Documento escrito:**

***Murrinhos** – Eu abaixo asignado João de Meireles Leite possui uma parte de terras na Fazenda dos Viados, cita nesta Freguesia e Districto [...] aqual fazenda se acha [...] e divide pelo Nascente com a Fazenda das Cabiceiras, das Canôas, pelo Poente com a Fazenda da [...] pelo Sul com a Fazenda Boriti pelo Norte com a Fazenda dos **Murrinhos**; ignoro sua extensão, Fazenda dos Viados vinte dois de março de mil oito centos e cincoenta seis [...] (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 3)*

(78) Topônimo: MORRINHOS DE SANTA CRUZ

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: incerta + latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Morrinhos de Santa Cruz > Miralta

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{pl} + {Prep + ADJ_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), encontramos o vocábulo *morro* como “monte pouco elevado; colina, outeiro.” Ferreira (2004) registra *cruz* como “antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que se amarravam ou pregavam os condenados à morte”. Machado (1984, p. 476) registra *Cruz* como um topônimo muito “vulgar” em Portugal, no Brasil e na Galiza. “Entre nós também o é em compostos como **Santa Cruz**, Almeida da Cruz, Cruz Alta [...]”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: não... antes aqui chamava **Morrinhos de Santa Cruz** TERCEIRO: **Morrinhos** INFORMANTE: **de Santa Cruz** TERCEIRO: **de Santa Cruz** INFORMANTE: é... ... agora depois jogaro esse nome, Miralta, né? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 04 – p. 32, l. 29-33)*

➤ **Documento escrito:** n/e

(79) Topônimo: MORRO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: incerta

HISTÓRICO: Barreiro > Morro > Bengo > Santa Rosa de Lima

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Morro* é topônimo no Brasil, em Portugal e nas Ilhas, segundo Machado (1984, p. 1025).

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: não, não... é Poço d'Água... ninguém falava/ é como aqui... aqui chamava Barrero... aí depois é que eles pusero nome Barrero e Morro... depois que Filozão chegou aqui, dono dessas terra aqui, eles pusero nome aqui Bengo... mas num aceitaro... ele comprô uma santa desse tamanho com o nome de Santa Rosa e pôs na igreja e pôs nome de Santa Rosa de Lima (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 42, l. 36-38)

➤ **Documento escrito:** n/e

(80) Topônimo: MORRO PRETO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: incerta + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing +ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Morro* é topônimo no Brasil, em Portugal e nas Ilhas, segundo Machado (1984, p. 1025). Segundo Bluteau (1712, v.5, p. 587) “os que fazem vallados chamam *Morro* à Terra, que topão dura, a modo de piçarra, ou rocha.” O mesmo significado encontramos em Moraes (1813, v. 2, p. 320) e ainda “monte não mui alto”. Para Cunha (1986, p. 534), de origem incerta, “monte pouco elevado”, “colina, outeiro”.

*Preto, adj. Negro. Do lat. *prettus*”. (CUNHA, 1986, p. 634)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... Morro Preto parece... é, não é Morro da Garça não... Morro da Garça é lugá dos carro de boi que o povo gosta de, de fazê a festa lá, levá carro de boi, lá ondê, onde cê tem as terra (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 15, l. 29-30)

➤ **Documento escrito:** n/e

(81) Topônimo: MORRO SEVERO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: incerta + latim > português

HISTÓRICO: Santo Expedito > Morro Severo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), encontramos o vocábulo *morro* como “monte pouco elevado; colina, outeiro.” Segundo Bluteau (1712, v.5, p. 587) “os que fazem vallados chamam *Morro* à Terra, que topão dura, a modo de piçarra, ou rocha.” O mesmo significado encontramos em Moraes (1813, v. 2, p. 320) e ainda “monte não mui alto”. Para Cunha (1986, p. 534), de origem incerta, “monte pouco elevado”, “colina, outeiro”.

Severo, adj. “rígido, rigoroso”. Do lat. *sevĕrus*. (CUNHA, 1986, p. 719)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: Santo Expedito chamava Morro Severo PESQUISADORA: Morro Severo
INFORMANTE: Morro Severo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – p. 83, l. 230-232)

➤ **Documento escrito:** n/e

(82) Topônimo: MUCAMBO DO TOLME

Taxionomia: Sociotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: africana + n/e

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + n/e]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Houaiss (1999, p. 1939) registra vários significados para o vocábulo *mocambo*, dentre eles: “refúgio, geralmente em mata, de escravo(s) foragido(s); quilombo; habitação precária e desconfortável; tapera”. Segundo o autor, de origem controvertida; do quimb. *mu'kambu* ‘cumeeira’ (Nascentes) ou *mu + kambu* ‘esconderijo’ (Renato Mendonça, *apud* J. M.).

Em Pessoa de Castro (2001, 290), “esconderijo de escravos na floresta, equivalente a quilombo; choça, palhoça, casebre; cerrado de mato ou moita onde se esconde o gado Var. **mucambo**. Kik. *mukambu*, refúgio, esconderijo; topônimo muito comum no Brasil”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: então o ... lá... porque o dono dessa fazenda Santa Clara, que é o Jaime Rabelo, ele limitava com Manoel José, Manoel José na fazenda Cana-brava e ele na fazenda lá de Mucambo do Tolme... um grande fazendero aí também... até hoje a família dele inda tem, dividiro, subdividiro e tal, mas inda tem, fazenderão, dos filho dele... ocês tão fazendo um trabalho sobre Montes Claros (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 77, l. 162-165)

➤ **Documento escrito:** n/e

(83) Topônimo: MUCAMBO FIRME

Taxionomia: Sociotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: hibridismo (africana + latim > português)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES: Houaiss (1999, p. 1939) registra vários significados para o vocábulo *mocambo*, dentre eles: refúgio, geralmente em mata, de escravo(s) foragido(s); quilombo; habitação precária e desconfortável; tapera. Segundo o autor, de origem controvertida; do quimb. *mu'kambu'* 'cumeeira', (Nascentes) ou *mu* + *kambu'* 'esconderijo' (Renato Mendonça, *apud* J.M.).

Mucambo, segundo Pessoa de Castro (2001, p. 290), "esconderijo de escravos na floresta, equivalente a quilombo; choça, palhoça, casebre; cerrado de mato ou moita onde se esconde o gado Var. **mucambo**. Kik. *mukambu*, refúgio, esconderijo; topônimo muito comum no Brasil".

Firme, *adj.* "seguro, fixo, estável". Do lat. vulgar *fīrmis*. (CUNHA, 1986, p. 359)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *o lugá lá é pertim de... do Mucambo Firme... TERCEIRO: Mucambo Firme? INFORMANTE: é... TERCEIRO: o quê que é Mucambo Firme? ah Mucambo Firme! eu já ouvi falá... Mucambo Firme... INFORMANTE 2: ah, a gente fala Mucambo Firme, vindo de Montes Claros, Mucambo Firme, Cabicera...* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 05 – p. 38, l. 191-195)

➤ **Documento escrito:**

Mucambo Firme "O abaixo assignado possui uma parte de terras na Fazenda do **Mucambo Firme**, cita nesta Freguesia, e Districto por herança que contém sua mulher Hemerenciana Maria de [...] a qual fazenda divide pelo Nascente com a Fazenda das Canoas, pelo Poente com a do Murrinhos, pelo Sul com a de Cabeceiras de Canôas, pelo norte com a do estreito, Vila de Formigas vinte sete de março de mil oito centos, e cincoenta e seis [...]" (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 3)

(84) Topônimo: MUNDO NOVO

Taxionomia: Dirrematotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, p. 632) define *mundo* como: "O universo, ou tudo que consta no Ceu, e terra, com creaturas espirituas, e corporaes, racionais, e irracionais, astros, elementos, mixtos." Do lat. *mūndus*. (CUNHA, 1986, p. 539)

Para Bluteau (1712, v. 5, p.769) *novo* é "coisa feita de pouco tempo". Moraes (1813, v. 2, p. 350) acrescenta: "oposto a antigo, velho". Do lat. *nōvus*. (CUNHA, 1986, p. 552)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: é uma fazendinha que tem dum véio, chamava Joaquim Mendes, já morreu PESQUISADORA: Joaquim Mendes? INFORMANTE: tem muitos anos que já morreu... morava aí ó... PESQUISADOR 3: chamava **Mundo Novo**? INFORMANTE: é, chamava **Mundo Novo** aí ó (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 55, l. 84-86)*

➤ Documento escrito: n/e**(85) Topônimo: MURILO****Taxionomia: Antropotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** físico/ serra**ORIGEM:** espanhol toponímico > português**HISTÓRICO:** Merilo > Murilo**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N_m [prenome]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** *Murilo*, sobrenome espanhol toponímico, *Murillo*: “pequeno muro”. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 243)**CONTEXTO:****➤ Oral contemporâneo:**

*PESQUISADOR 2: lá então eles chama serra de **Murilo**? INFORMANTE: é... lá no Murilo... era Merilo mais hoje é Murilo que a gente fala, né? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 04 – p. 34, l. 137-138)*

➤ Documento escrito: n/e**(86) Topônimo: MUVUCA****Taxionomia: Animotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ povoado**ORIGEM:** africana (banto)**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N_f [S_{sing}]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Em Ferreira (2004), “*Bras. Gír.* grande aglomeração de pessoas, e conseqüente agitação, vozearia, etc; desorganização; balbúrdia; bagunça.” *Muvuca* do banto, segundo Ieda Alves – s.f. confusão, agitação, festa familiar de última hora, improvisada.**CONTEXTO:****➤ Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: não, eu nasci na **Muvuca**... TERCEIRO: **Muvuca**? INFORMANTE: é... Cabicera... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 05 – p. 38, l. 85-87)*

➤ Documento escrito: n/e

(87) Topônimo: NOVA ESPERANÇA

Taxionomia: Animotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Veados > Nova Esperança

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Bluteau (1712, v. 5, p. 769) *novo* é “coisa feita de pouco tempo”. Moraes (1813, v. 2, p.350) acrescenta: “oposto a antigo, velho”. Em Ferreira (2004), “que tem pouco tempo de existência; de pouco tempo; recente”. Do lat. *nōvus*. (CUNHA, 1986, p. 552)

Já *esperança*, “ato de esperar o que se deseja; expectativa, espera; fé, confiança em conseguir o que se deseja.” (FERREIRA, 2004)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: mais ou menos uns doze quilômetros de um distrito ao outro... aí tem a linha de ônibus São Pedro que faz a linha de... de... Montes Claros... depois passando pur Nova Esperança na/na... BR né... BR que segue à Januária...{Januária} e depois de Nova... Nova Esperança... antigamente tinha o nome de Viados né?... PESQUISADORA: em Nova Esperança?... PESQUISADOR 2: Nova Esperança chamava Viados?... INFORMANTE: chamava Viados... aí depois de Viados passou a ser {Nova Esperança PESQUISADORA: {pur quê que mudô de nome?... INFORMANTE: é porque o povo achava o nome muito... poco feio... assim né... não combinava bem com o pessoal ((risos))... o pessoal não achava bem que fosse Viados... aí passou a sê Nova Esperança (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 02, l. 83-91)

➤ **Documento escrito:**

Nova Esperança – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Nova Esperança – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(88) Topônimo: NOVA ESPERANÇA

Taxionomia: Animotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ lagoa

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Bluteau (1712, v.5, p. 769), *novo* é “coisa feita de pouco tempo”. Moraes (1813, v. 2, p. 350) acrescenta: “oposto a antigo, velho”. Em

Ferreira (2004), “que tem pouco tempo de existência; de pouco tempo; recente”. Do lat. *növus*. (CUNHA, 1986, p. 552)

Já *esperança*, “ato de esperar o que se deseja; expectativa, espera; fé, confiança em conseguir o que se deseja.” (FERREIRA, 2004)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: não... aí é...aí é mesmo lagoa de Nova Esperança... e nós tamo lutando pa/porque eles secaro ele e cada um dos proprietário tomô conta dum pedaço... agora nós tamo lutando pra desapropiá lá pa fazê e metê a máquina lá e limpá ela pa ela juntá a água pa nós tê a área de lazê lá... nós pegava peixe lá, pegava era cambada de peixe grande, que dava de peixe lá, traíra, bagre, agora hoje na hora que junta a água nós tem que i[r] lá porque seca logo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 17, l. 113-116)

➤ **Documento escrito:** n/e

(89) Topônimo: OLHO D'ÁGUA

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Olhos d'Água > Olho d'Água

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{pl} + {Prep + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Moraes (1813, v. 2, p. 363) descreve *olho de água*, como um golpe de água que arrebenta de algum buraco, ou abertura da terra. Machado (1984, p. 1090) registra o topônimo Olho D'água. Em Ferreira (2004) *olho d'água* é a “nascente que rebenta do solo; fonte natural perene; lacrimal, olho”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: é... aí diz ele que a cabicera do nosso terreno é Vaca Brava... “nós vamo lá na Vaca Brava agora”... na cabicera de nosso terreno... aí quando nós chega lá embaixo é Vaca Morta... e é tanto que o povo gosta tanto que lá tem os vizinho lá é **Olho d'Água**... mas se uma pessoa chega de lá e o moço lá, “de onde cê é? eu sou de Vaca Morta...” num fala que é **Olho d'Água**, o nome é muito mais bunito... mas o povo que nasce, “sou de Vaca Morta... então tem que sê Vaca Morta mesmo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 16, l. 76-79)*

➤ **Documento escrito:**

Olhos d'Água – PROVINCIA DE MINAS GERAES segundo o projecto de nova divisão do Império pelo deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo III^{mo}. Ex^{mo}. Sñr. Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPÉRIO e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silves. 1873; 56 x 55 cm, litografia. (COSTA, 2002)

Olhos d'Água – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(90) Topônimo: OLHOS D'ÁGUA

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ córrego

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{pl} + {Prep + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Moraes (1813, v. 2, p. 363) descreve *olho de água*, como um golpe de água que arrebenta de algum buraco, ou abertura da terra. Machado (1984, p. 1090) registra o topônimo *Olho D'água*. Em Ferreira (2004), *olho d'água* é a “nascente que rebenta do solo; fonte natural perene; lacrimal, olho”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: e lá tem córrego também que chama **Olhos d'Água**, como é que chama lá? *INFORMANTE:* tem não... só tem um corguinho lá, é um olho d'águinha lá perto da serra, e é pur isso mesmo *PESQUISADORA:* é *INFORMANTE:* e ficou **Olhos d'Água** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 16, l. 83-87)

➤ **Documento escrito:**

Olhos d'Água – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais:* distritos e povoados. [S.l.: s.n], 1973.

(91) Topônimo: OLÍMPIO AFONSO

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: grego > latim > português + alemão > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + prenome]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: “*Olímpio*, do lat. *Olumpius*, do grego *O'lympos*: o ‘céu’; ‘celestial’. Também ‘tudo esplendente’. É nome de um monte entre a Tessália e a Macedônia.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 255)

Afonso, do alemão *Alfons*, derivado de **Adalfuns*: nobre (*adal*) e deligente, atencioso (*funs*)”. (*Ibid* p. 53)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: pra fora, pra longe/ eu morei aqui numa fazenda aqui ó, vinte e quatro anos... de **Olímpio Afonso**... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 57, l. 174)

➤ **Documento escrito:** n/e

(92) Topônimo: PACUÍ

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Pacuy*, o rio dos pacus. (SILVEIRA BUENO, 1998, p. 262)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: tudo assim nessa beirada aqui desse canto aqui ó até, a nascente do Pacuí, do São Lamberto... PESQUISADORA: e pur quê que tem esse nome Pacuí? INFORMANTE: Pacuí, é porque o moço ia passando na, no, no, numa pinguela, pra atravessá o rio, então ele lá ia levando uma leituinha, então ele caiu, a leituinha bateu 'pá' e a leituinha gritô 'cui', ficô 'pacuí'... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 60, l. 76-79)

➤ **Documento escrito**

Pacui – ROCHA, Joaquim José da. *Mapa de Minas Gerais com a deviza de suas comarcas*. Minas Gerais: [s.n.], 1778. 1 mapa. Escala em Légoas. Acervo do Arquivo Histórico do Exército- RJ. (Cf. Anexo 2, p. 1)

Pacuhy – PROVINCIA DE MINAS GERAES segundo o projecto de nova divisão do Império pelo deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo III^{mo} Ex^{mo} Sñr. Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPÉRIO e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silveiras. 1873; 56 x 55 cm, litografia. (COSTA, 2002)

(93) Topônimo: PACUÍ

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Pacuy*, o rio dos pacus. (SILVEIRA BUENO, 1998, p. 262)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: o nome da fazenda do seu pai como é que chama? INFORMANTE: é... é Pacuí mesmo PESQUISADORA: fazenda Pacuí INFORMANTE: é PESQUISADORA: pur causa do rio INFORMANTE: pur causa do rio (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 29, l. 99-104)

➤ **Documento escrito:**

Pacuí – Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes. 1804; 75,0 x 68,2 cm, aquarela. (COSTA, 2002)

Pacuí – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(94) **Topônimo: PALMITO**

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ campo

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Bluteau (1712, v. 6, p. 210), “toma-se por qualquer palma pequena; mas propriamente é o olho da palmeira, e aparte interior, ou miolo do seu tronco.” Também em Moraes (1813, v. 2, p. 388), “palma pequena, o miolo de certas palmeiras.” Do latim *palmus*. (CUNHA, 1986, p. 574)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *ali é Carrapato pur causa que tem, que tem a ponte né, mas ele é rio do Viera... ele vem daqui de cima do, do, do, do Palmito, aqui da Barriguda, aqui no finado (barba), ele passa ali... ele passa ali, vai formando, passa de baixo da, da, passa de baixo duma serra* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 59, l. 23-25)

➤ **Documento escrito:** n/e

(95) **Topônimo: PATRONA**

Taxionomia: Ergotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: alemão > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Bluteau (1712, v.6, p. 323), *patrona* aparece como “bolsa em que os Granadeyros, e os Infantes trazem os cartuchos.” Também em Moraes (1813, v. 2, p. 412), “cartuxeira, em que os soldados levão a polvora encartuxada, vai n’um cinto diante da cintura, ou a tiracollo.” Segundo Ferreira (2004), “bolsa de couro dos sertanejos; patuá; cesto de estrutura rígida, provido de aba ou tampa e de alça, de formato retangular, oval ou redondo, us. entre povos indígenas brasileiros para guardar e transportar objetos pessoais.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: ali, ó/ lá que era Santa Rosa... pelo que o véio fala lá que era Santa Rosa... lá onde é Moinha, pra lá, pra trás tem Patrona... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 44, l. 113-114)

➤ **Documento escrito:** n/e

(96) Topônimo: *PAU JAÚ*

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: indígena (tupi)

HISTÓRICO: Pajaú > Pau Jaú

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Houaiss, *pajaú*, “árvore de até nove metros, da família das poligonáceas, nativa do Brasil, de folhas ovadoblôngas, com a nervura central tomentosa, e flores amareladas, em grandes panículas terminais, do tupi, *pajeú*”. (1999, p. 2106).

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: aqui, nos mais velhos, aqui pra frente, tudo pra frente ali ó, chamava Pau Jaú (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 44, l. 76)

➤ **Documento escrito:** n/e

(97) Topônimo: *PAULINO RODRIGUES*

Taxionomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Paulino*, “do latim *Paulinus*, *Paullinus*, diminutivo de *Paulo*.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 263)

Rodrigues, sobrenome português, em vez de *Rodríguez*, patronímico de *Rodrigo*. (*Ibid*, p. 285)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... já morreu... tinha aqui pra baixo Paulino Rodrigues também, fazenda aqui embaixo aqui... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 55, l. 70)

➤ **Documento escrito:** n/e

(98) Topônimo: **PEDRA PRETA**

Taxionomia: *Litotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Machado (1984, p. 1146), *Pedras* “é topônimo freqüente em Portugal e na Galiza”. *Pedra* é, para Bluteau (1712, v. 6, p.349), um “corpo sólido e duro que se cria na terra”. Moraes (1813, v. 2, p. 418) registra *pedra* como um “corpo sólido e duro que resulta de partículas térreas agregadas.” E para Ferreira (2004) *pedra* é “matéria mineral dura e sólida, da natureza das rochas.”

Preto, adj. Negro. Do lat. **prettus*”. (CUNHA, 1986, p. 634)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: fica pro lado de... fica lá na divisa lá de Pedra Preta, né pai? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 52, l. 596)

➤ **Documento escrito:**

Pedra Preta – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados*. [S.l.: s.n], 1973.

Pedra Preta – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Pedra Preta – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(99) Topônimo: **PEDRO ROCHA**

Taxionomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: grego > latim > português + francês toponímico > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Machado (1984, p. 1148) registra duas entradas para *Pedro*: “1. do lat. *Petru*, este do grego *Petros*, que significa rochedo em grego e *petra* em latim. 2. topônimo em Alandroal (Herdade de D. Pedro), Évora (Quinta de D. Pedro)”.

Rocha, segundo Mansur Guérios (1994, p. 284), “sobr. port. de origem top. fr.? Em 1220, em Portugal, havia um Frances com o sobr. de *de Rochela*, dim. Fr. *Roche*”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: não, com creme não... ele gosta de porco mesmo... e aqui ele mexe com esse negócio de porco aqui, essa casa desse moço aqui, é do/ aqui é o paiol que ele guardava aqui... esse paiol, teve uma época que nós foi () ele ingordava aqui saía, saía um monte de caminhão de porco daqui pra Capitão Enésio ó... ganhô tanto dinheiro aqui que comprô essa fazenda aqui em cima ó... uma fazenda que tem aqui, o dono dessa fazenda que ele comprô chamava **Pedro Rocha**... é dos Rocha aqui pra cima... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 57, l. 189-192)*

➤ **Documento escrito:** n/e

(100) Topônimo: POÇO D'ÁGUA

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v.6, p. 560) define *poço* como “terra profundamente cavada em redondo, e guarnecida de pedras, donde a água, ainda que manancial, como a de fonte, não corre, e ainda que parada, como a de cisterna, não mendiga dos retalhos as gottas que caem”. Para Moraes (1813, v. 2, p. 461) *poço* é “cova, onde se ajunta água, que para aí corre d’algum olho [...]”. Do latim, *putéus*. (CUNHA, 1986, p. 616)

Segundo Machado (1984, p. 62), o topônimo *água* é muito freqüente, sobretudo em compostos, “Água Alta, Água Boa, Água Branca, Olho de Água [...]”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: ela chama Poço d’Água... PESQUISADORA: Poço d’Água? INFORMANTE: é... toda vida Poço d’Água PESQUISADORA: tem poço aqui perto? INFORMANTE: não, não... é o nome, é apilido que eles pusero no lugá... Poço d’Água... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 42, l. 30-34)

➤ **Documento escrito:** n/e

(101) Topônimo: POÇO NOVO

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Ferreira (2004), *poço* é “cavidade funda, aberta na terra, a fim de atingir o lençol aquífero mais próximo da superfície”; “grande buraco, geralmente circular e murado, cavado na terra, para acumular água”. Machado (1984,

p.1189) informa que poço é um topônimo “frequente em formas simples e compostas, em Portugal e na Galiza [...]”.

Novo, do latim *nōvus*. (CUNHA, 1986, p. 552)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: como é que é o nome daqui mesmo? INFORMANTE: Poço Novo

PESQUISADORA: sempre foi Poço Novo? INFORMANTE: Poço Novo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 70, l. 01-04)

➤ **Documento escrito:**

Poço Novo – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(102) Topônimo: POÇÕES

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: português

HISTÓRICO: Poção > Poções

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Poção*, segundo V. Chermont, “é o lugar, no leito de um igarapé, rego ou lago, onde a profundidade é maior, dá-lhe também o significado de lagoa. Parece que o ilustre vocabularista restringiu demasiado o sentido da palavra na Amazônia. Os *poções* encontram-se nos rios e também nos furos.” (SOUZA, 2004, p. 256) Em Ferreira (2004), “lugar, no leito de um igarapé, rego ou lago, onde é maior a profundidade; de *poço* + *-ão*”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: então tinha muita samambaia, pra todo lado que eles ia, era samambaia, era samambaia, deve sê[r] isso, então foi isso né, nessa época es dividiu/ aqui tinha área que chama fazenda Samambaia, deve sê uma área de cinqüenta alquere, sessenta alquere, e ficô fazenda Samambaia... aqui perto tem otra área aí de mais uns cinqüenta ou cem alqueres, já chama Poções, fazenda Poções, né? mas tudo isso, tá com alguma sentença da fazenda Canabrava...(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 47-50)

➤ **Documento escrito:**

Poção – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Poção – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.



FOTO 8 – Fazenda Poção
Fonte: Acervo pessoal

(103) Topônimo: PONTE

Taxionomia: Hodotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v.6, p. 596) registra *ponte* como “obra de Archictetura ou carpintaria que atravessa rios, ou fossos, ou aguas encharcadas para a passagem da gente.” Em Moraes (1813, v. 2, p. 468), *ponte* é “obra de archuictetura; é espécie de corredor com parapeitos, ou passadiço, sobre arcos, que atravessa um rio e dá passagem para a outra banda delle [...]” Em Ferreira (2004), *ponte* é “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer.” Machado (1984, p. 1196) registra *Ponte* como topônimo “freqüente em formas simples e compostas, de Portugal, da Galiza e do Brasil”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: isso... lá tem uns três fazendero... pequeno mas tem... *INFORMANTE 2:* e esse aqui a gente fala rio **da Ponte** *PESQUISADORA:* rio **da Ponte**? *INFORMANTE 2:* é... e o otro lá é de Altino e de Joaquim Ribeiro... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 44, l. 143-146)

➤ **Documento escrito:** n/e

(104) Topônimo: REBENTÃO

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: latim > português (Ferreira, 2004)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Rebentão*, “emprega-se este termo no Brasil em dois sentidos: no de ladeira íngreme, *tombador*, alcantilado e no de grande e prolongada seca. (SOUZA, 2004, p. 271) Em Ferreira (2004), “broto que surge da raiz ou da base do tronco e forma nova planta; descendente; Bras. arbusto de terrenos incultos; Bras. N.E. seca prolongada.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: lá chama São João da Vereda, mas tem apelido de Rebentão
PESQUISADORA: ah, é apelido? INFORMANTE: é... o povo fala Rebentão, Rebentão, mas o nome é... original de lá mesmo é São João da Vereda
PESQUISADORA: sempre foi São João da Ve/ INFORMANTE: sempre foi
PESQUISADORA: e porque é... Rebentão? INFORMANTE: é pur causa das/que lá tem muita aquelas/aqueles/aquelas barroca, né? aquele/ a água vindo, e aí foi criando aqueles vale assim... erosão, né? e fala Rebentão... deve sê pur isso né, eu não sei, mas deve sê (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 28, l. 11-18)

➤ **Documento escrito**

Rimbentão “Eu abaixo asignado declaro que possuo uma parte de terras comprada a Antonio Fernades Pereira Côrrea na Fazenda **do Rimbentão** cita nesta Freguesia da qual ignoro (...)” (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 2)

Rebentão – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados.* [S.l.: s.n], 1973.

(105) **Topônimo: REBENTÃO DO CEDRO**

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Rebentão*, “emprega-se este termo no Brasil em dois sentidos: no de ladeira íngreme, *tombador*, alcantilado e no e grande e prolongada seca. (SOUZA, 2004, p. 271) Também em Ferreira (2004), “broto que surge da raiz ou da base do tronco e forma nova planta; descendente; Bras. arbusto de terrenos incultos; Bras. N.E. seca prolongada.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: então essas duas famílias, Marculino e Juvêncio, eles viero do Rebentão do Cedro de cá, pra baixo do Cedro, né? então essa família que formô é, Carvalho, que é meu pai, veio, eles era amigo lá do Rebentão do Cedro, que é perto de, do, do, do, Cedro, ondê

que tem, que tinha a fábrica de tecido e minha avó trabalhava nessa fábrica, de tecido, lá do Cedro... de Simião né? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 61, l. 110-113)

➤ **Documento escrito:** n/e

(106) Topônimo: RIBEIRÃO

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), o vocábulo *ribeirão* é “curso de água menor que um rio e maior que um riacho; de *ribeiro* + *-ão*”. Também em Souza (2004, p. 280), *ribeirão*, pode ser empregado no sentido de “riacho de maior curso e volume.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: como é que chama aquele rio mesmo, é... INFORMANTE: é Ribeirão mesmo PESQUISADORA: ah, Ribeirão INFORMANTE: é PESQUISADORA: chama Ribeirão INFORMANTE: é, rio do Ribeirão... e o rio Verde fica ao lado aí, pra baixo” (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 70, l. 21-26)

➤ **Documento escrito**

Ribeirão – CARTA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES coordenada POR ORDEM DO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ BENTO DA CUNHA FIGUEIREDO PRESIDENTE DA PROVINCIA segundo os dados officiaes existentes e muitas próprias observações por Henrique Gerber ENGENHEIRO DA MESMA PROVINCIA. 1862; litografia. (COSTA, 2002)

(107) Topônimo: RIBEIRÃO DO OURO

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ córrego

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: De acordo com Machado (1984, p. 1261), o vocábulo *ribeirão* é topônimo comum não só no Brasil, como em Portugal nas localidades de “Loures (Casal do Ribeirão), Oleiros, Vila Nova de Famalicão, Ilha do Pico”.

Em Bluteau (1712, v.6, p. 148) *ouro* é “o mais precioso dos metais. Segundo os Chimicos, o ouro he a mais pura substancia do enxofre e do azougue [...]”. Segundo Moraes (1813, v. 2, p. 376) *ouro* é um “metal mui compacto, pesado e ductil, amarello, e o mais precioso de todos”.

Em Machado (1984, p. 1108) é registrado o topônimo *Ouro* que, segundo o autor, pode ocorrer em formas simples e compostas.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: Bom Jardim também não, Bom Jardim pertence a São João da Ponte, ali pro outro lado do Ribeirão do Ouro (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 87, l. 124)

➤ **Documento escrito:**

Ribeirão do Ouro – Eu abaixo assignado (...) possuo uma parte da terra na fazenda da Esperança margem do Ribeirão do Ouro, cita nesta Freguesia e Districto, por compra que fiz Miguel Ferreira de Souza, a qual fazenda se acha (...) (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 6)

Ribeirão do Ouro – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados. [S.l.: s.n], 1973.

(108) Topônimo: RIO DE FORA

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ córrego

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + ADV}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v.7, p. 339) registra *rio* como “corrente caudalosa de muytas aguas juntas, que vão desembocar no mar”. Em Moraes (1813, v. 2, p. 634) *rio* é “água corrente por entre margens, e em grande copia”. Do latim *rīvus*. (CUNHA, 1986, p. 686)

Fora, adv. ‘na parte exterior’, do latim fōras. (Ibid p. 364)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: lá no córrego Rio de Fora? PESQUISADORA: córrego Rio de Fora? TERCEIRO: é... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 04 – p. 34, l. 147-149)

➤ **Documento escrito:** n/e

(109) Topônimo: RIO MANSO

Taxionomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: ne

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Ferreira (2004) afirma que *rio* é um “curso de água natural, de extensão mais ou menos considerável, que se desloca de um nível mais elevado para outro mais baixo, aumentando progressivamente seu volume até desaguar no mar, num lago, ou noutra rio [...]”. Para Machado (1984, p. 1264) *Rio* é topônimo presente no Brasil, Portugal e Galiza “em formas simples e compostas”.

Manso, *adj.* ‘de gênio brando ou índole pacífica, sereno, sossegado’, do latim vulgar *mansus*. (CUNHA, 1986, p. 497)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: Vila Nova, no Barrero, Vista Alegre... PESQUISADORA: tudo aqui perto... INFORMANTE: Buriti Campo Santos, Rio Manso PESQUISADOR 2: quem que passô? PESQUISADORA: Rio Manso INFORMANTE 2: é... PESQUISADOR 2: ah, o filme aí né? (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 52, l. 570-576)

➤ **Documento escrito: n/e**

(110) Topônimo: ROCINHA

Taxionomia: Sociotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v.7, p. 350) registra roça como “porção de mato que sendo alto se corta, ou queyma; roça no Brasil he a horta, ou quinta em que se semeia mandioca [...]”. Em Moares (1813, v. 2, p. 636), vários significados, “acção de roçar; terra roçada do mato; granja, terra de lavoura no Brazil”. Ferreira (2004) acrescenta “sementeira plantada em terreno roçado ou no próprio mato; grande propriedade agrícola; *Bras.* terreno de pequena lavoura (em especial de mandioca, milho, feijão, etc.); *Bras.* a zona rural; o campo”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: de Américo Martins, justamente... aqui bem próxima ao () chamava Rocinha PESQUISADORA: Rocinha? INFORMANTE: é... dava o nome de Rocinha, era a fazenda de Américo Martins PESQUISADORA: fazenda Rocinha INFORMANTE: é (Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – p. 80, l. 98-102)

➤ **Documento escrito: n/e**

(111) Topônimo: SAMAMBAIA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Samambaya*, “do tupi, mas de étimo indeterminada. Nome comum a várias plantas ornamentais da fam. das gleiqueniáceas.” (CUNHA, 1986, p. 701)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: pra lá tem esse Tabua, é... Vila Nova, Samambaia PESQUISADORA: ah, Samambaia, nós tamo querendo i[r] na Samambaia INFORMANTE: han? PESQUISADORA: nós tão querendo i[r] lá em Samambaia INFORMANTE: pois é... Samambaia é do outro lado (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 71, l. 93-97)

➤ **Documento escrito:**

Samambaia – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(112) Topônimo: SAMAMBAIA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Samambaya*, “do tupi, mas de étimo indeterminada. Nome comum a várias plantas ornamentais da fam. das gleiqueniáceas.” (CUNHA, 1986, p. 701)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: então tinha muita samambaia, pra todo lado que eles ia, era samambaia, era samambaia, deve sê[r] isso, então foi isso né, nessa época es dividiu/ aqui tinha área que chama fazenda Samambaia, deve sê uma área de cinqüenta alquere, sessenta alquere, e ficô fazenda Samambaia... aqui perto tem otra área aí de mais uns cinqüenta ou cem alqueres, já chama Poções, fazenda Poções, né? mas tudo isso, tá com alguma sentença da fazenda Canabrava.. (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 47-50)

➤ **Documento escrito:** n/e

(113) Topônimo: SAMAMBAIA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ serra

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Samambaia*, segundo Silveira Bueno (1998, p. 313), é nome de uma “planta ornamental cujos ramos muito delgados se projetam em grande extensão. De *sama*, corda, fio, *mbai*, trançado, emaranhado”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: essa serra é Samambaia ou serra de Monte Alto, tem um, aqui tem uma população de um pessoal que mora aqui em cima, chama Monte Alto PESQUISADORA: Monte Alto? INFORMANTE: é... então essa serra é a serra da Samambaia e Monte Alto... ela tá no limite aí, que es tão lá em cima (Cf. Anexo 1 – Entrevista – 11, P. 75, l. 74-77)

➤ **Documento escrito:** n/e

(114) Topônimo: SANHARÓ

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Ferreira (2004), nome comum a certas espécies de abelhas sociais meliponídeas, gênero Melipon: enrola-cabelo, irapuã, sanharó, tujumirim, torce-cabelo. Em Houaiss (1999, p. 2510), mesmo que sanharão, abelha social, do tupi *saña´ro*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é, bem pra trás pro lado lá... naquela entrada em cima pra lá é ela... do Ribeirão pra lá já é Sanharó PESQUISADORA: Sanharó? INFORMANTE: é... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 71, l. 58-60)

➤ **Documento escrito:**

Sanharó – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados*. [S.l.: s.n], 1973.

Sanharó – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(115) Topônimo: SANTA CLARA

Taxionomia: Hagiotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Santa Clara de Assis nascida como Chiara d'Offreducci em Assis (Itália), no dia 16 de Julho de 1194, e falecida em Assis, no dia 11 de Agosto de 1253, foi a fundadora do ramo feminino da Ordem Franciscana. Segundo a tradição, o seu nome vem de uma inspiração dada à sua religiosa mãe, de que haveria de ter uma filha que iluminaria o mundo. (Portal Santa Clara. Disponível em: <<http://www.portalsantaclara.org.br/interna.php?id=4>>. Acesso em: 17 jan. 2010.)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: pois é... Samambaia é do outro lado TERCEIRO: quantos quilômetros têm de Vila Nova até Samambaia? INFORMANTE: ela pra trás de São Luciano PESQUISADORA: de São Luciano né PESQUISADOR 2: e pra cá? INFORMANTE: tem lá Santa Clara, tem fazenda de Luis de Paula, do outro lado do Viera (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 71, l. 97-102)

➤ **Documento escrito:**

Santa Clara – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Santa Clara – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Pirapora, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(116) Topônimo: SANTA MARTA

Taxionomia: Hagiopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ açude

ORIGEM: latim > português + arameu ou siríaco

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Varazze (2003, p. 587), Marta hospedeira de Cristo, descendente de reis, era filha de Ciro e Eucália. Irmã de Maria Madalena.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: acabava a luz porque num fornecia mais força, a dona (Vidinha), a viúva/ depois es mudaro a indústria lá pra' qui ficô lá só a usina lá, ficô fornecendo água até es fizeram um açude num corgo lá em cima da serra, com o nome chamado, nome Santa Marta, lá foi que forneceu (Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – p. 92, l. 166-168)

➤ **Documento escrito:**

Santa Marta – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(117) Topônimo: SANTA ROSA

Taxionomia: Hagiotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Santa Rosa de Lima > Santa Rosa

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Santa Rosa de Lima é venerada como padroeira de sua pátria, o Perú, como também de toda a América Latina e das Ilhas Filipinas. Nascida em Lima, em 1586, e filha de um casal de espanhóis arruinados, desde cedo a menina conheceu as adversidades e a difícil luta pela vida. Seu verdadeiro nome era Isabel Flores y de Oliva. O nome Rosa, na verdade, foi um apelido posto pela empregada da casa, maravilhada pela beleza da menina, exclamou admirada: “Você é bonita como uma rosa!” (Revista Santo do Dia, 2001, p. 23.)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: ah, esse rio aí ó, eu num sei o nome dele não... num sei não... mas eu creio que, o que nós conhece aqui, daqui pra cá, é isso mesmo... INFORMANTE: de toda maneira tem que falá o rio da Santa Rosa... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 44, l. 135-137)

➤ **Documento escrito**

Santa Rosa – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Santa Rosa – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(118) Topônimo: SANTA ROSA

Taxionomia: Hagiotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Santa Rosa de Lima > Santa Rosa

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Santa Rosa de Lima é venerada como padroeira de sua pátria, o Perú, como também de toda a América Latina e das Ilhas Filipinas. Nascida em Lima, em 1586, e filha de um casal de espanhóis arruinados, desde cedo a menina conheceu as adversidades e a difícil luta pela vida. Seu verdadeiro nome era Isabel Flores y de Oliva. O nome Rosa, na verdade, foi um apelido posto pela empregada da casa, maravilhada pela beleza da menina, exclamou admirada: “Você é bonita como uma rosa!” (Revista Santo do Dia, 2001, p. 23.)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: aí cê pode pô[r] o nome do, do dono da fazenda de lá, Juca... PESQUISADORA: Juca? INFORMANTE: é... tratava ele Jucão... PESQUISADOR 2: fazenda Santa Rosa? INFORMANTE: isso... PESQUISADORA: e lá ainda é Santa Rosa agora né? tudo é Santa Rosa (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 43, l. 90-95)

➤ **Documento escrito:** n/e

(119) Topônimo: SANTA ROSA DE LIMA
~ SANTA ROSA

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Santa Rosa de Lima ~ Santa Rosa

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] ~ NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Santa Rosa de Lima é venerada como padroeira de sua pátria, o Perú, como também de toda a América Latina e das Ilhas Filipinas. Nascida em Lima, em 1586, e filha de um casal de espanhóis arruinados, desde cedo a menina conheceu as adversidades e a difícil luta pela vida. Seu verdadeiro nome era Isabel Flores y de Oliva. O nome Rosa, na verdade, foi um apelido posto pela empregada da casa, maravilhada pela beleza da menina, exclamou admirada: “Você é bonita como uma rosa!” (Revista Santo do Dia, 2001, p. 23.)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: a estrada segue a Santa Rosa de Lima... depois de Santa Rosa de Lima... distrito de Montes Claros... Santa Rosa... aí segue pra São Pedro da Garça... é um distrito... uns 20 quilômetro... entre Santa Rosa mais ou menos uns vinte quilômetro entre Santa Rosa... a São Pedro da Garça (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 02, l. 97-99)

➤ **Documento escrito:**

Santa Rosa de Lima – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Santa Rosa de Lima – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Pirapora, MG.* Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(120) Topônimo: SÃO GERALDO

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ vila

ORIGEM: latim > português + alemão > germânico > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Geraldo nasceu em Muro, no sul da Itália, no dia 6 de abril de 1726. Nasceu de uma família pobre de bens. Aos sete anos, em vista da pobreza da família, dirigia-se à ermida de Capodigiano, onde recebia um pãozinho branco que o Menino Jesus lhe entregava e com quem ele brincava. Somente mais tarde, quando já na Congregação, Geraldo compreende quem era aquele Menino. São Geraldo faleceu no dia 16 de outubro de 1755, consumido pelas suas severidades e pela tuberculose. (Basílica São Geraldo. Disponível em: <<http://www.basilicasaogeraldo.org.br>>. Acesso em: 10 jan. 2010)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: não... São Geraldo é aqui, onde que fica, pra cá, né? que passa São Geraldo já tá perto do, do Carrapato que é o Viera... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 60, l. 94-95)

➤ **Documento escrito:**

São Geraldo – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

São Geraldo – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Pirapora, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(121) Topônimo: SÃO GERALDO

Taxionomia: Hagiotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: latim > português + alemão > germânico > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Geraldo nasceu em Muro, no sul da Itália, no dia 6 de abril de 1726. Nasceu de uma família pobre de bens. Aos sete anos, em vista da pobreza da família, dirigia-se à ermida de Capodigiano, onde recebia um pãozinho branco que o Menino Jesus lhe entregava e com quem ele brincava. Somente mais tarde, quando já na Congregação, Geraldo compreende quem era aquele Menino. São Geraldo faleceu no dia 16 de outubro de 1755, consumido pelas suas severidades e pela tuberculose. (Disponível em: <<http://www.basilicasaogeraldo.org.br>>. Acesso em: 10 jan. 2010)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... tem a fazenda do meu pai... uma fazendinha pequena... fazenda São Geraldo PESQUISADORA: *fazenda São Geraldo?* INFORMANTE: *São Geraldo* PESQUISADORA: *o nome dele... é Geraldo também* INFORMANTE: *é Geraldo também... é* PESQUISADORA: *aí pur causa disso ficou São Geraldo* INFORMANTE: *São Geraldo..* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 04, l. 71-77)

➤ **Documento escrito:** n/e

(122) Topônimo: **SÃO GERALDO**

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ morro

ORIGEM: latim > português + alemão > germânico > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Geraldo nasceu em Muro, no sul da Itália, no dia 6 de abril de 1726. Nasceu de uma família pobre de bens. Aos sete anos, em vista da pobreza da família, dirigia-se à ermida de Capodigiano, onde recebia um pãozinho branco que o Menino Jesus lhe entregava e com quem ele brincava. Somente mais tarde, quando já na Congregação, Geraldo compreende quem era aquele Menino. São Geraldo faleceu no dia 16 de outubro de 1755, consumido pelas suas severidades e pela tuberculose. (Basílica São Geraldo. Disponível em: <<http://www.basilicasaogeraldo.org.br>. Acesso: em 10 jan. 2010)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: morro, tem o Morro de Bom Jesus, que tem a cru/o cruzeiro de Bom Jesus lá em cima... que a gente quando não tava chovendo a gente ia fazê penitência... e tem o morro de São Geraldo também... com o cruzeiro lá em cima... aí quando tava esse tempo igual tá agora, pai mandava a gente né? a gente pegava uma pedra lá da/do/da cruz da igreja, punha na cabeça e ia rezando até lá naquele morro... chegava lá punha aquela pedra no morro, no cruzeiro do morro, e panhava outra pedra vi[r] PESQUISADORA: morro São Geraldo? INFORMANTE: morro São Geraldo e Morro Bom Jesus... aqueles morro, assim (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 29, l. 79-84)

➤ **Documento escrito:** n/e

(123) Topônimo: **SÃO GERALDO**

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim > português + alemão > germânico > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *INFORMANTE: morro, tem o Morro de Bom Jesus, que tem a cru/o cruzeiro de Bom Jesus lá em cima... que a gente quando não tava chovendo a gente ia fazê penitência... e tem o morro de São Geraldo também... com o cruzeiro lá em cima... aí quando tava esse tempo igual tá agora, pai mandava a gente né? a gente pegava uma pedra lá da/do/da cruz da igreja, punha na cabeça e ia rezando até lá naquele morro... chegava lá punha aquela pedra no morro, no cruzeiro do morro, e panhava outra pedra vi[r] PESQUISADORA: morro São Geraldo? INFORMANTE: morro São Geraldo e Morro Bom Jesus... aqueles morro, assim (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 29, l. 79-84)*

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: então cento e cinquenta légua/ cento e cinquenta anos pra trás, me revelaro, me falaro e me mostrô também que tá o sinal do rego... tem o sinal do rego aí... quarenta légua... feito pelos escravo... tem um sinal... sabe onde ele passa? ele passa aqui beirando o São Geraldo, né, passa aí (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 63, l. 253-255)

➤ **Documento escrito:** n/e

(124) Topônimo: SÃO JOÃO DA VEREDA

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Varazze (2003, p. 113), “João quer dizer ‘graça de Deus’, ou ‘em quem está a graça’, ou ‘ao qual foi dada a graça’, ou ‘aquele que recebeu um dom de Deus’.” Vereda, conforme aponta Houaiss (1999) “Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. Na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais”.

“A 27 de dezembro de 1948, a lei mineira número 336 desmembrou do distrito da cidade uma pequena parte e criou o distrito de São João da Vereda.” (PAULA, 2007)

Vereda, conforme aponta Houaiss (1999), “Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil. caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho [...]; Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. Na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: o povo fala Rebentão, Rebentão, mas o nome é... original de lá mesmo é São João da Vereda [...](Cf. anexo 1. Entrevista 3 – p.28, l.13)

INFORMANTE: não... quando eu intindia pur gente chamava Rebentão... quando eu entrei pra escola é que eu fui escrevê o nome certo, lá, que é São João da Vereda... é que eu aprendi escrevê (Cf. anexo 1. Entrevista 3 – p.30, l.125-126)

➤ **Documento escrito:**

São João da Vereda – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. Mapa municipal de Montes Claros. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(125) Topônimo: SÃO LAMBERTO

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: De acordo com Varazze (2003, p. 776), “Lamberto foi gerado nobre, porém foi ainda mais nobre pela santidade de sua vida. [...] Lamberto não apenas foi clemente como ainda pregou de forma sublime sobre o bem da paciência.”

O *São Lamberto* nasce na chapada do Mocotó, contra vertente do Verde Grande em nosso município, serve de limite entre nosso município e Coração de Jesus e lança-se no Jequitaí.” (PAULA, 2007, p. 90)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: do lado de lá, na ponta desse morro também tem a nascente do São Lamberto... PESQUISADORA: São Lamberto? INFORMANTE: é... o que desce pra lá... PESQUISADORA: é córrego? INFORMANTE: é rio... PESQUISADORA: é rio São Lamberto INFORMANTE: desce do São Lamberto pra lá, desce do São Lamberto pra lá né, desce do São Lamberto, pra cá desce o, o, o, o rio Verde, né, pra cá desce a Gamelera... que dizê que lá é São Lamberto, rio Verde... São Lamberto pro lado direito né, pro lado de lá, né pra onde a gente tá não, São Lamberto... e pro lado de cá o rio Verde, pro lado de lá o rio Verde, pro lado de cá é, é o córrego da Gamelera né, pro lado lá também nasce o Pacuí ... nasce vários rio” (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 60, l. 63-72)

➤ **Documento escrito**

S. Lamberto – ROCHA, Joaquim José da. *Mapa de Minas Gerais com a deviza de suas comarcas*. Minas Gerais: [s.n.], 1778. 1 mapa. Escala em Légoas. Acervo do Arquivo Histórico do Exército- RJ. (Cf. Anexo 2, p. 1)

S. Lamberto – Planta Geografica do Continente que corre da Bahia de Todos os Santos até a Capitania do Espírito Santo e da Costa até o Rio São Francisco – 1801. (COSTA, 2002)

S. Lamberto – PROVINCIA DE MINAS GERAES segundo o projecto de nova divisão do Império pelo deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo III^{mo} Ex^{mo} Sñr. Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPÉRIO e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silvaes. 1873; 56 x 55 cm, litografia. (COSTA, 2002)

(126) Topônimo: SÃO LUCIANO

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ serra

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Luciano de Samósata nasceu c. 125 em Samósata, na província romana da Síria, e morreu pouco depois de 181, talvez em Alexandria, Egito. De certo, pouca coisa se sabe a respeito de sua vida, mas o apogeu de sua atividade literária transcorreu entre 161 e 180. Em *A passagem de Peregrino* legou-nos uma rara abordagem do Cristianismo segundo o ponto de vista de um não-cristão. (Luciano de Samósata. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_de_Sam%C3%B3sata>. Acesso em: 17 jan. 2010)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: essa aí é serra de São Luciano PESQUISADOR 2: serra São Luciano
INFORMANTE: é, São Luciano (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 71, l. 46-48)

➤ Documento escrito:

São Luciano – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(127) Topônimo: SÃO LUCIANO**Taxionomia: Hagiotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ fazenda**ORIGEM:** português**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Luciano de Samósata nasceu c. 125 em Samósata, na província romana da Síria, e morreu pouco depois de 181, talvez em Alexandria, Egito. De certo, pouca coisa se sabe a respeito de sua vida, mas o apogeu de sua atividade literária transcorreu entre 161 e 180. Em *A passagem de Peregrino* legou-nos uma rara abordagem do Cristianismo segundo o ponto de vista de um não-cristão. (Luciano de Samósata. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_de_Sam%C3%B3sata>. Acesso em: 17 jan. 2010)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: tem a fazenda ali São Luciano PESQUISADORA: São o que?
INFORMANTE: Luciano PESQUISADORA: ah, Luciano INFORMANTE: é, fazenda São Luciano (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 70, l. 30-34)

➤ Documento escrito: n/e**(128) Topônimo: SÃO PEDRO DA GARÇA
~ SÃO PEDRO****Taxionomia: Hagiotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ distrito**ORIGEM:** português**HISTÓRICO:** n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] ~ NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Varazze (2003, p. 500) destaca São Pedro como um apóstolo obediente “quando Cristo o chamou, obedeceu à primeira ordem do Senhor e entregou-se à tristeza quando renegou Cristo.” Ainda segundo o autor, “Pedro teve três nomes, o primeiro Simão Bar Jonas. Simão quer dizer ‘obediente’ ou ‘aquele que se entrega à

tristeza’, e Bar Jonas, ‘filho de pomba’, porque em sírio *bar* é ‘filho’ e em hebraico *Jonas* significa ‘pomba’. Seu segundo nome foi Cefas, que significa ‘chefe’ ou ‘pedra’ ou ‘aquele que proclama’. [...] Seu terceiro nome foi Pedro, que quer dizer ‘conhecedor’, ‘descalço’ ou ‘dissolvedor’.”

O vocábulo *garça* é registrado por Bluteau (1712, v.4, p. 30) com definição bem detalhada “a ave de rapina, e aquatica. He grande de corpo, e pernalta. Tem bico, e pescosso comprido, e azas muyto estendidas. [...] Tem a plumagem de côr azul claro. Algumas se vestes de pennas cinzentas. Outras tem crista. Tem os olhos graciosos tirantes ao azul das pennas. He passaro grave, bem estirado; voa muyto alto. Por isso dizem, que he chamado em Latim *Ardea* tomado de *Arduus*, quasi, *Ardua petens*.” A mesma definição encontramos em Moares (1813, v. 2, p. 79), “ave aquática de rapina.” Para Cunha (1986, p. 378), do latim lusitano *gartia*.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo:

PESQUISADORA: aqui sempre chamô São Pedro da Garça? INFORMANTE: da minha lembrança pra cá sempre chamô São Pedro da Garça PESQUISADORA: a sinhora sabe purquê que chama São Pedro da Garça? INFORMANTE: não sei... minha mãe falava assim com a gente que, que aqui tinha uma pedra na bera do rio, eu conheci, é lá embaixo... ainda conheci o lugá mas já não era mais o poço tava raso o rio, que era um poço muito fundo e tinha a pedra, a pedra, a pedra eu conheci, tinha uma pedrona assim na bera do rio e que incima dessa pedra tinha sempre uma garça, ela ficava só lá pescando né? aí es falava “a pedra da garça”, falava “lá na pedra da garça”, falava né? então, como Pedro vem de pedra né, daí surgiu o nome São PESQUISADORA: São Pedro da Garça ((risos)) INFORMANTE: São Pedro da Garça... pedra da garça né? diz que era uma pedra, eu conheci, eu conheci lá ainda, o rio já tava raso (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 85, l. 10-20)

INFORMANTE: quando eu nasci já ixistia São Pedro ((risos)) mas aqui tinha fazenda demais... essa dos Maias né, Camilo Maia, que eu nem conheci, ainda conheci foi uma filha dele, dona A.M., dona dessa parte da fazenda (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 86, l. 65-66)

➤ Documento escrito:

São Pedro da Garça – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados.* [S.l.: s.n], 1973.

São Pedro da Garça – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.



FOTO 9 – São Pedro da Garça
Fonte: Acervo pessoal

(129) Topônimo: *SÃO PEDRO DA GARÇA*

Taxionomia: *Hagiotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ morro

ORIGEM: português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Varazze (2003, p. 500) destaca São Pedro como um apóstolo obediente “quando Cristo o chamou, obedeceu à primeira ordem do Senhor e entregou-se à tristeza quando renegou Cristo.” Ainda segundo o autor, “Pedro teve três nomes, o primeiro Simão Bar Jonas. Simão quer dizer ‘obediente’ ou ‘aquele que se entrega à tristeza’, e Bar Jonas, ‘filho de pomba’, porque em sírio *bar* é ‘filho’ e em hebraico *Jonas* significa ‘pomba’. Seu segundo nome foi Cefas, que significa ‘chefe’ ou ‘pedra’ ou ‘aquele que proclama’. [...] Seu terceiro nome foi Pedro, que quer dizer ‘conhecedor’, ‘descalço’ ou ‘dissolvedor’”.

O vocábulo *garça* é registrado por Bluteau (1712, v.4, p. 30) com definição bem detalhada “a ave de rapina, e aquática. He grande de corpo, e pernalta. Tem bico, e pescosso comprido, e azas muyto estendidas. [...] Tem a plumagem de côr azul claro. Algumas se vestes de pennas cinzentas. Outras tem crista. Tem os olhos graciosos tirantes ao azul das pennas. He passaro grave, bem estirado; voa muyto alto. Por isso dizem, que he chamado em Latim *Ardea* tomado de *Arduus*, quasi, *Ardua petens*.” A mesma definição encontramos em Moares (1813, v. 2, p. 79), “ave aquática de rapina.” Para Cunha (1986, p. 378), do latim lusitano *gartia*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: como é que chama o morro? *INFORMANTE:* o morro... o nome dele... não tem... praticamente um nome específico não... o povo fala de São Pedro da Garça (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 07, l. 351-353)

➤ **Documento escrito:** n/e

(130) Topônimo: *SAPÉ*

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Silveira Bueno define o termo *sapé* como: “gramínea de folhas compridas e resistentes com as quais se fazem de cobertas casas pobres”. Também Cunha (1986, p. 704) *sapé*, do tupi *iasa’pe*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

“TERCEIRO: a nossa fazenda em São Pedro da Garça dá origem a todas as fazenda, fazenda Sapé INFORMANTE: fazenda Sapé... pois é, é isso... TERCEIRO: é... todas regiões é a fazenda Sapé” (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 74, l. 20-22)

➤ **Documento escrito:**

Sapé – (...) a qual fazenda se acha em comum divide pela Nascente com Fazenda São João, pelo Poente com fazenda do Passo-Danta, pelo Norte com fazenda da Bôa Vista, e pelo sul com fazenda do Sapé (...) vinte sete de março de mil oito centos cincoenta e seis (...)” (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 6)

(131) Topônimo: SAPÉ

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em *Vocabulário Tupi-Guarani Português* Silveira Bueno define o termo *sapé* como: “gramínea de folhas compridas e resistentes com as quais se fazem de cobertas casas pobres”. Também Cunha (1986, p. 704), *sapé*, do tupi *iasa’pe*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: pai, tem uma que chama Sapé... INFORMANTE: ãh?? INFORMANTE 2: tem uma fazenda que chama Sapé... INFORMANTE: essa eu não sei quem é não... INFORMANTE 2: de Joaquim Maia, naquele documento de vó tem é ele.. (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 43, l. 48-52)

➤ **Documento escrito:** n/e

(132) Topônimo: SOLIDADE

Taxionomia: *Animotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ serra

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Soledade*, nome português de origem cristã. O nome lembra a *soledade* em que se achou a Virgem Dolorosa por ocasião da Paixão e Morte de seu Filho Jesus. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 305)

Em Bluteau (1712, v.7, p. 704), *soledade*, “lugar solitário”. O mesmo significado se confere em Moraes. Em Ferreira (2004), “lugar ermo, deserto; solidão”. Do latim *sōlitas*, segundo Cunha (1986, p. 728).

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: Solidade? INFORMANTE: é... o povo falava “ah eu vô na roça, né, eu vô lá na Solidade” né? mas essa serra daqui pra cá mesmo hoje é da/nas propriedade de Murilo, sabe? a serra PESQUISADOR 2: chama serra da Solidade? INFORMANTE: é.. (Cf. Anexo 1 – Entrevista 04 – p. 34, l. 111-115)

➤ Documento escrito: n/e**(133) Topônimo: SOLIDÃO****Taxionomia: Animotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ fazenda**ORIGEM:** latim > português**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Bluteau (1813, v.7, p. 706) e também Moraes (1813, v. 2, p. 718), *solidão*, “retiro. lugar solitario”. Do latim *sōlitūdo*, segundo Cunha (1986, p. 728)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

TERCEIRO: agora a respeito das fazenda Solidão PESQUISADORA: fazenda Solidão? TERCEIRO: Solidão... é muito importante aqui... eu tava lendo uma reportagem a poco INFORMANTE: é? TERCEIRO: é... os cantores foi lá e filmô INFORMANTE: ah, deve sê aí embaixo... eu não conheço aí não TERCEIRO: é... pra baixo (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 68, l. 161-167)

➤ Documento escrito: n/e**(134) Topônimo: TABUAS****Taxionomia: Fitotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ fazenda**ORIGEM:** obscura**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), *tabua*, “grande erva (até 3m) da família das tifáceas (*Typha domingensis*), que vive em águas paradas e rasas, pois radica-se no fundo lamacento por meio de um rizoma, que é comestível. Tem folhas ensiformes, pontudas e resistentes, flores unissexuais e inconspícuas arrumadas em espigas grossas e compactas, de sexos separados, e espigas frutíferas com pêlos que parecem paina. As folhas servem para tecer esteiras e cestos, e podem dar celulose para papel.” Em Cunha (1986, p. 749), “planta comestível da fam. das tifáceas, de origem obscura”.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: Tabuas é o que, o nome INFORMANTE: eu não sei purquê que pusero não PESQUISADORA: lá na placa tá tábuas INFORMANTE: mas é Tabuas PESQUISADORA: eu já ouvi falá Tabuas INFORMANTE: é Tabuas, é Tabuas... tabuas é uma planta PESQUISADORA: ah é uma planta? INFORMANTE: que nasce dentro d'água, pertinho d'água... esse nomes assim foi criado na época da divisão das terra, que as terra era do Estado, então o Estado vendeu, vendeu pra, pra essas pessoas, e depois o Estado teve que fazê a entrega, né? () então no fazê essas entrega, tinha que pô[r] os nome naquelas áreas, né, aí, então Tabuas, fazenda Tabuas, aqui fazenda Cana-brava, pra cá fazenda Morrinhos (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 76, l. 112-122)

➤ Documento escrito: n/e**(135) Topônimo: TABUAS****Taxionomia: Fitotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ povoado**ORIGEM:** obscura**HISTÓRICO:** Tabua do Rio Verde > Tabuas**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N_f [S_{pl}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), *tabua*, “grande erva (até 3m) da família das tifáceas (*Typha domingensis*), que vive em águas paradas e rasas, pois radica-se no fundo lamacento por meio de um rizoma, que é comestível. Tem folhas ensiformes, pontudas e resistentes, flores unissexuais e inconspícuas arrumadas em espigas grossas e compactas, de sexos separados, e espigas frutíferas com pêlos que parecem paina. As folhas servem para tecer esteiras e cestos, e podem dar celulose para papel.” Em Cunha (1986, p. 749), “planta comestível da fam. das tifáceas, de origem obscura”.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: dentro de Tabuas, essa fazendas INFORMANTE: é TERCEIRO: Tabuas são fazendas ou um povoaduzim? INFORMANTE: Tabuas é uma comunidade TERCEIRO: um povoado INFORMANTE: é (Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – p. 71, l. 65-70)

➤ Documento escrito

Tabuas – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(136) Topônimo: TABUAS**Taxionomia: Fitotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** físico/ rio**ORIGEM:** obscura**HISTÓRICO:** n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), *tabua*, “grande erva (até 3m) da família das tifáceas (*Typha domingensis*), que vive em águas paradas e rasas, pois radica-se no fundo lamacento por meio de um rizoma, que é comestível. Tem folhas ensiformes, pontudas e resistentes, flores unissexuais e inconspícuas arrumadas em espigas grossas e compactas, de sexos separados, e espigas frutíferas com pêlos que parecem paina. As folhas servem para tecer esteiras e cestos, e podem dar celulose para papel.” Em Cunha (1986, p. 749), “planta comestível da fam. das tifáceas, de origem obscura”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: Monte Alto... Monte Alto tá dentro do, do, vai até o rio **de Tabuas**, que vai pra Miralta, lá é a divisão do distrito de Miralta com Vila Nova de Minas... então o Monte Alto tá dentro do distrito de Vila Nova (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 87-88)

➤ **Documento escrito:**

Tabuas – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(137) Topônimo: TAMBORIL

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Silveira Bueno (1998, p. 332) descreve *Tambory* como uma planta leguminosa, cujo caule, se cortado, verte líquido.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: tem... tem o rio **Tamboril**, né? que nas/ *PESQUISADORA:* **Tamboril?** *INFORMANTE:* é... que nasce bem per/bem próximo e a nascente dele é lá mesmo *PESQUISADORA:* **Tamboril?** *INFORMANTE:* é *PESQUISADORA:* e sabe também porque que tem esse nome, **Tamboril?** *INFORMANTE:* eu não sei não... mas deve sê pur causa da/da água né? que tem muito lá *PESQUISADORA:* tem muito lá? *INFORMANTE:* tem muito tamboril lá *PESQUISADORA:* é aquela que faz móveis, ou não... *TERCEIRO:* tamboril é arvoredó né? *INFORMANTE:* é... é uma árvore (Cf. Anexo 1 – Entrevista 03 – p. 28, l. 28-39)

➤ **Documento escrito:**

Tamboril – PLANTA GERAL DA CAPITANIA DE MINAS GERAES. ca. 1800; 47,0 x 39,4 cm, litografia (Schlicht, Mannheim). (COSTA, 2002)

(138) Topônimo: TIRIRICA

Taxionomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Ferreira (2004) define *tiririca* como “erva daninha, graminiforme, da família das ciperáceas (*Cyperus rotundus*), famosa pela capacidade de invadir velozmente terrenos cultivados. Rizoma tuberculoso, com pequenos bolbos; folhas lineares, flores inconspícuas, pardo-avermelhadas e agregadas em amplas inflorescências. É difícil de erradicar, a não ser com herbicidas químicos.” Do tupi *tiri’ rika*. (CUNHA, 1986, p. 772)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: onde é que fica Tiririca? INFORMANTE: hein? PESQUISADORA: onde é que fica Tiririca? INFORMANTE: Tiririca é aqui onde tem uma mineração lá, aqui perto de Januária, adiante do lugar pur nome... é... antigamente chamava Viado, depois voltô pra... PESQUISADOR 2: Nova Esperança INFORMANTE: Nova Esperança... é ali, pertim de Nova Esperança, é ali PESQUISADORA: depois de INFORMANTE: Tiririca, onde teve, depois PESQUISADORA: mas é dentro de Montes Claros ou é INFORMANTE: hein? PESQUISADORA: Tiririca faz parte de Montes Claros? INFORMANTE: faz” (Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – p. 93, l. 249-261)

➤ **Documento escrito:**

Tiririca – CARTA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES coordenada POR ORDEM DO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ BENTO DA CUNHA FIGUEIREDO PRESIDENTE DA PROVINCIA segundo os dados officiaes existentes e muitas próprias observações por Henrique Gerber ENGENHEIRO DA MESMA PROVINCIA. 1862; litografia. (COSTA, 2002)

Tiririca – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. Mapa municipal de Montes Claros. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(139) Topônimo: TIRIRICA

Taxionomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ riachão

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Ferreira (2004) define *tiririca* como erva daninha, graminiforme, da família das ciperáceas (*Cyperus rotundus*), famosa pela capacidade de invadir velozmente terrenos cultivados. Rizoma tuberculoso, com pequenos bolbos; folhas lineares, flores inconspícuas, pardo-avermelhadas e agregadas em amplas inflorescências. É difícil de erradicar, a não ser com herbicidas químicos.” Do tupi *tiri’ rika*. (CUNHA, 1986, p. 772)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: óia... tem o riachão do Tiririca PESQUISADOR 2: chama riachão Tiririca? INFORMANTE: é... lá é riachão... aí cê pode/deve contá a historia aí (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 20, l. 311-313)

➤ Documento escrito: n/e**(140) Topônimo: TOLEDO****Taxionomia: Antropotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ localidade**ORIGEM:** espanhol toponímico > português**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N_m [prenome]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Toledo*, “sobr. port. de origem top. esp. Lat. *Toletus*. – Um dos cavaleiros esp. que participaram da tomada de Toledo e se estabeleceu na dita cidade desde o primeiro dia da conquista, juntou o topônimo ao sobr. Descendia dele Fernando Álvares de Toledo, fidalgo.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 316)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo:**

PESQUISADORA: como é que é o nome da região lá? INFORMANTE: é, aqui é... PESQUISADORA: tudo Toledo? INFORMANTE: é, Toledo... daqui pra lá todo lado o povo conhece Toledo... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 66, l. 55-58)

➤ Documento escrito:

Toledo – DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais: distritos e povoados.* [S.l.: s.n], 1973.

Toledo – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(141) Topônimo: TOLEDO**Taxionomia: Antropotopônimo****MUNICÍPIO:** Montes Claros**ACIDENTE:** humano/ fazenda**ORIGEM:** espanhol toponímico > português**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N_m [prenome]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Toledo*, “sobr. port. de origem top. esp. lat. *Toletus*. – Um dos cavaleiros esp. que participaram da tomada de Toledo e se estabeleceu na dita cidade desde o primeiro dia da conquista, juntou o topônimo ao sobr. Descendia dele Fernando Álvares de Toledo, fidalgo.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 316)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

*INFORMANTE: esse curral é antigo... esse curral deve tê[r] mais ou menos... qué vê... ele deve tê... tem uns quarenta e cinco anos que ele foi construído... e aquela casa lá eu nem lembro de quando ela foi construída... isso aí é uma fazenda... é a fazenda dos **Toledo**... então é por isso que tem o nome aí de **Toledo**... a parada **Toledo** (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 65, l. 16-18)*

➤ **Documento escrito: n/e**



FOTO 10 – Fazenda Toledo.

Fonte: Acervo pessoal.

(142) **Topônimo: TRAIÁRA**

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Silveira Bueno (1998, p. 360) mostra que o correto é *toraíra*. “Peixe d’água doce”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

PESQUISADOR 2: e o Traíra? INFORMANTE: pois é, o Traíra e tudo despeja no São Lambertito PESQUISADORA: é rio Traíra? PESQUISADOR 2: rio Traíra INFORMANTE: é... PESQUISADOR 2: despeja no São Lambertito INFORMANTE: vai despejando aí e esse rio vai pegando essa carga aí ó (Cf. Anexo 1 – Entrevista 08 – p. 62, l. 196-202)

➤ **Documento escrito:**

Traíra – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Traíra – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(143) Topônimo: **ORATINGA ~ URATINGA**

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: indígena

HISTÓRICO: Uratinga > Oratinga

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Conforme Silveira Bueno (1998, p. 375), *uratinga*, de *guará*, *garça*, *tinga*, branca.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: não... é município né, é município de Montes Claros, igual aqui, é município de Montes Claros... e pra baixo dela lá é Oratinga PESQUISADORA: Ulatinga? INFORMANTE: Oratinga PESQUISADORA: ah, Oratinga INFORMANTE: Oratinga TERCEIRO: Uratinga INFORMANTE: é Oratinga TERCEIRO: Uratinga PESQUISADORA: Uratinga (Cf. Anexo 1 – Entrevista 09 – p. 68, l. 193-203)

➤ **Documento escrito:** n/e

(144) Topônimo: **VACA BRAVA**

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 8, p. 342) registra o vocábulo *vaca* como “animal quadrupede, cornigero, e femea do Touro.” Também Moraes (1813, v. 2, p. 825), “a femea do boi, em idade perfeita de parir.” Segundo Cunha (1986) e Ferreira (2004), do latim *vacca*.

Bravo, *adj.* ‘corajoso, valente, intrépido’ ‘feroz, selvagem’. Do latim *barbarus*. (CUNHA, *Ibid* p. 123)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: naquele tempo, tinha/o que que acontecesse a gente (fazia) né? então, pra botá o nome lá, eles diz que eles trabalhara a vaca lá, na cabicera do terreno de meu pai, é, a vaca era muito brava, aí botô Vaca Brava, aí depois os vaqueiro foi trabalhá, chegô lá adiante eles mataro a vaca, botô Vaca Morta... ((risos)) a história que eles conta é isso (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 16, l. 72-74)

➤ **Documento escrito:** n/e

(145) Topônimo: **VACA MORTA**

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ povoado

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bluteau (1712, v. 8, p. 342) registra o vocábulo *vaca* como “animal quadrupede, cornigero, e femea do Touro.” Também Moraes (1813, v. 2, p. 825), “a femea do boi, em idade perfeita de parir.” Segundo Cunha (1986) e Ferreira (2004), do latim *vacca*.

Morto em Bluteau (1713, v.5, p. 592), “defunto; a que se tirou ávida”. Do latim *mōrtūus*, segundo Cunha (*Ibid*, p. 534)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... *aí diz ele que a cabicera do nosso terreno é Vaca Brava... “nós vamo lá na Vaca Brava agora”... na cabicera de nosso terreno... aí quando nós chega lá embaixo é Vaca Morta... e é tanto que o povo gosta tanto que lá tem os vizinho lá é Olho d’Água... mas se uma pessoa chega de lá e o moço lá, “de onde cê é? eu sou de Vaca Morta...” num fala que é Olho d’Água, o nome é muito mais bunito... mas o povo que nasce, “sou de Vaca Morta... então tem que sê Vaca Morta mesmo”* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 16, l. 76-79)

➤ **Documento escrito:**

Vaca Morta – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

(146) Topônimo: VARGEM DA CANCELA

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: obscura + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Bluteau (1712, v.8, p. 368) “varzea, ou varzia, ou vargem, se chama um espaço de terra cultivada em campo, ou em qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto [...]”. Em Moraes (1813, v. 2, p. 831), *vargem* é o mesmo que “campo, planície cultivada, semeada [...]”. Para Ferreira (2004), *vargem* é: “planície fértil e cultivada, em um vale”. Segundo Cunha (1986, p. 812), de origem obscura.

Já *cancela* é, para Bluteau (1713, v. 2, p. 95), “cancellia, clausura de paos, alguma cousa afastados, que deixando o ar, e a vista livre, impedem a entrada.” Do latim *cancellia*, para Cunha (*Ibid*, p. 146)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: fazenda? tem várias, da Cancela ... Cana-brava e ... acho que é só essas
PESQUISADORA: são antigas des[de] da época que a senhora era mocinha **INFORMANTE:**
é... é... quando eu nasci já era (Vagem) **PESQUISADOR 2:** **Vargem da Cancela?**
INFORMANTE: Vagem **PESQUISADORA:** Vagem? **INFORMANTE:** Vagem ou é Vargem,
num sei... é **da Cancela** ((risos)) **PESQUISADOR 2:** num sabe pur causa de que também não
né? **INFORMANTE:** ãh? **PESQUISADORA:** pur causa de quê que tem esse nome?
INFORMANTE: num sei porque não... deve de sê porque tinha muitas cancela, né? E lá é
uma (vagem) assim... deve de sê pur isso **PESQUISADOR 2:** ah! tá certo (Cf. Anexo 1 –
Entrevista 03 – p. 30, l. 106-116)

➤ **Documento escrito:** n/e

(147) Topônimo: VARGEM GRANDE

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: obscura + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Machado (1984, p. 1459) registra *Vargem* como topônimo “frequente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino *vargem*, o mesmo que várzea [...]”.

Para Bluteau (1712, v. 4, p. 119), *grande* é um termo comparativo: “o que tem mayor extensão em qualquer das dimensoens.” Segundo Moraes (1813, v. 2, p. 97), *grande* é “opposto a pequeno” em quantidade, intensão, ou qualquer qualidade. Do latim *grandis*. (CUNHA, 1986, p. 393)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: eu num sei o nome que era dado a lá não, eu num sei se é **Vargem Grande**
PESQUISADORA: **Vargem Grande** **INFORMANTE:** me parece que era **Vargem Grande**,
parece que é... ali onde é a rodoviária, isso tudo, onde tinha essa parte (Cf. Anexo 1 –
Entrevista 12 – p. 83, l. 248-250)

➤ **Documento escrito:**

Vargem Grande – PLANTA GERAL DA CAPITANIA DE MINAS GERAES. ca. 1800;
47,0 x 39,4 cm, litografia (Schlicht, Mannheim) (COSTA, 2002)

(148) Topônimo: VERDE GRANDE ~ VERDE

Taxionomia: Cromotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: Rio Verde Grande > Rio Verde

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + ADJ_{sing}] ~ NC_m [ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Verde* está registrado em Bluteau (1712, v.8, p. 433) como “a cor, que a natureza dà às hervas, arvores”. Para Moraes (1813, v. 2, p. 843), *verde* é “huma das cores principaes, como a que tem as hervas viçosas, os limos”. Em Ferreira (2004), “da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda”. Do latim *vīrīdis*. (CUNHA, 1986, p. 816)

Em Ferreira (2004), *grande* é o que tem “tamanho, volume, intensidade, valor, etc., acima do normal”. Machado (1984, p. 740) registra *Grande* como “topônimo nas Ilhas da Madeira e das Flores e também no Brasil. [...] entra em topônimos compostos nacionais e estrangeiros.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é... esse rio já chama Cana-brava... aí ...segue até o rio **Verde**... ele..... as águas dele...é... *PESQUISADORA:* chega no rio **Verde** *INFORMANTE:* chega... é jogada no/ no rio **Verde** *PESQUISADORA:* cê sabe porque que chama rio **Verde**? *INFORMANTE:* rio **Verde Grande** *PESQUISADORA:* rio **Verde Grande**?... *INFORMANTE:* é... porque as águas do rio sempre apresenta assim um... verde... né... as próprias águas... a natureza do rio (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 01, l. 46-52)

➤ **Documento escrito:**

Verde Grande – Planta Geografica do Continente que corre da Bahia de Todos os Santos até a Capitania do Espírito Santo e da Costa até o Rio São Francisco – 1801. (COSTA, 2002)

Verde – ROCHA, Joaquim José da. *Mapa de Minas Gerais com a deviza de suas comarcas*. Minas Gerais: [s.n.], 1778. 1 mapa. Escala em Légoas. Acervo do Arquivo Histórico do Exército- RJ. (Cf. Anexo 2, p. 1)

(149) Topônimo: VIADINHO

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Encontramos *veado*, em Bluteau (1712, v.8, p. 377), como “animal bravo, quadrupede, cornigero, de unha fendida, pescoço comprido, orelhas pequenas, cauda curta, e legeirissimo”. Para Cunha (1986, p. 813), “qualquer animal que se caça habitualmente” “mamífero artiodáctilo, da fam. Dos cervídeos”, do latim *vēnātus*.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: aqui tudo é... de um tempo era Viados, ali em cima tem **Viadinho**, (.....) é aí ó, era otro viado diferente ((risos)) otro viado né, **Viadinho** *PESQUISADORA:* é muito pra cima? *INFORMANTE:* é bem aí em cima na cabicera do córrego depois de lá (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 17, l. 132-135)

➤ **Documento escrito: n/e**

(150) Topônimo: VIADOS

Taxionomia: Zootopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: latim > português

HISTÓRICO: Veados > Viados

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Ferreira (2004), “animal mamífero, artiodáctilo, cervídeo, desprovido de incisivos superiores e em geral muito tímido e veloz”. *Veado* é, segundo Machado (1984, p. 1462), “topônimo em Castro Daire, Mafra, Marco de Canaveses, Porto de Mós, [...]. Em alguns casos do s.m. *veado*, noutros talvez de um antr. *Venātus*.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: mais ou menos uns 12 quilômetros de um distrito ao outro... aí tem a linha de ônibus São Pedro que faz a linha de... de... Montes Claros... depois passando por Nova Esperança na/na... BR né... BR que segue à Januária...{Januária} e depois de Nova... Nova Esperança... antigamente tinha o nome de Viados né?... PESQUISADORA: em Nova Esperança?... PESQUISADOR 2: Nova Esperança chamava Viados?... INFORMANTE: chamava Viados... aí depois de Viados passou a sê {Nova Esperança PESQUISADORA: {por quê que mudô de nome?... INFORMANTE: é porque o povo achava o nome muito... pouco feio... assim né... não combinava bem com o pessoal ((risos))... o pessoal não achava bem que fosse Viados... aí passou a sê Nova Esperança PESQUISADORA: tem muito tempo que mudô de nome?... INFORMANTE: tem bastante tempo... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 02, l. 83-93)

➤ **Documento escrito:**

Viados – Eu abaixo asignado João de Meireles Leite possui uma parte de terras na Fazenda dos Viados, cita nesta Freguesia e Districto (...) (Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. Repartição Especial de Terras Públicas, 1856. Arquivo Público Mineiro. TP-129. Cf. Anexo 3, p. 3)

(151) Topônimo: VIERA

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ rio

ORIGEM: latim > português toponímico

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Vieira*, sobrenome português toponímico (Minho). Do latim *Venaria*, derivado de *vena*: ‘conduto, veio, ou fio de água ou de metal’ (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 327)

Vieira, topônimo freqüente na Galiza: Pontevedra. Do substantivo feminino *Vieira* ‘concha usada pelos peregrinos a Santiago.’ (MACHADO, 1984, p. 1475)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: *é... o rio Verde... ele é um rio muito sofrido... né... muito...que as água do ... do isgoto de Montes Claros... do rio **Viera*** **PESQUISADORA:** *rio **Viera**?* **INFORMANTE:** *é... rio **Viera** e joga as água do isgoto... não tratada no rio Verde... então o rio é muito sofrido... ele vai sofrendo muito... os peixe vai morrendo... né... vai... quase matando o... a... o rio* **PESQUISADORA:** *o **Viera** é cumprido?... o **Viera**?... INFORMANTE:* *o **Viera** é um percurso bastante... vem de Montes Claros e segue até o rio Verde (Cf. Anexo 1 – Entrevista 01 – p. 06, l. 318-325)*

➤ **Documento escrito:**

Vieira – PROVINCIA DE MINAS GERAES segundo o projecto de nova divisão do Império pelo deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo ILL Ex^m. Sñr. Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPÉRIO e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silvares. 1873; 56 x 55 cm, litografia. (COSTA, 2002)

Vieira – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros.* [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Vieira – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Pirapora, MG.* Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.



FOTO 11 – Nascente do rio Vieira, Montes Claros, M/G

Fonte: Disponível em: <<http://pedagogoseovieira.blogspot.com>>. Acesso em: 02 fev. 2010.

(152) Topônimo: VILA NOVA DE MINAS
~ **VILA NOVA**

Taxionomia: Poliotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ distrito

ORIGEM: latim > português + latim > português + céltico > galo-romano > francês > português

HISTÓRICO: Bom Sucesso > Vila Nova de Minas ~ Vila Nova

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing + {Prep + Spl}] ~ NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para Bluteau (1712, v. 8, p. 489), *Vila*, povoação aberta, ou cercada, que nem chega a Cidade, nem he tão pequena, como Aldea. O mesmo em Moraes (1813, v. 2, p. 852) e Ferreira (2004).

Novo, para Bluteau (1712, v. 5, p.769), é “coisa feita de pouco tempo”. Moraes (1813, v. 2, p. 350) acrescenta: “oposto a antigo, velho”.

Mina, em Bluteau (1712, v.5, p. 491), está registrado como, “o lugar que se cava para delle tirar qualquer metal, ou mineral”. Em Moraes (1813, v. 2, p. 300), “abertura soterranea, feita para se tirarem mineraes, ou para se lhe metter polvora, e dando-lhe fogo, fazer voar algum muro”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: é Vila Nova... nós tão no distrito de Vila Nova de Minas... daqui lá tem seis quilômetros... mas tá tudo dentro do município de Montes Claros... Montes Claros é um povo grande... desce até São Pedro, é grande PESQUISADORA: é grande INFORMANTE: então, é bastante grande o município... agora nós tão aqui no distrito de Vila Nova de Minas... aí (Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 82-85)

➤ **Documento escrito:**

Vila Nova de Minas – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Vila Nova de Minas – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000.

(153) **Topônimo: VISTA ALEGRE**

Taxionomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ localidade

ORIGEM: latim > português + latim > português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Vista*, dentre outras significações, Houaiss (1999) apresenta “cena, cenário, paisagem”. Em Ferreira (2004), panorama, paisagem.

Alegre em Bluteau (1712, v. 1, p. 231) e Moraes (1813, v. 1, p. 87) o que tem alegria, coisa que inspira alegria.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: aí/ não, quando eu entrei já tinha esse aqui ó... de primera era na Vista Alegre... se murria aqui eles levava pra lá... PESQUISADORA: Vista Alegre INFORMANTE: é... cê conhece lá? PESQUISADORA: não, tá quantos quilômetros daqui? INFORMANTE: cê sobe essa serra aí, na hora que saí[r] lá, na serra, tem que tá o comércio... murria aqui, nós jogava na carcunda e pegava esse galopão de morro aí ó, chegava lá... mas surgiu aqui um pedaço de terra, nós fez um cimitério aí... aí eu entrei, trabalhando... abrindo cova... num ia

pra Santa/ pra Vista Alegre mais não... ficava aqui... murria... chegava um aqui na boca da noite 'ó, fulano morreu'... 'deixa comigo, amanhã nós interra...' aí eu trabalhei vinte ano aí... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 49, l. 426-433)

➤ **Documento escrito:**

Vista Alegre – DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

Vista Alegre – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Belo Horizonte, MG). *Pirapora, MG*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000

(154) **Topônimo: ZÉ CARIAS DOS SANTOS**

Taxionomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: físico/ lagoa

ORIGEM: hebraico > português + português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + {Prep + Apl + apelido de família}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Zacarias, do hebraico, *Sakhariah*: “Javé, (*Iah*) medita (*isakhar*)” ou “o de que Javé se lembrou”. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 337)

Santos, sobrenome português de origem cristã, abrev. de *Todos os Santos*. Refere-se à comemoração de todos os santos da Igreja Católica. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 294)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE 2: aquela lagoa ali ó, de Zé Carias do Santos... PESQUISADORA: lagoa de Zé Carias dos Santos? INFORMANTE 2: é... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 50, l. 461-463)

➤ **Documento escrito:** n/e

(155) **Topônimo: ZÉ CARIAS DOS SANTOS**

Taxionomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: hebraico > português + português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + {Prep + Apl + apelido de família}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Zacarias, do hebraico, *Sakhariah*: “Javé, (*Iah*) medita (*isakhar*)” ou “o de que Javé se lembrou”. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 337)

Santos, sobrenome português de origem cristã, abrev. de *Todos os Santos*. Refere-se à comemoração de todos os santos da Igreja Católica. (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p. 294)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: na fazenda de seu Zé Carias dos Santos PESQUISADOR 2: é essa mesmo, nós escutamos essa história INFORMANTE: foi passeá no barco e tava lá na fazenda e o barco afundô e virô... aqui essa lagoa aqui ela era/tinha muita água nela mas o Vital, o otro Vital aí, atrapalhô aí e tirô/pegô uma retroescavadeira e tirô rio de dentro da lagoa e passou o rio pur fora... porque o rio jogava dentro da lagoa e enchia a lagoa e tornava a saí (Cf. Anexo 1 – Entrevista 02 – p. 17, l. 104-108)

➤ **Documento escrito:** n/e

(156) Topônimo: ZÉ MAIA

Taxionomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Montes Claros

ACIDENTE: humano/ fazenda

ORIGEM: hebraico > português + toponímico português

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [prenome + apelido de família]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Mansur Guérios (1994, p. 338), *Zé*, é a abreviação hipocorística de *José*. Este é um nome proveniente do hebraico *Iosseph, Iehussef*: “Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho). (*Ibid* p. 200)

Para Machado (1984, p. 923), o topônimo *Maia*, concebido no distrito do Porto, tem origem obscura, certamente pré-romana, “talvez de uma forma *Ammaia*, donde *Amaee* em 915 (*Dipl.*, p. 12), *Amaia*, em 1009 (*id.*, p. 128), *Amaya* em 1075 (*id.*, p.509). [...] O uso da preposição *de* trouxe *dAmaia*, depois entendido como *da Maia*, com a conseqüente independência desta última forma, já atestável em 1097 (*Dipl.*, p. 512).” Também Mansur Guérios (1994, p. 223), “sobr. port. top., primit. *Amaia*, e, com a prepôs. *de*, *de Amaia* se fez *da Maia*.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

INFORMANTE: aqui, não... isso aqui num tinha casa nenhuma não... meu, meu, meu pai morava na fazenda de Zé Maia ali do otro lado, ali... nas fazenda que tinha ali pro lado de cima, era de Zé Maia, era patrão nosso... (Cf. Anexo 1 – Entrevista 07 – p. 54, l. 27-28)

➤ **Documento escrito:** n/e



FOTO 12 – Artesanato Vendedora de Pequi.
Fonte: <http://www.montesclaros.mg.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2010.

Capítulo 5 – Análise quantitativa e discussão dos resultados

Conforme demonstrado no capítulo 4, o *corpus* constituído de 156 topônimos retirados das entrevistas realizadas em pesquisa de campo foi submetido a uma análise orientada pelas hipóteses mencionadas na *Introdução* deste trabalho. Para tanto, após classificação, estudo linguístico e, ainda, levantamento de registros antigos dos topônimos encontrados em cartas geográficas e em documentos, passemos à análise qualitativa e quantitativa do conjunto dos dados.

Neste capítulo pretende-se, portanto, a partir da análise dos dados realizada no capítulo anterior, identificar, comparar e discutir os resultados alcançados por meio de 12 gráficos que trazem os valores numéricos e percentuais, acreditando-se fornecer informações mais concretas de cunho linguístico-histórico-cultural.

5.1. Quanto à taxionomia

O levantamento feito a partir das entrevistas de campo forneceu os topônimos que serão analisados com relação à natureza, às taxionomias registradas na região, à origem, à forma e ao gênero.

5.1.1. Natureza dos topônimos

Um dos objetivos desta pesquisa é proceder à classificação taxionômica dos topônimos dos acidentes físico-geográficos, conforme modelo adotado por Dick (1990a, p.31-34).

Como vimos anteriormente, a proposta de classificação dos topônimos segundo Dick é formulada a partir de sua repartição em duas ordens: a física e a antropocultural. Na análise realizada, predomina o primeiro grupo, como se pode verificar: de um total de 156 topônimos, 90 são de natureza física, perfazendo 58% do total dos nomes, o que pode ser observado consultando o gráfico 01.

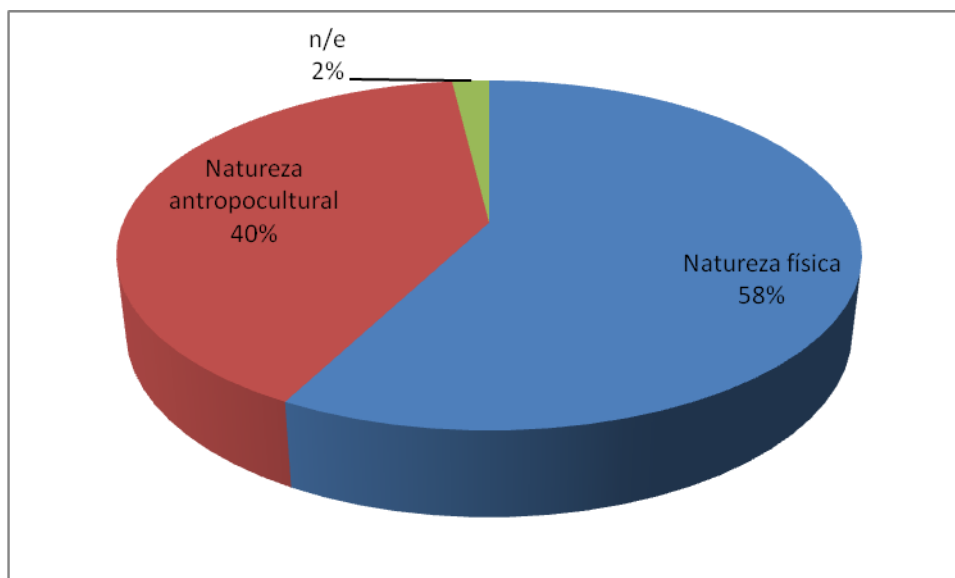


GRÁFICO 1 – Identificação percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais.

No que tange à natureza antropocultural, somamos 40% ou 63 do total dos topônimos. Os 03 topônimos restantes não puderam ser classificados. São eles: *Canaci* e *Miralta*, esse último, nomeando dois acidentes geográficos.

A recorrência e a análise de cada taxionomia serão apresentadas no item a seguir, pois, a apresentação desses gráficos estabelece apenas a produtividade de cada categoria separadamente.

5.1.2. Taxionomias registradas na região

A partir da análise do gráfico 01 foi constatada a predominância de topônimos de natureza física. Da relação proposta por Dick (1990a, p. 31) encontramos em nosso *corpus* as seguintes taxas: *cardinotopônimos*, *cromotopônimos*, *geomorfotopônimos*, *fitotopônimos*, *litotopônimos*, *hidrotopônimos*, *zootopônimos*, *animotopônimos*, *antropotopônimos*, *dirrematotopônimos*, *ergotopônimos*, *hagiotopônimos*, *hierotopônimos*, *sociotopônimos*, *hodotopônimos*, *poliotopônimos*.

Não encontramos em nossa pesquisa topônimos pertencentes às classes: *astrotopônimos*, *axiotopônimos*, *dimensiontopônimos*, *meteorotopônimos*, *morfotopônimos*, *corotopônimos*, *cronotopônimos*, *ecotopônimos*, *etnotopônimos*, *historiotopônimos*, *mitotopônimos*, *numerotopônimos* e *somatotopônimos*. (Cf. tópico 3.2)

Na taxionomia de natureza física, foram mais recorrentes, por ordem decrescente, os *fitotopônimos*, com 34 ocorrências, o que representa um percentual de 38% dos dados

dessa natureza. Em seguida, bastante recorrentes também, estão os *geomorfotopônimos*, com 27 ocorrências, com um percentual de 30%. Na sequência, aparecem os *hidrotopônimos*, com 17 ocorrências ou 19%, e os *zootopônimos*, com 10 ocorrências ou 11% do cômputo geral de taxionomia de natureza física.

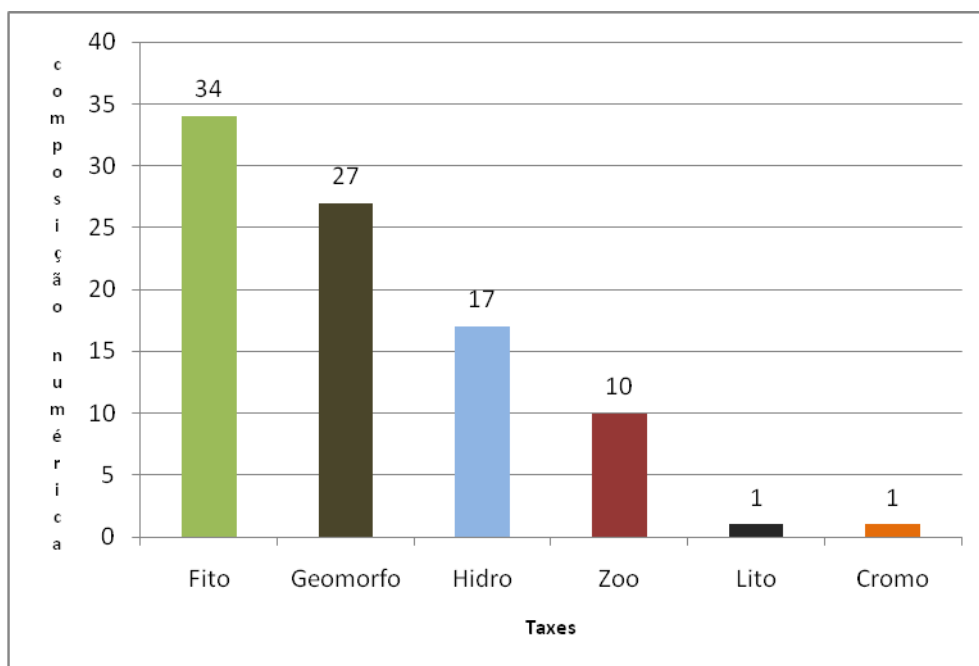


GRÁFICO 2 – Distribuição numérica dos topônimos – taxionomias de natureza Física.

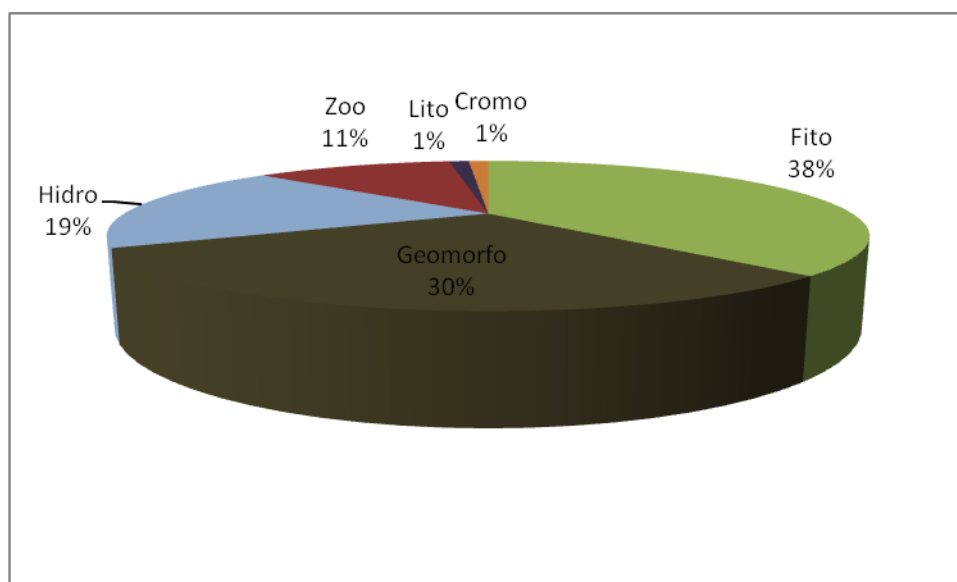


GRÁFICO 3 - Distribuição percentual dos topônimos - taxionomias de natureza Física.

Já em relação às taxionomias de natureza antropocultural, constatou-se a predominância de *antropotopônimos*, que apresentaram um total de 27 topônimos ou

percentual de 42,86%. Atingiram também um índice considerável de ocorrências os *hagiotopônimos*, com um total de 15 topônimos e percentual de 23,81%.

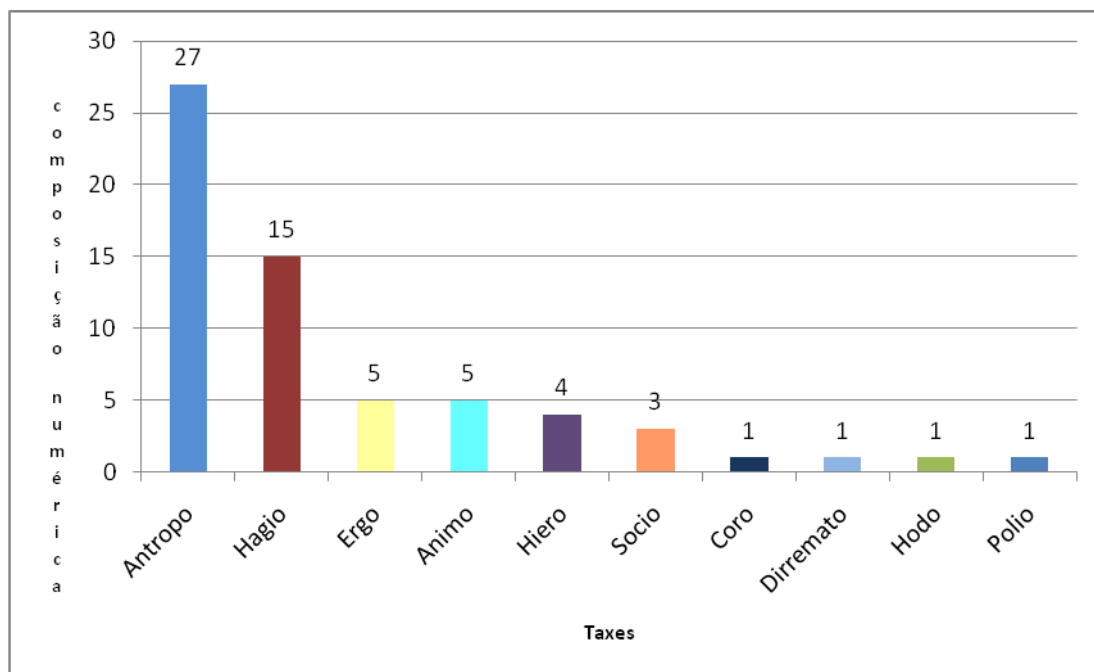


GRÁFICO 4- Distribuição numérica dos topônimos - taxionomias de natureza Antropocultural.

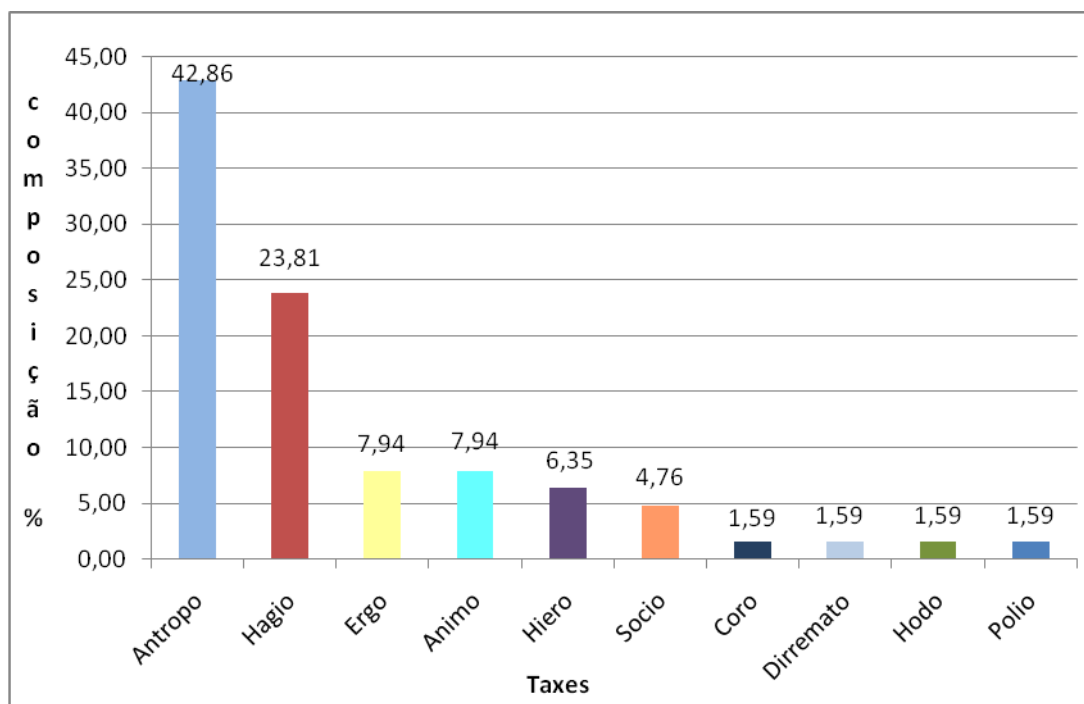


GRÁFICO 5 - Distribuição percentual dos topônimos - taxionomias de natureza Antropocultural.

Se analisarmos o conjunto no geral, somando as taxionomias de natureza física e antropocultural, encontramos com maior produtividade os *fitotopônimos*, com 34 ocorrências, ou

seja, 21,79% da computação geral, seguidos pelos *geomorfotopônimos* e *antropotopônimos*, ambos com 27 ocorrências ou 17,31% do total os dados, representados no gráfico a seguir:

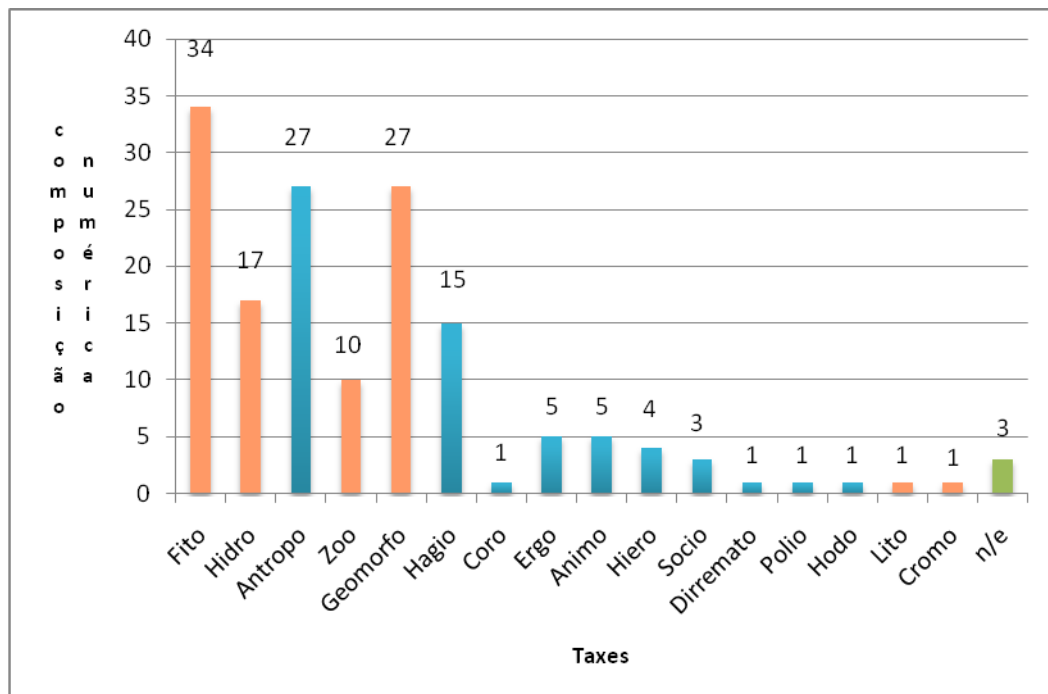


GRÁFICO 6 – Identificação numérica dos topônimos em relação a sua taxionomia.⁴¹

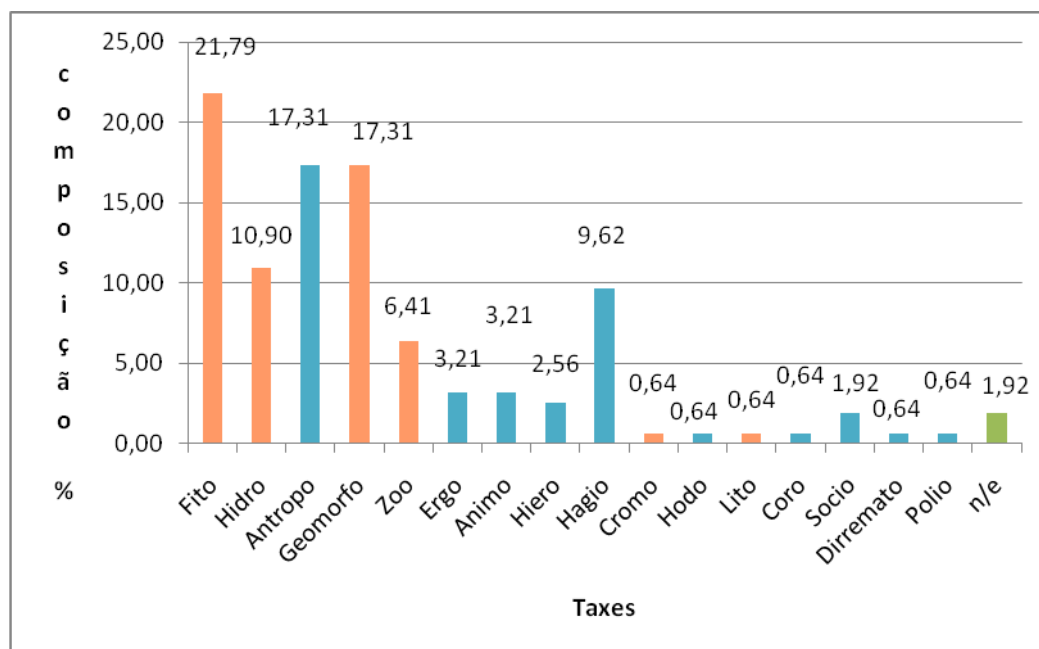


GRÁFICO 7 – Identificação percentual dos topônimos em relação a sua taxionomia.⁴²

⁴¹ As barras em rosa representam as taxes de natureza física; as barras em azul representam as taxes de natureza antropocultural e a barra em verde representa os topônimos classificados como n/e.

⁴² As barras em rosa representam as taxes de natureza física; as barras em azul representam as taxes de natureza antropocultural e a barra em verde representa os topônimos classificados como n/e.

Os nomes de lugares que apresentam motivação toponímica relacionada à índole vegetal (fitotopônimos) e às formas topográficas (geomorfotopônimos) têm se apresentado bastante representativos nas pesquisas toponímicas em geral. Tal fato se explica pela estreita relação de dependência entre o homem e o meio onde vive.

A diversidade de espécies vegetais, a abundância de recursos que a natureza fornece ao homem e, ainda, a paisagem expressa nas grandes serras, rios, flora em geral, sempre foram motivos de inspiração para o homem, colonizadores e nativos. No município estudado, especificamente, desde os primórdios, a vegetação – terras salitrosas, a abundância de água, terreno plano e serranias claras – ganhou destaque pela importância da natureza para a ocupação do homem. O que se percebe é que a exuberância e a diversidade da flora sempre foram fatores determinantes para que se registrassem e conservassem as designações fitotoponímicas até a atualidade.

Assim como os topônimos motivados pela flora, a fauna de uma determinada região também se reflete nos nomes dos acidentes geográficos, destacando-se, desse modo, a influência do ambiente físico na geração dos designativos. A zootoponímia na região estudada também apresentou um número significativo de dados. Todos os 10 nomes de animais encontrados são característicos da fauna da região. São eles: *Carrapato*, *Formigas*, *Maitá*, *Sanharó*, *Traíra*, *Uratinga*, *Vaca Brava*, *Vaca Morta*, *Viadinho* e *Viados*. Desses, os topônimos *Formigas*, *Vaca Brava*, *Vaca Morta*, *Viadinho* e *Viados* foram destacados pelos informantes, sendo lembrada sua motivação inicial vinculada à vida cotidiana dos moradores da região.

Os hidrotopônimos também se fizeram bastante presentes em nosso *corpus*. Como mostramos no capítulo 2, em 2.2.1, a água foi um dos principais fatores para a ocupação do homem nessa região do norte de Minas. O caminho da água, através do rio Verde Grande foi um dos trajetos escolhidos pelos bandeirantes, que buscavam evitar a perda pelos caminhos tortuosos do interior das Gerais durante os séculos XVII e XVIII.

Em nossa pesquisa, percebemos que a maioria dos hidrotopônimos estudados era formada por referentes geográficos. Durante o processo de nomeação, esses tiveram destaque, sendo, por fim, cristalizados. É o caso, por exemplo, dos nomes: *Cabecera*, *Jequitaí*, *Lagoa do Peixe*, *Olho d'Água*, *Olhos d'Água*, *Pacuí*, *Ribeirão*, *Ribeirão do Ouro*, *Rio de Fora* e *Rio Manso*.

Com relação aos topônimos relativos aos nomes próprios individuais (antropotopônimos), percebemos que os dados do nosso *corpus* estavam quase sempre relacionados ao nome do proprietário e ao apelido de família, o que parece constituir um indicativo de posse: *Antonio da Rocha*, *Antonio Maia*, *Bastião Ponte*, *Camilo Maia*, *Carlos*

Mota, Joaquim Ribeiro, Maria da Cruz, Merilo Pinheiro, Olímpio Afonso, Paulino Rodrigues, Pedro Rocha, Zé Carias dos Santos, Zé Maia.

A respeito desse tipo de designativo, Dick (1990a, p. 293) destaca que

a diversidade da motivação na escolha dos nomes próprios, denota, portanto, em última análise, um reflexo da natureza psico-social do homem, das tendências e costumes dominantes em sua época e em seu meio. A identificação individual, através de apelativos, e, ainda, pelo menos no estágio atual de desenvolvimento da civilização, a melhor maneira de se designar os elementos de um grupo humano qualquer.

Merece destaque também a expressiva ocorrência de hagiotopônimos, revelando a presença da fé e da crença, tradicionalmente católica, do homem ao escolher um nome para designar os lugares por onde passa. Os hagiotopônimos mais frequentes foram *Santa Rosa*, nomeando um rio, uma fazenda e um distrito, e *São Geraldo*, nomeando fazenda, morro, vila e rio.

Com relação à análise das taxionomias física e antropocultural, nossa pesquisa se assemelha a outros estudos já realizados sobre a toponímia mineira. Menezes (2009), ao estudar a região de Pitangui, Pompéu e Papagaios, também registrou os fitotopônimos em primeiro lugar de ocorrência e os geomorfotopônimos em segundo. Mendes (2009), em seu trabalho sobre a Hidronímia da região do Rio das Velhas, também constatou a fitotoponímia como predominante em seu *corpus*. Diferentemente, Seabra (2004), ao estudar a toponímia na Região do Carmo – área muito disputada pelo homem no século XVIII – constatou a predominância de antropotopônimos em seu trabalho. Em comparação aos trabalhos toponímicos já realizados, há uma diferença relevante ao número de ocorrência de hagiotopônimos. Em nossa pesquisa constatamos 9,62% de nomes relacionados a santos e santas, enquanto que nos outros trabalhos esse número foi menor. Em Menezes (2009), o percentual foi de 3%; em Mendes (2009), 4%, e em Seabra (2004), 1,5%.

5.1.3. Origem dos nomes

Com relação à origem dos nomes, conforme pode ser visto nos gráficos 08 e 09, em que são mostrados dados numéricos e percentuais do total dos topônimos analisados, a região estudada apresenta 115 ocorrências ou 74% de nomes cuja origem é portuguesa. Além desses topônimos, destacamos também outros estratos linguísticos:

➤ 11% ou 17 topônimos do *corpus* são de base indígena – Exemplos: *Pacuí*, *Maitá*.

➤ 5% ou 8 topônimos, são de formação híbrida: 5 de origem indígena + português – Exemplo: *Juatuba de Luis Maia*; 3 de origem africana + português – Exemplo: *Mucambo Firme*.

➤ 2% ou 3 topônimos de origem africana – Exemplo: *Bengo*.

➤ Dos 156 topônimos, 8% ou 13 topônimos não foram classificados, pois possuíam origem incerta, controversa ou desconhecida. São eles: *Bera*, *Morrinhos*, *Morro*, *Califórnia*, *Brejão* (nomeando dois acidentes geográficos), *Tabuas* (nomeando três acidentes geográficos), *Canaci*, *Erastide* e *Miralta* (nomeando dois acidentes geográficos).

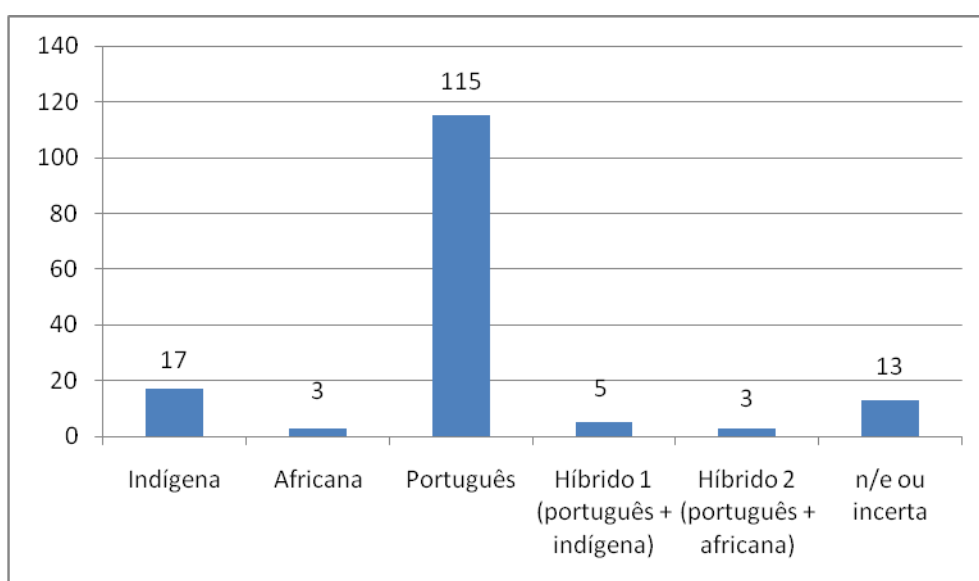


GRÁFICO 8 – Identificação numérica dos topônimos em relação à origem.

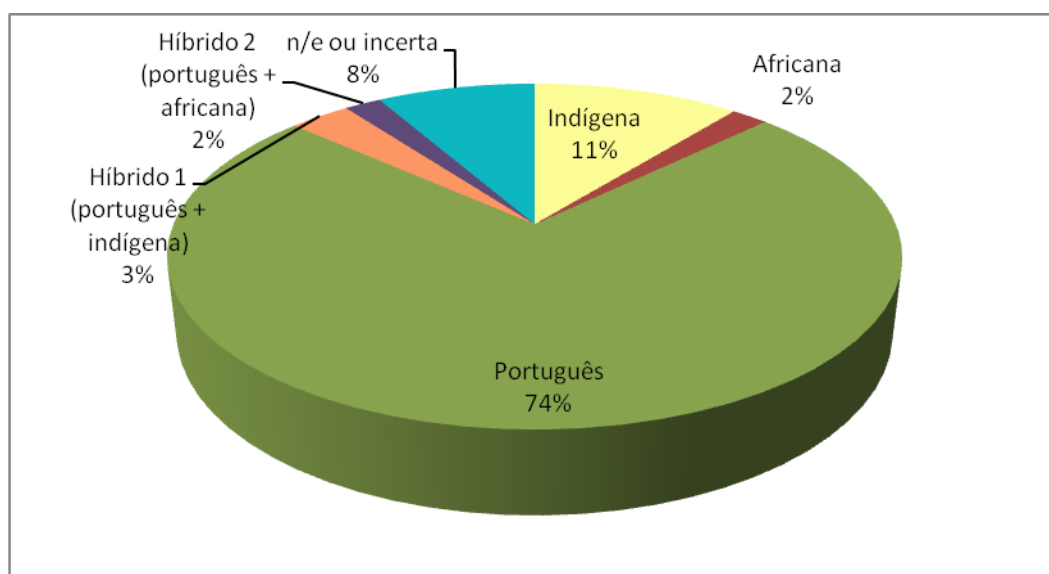


GRÁFICO 9 – Identificação percentual dos topônimos em relação à origem.

Dos dados representados acima, pode-se verificar a predominância da origem portuguesa em nosso *corpus*, com 115 ocorrências. Essa predominância se justifica pelo fato de que, historicamente, o colonizador lusitano, ao conquistar as terras brasileiras, impôs elementos de sua cultura, tais como religião, idioma, organização política e econômica, através da força, da organização militar e por seu interesse pelas riquezas do Brasil.⁴³ Além disso, o português é a língua oficial do Brasil.

A respeito desse tema, Bernales Lillo (2002, p. 105, tradução nossa) afirma, “definitivamente, aos ouvidos dos conquistadores os nomes indígenas não significavam nada e, além disso, não correspondiam a nenhum elemento da cultura européia”⁴⁴.

Chamou-nos a atenção a recorrência de unidades lexicais de origem indígena. Foram 16 ocorrências de nomes indígenas e ainda 5 formações híbridas (indígena-português), somando um total de 14% dos dados gerais.

Dick (1990a, p. 120) chama-nos atenção à variada procedência dos nomes geográficos de origem indígena,

não se limitando, como por engano se acredita, a uma única família lingüística, a Tupi. Muito embora a contribuição desse grupo tenha sido das mais consideráveis, [...] o fato é que a toponímia brasileira contém um acervo considerável de designações de outras origens como a karib, aruak, bororo, jê, kariri, kaingang, por exemplo.

Ainda, segundo a autora⁴⁵, são nos dados naturais ou físicos, principalmente, que essa toponímia encontra uma definição mais relevante, pela importância dos fatores geográficos envolvidos no processo de ocupação do solo. De fato, em nosso *corpus*, todos os nomes geográficos de origem indígena de natureza física se referem à vegetação, aos animais ou à água: *Buriti*, *Buriti Campos Santos*, *Buritizeiro*, *Furado de Goiabera*, *Jequitaí*, *Juatuba de Luis Maia*, *Maitá*, *Pacuí* (nomeando dois acidentes geográficos), *Pau jaú*, *Samambaia* (nomeando três acidentes geográficos), *Sanharó*, *Sapé* (nomeando dois acidentes geográficos), *Tamboril*, *Tiririca* (nomeando dois acidentes geográficos), *Traíra* e *Uratinga*.

Vista a contribuição em termos numéricos de topônimos de origem portuguesa (115 – 74%) e indígena (22 – 11%), passemos a discutir a presença africana no *corpus*. Pelos gráficos 08 e 09, verifica-se que apenas 6 topônimos são de base africana, representando 4%, sendo que 3 são de origem híbrida (africana + português) e 3 nomes são africanos. São eles:

⁴³ Cf. BASTOS E SILVA, 1983, p. 48-49.

⁴⁴ “Definitivamente, a los oídos de los conquistadores los nombres indígenas no significaban nada y, además de eso, no correspondían a ningún elemento de la cultura europea”.

⁴⁵ DICK, 1990a, p. 123

Bananal, Bengo (nomeando dois acidentes geográficos), *Mucambo do Tolme, Mucambo Firme e Muvuca*.

5.1.4. Forma e gênero dos topônimos

Por meio da análise do gráfico 10, destacamos os topônimos de gênero masculino que apresentaram 94 ocorrências, ou 60% dos dados, em contraposição aos topônimos de gênero feminino, que corresponderam a 38% dos dados ou 59 ocorrências. As 03 ocorrências restantes não foram classificadas.

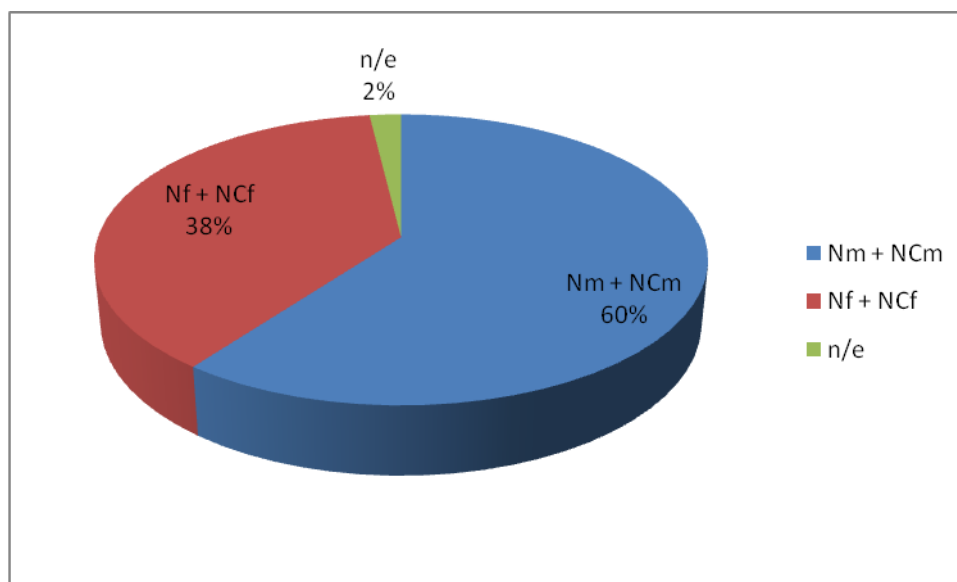


GRÁFICO 10 – Identificação dos topônimos em relação ao gênero.

Dentre os 94 topônimos masculinos, 38 apresentaram-se na forma [S_{sing}], o que corresponde a 24% do total dos dados e, ainda, 4 ocorrências na forma de [S_{pl}], correspondendo a 3% do total dos dados analisados. Os 51 nomes compostos masculinos são constituídos das seguintes estruturas morfológicas:

- NC_m [S_{sing} + S_{sing}]
- NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]
- NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]
- NC_m [S_{pl} + {Prep + S_{sing}}]
- NC_m [S_{pl} + {Prep + ADJ_{sing} + S_{sing}}]
- NC_m [prenome + prenome]
- NC_m [prenome + apelido de família]

NC_m [S_{sing} + apelido de família + apelido de família]
 NC_m [prenome + {Prep. + A_{sing} + apelido de família}]
 NC_m [prenome + {Prep + A_{pl} + apelido de família}]
 NC_m [S_{sing} + {Prep + prenome + apelido de família}]
 NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]
 NC_m [S_{pl} + ADJ_{pl}]
 NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]
 NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]
 NC_m [ADJ_{sing} + ADJ_{sing}]
 NC_m [S_{sing} + {Prep + ADV}]

Já os nomes femininos apresentam 30 ocorrências ou 19% na forma de [S_{sing}] e na forma de [S_{pl}] 07 topônimos, correspondendo a 5% das ocorrências. Em um número menor com 22 ocorrências, os nomes compostos femininos distribuem-se nas estruturas:

NC_f [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]
 NC_f [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]
 NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing} + {Prep + S_{pl}}]
 NC_f [prenome + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]
 NC_f [prenome + {Prep + A_{sing} + S_{sing} + ADJ_{sing}}]
 NC_f [S_{sing} + {Prep + A_{pl} + apelido de família}]
 NC_f [S_{sing} + {Prep + prenome + apelido de família}]
 NC_f [S_{sing} + {Prep + hipocorístico + prenome}]
 NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}]
 NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}]
 NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]
 NC_f [Q_v + S_{sing}]

5.1.5 Quanto ao processo de formação dos topônimos

Com relação aos processos de formação de palavras, Basílio (2004, p. 24) destaca que estes apresentam tanto funções gramaticais quanto funções semânticas; e seus produtos, as palavras formadas através de sua operação, apresentam propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. Nesta seção discutiremos a formação dos topônimos, e os principais

processos identificados: derivação, composição, hibridismo e onomatopeia. Essa última ocorreu apenas uma vez, no nome *Isguicho*.

5.1.5.1 Derivação

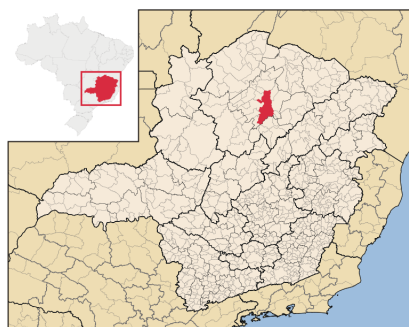
O processo de derivação consiste na adição de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base ou radical para a formação de uma palavra. Em nosso trabalho, destacamos os substantivos terminados em - ero, - era, - eiro, - eros e - eira: *Barrero, Barreira, Barreros, Buritizeiro, Cabicera, Gamelera*; em - ão/ - ões: *Baixão, Brejão, Boqueirão, Ribeirão e Poções*. Registramos também uma ocorrência de formação de palavras por meio do sufixo - al, *Bananal* e uma por meio do sufixo - uda, que se difere por sua conotação pejorativa: *Barriguda*.

Entre os processos de derivação sufixal, aquele relativo ao grau diminutivo (- inho - inha - inhos) apresentou-se bastante significativo, com 9 ocorrências: *Canabrinha, Cerquinha, Furadinho, Juquinha, Lavajinha, Morrinhos, Morrinhos de Santa Cruz, Rocinha e Viadinho*. Menezes (2009), em seu trabalho sobre a toponímia na região de Pitangui, Pompéu e Papagaios, registrou porcentagem semelhante a nossa, cerca de 6% dos dados apresentavam essa formação.

Dos topônimos acima listados, com a exceção de *Morrinhos*, em todos os outros não encontramos correspondentes nem nas cartas geográficas, nem nos mapas, sendo registrados, portanto, apenas na modalidade oral. Também Menezes (2009) apresentou pequena ocorrência com relação aos topônimos na formação diminutiva, havendo ainda divergência, em seu trabalho, com relação à forma escrita e a oral. Segundo a autora, durante as entrevistas orais e na pesquisa aos mapas, foram encontrados pares de topônimos, uns no diminutivo e outros não. Nos mapas abaixo contrastamos as duas áreas geográficas das regiões pesquisadas, à esquerda o trabalho de Menezes (2009) e à direita, a nossa pesquisa:



MAPA 14 – Pitangui (1), Pompéu (2), Papagaios (3)
Fonte: MENEZES, 2009.



MAPA 15 – Montes Claros.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Montes_Claros.
Acesso em: 17 de janeiro de 2010.

5.1.5.2 Composição

Inserem-se no processo de formação de palavras por composição formações com duas classes de palavras distintas, como *substantivo + adjetivo*, duas palavras da mesma classe, *substantivo + substantivo*, e também interposição de preposições entre estas e entre outras formações. Em nosso trabalho registramos as seguintes formações por composição:

- a) Substantivo + *de* + substantivo: Este tipo de composição, em que um substantivo está subordinado a outro, mostrou-se bastante significativo na toponímia da região estudada. Nos exemplos que se seguem, predominam nitidamente os nomes de natureza física, com 13 ocorrências: *Antonio da Rocha, Bico da Pedra, Canto do Engenho, Furado de Goiabera, Lagoa do Peixe, Maria da Cruz, Olhos d'Água, Poço d'Água, Rebentão do Cedro, Ribeirão do Ouro, Vargem da Cancela, Zé Carias dos Santos, Cana-brava de Manoel Vicente, Cana-brava dos Maias, Cana-brava de Zé Vicente, Juatuba de Luis Maia.*
- b) Substantivo + adjetivo: Este tipo de composição, pela coordenação de um adjetivo a um substantivo está bem representado nos dados analisados. Das 17 ocorrências houve a predominância de topônimos de natureza física, somando um total de 13 ocorrências, como pode ser visto a seguir: *Água Limpa, Aparecida do Mundo Novo, Monte Alto, Montes Claros, Morrinhos de Santa Cruz, Morro Preto, Morro Severo, Mucambo Firme, Mundo Novo, Pedra Preta, Poço Novo, Rio Manso, Vaca Brava, Vaca Morta, Vargem Grande, Vila Nova de Minas, Vista Alegre.*
- c) Adjetivo + substantivo: o número de ocorrências nesta ordem, embora menor, apresentou-se também bastante produtivo na toponímia da região estudada. Registraram-se 13 composições: *Bom Jesus, Bom Sucesso, Nova Esperança, Santa Clara, Santa Marta, Santa Rosa, Santa Rosa de Lima, São Geraldo, São João da Vereda, São Lambert, São Luciano, São Pedro da Garça, São Pedro.* Como se pode perceber, todos os topônimos são de natureza antropocultural e destes 77% são hagiotopônimos.
- d) Substantivo + substantivo: também foram registradas 12 ocorrências de composição por dois substantivos. Desse total, 11 são antropotopônimos: *Antonio Maia, João Ataíde, Buriti Campos Santos, Camilo Maia, Carlos Mota, Joaquim Ribeiro, Merilo Pinheiro, Olimpio Afonso, Paulino Rodrigues, Pedro Rocha, Bastião Ponte, Zé Maia.*

5.1.5.3 Hibridismo

No tópico 5.1.3 mostramos que 5% do *corpus* têm origem híbrida, formados a partir de palavras portuguesas + indígenas e portuguesas + africanas, o que demonstra que a formação de palavras com elementos de línguas distintas também é comum. Dos 05 topônimos, 02 são formados por um termo da indígena + o sufixo - eiro, - era – *Buritireizo*, *Furado de Goiabera*; 02 topônimos são formados por um nome indígena + prenome + apelido de família – *Buriti Campos Santos*, *Juatuba de Luis Maia*; e 01 tem a formação português + tupi – *Barrero do Jirau*.

Com relação aos topônimos híbridos formados de um termo da língua portuguesa mais um termo africano, registramos 03 ocorrências: 01 topônimo com formação africana + sufixo - al – *Bananal*; 01 topônimo com formação africana + portuguesa – *Mucambo Firme*; e 01 topônimo com formação africana + um vocábulo cuja origem não foi identificada – *Mucambo do Tolme*.

Com relação à formação híbrida, a fitotoponímia prevalece com 50% ou 04 ocorrências do total de dados com esse tipo de formação, em seguida, temos os sociotopônimos, com 25% ou 02 ocorrências e os 25% restantes dividem-se em litotopônimos e geomorfotopônimos, com apenas uma ocorrência cada.

5.2. A questão da variação e mudança linguística dos topônimos

5.2.1. Variação e mudança toponímica

Após análise e estudo dos dados, partimos agora para uma das propostas deste trabalho, discutir a variação, mudança e retenção linguística nos nomes geográficos. Sabemos que os topônimos, assim como qualquer outro signo linguístico podem sofrer variações ou serem substituídos ao longo do tempo. Durante o processo de nomeação, após o termo ser aceito pela população, o mesmo poderá receber influências da própria língua, já que esta é um sistema em movimento, passível de transformações. Por outro lado, há uma tendência à retenção quando os nomes se referem a acidentes físicos, como córregos, serras e morros. É o que diz Bynon em sua obra intitulada *Historical Linguistics* (1986). Segundo a autora, quando o assunto é a toponímia, e os nomes se relacionam aos acidentes físicos, a cristalização da denominação será o esperado.

Entretanto, os nomes referentes a acidentes físicos às vezes podem sofrer variações, como perda parcial de constituintes. É o caso do *Rio Verde Grande*, topônimo encontrado em nossos dados. Muitos moradores se referem ao rio como *Rio Verde*, em alguns mapas, essa forma também é registrada.

Com o objetivo de verificar variação, mudança ou retenção linguísticas, primeiramente partimos para a análise dos topônimos inscritos nas cartas do IBGE em contraposição aos registros nas entrevistas. Paralelamente às cartas, conferimos a forma escrita dos dados em mapas antigos da coleção *Cartografia das Minas Gerais, da capitania à província*⁴⁶, outros mapas do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, e em registros cartoriais, conforme explicitamos em 3.2.

A tabela, a seguir, resume os dados toponímicos coletados, apresentando, na coluna da esquerda, os topônimos observados nas entrevistas orais e, na coluna da direita, a forma escrita nos documentos antigos acima expostos.

TABELA 1- Quadro comparativo de topônimos

TOPÔNIMOS ORAL CONTEMPORÂNEO	MAPAS
<i>Córrego Água Limpa</i>	Água Limpa (1979)
<i>Rio de Altino</i>	n/e
<i>Cachoeira de Altino</i>	n/e
<i>Fazenda de Antônio da Rocha</i>	n/e
<i>Fazenda de Antônio Maia</i>	n/e
<i>Distrito Aparecida do Mundo Novo ~ Aparecida</i>	Aparecida do Mundo Novo (1979)
<i>Fazenda de Ataíde ~ João Ataíde</i>	n/e
<i>Localidade Baixão</i>	n/e
<i>Cachoeira Bananal</i>	n/e
<i>Localidade Barreira</i>	Barreiras (1979)
<i>Distrito Barrero</i>	Barreiro > Santa Rosa de Lima
<i>Fazenda Barrero do Jirau</i>	n/e
<i>Povoado Barreros</i>	n/e
<i>Campo Barriguda</i>	n/e
<i>Fazenda de Bastião Ponte</i>	n/e
<i>Serra Bastião Ponte</i>	n/e
<i>Localidade Bera</i>	n/e
<i>Distrito Bengo</i>	Barreiro > Bengo > Santa Rosa de Lima
<i>Localidade Bengo</i>	n/e
<i>Barragem Bico da Pedra</i>	n/e
<i>Fazenda Bom Jesus</i>	n/e

⁴⁶ COSTA, 2002.

<i>Morro de Bom Jesus</i>	n/e
<i>Distrito Bom Sucesso</i>	Bom Sucesso (1855) Bom Sucesso (1849)
<i>Localidade Boqueirão</i>	Boqueirão (1980) Boqueirão (1979)
<i>Localidade Brejão</i>	n/e
<i>Fazenda Brejão</i>	Brejão (1982) Brejão (1979) Fazenda do Brejão (1973)
<i>Povoado Buriti</i>	Buriti (1856) Buritis (1979) Buritis (1973)
<i>Fazenda Buriti Campos Santos</i>	Buritis do Campo Santo (1979)
<i>Localidade Buritizeiro</i>	n/e
<i>Povoado Cabicera</i>	Cabiceiras (1856) Cabeceiras (1979)
<i>Serra Cabral</i>	n/e
<i>Fazenda Califórnia</i>	n/e
<i>Fazenda Camarinhas</i>	Camarinhas (1979)
<i>Fazenda Camilo Maia</i>	n/e
<i>Localidade Cana-brava</i>	Canabrava (1979)
<i>Rio Cana-brava</i>	Canabrava (1982) Rio da Cana Brava (1997) Canabrava (1979)
<i>Fazenda Cana-brava</i>	Fazenda Cana braba (1778) Cana braba (1800) Cana Braba (1804) Cana braba (1849) Cana braba (1862) Cana brava (1855) Cana brava (1856) Cana brava(1979)
<i>Fazenda Cana-brava de Manoel Vicente</i>	n/e
<i>Fazenda Cana-brava dos Maias</i>	n/e
<i>Fazenda Cana-brava de Zé Pereira</i>	n/e
<i>Fazenda Cana-bravinha</i>	n/e
<i>Rio Canaci</i>	n/e
<i>Fazenda Canoas</i>	Canoas (1856)
<i>Rio das Canoas</i>	Canoas (1982)
<i>Vila Canto do Engenho</i>	Cantos do Engenho (1979) Cantos do Engenho (1973)
<i>Fazenda Carlos Mota</i>	n/e
<i>Rio Carrapato</i>	Carapato (1862) Carapato (1849)
<i>Vila Cedro</i>	Cedro (1979) Cedro (1973)
<i>Córrego da Cerquinha</i>	n/e
<i>Córrego do Chapéu</i>	Córrego do Chapéu (1979)
<i>Rio do Crispim</i>	n/e

<i>Localidade Dona Bela</i>	n/e
<i>Fazenda de Erastide</i>	n/e
<i>Vila Formigas</i>	Vila Formigas (1849) Freguesia de Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas (1856)
<i>Localidade Furadinho</i>	n/e
<i>Sítio Furado de Goiabera</i>	n/e
<i>Rio da Gameleira</i>	Gameleira (1982) Córrego Gameleira (1979)
<i>Povoado Gameleira</i>	Gameleira (1982) Gameleira (1979)
<i>Fazenda Gameleira</i>	Gameleira (1856)
<i>Serra do Isguicho</i>	n/e
<i>Povoado Isguicho</i>	Esguicho (1979)
<i>Rio Jequitai</i>	Rio Gequitahy (1997) Rio Jequitahy (1873)
<i>Rio de Joaquim Ribeiro</i>	n/e
<i>Fazenda de Juatuba de Luis Maia</i>	n/e
<i>Fazenda de Juquinha</i>	n/e
<i>Fazenda Lagoa do Peixe</i>	Faz. Lagoa do Peixe (1979)
<i>Localidade Lavajinha</i>	n/e
<i>Fazenda Maitá</i>	n/e
<i>Vila Maria da Cruz</i>	n/e
<i>Fazenda Merilo Pinheiros</i>	n/e
<i>Distrito Miralta</i>	Miralta (1982) Miralta (1979)
<i>Rio de Miralta</i>	Miralta (1979)
<i>Região Moinha</i>	n/e
<i>Povoado Monte Alto</i>	Monte Alto (1979)
<i>Serra de Monte Alto</i>	n/e
<i>Cidade Montes Claros</i>	Vila Montes Claros de Formigas (1862) Montes Claros de Formigas (1855) Montes Claros (1862) Montes Claros (1873) Montes Claros (1979)
<i>Fazenda Morrinhos</i>	Murrinhos (1856)
<i>Distrito Morrinhos de Santa Cruz</i>	n/e
<i>Distrito Morro</i>	n/e
<i>Localidade Morro Preto</i>	n/e
<i>Localidade Morro Severo</i>	n/e
<i>Localidade Mucambo do Tolme</i>	n/e
<i>Povoado Mucambo Firme</i>	Mucambo Firme (1856) Mucambo Firme (1979)
<i>Fazenda Mundo Novo</i>	n/e
<i>Serra de Murilo</i>	n/e
<i>Povoado Muvuca</i>	n/e
<i>Lagoa de Nova Esperança</i>	n/e
<i>Distrito Nova Esperança</i>	Nova Esperança (1982)

	Nova Esperança (1979)
<i>Povoado Olho d'Água</i>	Olhos d'Água (1800) Olhos d'Água (1873) Povoação Olhos d'Água (1997) Pov. Olhos d'Água (1979)
<i>Ribeirão Olhos d'Água</i>	Córrego Olhos d'Água (1973)
<i>Fazenda Olímpio Afonso</i>	n/e
<i>Rio Pacuí</i>	Rio Pacuí (1778) Pacuí (1800) Pacuí (1804) Pacuí (1997) Pacuí (1873) Pacuí (1979)
<i>Fazenda Pacuí</i>	Fazenda Pacuí (1862) Fazenda Pacuí (1979)
<i>Campo Palmito</i>	n/e
<i>Localidade Patrona</i>	n/e
<i>Localidade Pau Jaú</i>	n/e
<i>Fazenda de Paulino Rodrigues</i>	n/e
<i>Povoado Pedra Preta</i>	Pedra Preta (1973) Pedra Preta (1979) Pedra Preta (1982)
<i>Fazenda de Pedro Rocha</i>	n/e
<i>Fazenda Poço d'Água</i>	n/e
<i>Povoado Poço Novo</i>	Poço Novo (1979)
<i>Fazenda Poções</i>	Poção (1979) Poção (1982)
<i>Rio da Ponte</i>	n/e
<i>Povoado Rebentão</i>	Ribentão (1856) Rebentão (1973)
<i>Localidade Rebentão do Cedro</i>	n/e
<i>Rio do Ribeirão</i>	Ribeirão (1862)
<i>Córrego Ribeirão do Ouro</i>	Ribeirão do Ouro (1982) Ribeirão do Ouro (1856)
<i>Córrego Rio de Fora</i>	n/e
<i>Distrito Rio Manso</i>	n/e
<i>Fazenda Rocinha</i>	n/e
<i>Povoado Samambaia</i>	Samambaia (1979)
<i>Fazenda Samambaia</i>	n/e
<i>Serra Samambaia ou de Monte Alto</i>	n/e
<i>Vila Sanharó</i>	Sanharó (1982) Sanharó (1979)
<i>Fazenda Santa Clara</i>	Santa Clara (1982) Santa Clara (1979)
<i>Rio Santa Marta</i>	Santa Marta (1979)
<i>Fazenda Santa Rosa</i>	n/e
<i>Rio da Santa Rosa</i>	Santa Rosa (1982) Santa Rosa (1979)
<i>Distrito Santa Rosa de Lima ~ Santa Rosa</i>	Santa Rosa de Lima (1982)

	Santa Rosa de Lima (1979)
<i>Fazenda São Geraldo</i>	n/e
<i>Morro de São Geraldo</i>	n/e
<i>Vila São Geraldo</i>	São Geraldo (1982) São Geraldo (1979)
<i>Rio São Geraldo</i>	Córrego São Geraldo (1979)
<i>Distrito São João da Vereda</i>	São João da Vereda (1979)
<i>Rio São Lamberto</i>	São Lamberto (1778) Rio S. Lamberto (1997) Rio de S.Lamberto (1873) Rio São Lamberto (1979)
<i>Fazenda São Luciano</i>	n/e
<i>Serra de São Luciano</i>	São Luciano (1982)
<i>Morro São Pedro da Garça</i>	n/e
<i>Distrito São Pedro da Garça ~ São Pedro</i>	São Pedro da Garça (1979) São Pedro da Garça (1982)
<i>Fazenda Sapé</i>	Sapé (1856)
<i>Fazenda Sapé</i>	n/e
<i>Serra Solidade</i>	n/e
<i>Fazenda Solidão</i>	n/e
<i>Fazenda Tabuas</i>	n/e
<i>Povoado Tabuas</i>	Tabuas (1979)
<i>Rio de Tabuas</i>	Tabuas (1979)
<i>Rio Tamboril</i>	Tamboril (1800) Tamboril (1804) Tamboril (1979)
<i>Riachão do Tiririca</i>	n/e
<i>Localidade Tiririca</i>	Tiririca (1862) Tiririca (1997) Tiririca (1979)
<i>Fazenda dos Toledo</i>	n/e
<i>Localidade Toledo</i>	Toledo (1973) Toledo (1979)
<i>Rio Traíra</i>	Traíra (1979) Traíra (1982)
<i>Região Oratinga ~ Uratinga</i>	n/e
<i>Povoado Vaca Brava</i>	n/e
<i>Povoado Vaca Morta</i>	Vaca Morta (1979)
<i>Fazenda Vagem da Cancela ~ Vargem da Cancela</i>	n/e
<i>Fazenda Vargem Grande</i>	Varge Grande 1800
<i>Rio Verde Grande ~ Verde</i>	Rio Verde (1778) Rio Verde Grande (1979)
<i>Localidade Viadinho</i>	n/e
<i>Distrito Viados</i>	Viado (1862) Viados (1856) Viado (1855) Viados (1849) Veados > Nova Esperança

<i>Rio Viera</i>	Vieira (1873) Vieira (1979) Vieira (1982)
<i>Distrito Vila Nova ~ Vila Nova de Minas</i>	Vila Nova de Minas (1979) Vila Nova de Minas (1982)
<i>Fazenda Vista Alegre</i>	Vista Alegre (1979) Vista Alegre (1982)
<i>Fazenda de Zé Carias dos Santos</i>	n/e
<i>Lagoa de Zé Carias dos Santos</i>	n/e
<i>Fazenda de Zé Maia</i>	n/e

Conforme os dados demonstrados na Tabela 01, o *corpus* desta pesquisa confirma uma das hipóteses a respeito da toponímia registrada a partir das entrevistas orais. Dos 156 topônimos presentes em nosso *corpus*, 83 não foram localizados em registros escritos, totalizando 53% dos dados, o que pode ser visualizado no gráfico 11. Com relação à variação, mudança e retenção linguística, observou-se que 35 topônimos apresentaram algum tipo de variação. Em 12 topônimos, detectou-se mudança, ou seja, desaparecimento total de formações linguísticas, e, ainda, 30 topônimos foram mantidos sem alteração.

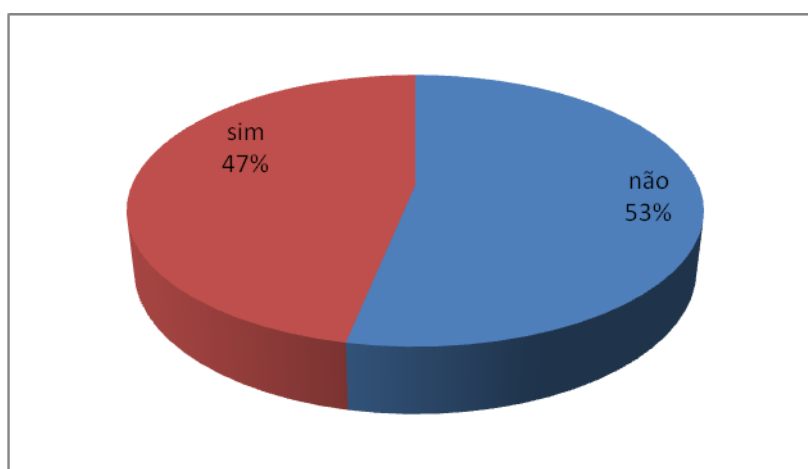


GRÁFICO 11 – Identificação numérica dos topônimos em relação ao registro em documentos escritos.

5.2.2.1 Sobre a variação dos topônimos

Como mencionamos acima, em 35 topônimos foi constatado algum tipo de variação. Dentre as variações detectadas, relacionamos, a seguir, as de ordem fonética, gráfica, morfossintática, lexical e elíptica.

I. Fonética

a) Das variações encontradas, os casos referentes a metaplasmos de subtração e de adição ocorreram em maior número. Foram verificados 03 casos de apócope ou desaparecimento de um ou mais fonemas no final do vocábulo, *Vargem Grande* > *Varge Grande*, *Olhos d'Água* > *Olho d'Água*, *Cantos do Engenho* > *Canto do Engenho*, e 02 casos de síncope, como em *Viera* < *Vieira* e *Gamelera* < *Gameleira*. Também foram identificados 03 casos de metaplasmo em que há adição de fonema, ou paragoge: *Buritis* < *Buriti*, *Barreiras* < *Barreira*, *Buritis Campos Santos* < *Buritis do Campo Santo*.

b) Encontramos 01 caso de degeneração: *Canabraba* < *Cana-brava*.

c) Elevação ou abaixamento da vogal pretónica ou postónica: *Isguicho* < *Esguicho*, *Cabicera* < *Cabeceira*, *Tamburil* < *Tamboril*, *Murrinhos* < *Morrinhos*, *Boriti* < *Buriti*, *Rebentão* < *Ribemtão*.

II. Gráfica

a) Alteração gráfica: *Olhos d'Água* ~ *Olhos d'Agoa*, *Pacuí* ~ *Pacuhi* ~ *Pacuhy*, *Jequitai* ~ *Jequitahy* ~ *Gequitahy*, *Carrapato* ~ *Carapato*.

III. Morfossintática

a) Algumas expressões ganharam a preposição *de* – indicativo de elemento onomástico – de referência ou origem: *Fazenda Brejão* < *Fazenda do Brejão*, *Córrego Gamelera* < *Rio da Gameleira*.

b) Ausência da marca de plural: *Olhos d'Água* > *Olho d'Água*, *Cantos do Engenho* > *Canto do Engenho*; e também presença: *Buritis do Campo Santo* > *Buritis Campos Santos*, *Buriti* > *Buritis*, *Barreira* > *Barreiras*, *Poção* > *Poções*.

III. Lexical

a) Oscilação no emprego de um ou outro topônimo, como em *Córrego São Geraldo* > *Rio São Geraldo*, *Córrego Olhos d'Água* > *Ribeirão Olhos d'Água*, *Córrego Gameleira* > *Rio da Gameleira*.

IV. Redução ou elipse

a) Redução do nome ou elipse, referente a nomes compostos, quando o falante julga suficiente adotar somente um dos elementos da composição: *Rio Verde* < *Rio Verde Grande*, *São Pedro* < *São Pedro da Garça*, *Vila Nova* < *Vila Nova de Minas*.

Nas 35 variações encontradas, registramos em 14 nomes variação fonética, em 04 nomes, variação ortográfica, encontramos também 08 casos de variação morfossintática, 05 de variação lexical e 04 de redução ou elipse.

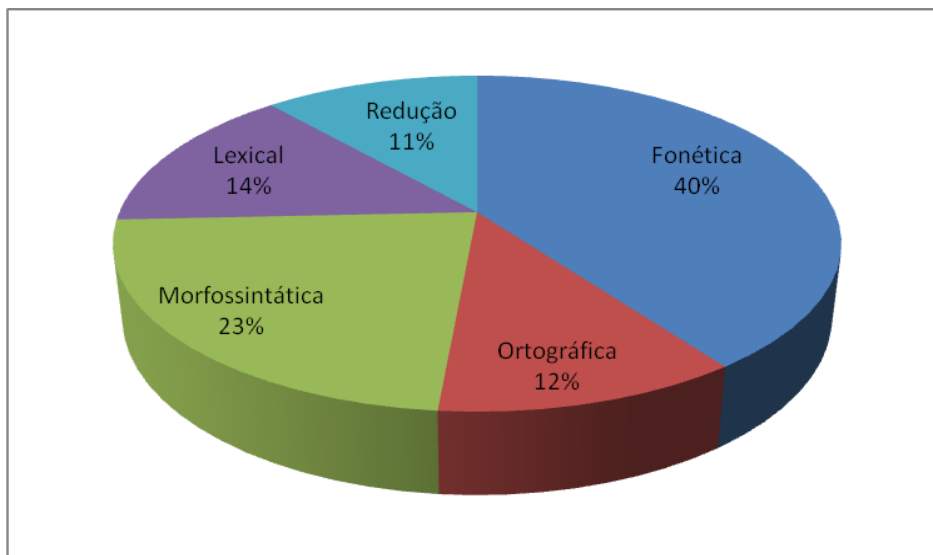


GRÁFICO 12 – Identificação percentual dos tipos de variações

5.2.2.2 Sobre a mudança toponímica

Em número bem menor, estão os casos de mudança toponímica, ou seja, formações linguísticas desapareceram de maneira total ou parcial, dando espaço a outras novas. Encontramos 12 topônimos que sofreram mudança ao longo da história. Listamos abaixo, a evolução histórica dos nomes. Como pode ser visto, em todos os casos houve substituição total dos itens léxicos.

1. *Montes Claros* < *Montes Claros de Formigas* < *Nossa Senhora e São José da Vila de Formigas* < *Formigas*
2. *Vila Nova de Minas* < *Bom Sucesso*
3. *Morrinhos de Santa Cruz* < *Miralta*
4. *Nova Esperança* < *Veados*
5. *Santa Rosa de Lima* < *Santa Rosa* < *Bengo* < *Barreiro*

5.3. Esboço de Cartas Toponímicas

Apresentamos neste subitem uma proposta de cartografia dos dados toponímicos para a área geográfica da região estudada. Recorreremos inicialmente a alguns teóricos que abordam essa questão e, ainda, a trabalhos anteriores realizados em outros

estados⁴⁷ que também utilizaram as cartas como uma segunda forma para a apresentação dos dados.

Dick, em seu trabalho intitulado *Atlas toponímico: um estudo de caso*,⁴⁸ destaca a importância do trabalho de cartografia de dados toponímicos. Segundo a autora, estudar “a codificação onomástica, cartograficamente, é penetrar nos meandros do sistema da linguagem, de que é extensão particularizadora ou referencial”. A toponimista ainda esclarece que, para a cartografia da toponímia de São Paulo, a nomenclatura municipal foi inscrita em *cartas gerais* e *parciais*. Segundo esse modelo, as *cartas gerais* têm como objetivo mapear o conjunto dos estratos etno-dialectológicos do sistema toponímico paulista (português, africano e indígena), identificando-os por cores contrastantes para destacar, na estrutura territorial, a ocorrência dos vocábulos pertencentes às diferentes línguas. Já as *cartas individuais*, uma subdivisão das cartas gerais, objetivam mapear as camadas dialetais e buscam a visualização da quantificação numérica de cada uma das camadas segundo a área, a interpretação vocabular, os pontos de concentração e distanciamento dos focos de irradiação e a inexistência de traços linguísticos de determinada origem em determinadas regiões⁴⁹. As *cartas parciais*, por sua vez, incidem, também, em cada um dos estratos linguísticos revelados, e levam em conta as *categorias taxionômicas classificatórias* e o índice de sua incidência no *corpus* toponímico. Assim, depois de interpretados e analisados, os topônimos serão inscritos em *cartas taxionômicas corocromáticas qualitativas ou temáticas*, cujo número deve ser proporcional aos dos acidentes classificados.

Consideramos também, além dos textos teóricos de Dick (1996), as contribuições de Dargel (2003), Tavares (2005) e Pereira (2009). Para a elaboração das cartas, tivemos que levar em consideração a área estudada, que se trata, diferentemente dos outros trabalhos, de apenas um município do Estado. Em nossa proposta de cartografia dos dados, dividimos por cores três categorias gerais: acidentes físicos e humanos (azul), estratos linguísticos (verde) e taxionomias (amarelo). Nossas cartas assemelham-se à proposta de Dick (1996) e de Dargel (2003) nos seguintes aspectos: apresentamos uma carta toponímica com a quantificação geral dos topônimos e uma para cada taxa, com a diferença de que identificamos com símbolos cada taxionomia analisada. Quanto à base cartográfica utilizada, nossa proposta se assemelha à de Tavares (2005) pelo fato de não termos trabalhado as coordenadas geográficas das cartas. A grande maioria dos topônimos não constava nas cartas

⁴⁷ DARGEL, 2003; TAVARES, 2005; PEREIRA, 2009.

⁴⁸ DICK, 1996, p. 29.

⁴⁹ DICK, 1996, p. 40.

do IBGE, sendo conhecidos apenas pelos informantes, o que dificultou a localização exata de cada nome geográfico. Dessa forma, apresentamos os dados seguindo uma referência espacial informada pelas cartas, quando possível, e pela descrição do informante, quando os dados não eram registrados. A escala utilizada nas cartas é de 1: 450.000, e a fonte base para o desenho foi o mapa fornecido pelo IBGE.

A apresentação das cartas toponímicas ocorreu da seguinte forma: quantificação geral por meio de gráficos dos acidentes físicos e humanos (Carta I) e estratos linguísticos (Carta VII); localização dos acidentes físicos e humanos individualmente com os nomes de cada topônimo e escala, identificando os referentes geográficos (Cartas II e III); localização dos topônimos de base indígena, africana e híbrida em cartas separadas (Cartas IV, V e VI); quantificação geral das taxionomias de natureza física (Carta VIII) e antropocultural (Carta IX), sem os referentes nomes de cada topônimo, pela dificuldade de visualização; localização e identificação dos topônimos separados pela taxionomia (Cartas X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XIV, XV).

Para a elaboração das cartas, contamos com a parceria do geólogo Christiano Alves Nogueira, que fez uso do programa *ArcView* para trabalhar os dados fornecidos pela autora deste trabalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Apresentamos, a seguir, a nomenclatura das cartas toponímicas:

Carta Toponímica I – Quantificação geral dos topônimos dos acidentes físicos e humanos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica II – Quantificação geral dos topônimos dos acidentes físicos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica III – Quantificação geral dos topônimos dos acidentes humanos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica IV – Quantificação geral dos estratos linguísticos de base indígena formadores de topônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica V – Quantificação geral dos estratos linguísticos de base africana formadores de topônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica VI – Quantificação geral dos estratos linguísticos de base híbrida formadores de topônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica VII – Quantificação geral dos estratos linguísticos formadores de topônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica VIII – Quantificação geral das Taxionomias de natureza físicas dos topônimos do município de Montes Claros.

Carta Toponímica IX – Quantificação geral das Taxionomias de natureza antropocultural dos topônimos do município de Montes Claros.

Carta Toponímica X – Quantificação geral dos Fitotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XI – Quantificação geral dos Geomorfotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XII – Quantificação geral dos Antropotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XIII – Quantificação geral dos Hagiotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XIV – Quantificação geral dos Zootopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XV – Quantificação geral dos Hidrotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XVI – Quantificação geral dos Hierotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XVII – Quantificação geral dos Ergotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XVIII – Quantificação geral dos Animotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XIX – Quantificação geral dos Sociotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XX – Quantificação geral dos Corotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XXI – Quantificação geral dos Dirrematotopônimos no município de Montes Claros.

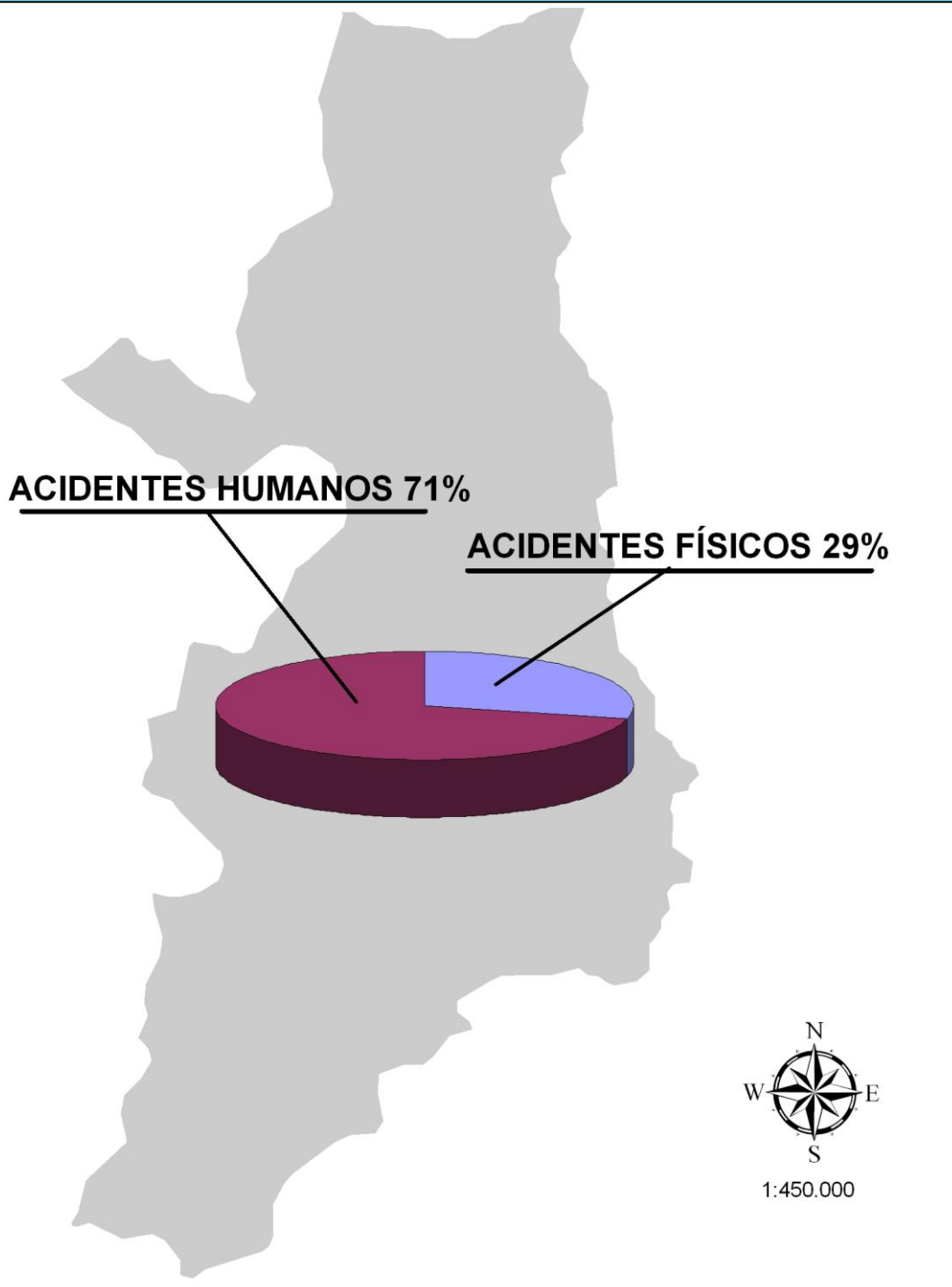
Carta Toponímica XXII – Quantificação geral dos Litotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XXIII – Quantificação geral dos Hodotopônimos no município de Montes Claros.

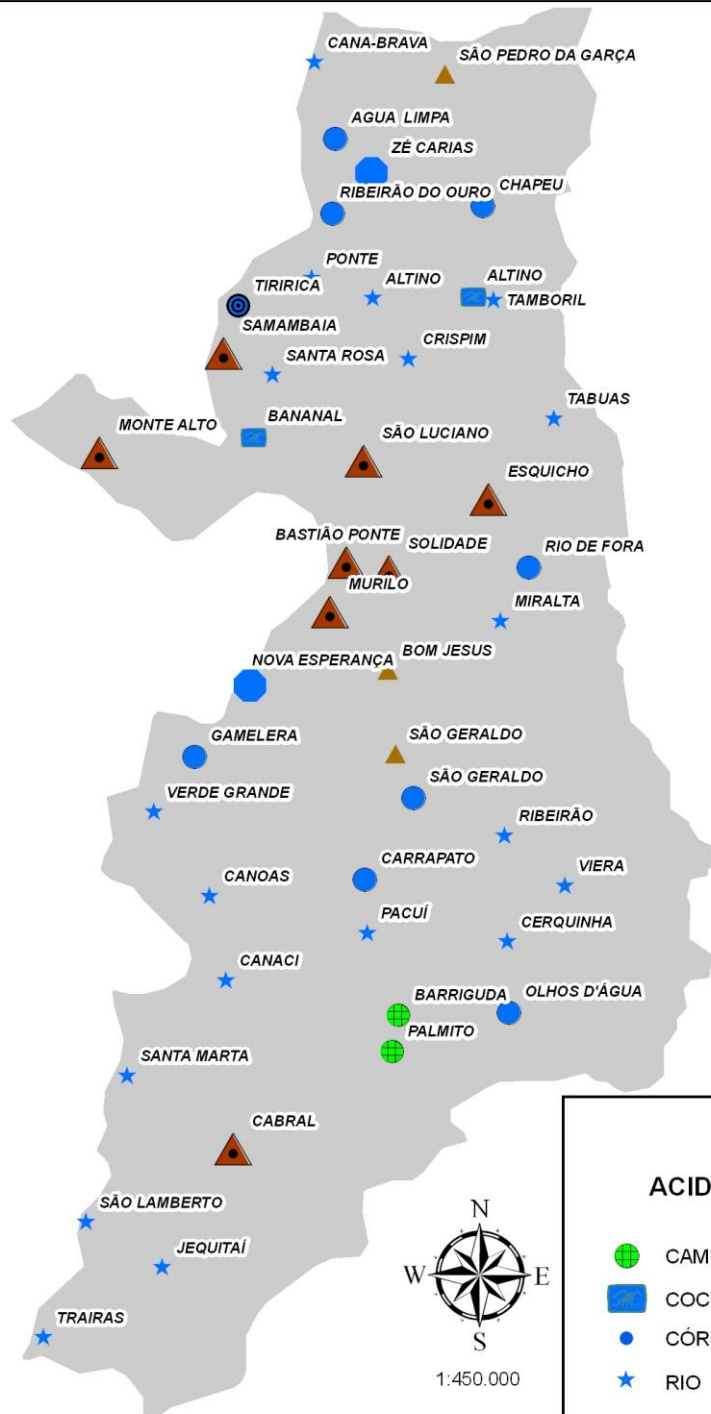
Carta Toponímica XXIV – Quantificação geral dos Cromotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica XXV – Quantificação geral dos Poliotopônimos no município de Montes Claros.

Carta Toponímica I - Quantificação geral dos topônimos de acidentes físicos e humanos no município de Montes Claros



Carta Toponímica II - Quantificação geral dos topônimos de acidentes físicos no município de Montes Claros



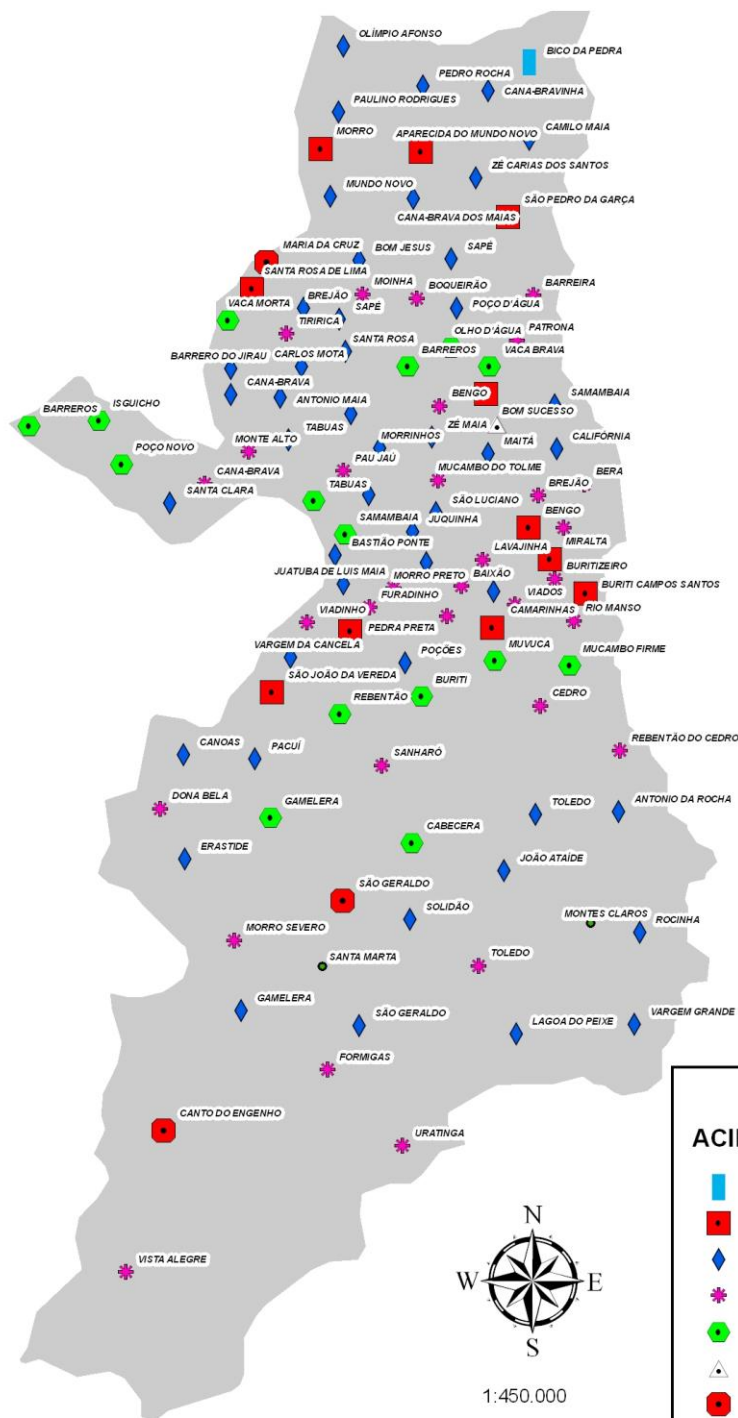
Legenda

ACIDENTES FÍSICOS

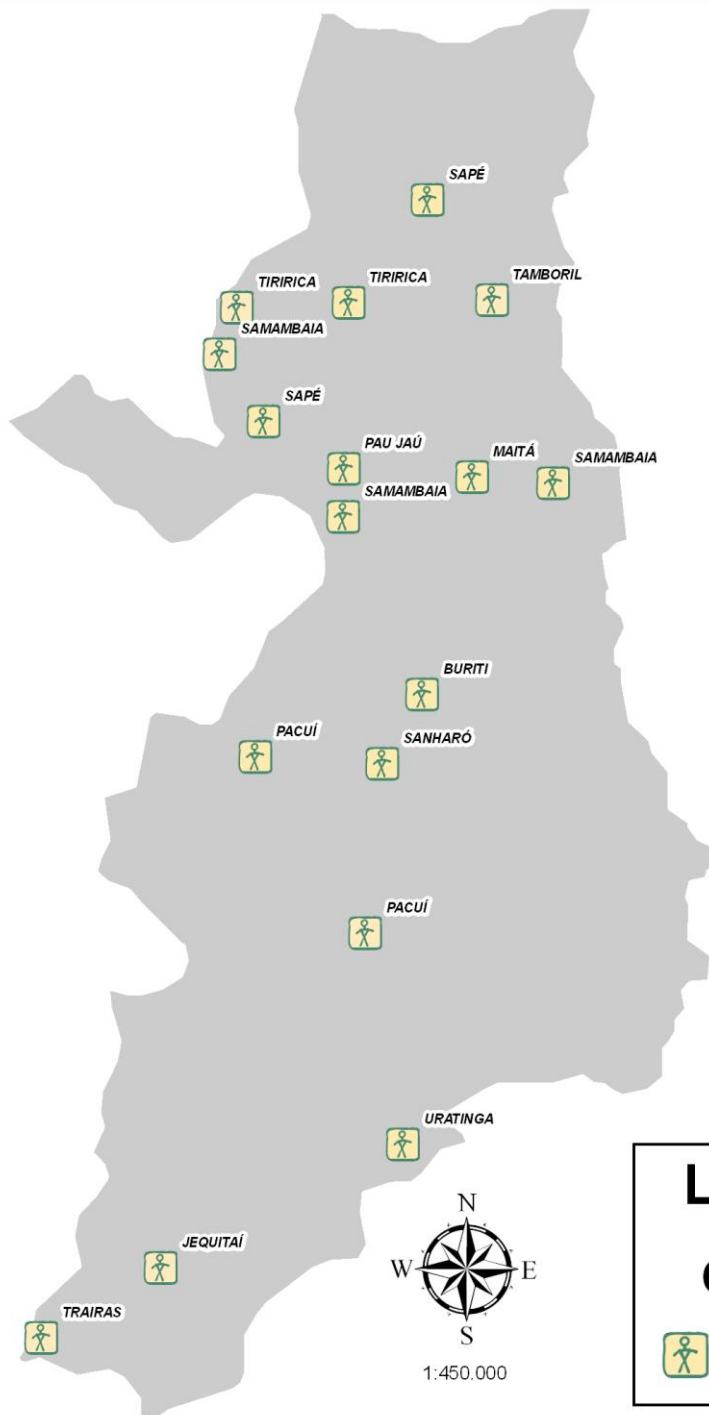
	CAMPO		MORRO
	COCHOEIRA		LAGOA
	CÓRREGO		RIACHÃO
	RIO		SERRA



Carta Toponímica III - Quantificação geral dos topônimos de acidentes humanos no município de Montes Claros



Carta Toponímica IV - Quantificação geral dos estratos linguísticos de base indígena formadores de topônimos no município de Montes Claros



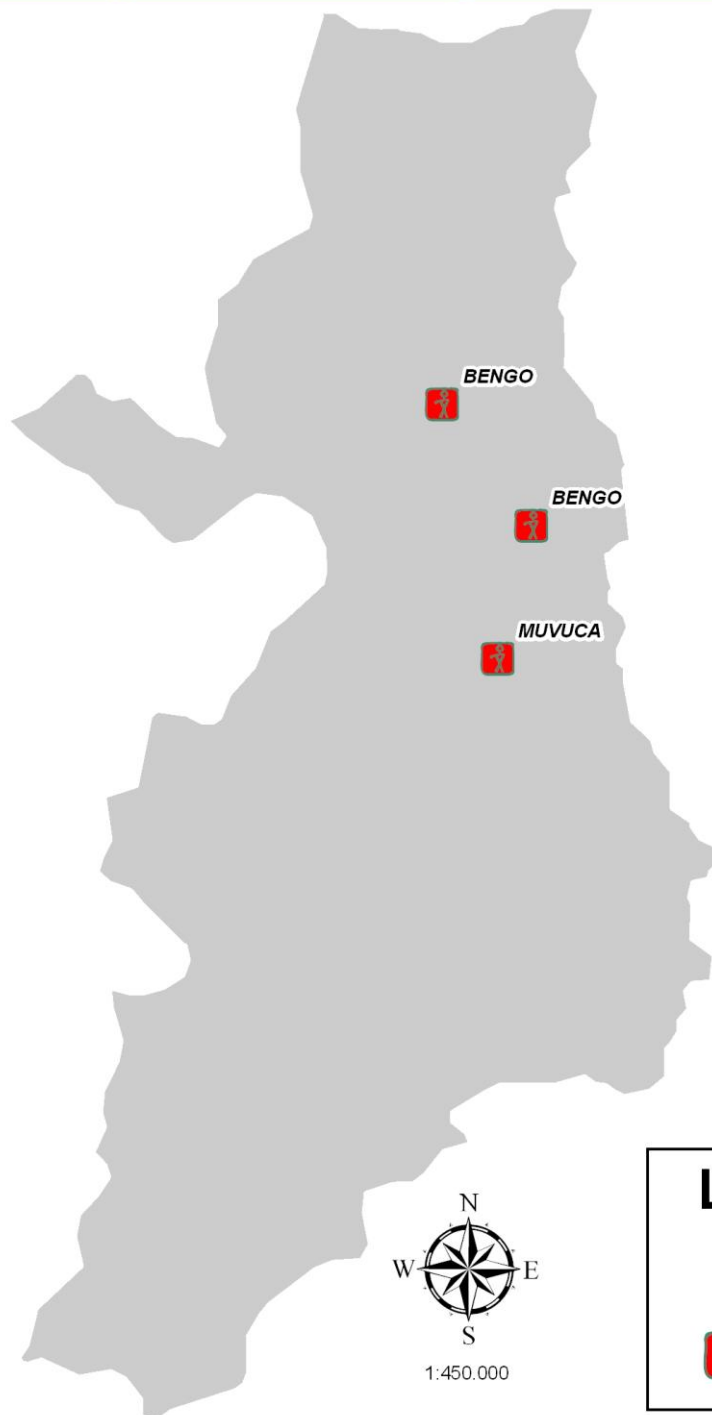
Legenda

ORIGEM

 **INDÍGENA**



Carta Toponímica V - Quantificação geral dos estratos linguísticos de base africana formadores de topônimos no município de Montes Claros

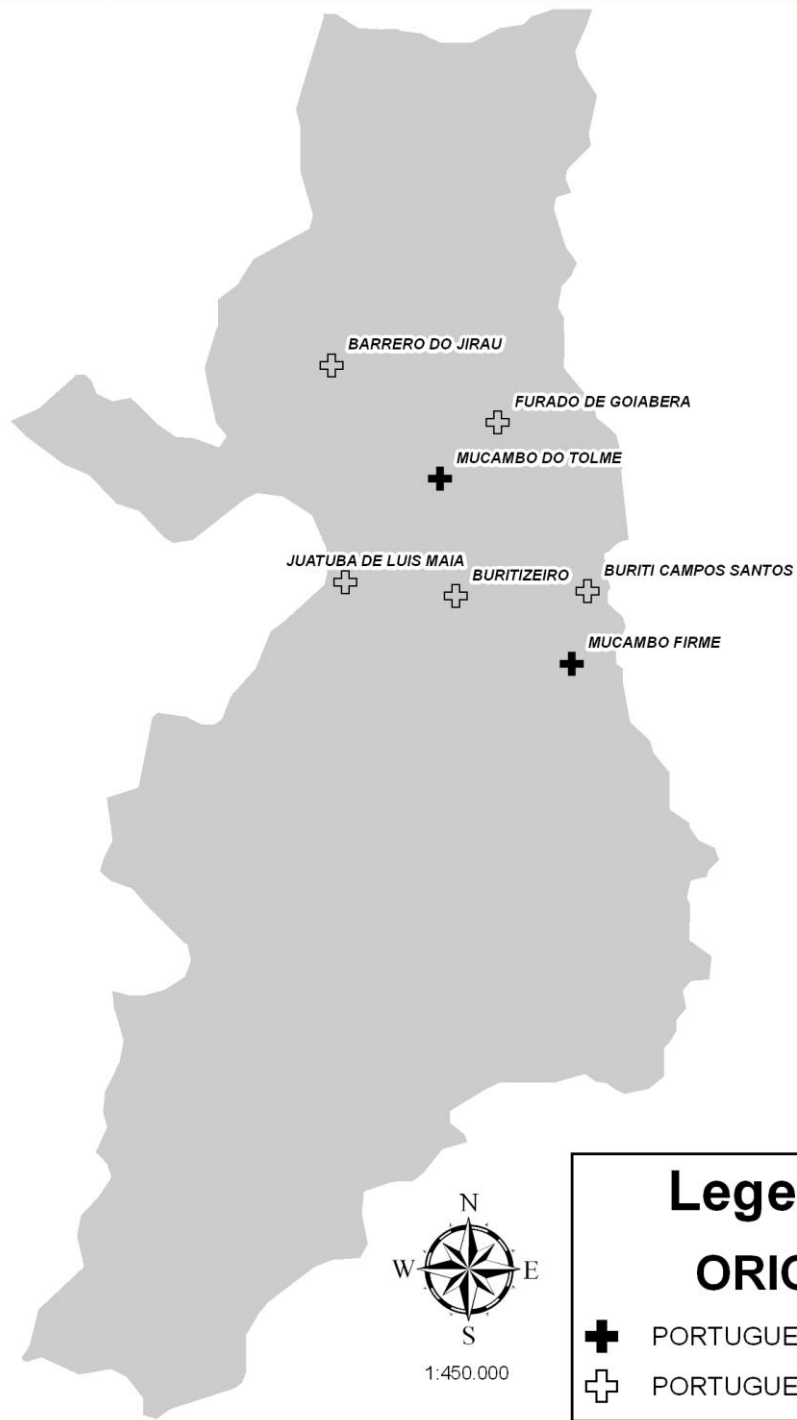


Legenda

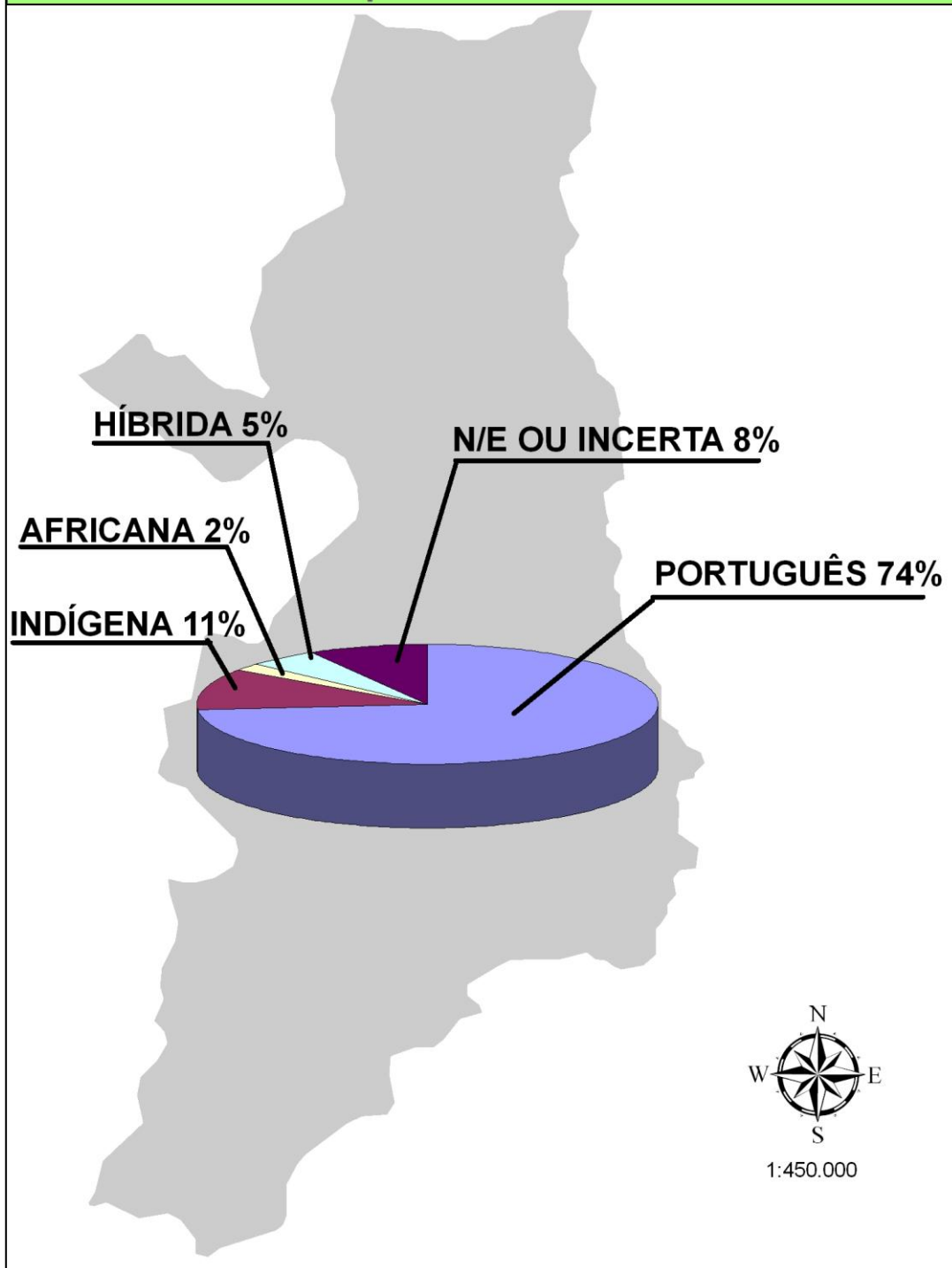
ORIGEM

 AFRICANA

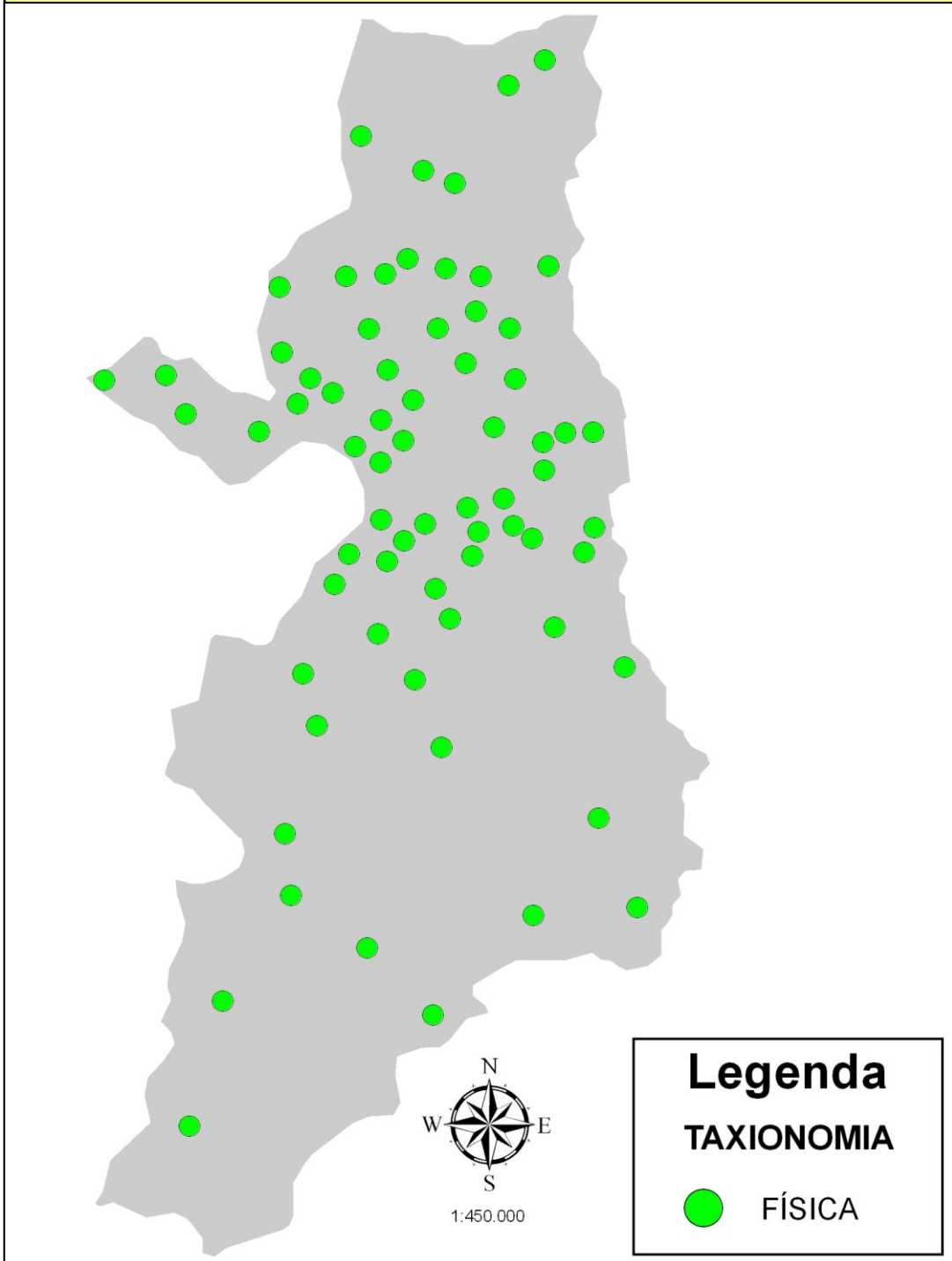
Carta Toponímica VI - Quantificação geral dos estratos linguísticos de base híbrida formadores de topônimos no município de Montes Claros



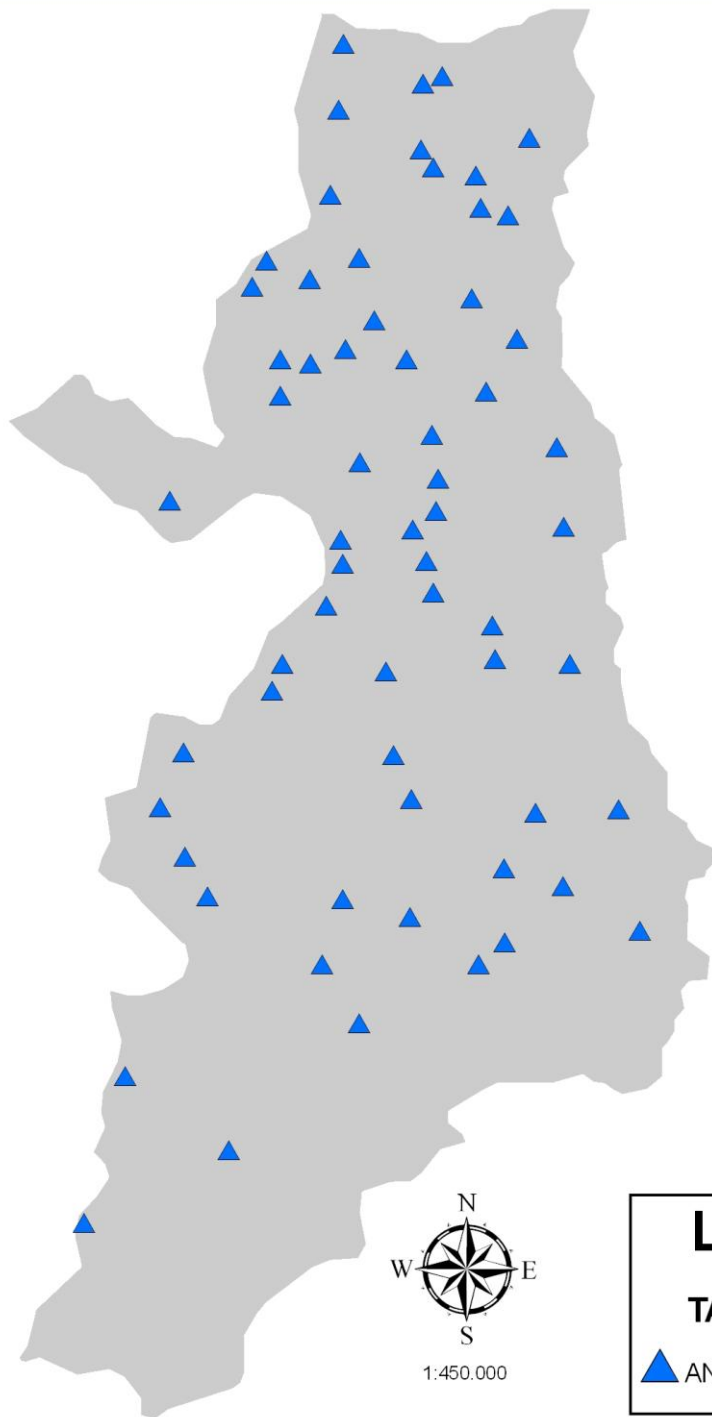
Carta Toponímica VII - Quantificação geral dos estratos linguísticos formadores de topônimos no município de Montes Claros



Carta Toponímica VIII - Quantificação geral das Taxionomias de natureza física dos topônimos no município de Montes Claros

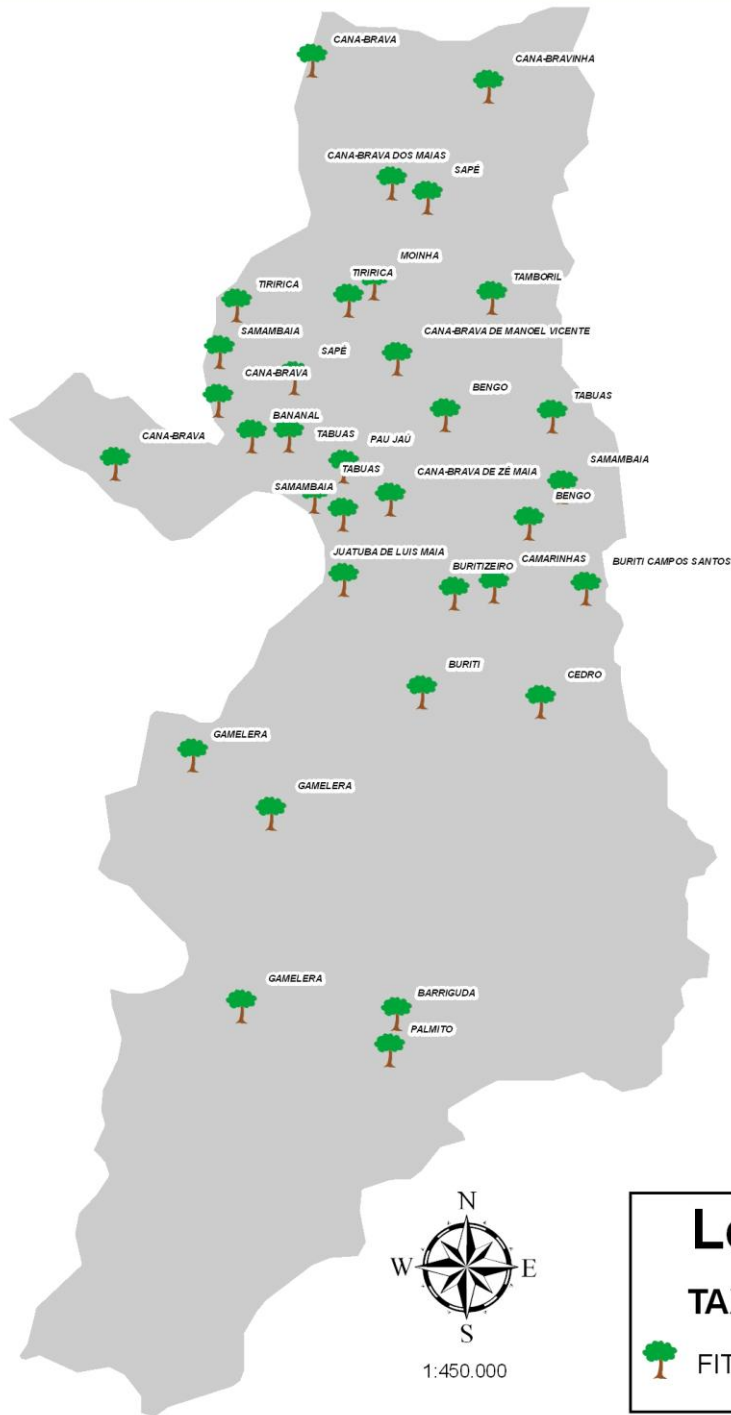


Carta Toponímica IX - Quantificação geral das Taxionomias de natureza antropocultural dos topônimos no município de Montes Claros

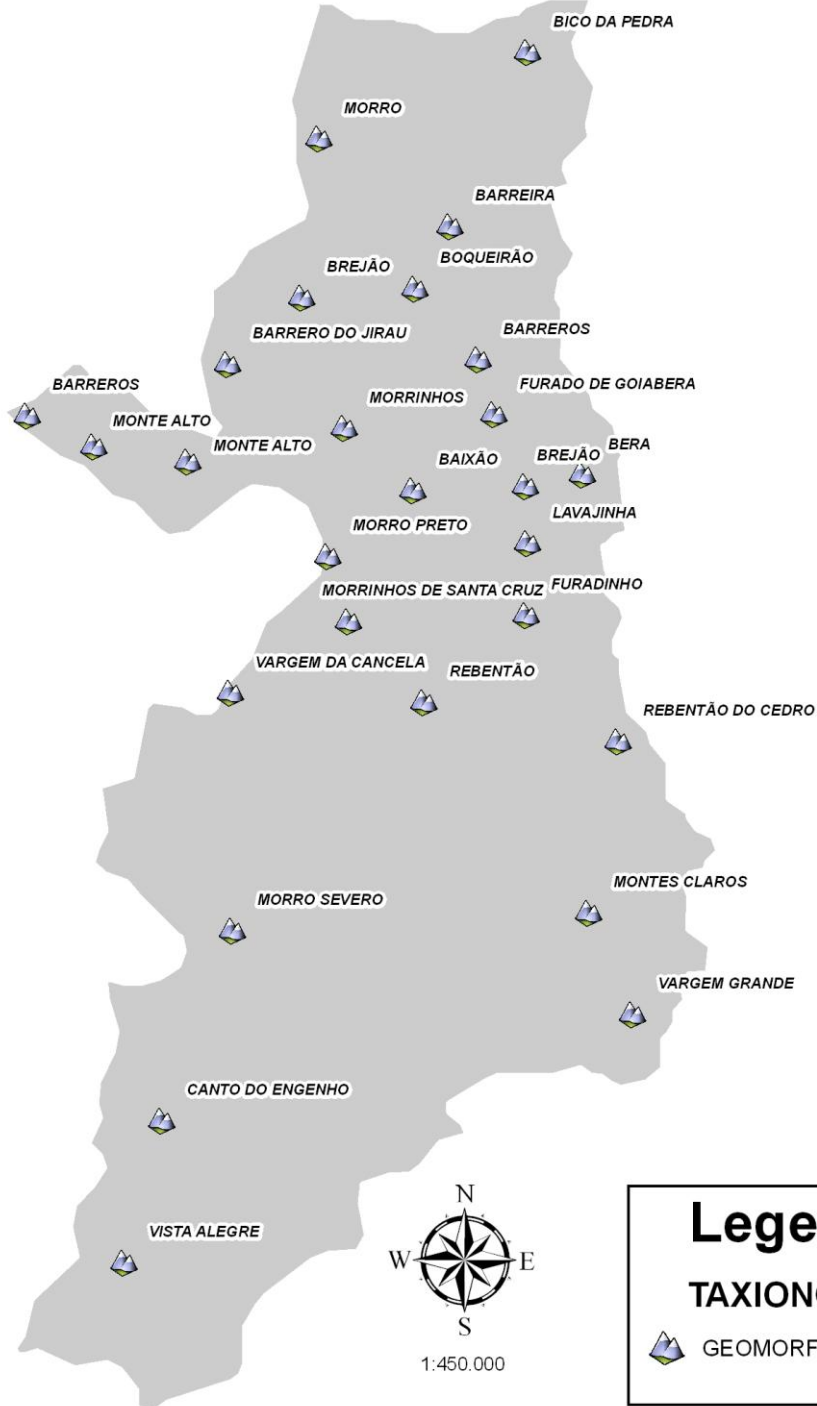


Legenda
TAXIONOMIA
▲ ANTROPOCULTURAL

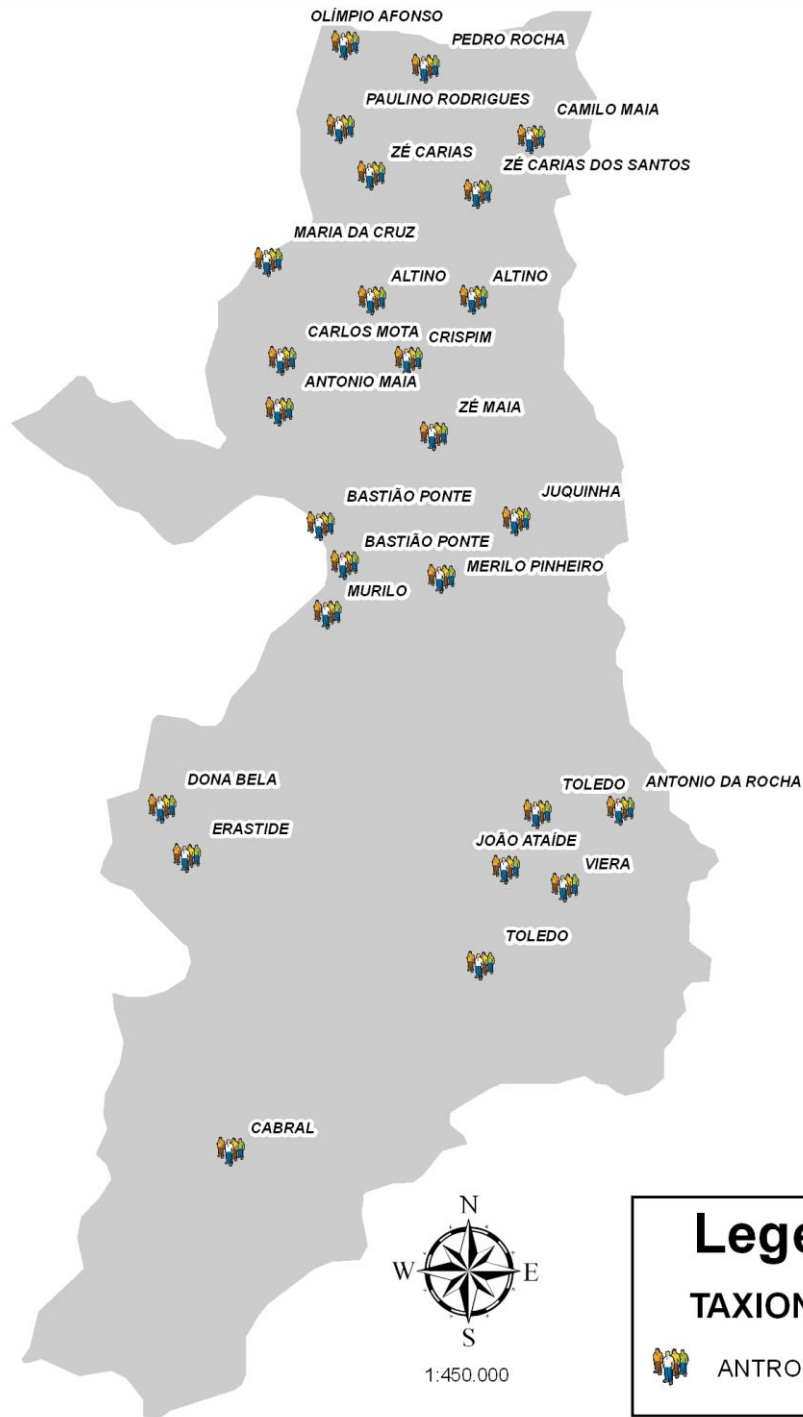
Carta Toponímica X - Quantificação geral dos Fitotopônimos no município de Montes Claros



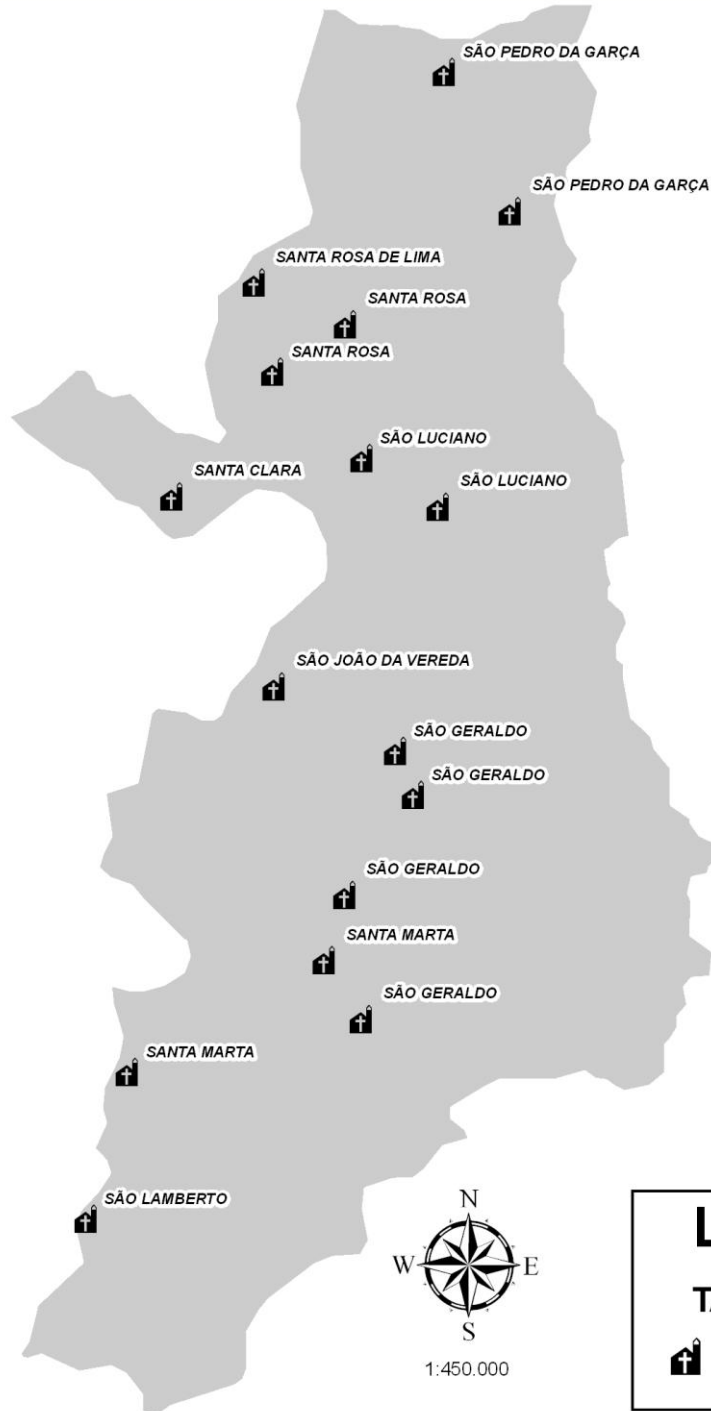
Carta Toponímica XI - Quantificação geral dos Geomorfotopônimos no município de Montes Claros



Carta Toponímica XII - Quantificação geral dos Antropotopônimos no município de Montes Claros



Carta Toponímica XIII - Quantificação geral dos Hagiotopônimos no município de Montes Claros



Legenda

TAXIONOMIA

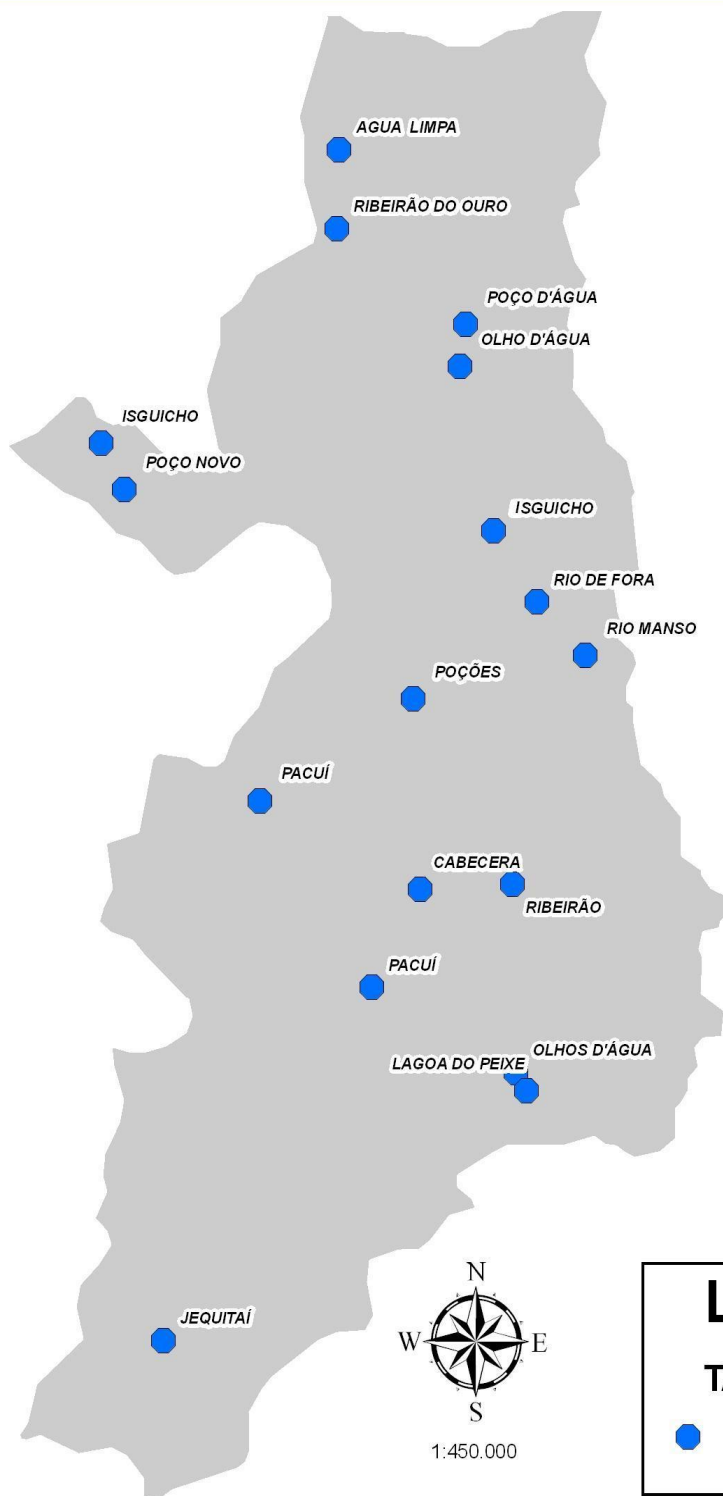
 HAGIOTOPÔNIMO

Carta Toponímica XIV - Quantificação geral dos Zootopônimos no município de Montes Claros



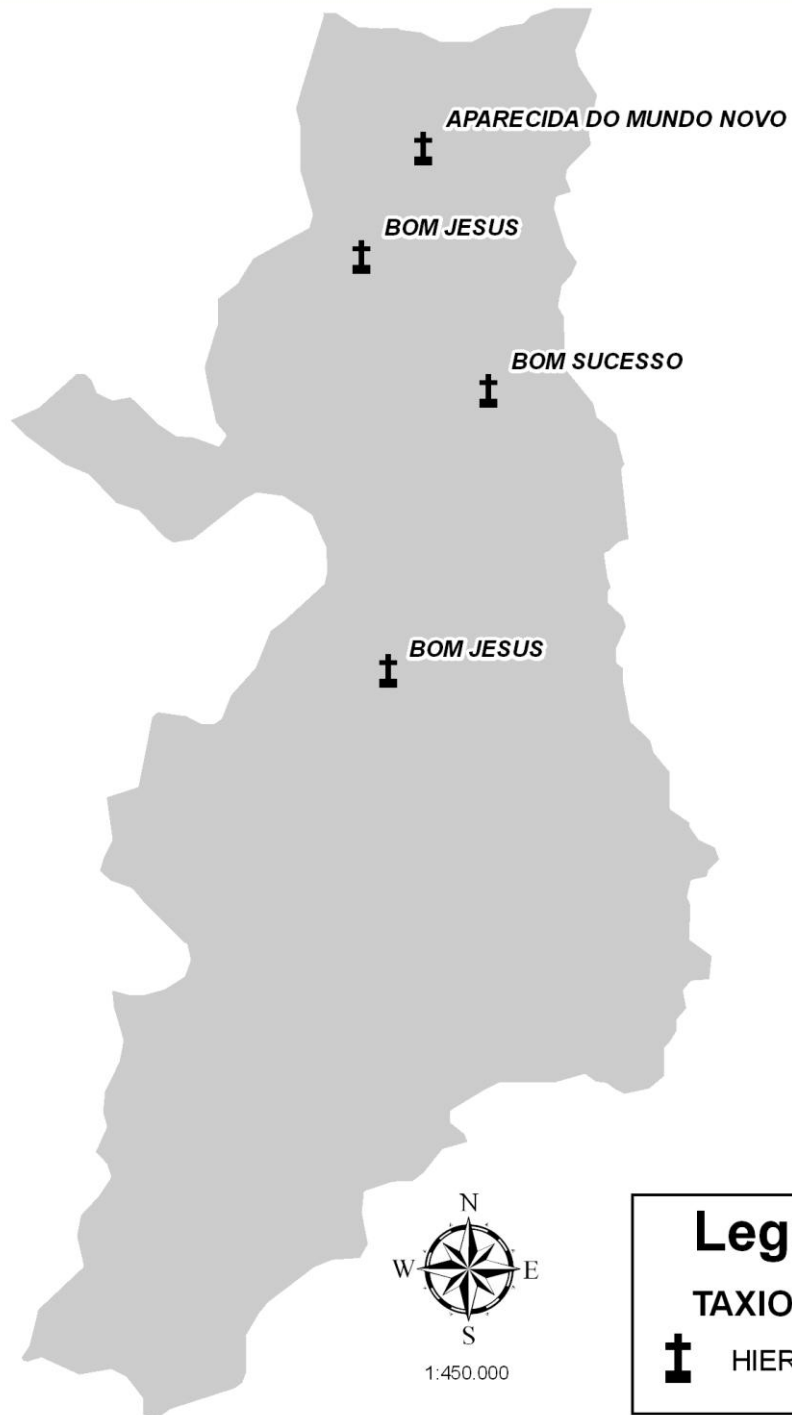
Legenda
TAXIONOMIA
 ZOOTOPÔNIMO

Carta Toponímica XV - Quantificação geral dos Hidrotopônimos no município de Montes Claros

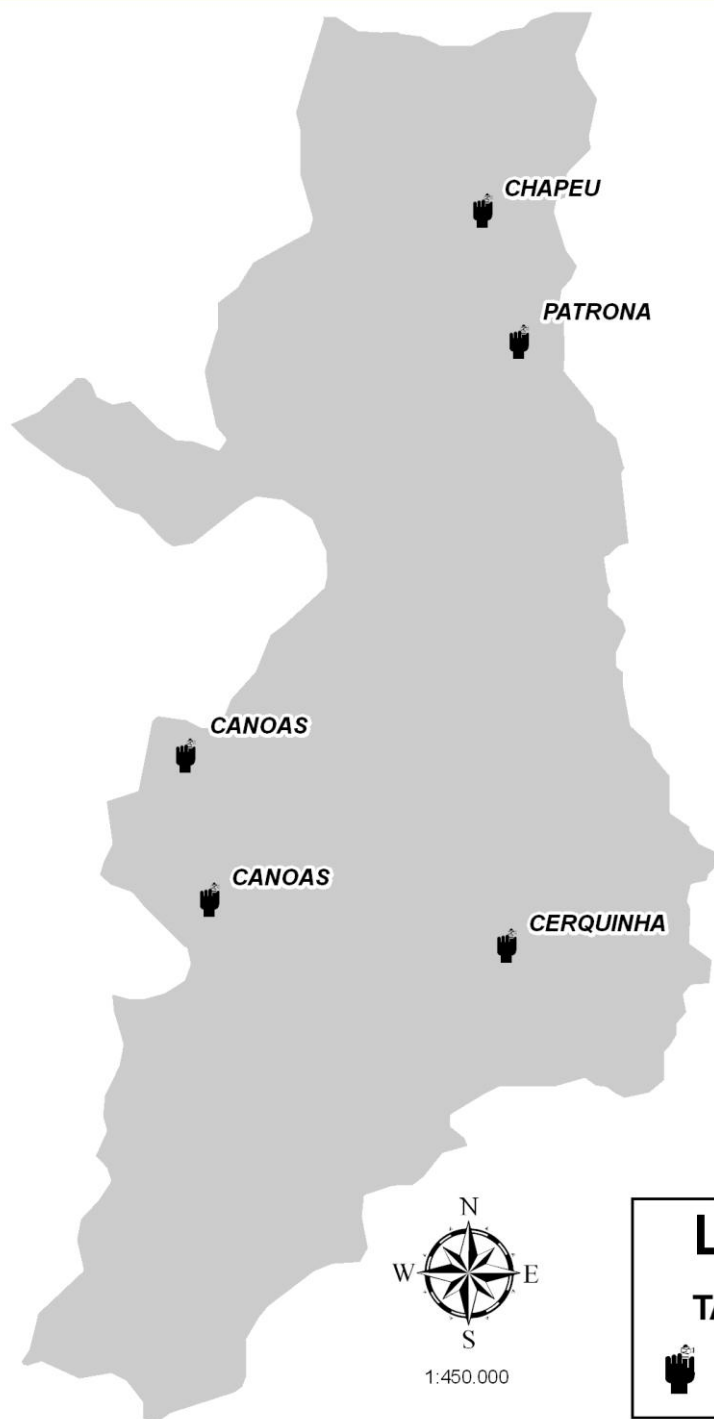


Legenda
TAXIONOMIA
● HIDROTOPÔNIMO

Carta Toponímica XVI - Quantificação geral dos Hierotopônimos no município de Montes Claros



Carta Toponímica XVII - Quantificação geral dos Ergotopônimos no município de Montes Claros



Carta Toponímica XVIII - Quantificação geral dos Animotopônimos no município de Montes Claros

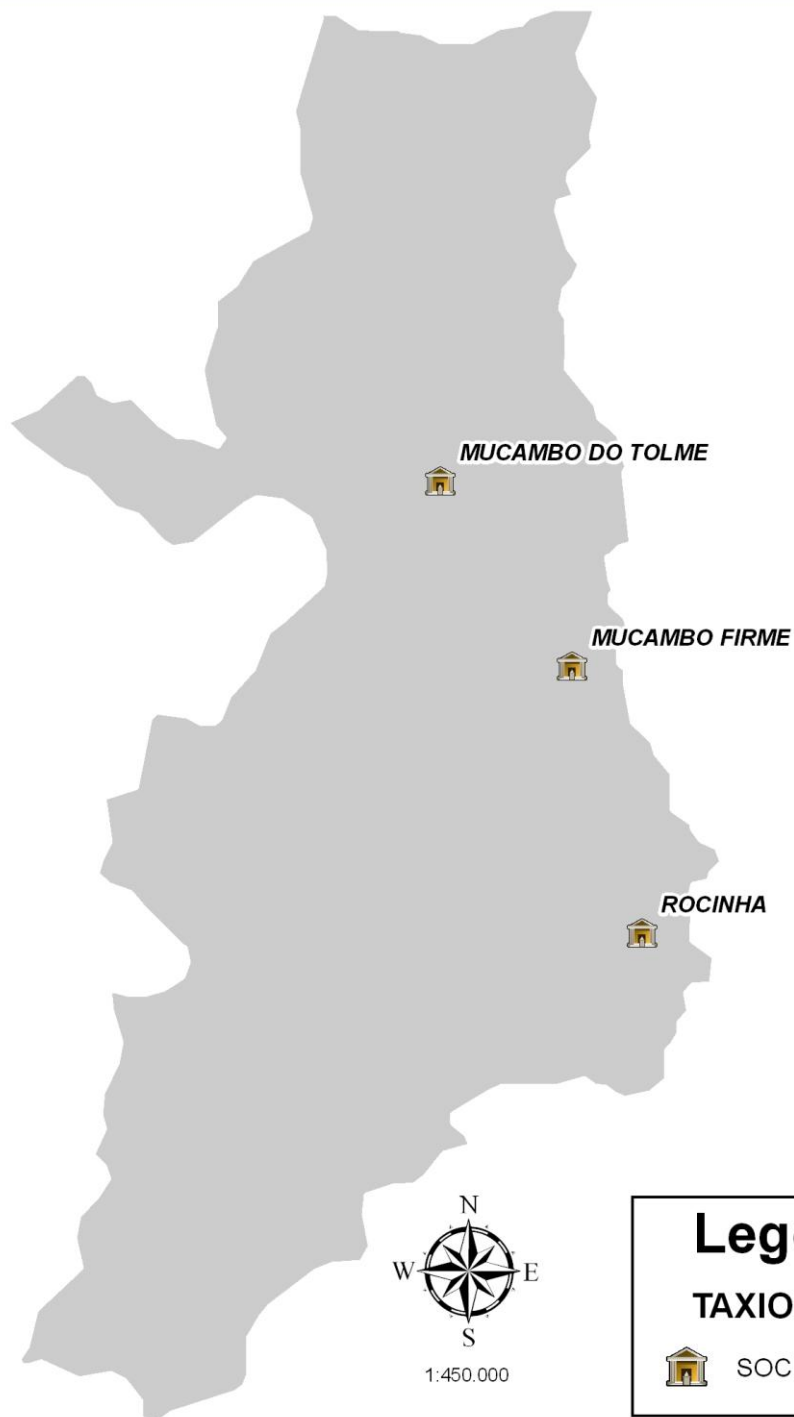


Legenda

TAXIONOMIA

 ANIMOTOPÔNIMO

Carta Toponímica XIX - Quantificação geral dos Sociotopônimos no município de Montes Claros



**Carta Toponímica XX - Quantificação geral dos
Corotopônimos no município de Montes Claros**



Legenda
TAXIONOMIA
COROTOPÔNIMO

**Carta Toponímica XXI - Quantificação geral dos
Dirrematotopônimos no município de Montes Claros**

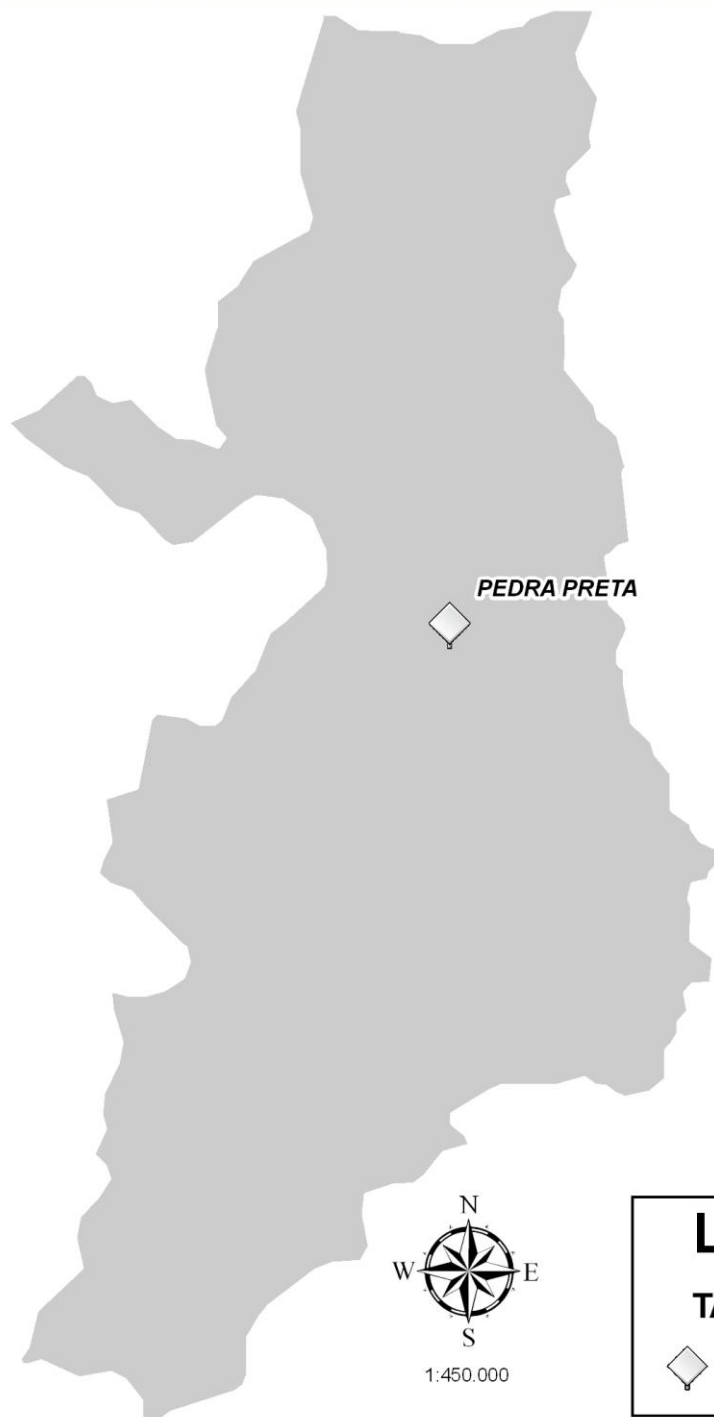


Legenda

TAXIONOMIA

 DIRREMATOTOPÔNIMO

**Carta Toponímica XXII - Quantificação geral dos
Litotopônimos no município de Montes Claros**



Legenda

TAXIONOMIA

 LITOTOPÔNIMO

**Carta Toponímica XXIII - Quantificação geral dos
Hodotopônimos no município de Montes Claros**

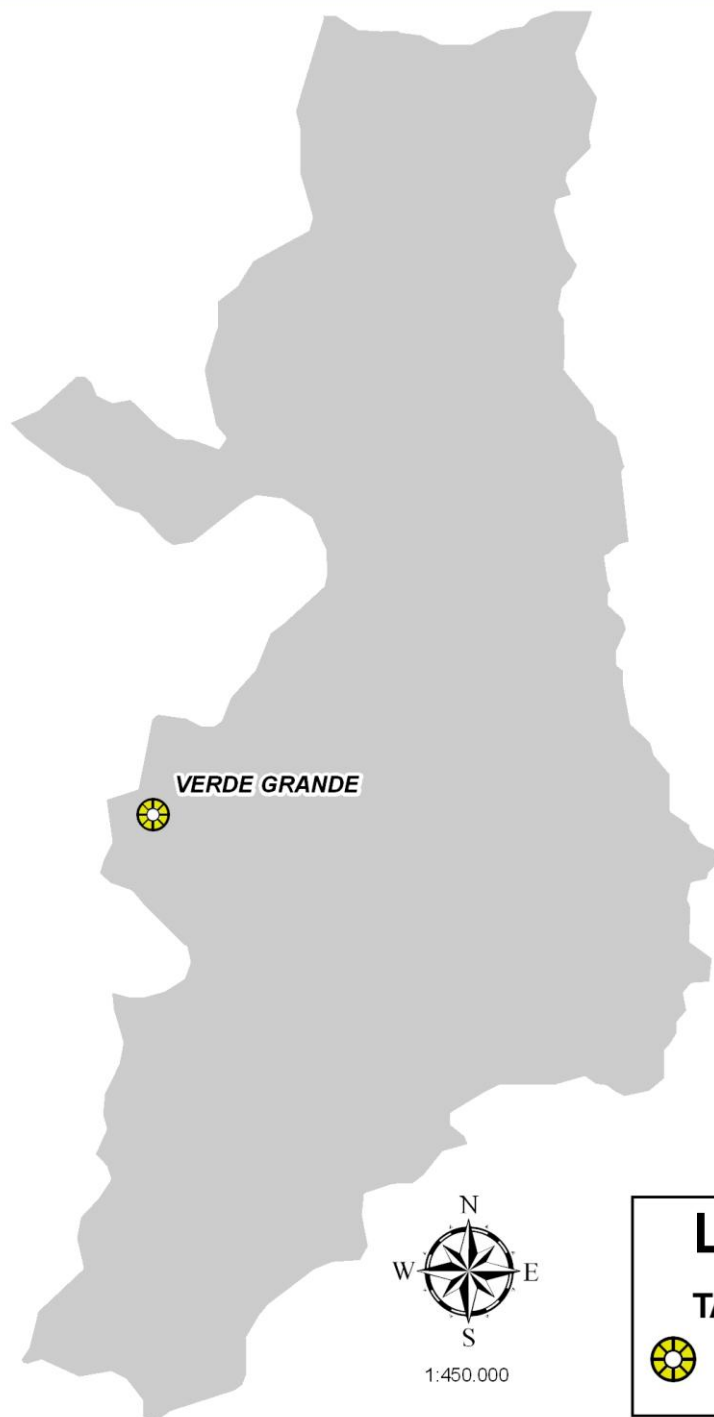


Legenda

TAXIONOMIA

 HODOTOPÔNIMO

Carta Toponímica XXIV - Quantificação geral dos Cromotopônimos no município de Montes Claros



Legenda
TAXIONOMIA
 CROMOTOPÔNIMO

Carta Toponímica XXV - Quantificação geral dos Poliotopônimos no município de Montes Claros





FOTO 13 – Fazenda Toledo, Montes Claros/MG.
Fonte: Acervo pessoal.

Capítulo 6 – Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo realizar um estudo da toponímia no município de Montes Claros, região conhecida pela passagem de sertanistas e bandeirantes interligando o nordeste do país à região mineradora e a São Paulo, nos séculos XVII e XVIII, pelo caminho da água e pelo caminho antigo, o Caminho Geral do Sertão.

Sendo assim, foram objetivos específicos da pesquisa: analisar a toponímia coletada nas entrevistas orais, segundo as fichas toponímicas utilizadas pelo Projeto ATEMIG, adaptadas do modelo de Dick (2004); reconhecer topônimos de origem portuguesa, africana, indígena e de outras línguas presentes no território a ser estudado; levantar os topônimos pertencentes ao município de Montes Claros nas cartas topográficas do IBGE, assim como em cartas municipais e, ainda, nos registros cartoriais e em outros documentos antigos; procurar investigar casos de variação, mudança e retenção linguísticas; contribuir com as pesquisas do ATEMIG para um banco de dados para futuras pesquisas linguísticas na região.

Tivemos como hipótese inicial a ideia de que a toponímia na região estudada reúne características históricas do processo de povoamento norte mineiro, assim como aspectos geográficos, históricos, socioculturais e ideológicos da região a que pertence. Acreditávamos também que a toponímia coletada pelas entrevistas orais se distanciaria daquela registrada pelos órgãos oficiais (IBGE). Essas hipóteses foram confirmadas a partir da pesquisa histórico-geográfica e da análise dos topônimos coletados nas 14 entrevistas orais e da comparação desses com os documentos antigos e mapas contemporâneos.

Após essa análise, constatamos a predominância do ambiente natural, da natureza como fator principal para a motivação toponímica na região. Dos 156 topônimos analisados, registramos que 58% ou 90 ocorrências estavam relacionadas à motivação física, em contraposição aos 40% ou 63 ocorrências de natureza antropocultural. Os 03 topônimos restantes, que correspondem a 2% do total de ocorrências, não puderam ser classificados.

Dos topônimos de taxionomia física se destacaram os fitotopônimos, com 38% dos dados, seguidos pelos geomorfotopônimos, com 30%, pelos hidrotopônimos, com 19% e pelos zootopônimos, com 11% do cômputo geral. O quinto e o sexto lugares entre as taxas de natureza física são divididos entre os litotopônimos e cromotopônimos, cada um com 1% – considerando apenas a natureza física. Com essa análise, percebemos que o homem procura retratar o que tem de mais valioso no lugar que acaba de conquistar, destacando a vegetação, a hidrografia e a fauna ao designar os acidentes físicos e humanos. Destacamos alguns

topônimos que estão diretamente ligados ao sustento do homem, aos registros do cotidiano, como *Bananal*, *Buriti*, *Cana-brava*, *Canoas*, *Gamelera*, *Poço d'Água* e *Poço Novo*.

Em se tratando dos topônimos de taxionomia antropocultural, destacamos os antropotopônimos, com 42,86% ou 27 dados do *corpus*, revelando o tradicional costume na toponímia de homenagear pessoas em geral. Em nossa pesquisa, verificamos principalmente as que tiveram importância regional, como *Toledo*, *Pedro Rocha*, *Paulino Rodrigues*, *Merilo Pinheiros*, *Bastião Ponte* e *Antônio Maia*. Com relação às outras taxas de natureza antropocultural, os hagiotopônimos somam 23,81% das ocorrências totais, os ergotopônimos e os animotopônimos, 7,94% cada. Em número menor, registram-se os hierotopônimos, com 6,35%, e os sociotopônimos, com 4,76% das ocorrências totais dessa natureza. Por último, aparecem os corotopônimos, dirrematopônimos, hodotopônimos e poliotopônimos, com 1,59% de ocorrências cada um.

No que se refere à origem, constatamos a predominância de nomes de origem portuguesa, 74%, seguindo assim a tendência da toponímia brasileira, revelando a domínio da civilização portuguesa no processo de colonização. Os nomes indígenas apresentaram 11% dos dados, homenageando principalmente a vegetação, os córregos e rios e os animais. Em número bem menor, encontramos os africanismos, com apenas 04 ocorrências. Identificamos os seguintes nomes de base africana: *Bengo* (nomeando dois acidentes geográficos), e *Muvuca*. Ocorreram também casos de hibridismo, com formação portuguesa-indígena e portuguesa-africana. Foram 05 casos para a primeira formação e 03 casos para a segunda. Nesse sentido, consideramos significativa a presença de dados com origem indígena, que somaram 22 nomes, levando em consideração os de origem híbrida. Outros 13 topônimos foram classificados como não encontrado ou de origem incerta. São eles: *Bera*, *Morrinhos*, *Morro*, *Califórnia*, *Brejão* (nomeando dois acidentes geográficos), *Tabuas* (nomeando três acidentes geográficos), *Canaci*, *Erastide* e *Miralta* (nomeando dois acidentes geográficos).

Aventuramo-nos também a pesquisar possíveis ocorrências de variação, mudança e retenção linguística. A presente pesquisa confirmou nossa hipótese inicial. Dos 156 nomes geográficos analisados, verificamos que 53% ou 83 nomes não estavam registrados nos documentos consultados – cartas do IBGE, cartas municipais, mapas antigos e documentos cartoriais – sendo, portanto, conhecidos apenas pela população local. Verificamos também que, dos 156 topônimos estudados, 30 permanecem sem alteração até a atualidade, outros 12 topônimos sofreram substituição total dos seus itens léxicos e outros 35 tiveram variações, seja do tipo fonética (40%), ortográfica (12%), morfossintática (23%), lexical (14%) e por redução (11%).

Com o término deste trabalho acreditamos ter contribuído para o conhecimento da língua e cultura no norte de Minas Gerais, a partir de um *corpus* levantado em pesquisa de campo e pesquisa histórico-geográfica sobre a região e seu povoamento. Essa história pode ser resgatada, por meio dos topônimos, vestígios que nos permitem voltar ao passado, para a construção de uma memória de fundamental importância para as pessoas no presente. Não podemos compreender a nós mesmos se não entendermos o meio em que vivemos.

Esperamos que o produto desta pesquisa contribua para o conhecimento da toponímia brasileira, sobretudo a mineira, fornecendo dados para o projeto maior, Atlas Toponímico de Minas Gerais (ATEMIG), variante do Atlas Toponímico do Brasil (ATB).

*E a palavra, um ser esquecido de quem o criou;
flutua, reparte-se em signos – Pedro, Minas
Gerais, beneditino – para incluir-se no
semblante do mundo. O nome é bem mais do
que o nome: o além-da-coisa, coisa livre de
coisa, circulando.*

(Carlos Drummond de Andrade, in *Poesia Completa*)

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.
- ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística Parte I. In: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p. 21-47.
- AMARAL, Eduardo T. Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu, 2003*. enc. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa: conforme as disposições do autor*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Montes Claros, Nossa Senhora e São José de. In: *Repartição Especial de Terras Públicas, 1856*. TP-129.
- As Minas Gerais. Site de informações disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br>>. Acesso em: 02 fev. 2010.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Coleção Reconquista do Brasil, 1995.
- Basílica São Geraldo – Curvelo/MG. Site de informações disponível em: <<http://www.basilicasaogerardo.org.br>>. Acesso em: 10 jan. 2010.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BASTOS, Pedro Ivo de Assis; SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil: Colônia, Império e República*. 2. ed.ver. ampl. São Paulo: Moderna, 1983.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BELO HORIZONTE. Comissão Mineira do Centenário. *Província de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Lith Hartmann, 1997. 1 mapa.
- BIDERMAN, M.T.C. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande MS: Editora UFMS, 1998b.
- BIDERMAN, M.T.C. Dimensões da Palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 2. São Paulo: UNESP, 1998a, p. 81-118.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

- BIDERMAN. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p. 131-145.
- BLUTEAU, Raphel. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes, 1712-1728. 10v.
- BYNON, Theodora. *Historical linguistics*. Cambridge: Cambridge Univ., 1986.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística Parte II. In: *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p.49-75.
- CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 8. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mario Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982. Original espanhol.
- COSTA, Antonio Gilberto (Org). *Cartografia da conquista do território das Minas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Lisboa [Portugal]: Kapa Editorial, 2004. 245p.
- COSTA, Antonio Gilberto; RENGGER, Friedrich Ewald; FURTADO, Junia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 83 p. + atlas. [ver como está citado no corpo do texto]
- COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1970.
- CUNHA, A.G. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DARGEL, A. P. T. P. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense*. 2003. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas. 2003.
- DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.
- DICK, M. Vicentina de P. do A. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 91-117.

DICK, M. Vicentina de P. do A. Métodos e Questões Terminológicas na onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*. Recife: UFPE, 1999. v. 9, p.119-148.

DICK, M. Vicentina de P. do A. Os nomes como marcadores ideológicos. In: *Acta Semiótica et Lingvistica*. SPPL – SP: Editora Plêiade, 1998. v.7, p. 97-122.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990b.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico: um estudo de caso. In: *Acta Semiotica et Lingvistica*. SBPL: Sociedade Brasileira dos Professores de Lingüística. Ed: Plêiad, 1996. p. 27- 45.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2004, v.2, p.121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1990a.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DSG/ IBGE – Arquivos Digitais da CODEVASF. *Mapa municipal de Montes Claros*. [S.l.: s.n], [1979?]. Escala 1: 200.000.

DUC/ SEDEN – Departamento de Urbanização e Cadastro. *Município de Montes Claros – M. Gerais*: distritos e povoados. [S.l.: s.n], 1973.

DURANTI, Alessandro. *Antropología Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

EPSTEIN, Isaac. *O signo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FARACO, C. A. *Lingüística Histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, versão 5.0. São Paulo: Nova Fronteira, 2004. CD-ROM.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. A toponímia da rota da *Retirada da Laguna*: marcas da história na nomenclatura geográfica. In: Simpósio Nacional e Simpósio Internacional de Letras e Lingüística, 11., 2007, Dourados. Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL – UEMS- Dourados: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2007.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho; AZEVEDO, Fernando de. *Bandeiras e bandeirantes de São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ave Maria, 1973.

HALFELD, Henrique Guilherme. *A Província Brasileira de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1862. 1 mapa.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. rev. e alt. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Montes Claros*. Rio de Janeiro, 1982. Carta topográfica. Escala 1: 250.000. Folha: SE-23-X-A.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Pirapora*. Rio de Janeiro, 1980. Carta topográfica. Escala 1: 250.000. Folha: SE-23-X-C.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Atlas Geográfico Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

KOERNER, E. F. K; GARCIA MONTANO, Graciela. *Ferdinand de Saussure: génesis y evolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental, contribución a la historia y a la teoría de la lingüística*. Madrid: Gredos, 1982.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 157-171.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LILLO, Mario Bernal. *En busca de los nombres: Toponimia Indígena e Hispánica*. Temuco; Chile: Universidad La Frontera, 2002.

LYONS, John. *Semântica*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977. vol.1.

MACHADO, José Pedro. *Dicionario onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluencia, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 2.ed. São Paulo, Ática, 1997.

MEGALE, Heitor (Org.). *Filologia Bandeirante Estudos 1*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000.

MENDES, Leticia Rodrigues Guimarães. *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. 260 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico toponímico nos domínios de Joaquina de Pompéu*. 210 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília; CIPRIANO, Maria Luiza Braga. *Introdução à sociolinguística: tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, Jose Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua história sua gente seus costumes*. Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2007.

PEREIRA, R. R. *A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano*. 2009. 204f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFMS, Campo Grande, MS. 2009.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares Africanos na Bahia: um Vocabulário Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

Portal Santa Clara. Site de informações disponível em: <<http://www.portalsantaclara.org.br/interna.php?id=4>>. Acesso em: 17 jan. 2010

PRADO MENDES, S. T. Que língua falavam os bandeirantes na região das Minas Gerais? In: *Filologia Bandeirante: Estudos 1*. São Paulo: Humanitas, 2000.

Prefeitura de Montes Claros. Site de informações disponível em <www.montesclaros.mg.gov.br>. Acesso em: 02 fev. 2010.

RIBEIRO, José P. C. *Atlas Geográfico – Minas Gerais e Belo Horizonte*. Belo Horizonte: [s.n.], 1999.

ROCHA, Joaquim José da. *Mapa de Minas Gerais com a deviza de suas comarcas*. Minas Gerais: [s.n.], 1778. 1 mapa. Escala em Léguas. Acervo do Arquivo Histórico do Exército-RJ.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. 2v.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 4. ed. Salvador: Cia. Ed. Nacional, 1955.

SANTO DO DIA. São Paulo: Casa Dois, v. 8, ago. 2001.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Seleção e tradução de J.M Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. Original inglês.

SEABRA, M. Cândida T. C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*. 2 v. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, M. Cândida T. C. Gulacho, Mato Dentro, Outra Banda – topônimos da Região do Carmo – MG: questões léxico-históricas. In: *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 137-154.

SEABRA, Maria Cândida T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p.1953-1960.

SENNA, Nelson de. Nótulas sobre a toponímia geográfica brasílico-indígena em Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.20, 1926.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2v.

SILVEIRA BUENO, F. *Vocabulário tupi-guarani português*. São Paulo: Brasillivros, 1998.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

STEFANES, I. *Retórica e argumentação: fundamentos para análise de um discurso sulmatogrossense Hélio Serejo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis. 2006.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TAUNAY, Affonso de Escragnole. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1948, 11 v.

TAVARES, M. C. *Estudo toponímico da região Centro Norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. 2005. 203f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas. 2005.

ULLMANN, Stephen; RUIZ-WERNER, Juan Martin. *Semántica: introducción a la ciencia del significado*. 2. ed. Madrid: Aguilar, 1970.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

VASCONCELLOS, Sylvio. *Mineiridade*. Ensaio de Caracterização. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

VASCONCELOS, Diogo L. A. P. de. *História Média de Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974b.

VASCONCELOS, Diogo L. A. P. de. *História Antiga de Minas Gerais*. 2º volume. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1974a.

VIANNA, Urbino de Sousa. *Montes Claros: breves apontamentos historicos, geographicos e descriptivos*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, Gunther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. *La Lexicografía: De la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica*. Madrid: Editorial Gredos. 1982, p. 21-94.

WIKIPEDIA: Lista de mesorregiões de Minas Gerais. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_de_Minas_Gerais>. Acesso em: 30 jan. 2010.

WIKIPEDIA: Localização do município de Montes Claros. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Montes_Claros>. Acesso em: 17 jan. 2010.

WIKIPEDIA: Luciano de Samósata. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_de_Sam%C3%B3sata>. Acesso em: 17 jan. 2010.

ZÁGARI, Mário R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.) *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1951.

